

**DIACRONIA
DOS PROCESSOS
CONSTITUTIVOS
DO TEXTO
RELATIVOS
A ASSIM**

UM NOVO ENFOQUE DA
GRAMATICALIZAÇÃO

LÚCIA REGIANE LOPES-DAMASIO

DIACRONIA
DOS PROCESSOS
CONSTITUTIVOS
DO TEXTO RELATIVOS
A ASSIM

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Tânia da Costa Garcia
Márcia Pereira da Silva
Susani Silveira Lemos França

LÚCIA REGIANE LOPES-DAMASIO

**DIACRONIA
DOS PROCESSOS
CONSTITUTIVOS
DO TEXTO RELATIVOS
A ASSIM**

UM NOVO ENFOQUE DA
GRAMATICALIZAÇÃO

**CULTURA
ACADÊMICA**

Editora

© 2011 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.culturaacademica.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L851d

Lopes-Damasio, Lúcia Regiane

Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a
assim : um novo enfoque da gramaticalização / Lúcia Regiane
Lopes-Damasio. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2011.

386p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-206-2

1. Mudanças linguísticas. 2. Linguística histórica. 3. Linguagem e línguas. 4. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

11-7943.

CDD: 469.7

CDU: 811.134.3'42

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos utilizados

ABREVIATURAS E SIGLAS DA LITERATURA SINTÁTICA			
Adj Adv	Adjunto Adverbial	PART	Particípio
Compl	Complemento	Perf	Perfeito
F	Foco	Pred	Predicado
GER	Gerúndio	R	Resíduo
Imperf	Imperfeito	Suj	Sujeito
Ind	Indicativo	SAdj	Sintagma Adjetival
M	Marcador de foco	SAdv	Sintagma Adverbial
MD	Marcador discursivo	SN	Sintagma Nominal
Mod	Modificador	Subj	Subjuntivo
Or	Oração	SV	Sintagma Verbal
Or Adv	Oração Adverbial	V	Verbo
Or Compl	Oração Completiva	Vcop	Verbo cópula
OD	Objeto direto	Vger	Verbo no gerúndio
OI	Objeto indireto		
SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA FONOLÓGICA			
H	Tom alto	T*	Tom associado a uma sílaba acentuada
I	Frase entoacional	U	Enunciado fonológico
L	Tom baixo		
ABREVIATURAS E SIGLAS REFERENTES AOS CORPORA UTILIZADOS			
AI	Cartas de aldeamento de índios	NR	Narrativa recontada
CP	Correspondência passiva de Washington Luiz	DE	Relato de descrição

FF	Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo	RO	Relato de opinião
BN	Correspondência passiva de José Bonifácio	RP	Relato de procedimento
LR	Cartas de leitores e redatores	AC	Amostra censo
NE	Narrativa de experiência pessoal	AI	Amostra de interação
		Doc	Documentador

ABREVIATURAS E SIGLAS REFERENTES AOS PROCESSOS TEXTUAL-INTERATIVOS

ST	Segmento tópico	E3	Segmento posterior ao parêntese
MC	Marcador de correção	P	Paráfrase
MR	Marcador de repetição	M	Matriz
E1	Segmento anterior ao parêntese	ER	Enunciado reformulador
E2	Segmento parentético	EF	Enunciado fonte
		R	Repetição

OUTRAS ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS

TD	Tradição discursiva	D	Diacronia
GR	Gramaticalização	S	Sincronia
CLG	Curso de Linguística Geral	P	Oração principal
DC	Discursivização	Q	Oração subordinada ou coordenada
OA	Operador argumentativo	SS	Segmento Sintetizador
CCC	Causa, Condição e Concessão	pré-par	Localização antes de parêntese

Padrão (1) / P(1)	Complemento Adverbial
Padrão (2) / P(2)	Adjunto a Sintagma Verbal
Padrão (3) / P(3)	Predicativo do Sujeito
Padrão (4) / P(4)	Modificador de Sintagma Nominal
Padrão (5) / P(5)	Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora
Padrão (6) / P(6)	Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva
Padrão (7(A)) / P(7(A))	MD assim Indicador de Conteúdo Expressivo
Padrão (7(B)) / P(7(B))	MD assim Sinalizador de Metadiscursividade
Padrão (7(C)) / P(7(C))	MD assim Atenuador
Padrão (7(D)) / P(7(D))	MD assim Sinalizador de Construção de Quadro Mental
Padrão (A) / P(A)	Coordenativo Conclusivo
Padrão (B) / P(B)	Comparativo não correlativo, Comparativo correlativo, Coordenativo aditivo e Conformativo
Padrão (C) / P(C)	Temporal
Padrão (D) / P(D)	Contrastivo

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Sanderléia, por ter feito, um dia, na sala de aula, um convite: “Estou formando um grupo de estudos sobre gramaticalização, alguém gostaria de participar?” Por esse seu convite ter se tornado decisivo na minha vida.

À minha amiga Sanderléia, por ter me ensinado que estudo e pesquisa são completamente compatíveis com vida e felicidade.

À Clélia, que, como professora, tornou-se um exemplo, como pesquisadora, um espelho... por ter sido, mais uma vez, decisiva na fase da pesquisa de qualificação especial, demonstrando muita paciência com o meu artigo em forma de minitese, por ter sido minha companheira de aventuras na missão “quase impossível” de coleta de corpus, via leitores de microfilmes com graves problemas técnicos e microfilmes com graves problemas de dedetizações.

À prof^a Mariângela, pela seriedade e clareza nas críticas e sugestões feitas por ocasião do SELIN e do exame de qualificação. Com certeza, suas contribuições possibilitaram aprimorar a forma e o conteúdo desta tese.

Ao prof. Roberto, pela importante contribuição e disponibilidade em discutir vários pontos deste trabalho, por conta do exame de qualificação.

Aos colegas do subgrupo do Projeto Caipira, pela paciência que tiveram diante das minhas dúvidas e insistentes perguntas, pelo companheirismo diante da tarefa de pesquisa.

Aos colegas ibilceanos, pela companhia nas aulas, nos congressos, nas comissões... por terem feito parte da minha história.

Aos meus pais, Meire e José, aos meus irmãos, Lidiane e Luan, por estarem sempre ao meu lado, acreditando que se estou fazendo o que gosto, estou fazendo o melhor.

À minha avó Dete, pelas orações.

Ao meu esposo, companheiro e amigo de todas as horas, Rodrigo, por ter me mostrado, na prática, que o casamento não atrapalha os sonhos, apenas ensina a sonhar “junto”. Por sua paciência, espera, confiança.

À família do Rô, que também se tornou minha família, pela preocupação constante e pela torcida.

À Fapesp, pelo apoio financeiro, sem o qual seria difícil a conclusão deste trabalho (proc.07/07955-5).

Ao prof. Manoel, por ter me mostrado “para onde olhar...” nesta fase em que uma etapa se conclui, mas a vida não pode parar.

A todos vocês, meu sincero agradecimento!

SUMÁRIO

Introdução 13

PARTE I – Pressupostos teóricos 19

- 1 Sincronia, Diacronia e História:
uma abordagem da mudança linguística 21
- 2 Tradição Discursiva 63
- 3 Sobre a junção de orações 87

PARTE II – Universo da pesquisa e
procedimentos metodológicos 109

- 4 Os *corpora* do Português Paulista
à luz do conceito de Tradições Discursivas 111

PARTE III – Análise de *assim* e formas correlatas 145

- 5 Para uma análise semântico-formal
de *assim* e formas correlatas 147
- 6 Perfil dos padrões funcionais
de *assim* nas TDs focalizadas 253
- 7 Para uma análise da funcionalidade de
assim em contextos de processos textual-interativos 285

PARTE IV – Generalizações e implicações teóricas 337

8 A GR de *assim* e formas correlatas 339

Considerações finais 373

Referências bibliográficas 377

INTRODUÇÃO

Neste livro, focalizo, numa abordagem de análise qualitativa e quantitativa, o Marcador Discursivo (MD) *assim* e suas formas correlatas, *assim como*, *mesmo/ainda assim*, *assim que*, em correlação com seu funcionamento tópico e com os processos de parentetização, parafraseamento, correção, repetição e hesitação, em textos de diferentes Tradições Discursivas (TDs) representativas do Português dos séculos XVIII a XXI.

O trabalho insere-se no Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), no subgrupo “Diacronia dos processos constitutivos do texto”, e seus resultados somam-se às contribuições dadas pelas várias equipes de estudo que o constituem. A escolha deste tema, no âmbito do PHPP, justifica-se a partir da constatação, realizada em minha pesquisa de mestrado, intitulada “A emergência do MD *assim* sob a ótica da GR: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização”,¹ de que as funções de *assim* podem ser organizadas ao longo de um contínuo que comporta funções textual-interativas contrabalanceadas, numa trajetória de mudança que revela acepções distribuídas ao longo do *cline proposicional > textual > expressivo* (Traugott, 1982). Além disso, a análise sintático-semântico-pragmática do MD *assim*, representativo do ponto mais à direita

1 GR: gramaticalização.

desse *cline*, expôs: (i) as suas peculiaridades comportamentais, em funções textual-interativas, que refletem características de seus usos mais concretos (como *dêitico*, *fórico modal*, *conjunção coordenativa conclusiva*); e (ii) a correlação de suas funções a processos constitutivos do texto.

À luz desses resultados, este estudo propõe uma investigação do processo de GR de *assim*, relacionando-o, de diversas formas, à perspectiva textual-interativa. Seu ineditismo caracteriza-se pela conjugação dessa perspectiva de textualidade com a diacronia e com o item em questão, e pela abordagem que alia a estabilidade/mudança dos fatos discursivos às diferentes TDs, a partir da consideração de que elas podem desempenhar algum papel nesse processo de mudança. Tal postura acrescenta aos estudos da GR uma preocupação extralinguística, associada às condições de produção das TDs focalizadas, atreladamente aos seus traços linguístico-discursivos, e, por consequência, acarreta um novo enfoque no tratamento dado a esse processo de mudança.

A hipótese geral que dirige este trabalho baseia-se na aceitação de que a adoção de novas TDs tem servido, na história da língua, como motor para inovações, o que leva ao pressuposto de que, a cada tradição estabelecida, se dá uma busca de meios linguísticos apropriados, ainda que haja conservação do que já existe no sistema. Considerando que a maioria das mudanças se deve a essa busca, via processos metonímicos e metafóricos, como mecanismos propulsores da GR, corroboro a adoção dessa perspectiva com o objetivo de averiguar como se comporta o item *assim*, nas TDs e sincronias focalizadas, em relação ao seu processo de GR e à colocação em prática de suas funções textual-interativas.

Decorrente dessa hipótese geral está a que sugere uma possível relação entre o funcionamento específico do item, no que tange a determinados processos constitutivos do texto, e o desenvolvimento de suas funções mais gramaticais, ou seja, a investigação será motivada pela análise de contextos específicos de ocorrência do item, à luz dos pressupostos que regem mecanismos de constituição do texto, a partir da perspectiva textual-interativa, de modo

a comprovar ou não a relação desses contextos com o processo de GR do item.

Considerando as características internas e externas específicas de cada TD como determinantes para o processo de inovação linguística, hipotetizo, também, a existência de uma relação entre TD e o caminho de mudança do item focalizado, de modo que tal relação aponte para especificidades desse processo de mudança no que tange à colocação em prática de seus mecanismos fundamentais.

À luz dessas hipóteses, esta pesquisa se propõe a responder às seguintes perguntas, que constituem seu objetivo geral: como *assim* e suas formas correlatas desempenham funções relativas aos processos constitutivos do texto em determinadas TDs? De que modo essas funções relacionam-se ao seu processo de GR?

Os objetivos listados a seguir configuram desdobramentos desse objetivo geral:

1. identificar, em cada TD do *corpus*: (i) como o item *assim* e formas correlatas se comportam nos tópicos em cada sincronia; (ii) de que modo os processos constitutivos do texto se relacionam ao item e a suas formas correlatas; e (iii) se as funções textual-interativas desses processos, relacionados ao item, diversificam-se no período. No caso de confirmação de (iii), observar a possível relação dessa modificação com a TD, tendo em vista as contingências de produção dos textos de cada século;
2. dados os resultados obtidos em 1, analisar, em cada TD, a estabilidade ou mudança do item e seus correlatos em foco, ou seja, alteração, permanência ou exclusão de seus traços discursivos, semânticos e gramaticais, de acordo com os pressupostos teóricos da GR.

Nesta proposta a concepção de diacronia, subjacente à constatação da mudança ou manutenção dos processos constitutivos do texto relacionados a *assim* e das suas funções, no âmbito tópico, de um século a outro, é uma concepção de “diacronia ideal”, consequentemente incoerente quanto à definição do objeto examinado, sob a óptica textual-interativa, uma vez que, de acordo com essa perspectiva, o estudo da língua deixa de ser de um século a outro e passa a comparar resultados analíticos de textos diferentes em diferentes

épocas. Assim, o estudo de textos de diferentes épocas – e, especificamente, dos seus processos constitutivos relacionados ao item e à mudança experimentada por ele – exige a associação desses textos à suas respectivas TDs.

Essa concepção de diacronia “não ideal” acarreta um novo ângulo de investigação do processo de GR, visto que se faz necessária uma análise em correlação com cada TD, a fim de que se constatem similaridades e/ou diferenças e se determine um quadro do funcionamento textual-interativo do item que reflita suas possíveis transformações em correlação com as TDs. Não atentar para essas especificidades implica a homogeneização do material de análise e, por conseguinte, a produção de resultados inconsistentes.

Este livro está organizado em oito capítulos, que se somam a esta introdução e às considerações finais, distribuídos em quatro grandes partes, formalmente correspondentes aos pressupostos teóricos adotados na pesquisa, na Parte I; à apresentação e delimitação do universo da pesquisa e de seus procedimentos metodológicos, na Parte II; à investigação empírica, na Parte III; e às generalizações e implicações teóricas resultantes dessa investigação, na Parte IV.

Na Parte I, os capítulos de 1 a 3 apresentam os pressupostos fundamentais do quadro teórico geral que norteia a interpretação do fenômeno analisado a partir das hipóteses levantadas. Nessa parte, apresento, primeiramente, uma abordagem geral da mudança linguística focada no problema do ostracismo da mudança, como resultado da proposta saussuriana de língua abstrata. Por meio de uma discussão centrada na concepção coseriana de linguagem, defino, de início, os conceitos de *sincronia*, *diacronia*, *história* e, de modo especialmente relevante aqui, de *mudança linguística*. Num segundo momento, reviso o panorama teórico da GR, adotada como a abordagem específica que se fará da mudança linguística.

O Capítulo 2 apresenta o paradigma das Tradições Discursivas. Traz reflexões que cercam a definição desse conceito, o qual é determinante não apenas para a organização metodológica dos *corpora* da pesquisa, como também para importantes relações teóricas com a mudança linguística, de forma geral, e com a GR, de forma específica.

Ainda na definição do enfoque teórico, em especial voltado para a apresentação dos artefatos teóricos que permitirão a abordagem adequada do funcionamento do item *assim* e formas correlatas no âmbito do tópico discursivo, sobretudo no que tange às relações interoracionais estabelecidas, o Capítulo 3 apresenta as bases para a abordagem da junção de orações, apontando para considerações a partir de dois eixos propostos inicialmente por Raible (1992, 2001 apud Kabatek, 2005a), a saber: (i) nível de (in)dependência e (ii) as relações semântico-cognitivas.

A Parte II, formada pelo Capítulo 4, apresenta o universo da pesquisa e os procedimentos metodológicos, expondo a delimitação e caracterização de cada TD que compõe os *corpora* do Português Paulista, condicionados, portanto, pelos critérios teórico-metodológicos advindos do modelo de TD da escola romanística de Tübingen, tal como apresentado no Capítulo 2, Parte I.

A Parte III destina-se à apresentação de evidências empíricas para a interpretação que será dada ao fenômeno. No Capítulo 5, estão: (i) a análise descritiva dos aspectos semântico-formais de *assim* e formas correlatas, por meio da qual são delimitados os distintos padrões de uso do item nas diferentes TDs, nas perspectivas sincrônica e diacrônica; assim como (ii) a descrição das relações e interdependências desempenhadas pelos usos juntivos do item sob análise. No Capítulo 6, é exposto o perfil dos padrões funcionais de *assim* nas TDs focalizadas, a partir da abordagem da frequência de uso desses padrões, da prototipicidade e não prototipicidade desses usos nas TDs, e das relações possíveis de serem estabelecidas entre tais padrões e as TDs investigadas. No Capítulo 7, é abordada a funcionalidade de *assim* em contextos de processos textual-interativos. Esse capítulo é encerrado com a sistematização de relações funcionais entre os diferentes padrões do item, levantados no Capítulo 5, e seus usos relacionados a esses processos constitutivos do texto.

A Parte IV, em seu Capítulo 8, trata das generalizações e implicações teóricas e, como indicado pela própria designação, estabelece um elo entre a investigação empírica, realizada nos capítulos 5, 6 e 7, e a GR como teoria e processo de mudança, mediante suas correla-

ções com o paradigma das TDs. Dessa forma, são expostas as relações estabelecidas entre esses padrões e seu processo de GR e entre os processos textual-interativos em contexto de *assim* e sua mudança via GR. A apresentação de uma abordagem das relações semântico-cognitivas encerra o elo com a investigação empírica.

PARTE I

PRESUPOSTOS TEÓRICOS

1

SINCRONIA, DIACRONIA E HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

1.1 Considerações iniciais

Objetivando introduzir os conceitos básicos que nortearão a pesquisa apresentada neste livro, este capítulo apontará, na Seção 1.2, escolhas e exclusões teóricas na definição de *língua*, como objeto de estudo da linguística, que levam a outras escolhas e exclusões de mesma natureza, relacionadas aos conceitos de *sincronia*, *diacronia*, *história* e, de modo relevante aqui, de *mudança linguística*, com base numa leitura crítica da obra de Ferdinand de Saussure, pautada principalmente no ponto de vista defendido por Coseriu (1979) e num diálogo estabelecido por Lucchesi (2004) com este autor.

Na Seção 1.3, realizo uma revisão no panorama teórico da gramaticalização (GR), adotada aqui como a abordagem específica que se fará da mudança linguística, expondo: (i) alguns princípios importantes da GR, amplamente discutidos na literatura linguística (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Hopper; Traugott, 1993; Traugott, 1982, 1989, 1995, 1999, 2003; Hopper, 1991; Traugott; König, 1991; Traugott; Heine, 1991, entre outros); (ii) aspectos das mudanças metafóricas e metonímicas em GR; e, coerentemente ao recorte requerido pelo objeto de estudo, (iii) os pressupostos específicos da GR de juntores e de marcadores discursivos de base adverbial.

1.2 O problema da mudança linguística

A visão da sistematicidade da língua remete ao seu funcionamento como instrumento privilegiado da comunicação humana que é, em outras palavras, sua condição de código estruturado para cumprir suas funções. Nesse modo estruturante da linguagem, segundo Lucchesi (2004, p.22-23), buscam-se as explicações para esse mecanismo provedor de informação referencial constituído na língua. Assim, sua funcionalidade torna necessária a fixação de um sistema linguístico que viabiliza a análise de seus mecanismos de funcionamento. Por outro lado, a questão da mudança levanta a seguinte pergunta: o que faz um sistema que funciona tão bem mudar? A resposta a essa pergunta conduz o linguista ou o observador da funcionalidade do sistema para, entre outros fatores, as relações que a língua mantém com a sociedade. Portanto, a aparente contradição que se coloca entre mudança e sistema assenta-se sobre duas dimensões fundamentais do fenômeno linguístico: sua *dimensão estrutural* e sua *dimensão sócio-histórica*.

Esse aspecto aqui apresentado inicialmente é relevante para a proposta de tratamento de um tipo específico de mudança, no caso a GR, a partir de um enfoque teórico-metodológico mediado pelo conceito de TD, conforme será detalhado em seção específica na sequência deste trabalho.

A fim de recompor o caminho que leva ao ostracismo a questão da mudança, Lucchesi (2004, p.25-77) apresenta as bases do estruturalismo saussuriano, que contribui para a mudança do foco da linguística, até então histórico e atomístico, para outro, que busca a globalidade da língua na condição de estrutura.¹ Basicamente são descartados os fatos que representavam uma relação entre a língua e a sociedade, por meio de uma abordagem estrutural baseada em

1 Vale lembrar que não houve uma ruptura drástica, uma vez que o “corte” saussuriano foi, de certa forma, elaborado em toda a linguística historicista do século anterior. Assim, durante a linguística do século XIX, o imanentismo foi sendo construído (cf. Faraco, 1991).

um modo dicotômico de efetivação, que engendra as famosas antinomias: (i) sincronia vs. diacronia: o modelo de Saussure é exclusivamente sincrônico, i.e., aplicável a um *estado de língua*, estático e discreto; e (ii) língua vs. fala: como um fato social, a língua, nesse modelo, é exterior ao indivíduo, é unitária e homogênea, oposta ao seu existir concreto, que se atualiza nas relações socioculturais e ideológicas engendradas na atividade linguística que assim se constitui.

Considerando essas dicotomias, Saussure exclui a abordagem histórica ou diacrônica, que tem na fala sua fundamentação, e, conseqüentemente, a mudança linguística. Assim, é exposto o axioma fundamental do estruturalismo linguístico, fundado na concepção de língua como sistema que pode e deve ser estudado a partir de suas relações internas e da distinção bem determinada entre língua e linguagem, já que:

a linguagem é “multiforme e heteróclita [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, e pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social”. Para Saussure, a linguagem, enquanto conjunto de manifestações do fenômeno linguístico, “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. Desse modo, para apreender e representar a *dimensão estrutural e estruturante do fenômeno linguístico* através da sua concepção de língua, Saussure define a *unicidade* e a *homogeneidade* como características intrínsecas à língua. Esta separação entre língua e linguagem e o caráter homogêneo daquela são efetivados através da principal dicotomia do modelo teórico saussuriano (da qual todas as demais dicotomias dependem ou a ela estão relacionadas), a que opõe *língua* (fr. *langue*) – o sistema linguístico objetivado – à *fala* (fr. *parole*) – a atividade linguística concreta. (Lucchesi, 2004, p.44 [grifos do original])

Coseriu chama atenção para releituras e interpretações, segundo ele, equivocadas de Saussure, assinalando, a partir daí, o que se apresenta como um paradoxo da linguagem: (i) a língua constitui um sistema em que tudo está baseado em relações, mas, ao mesmo tempo, (ii) a língua é instável, i.e., “as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando” (Bally, 1950 apud Coseriu, 1979, p.15).

Nessa linha, de acordo com o pensamento saussuriano, se o linguista se coloca na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que perceberá, mas, sim, uma série de acontecimentos que a modificam. Isso prova que a diacronia, para Saussure, não tem um fim em si mesma (CLG, p.161).

Diante dessas afirmações, o objetivo de Coseriu (1979, p.17-18) é mostrar que:

- (i) o pretenso paradoxo da mudança linguística existe apenas como resultado de um erro de perspectiva, i.e., da confusão que se faz entre *língua* e *projeção sincrônica*;
- (ii) o problema da mudança linguística não pode nem deve ser colocado em termos causais;
- (iii) a dicotomia *sincronia* e *diacronia* não pertence ao plano do objeto, mas ao da investigação;
- (iv) no próprio Saussure há elementos para a superação dessa dicotomia;
- (v) a postura saussuriana, assim como todas as que dela derivam, sofre de uma falha de concepção que a impede de superar as contradições internas;
- (vi) não há contradição entre *sistema* e *historicidade*, mas, pelo contrário, a historicidade da língua implica a sua sistematicidade;² e
- (vii) no plano da investigação, a dicotomia *sincronia* e *diacronia* só pode ser superada *na* e *pela* história.

Os autores que adotam a concepção saussuriana de língua assumem o problema verificado na incompatibilidade entre *mudança* e certa *ideia de língua*, ou seja, o problema é entender a mudança à luz dessa concepção de língua. Se a mudança é real, então, inadequada

2 A introdução do aspecto histórico também não contradiz a ideia de sistema, na formulação saussuriana, baseada na ideia de homogeneidade (sincronia), pois, como mostram Weinreich, Labov e Herzog (1968), é possível trabalhar com a noção de sistema, pensando em sua heterogeneidade. Do mesmo modo que os autores introduzem os fatores sociais e situacionais (registros), também introduzem a ideia de mudança como observável na própria sincronia (mudança em tempo aparente), o que já é um modo de observar a presença da história no interior do sistema. Dessa forma, há um diálogo entre essa noção de heterogeneidade – ainda que não seja esta a que receberá especial enfoque neste trabalho – e os postulados coserianos.

é a concepção de língua, que é abstrata. Nas palavras de Coseriu, “é justamente isso que ocorre: a língua que não muda é a *língua abstrata*”, porque está livre dos fatores externos. A que muda é a língua real em seu existir concreto, aquela que não pode ser isolada daquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes – correspondentes aos fatores externos.

Assim, na perspectiva saussuriana, no modo sincrônico de considerar a língua, são ignoradas a *sucessão* e a *mudança*, portanto, a língua não muda na consideração sincrônica e, conseqüentemente, é impossível comprovar a mudança nessa perspectiva. Dessa forma, de acordo com essa concepção, o sincrônico não é a realidade histórica do estado de língua, mas, sim, “a sua projeção sobre a tela estática do investigador”. Na verdade, segundo Coseriu, não se trata aqui da realidade da língua, mas da atitude do investigador, ou seja, a descrição sincrônica é independente da diacronia, mas o estado de língua real não o é, já que é sempre “resultado” de outro estado, anterior, e produto de fatores históricos. Em ordem com isso, posso dizer, de acordo com o autor, que “um estado de língua é sincrônico, mas não estático” (p.20).

Nessa direção, a dicotomia saussuriana, erroneamente transportada para o plano do objeto, corresponde exatamente à distinção entre *descrição* e *história*. Ela é, alerta Coseriu, uma exigência conceitual que nada tem de saussuriana e que, portanto, não pode ser anulada. É verdade também que, num estado de língua, existem sistemas possíveis, futuros; mas, à medida que esses sistemas se realizam, tornam-se atuais; e, à medida que constituem mera possibilidade, são ignorados pela descrição.

As mudanças ocorrem entre dois momentos e, por isso, são necessariamente diacrônicas. Isso quer dizer que a mudança não pode ser comprovada na projeção sincrônica, mas, por ser real, deve refletir-se de algum modo também na sincronia. É exatamente esse posicionamento que assumo no presente trabalho.

Segundo Coseriu (1979, p.25), Saussure, tendo comprovado a estrutura, ou melhor, a língua na projeção sincrônica, foi induzido a depreciar a diacronia – a continuidade da língua no tempo – e a

atribuir ao objeto língua não só a sistematicidade (que aparece na “projeção” por pertencer ao objeto), mas também a imobilidade, que pertence apenas à “projeção”. Daí surge mais uma identificação, latente no CLG, entre estado de língua e projeção sincrônica. Assim, a ideia de língua sincrônica e imóvel está fundamentada nestas duas identificações sucessivas: *língua = estado de língua = projeção sincrônica*. A partir dessas constatações, Coseriu assinala que, se a primeira dessas identificações pode ser justificada, até certo ponto, por conta de exigências técnicas da descrição sistemática, a segunda não se justifica de maneira nenhuma. Portanto, da mesma forma como na sincronia não é possível comprovar a mudança, também não é possível comprovar nela a imutabilidade, já que para comprovar que determinado objeto não mudou é necessário observá-lo em dois momentos distintos.

Nessa perspectiva, conforme Lucchesi (2004, p.54), uma representação adequada da língua deve, necessariamente, abarcar esses dois planos, i.e., tanto a *projeção sincrônica* como o binômio *variação e mudança*,³ expressando, portanto, a relação existente entre língua e sociedade, e perspectivando-a historicamente.

Essa relação encontra mais um fundamento se observada a não autonomia do sistema sincrônico. De acordo Lucchesi (2004, p.60-61), apesar de a língua possuir uma organização estrutural lógica e própria para o funcionamento, essa organização estrutural é profundamente permeada por reflexos da organização sociocultural da comunidade de fala, ou seja, existe um movimento dialético na estrutura da língua entre a sua organização interna – o seu modo estruturante – e sua relação externa com a estrutura social, de forma que a lógica da estrutura e da estruturação linguística transcende a organização interna alcançando sua completude na relação com o contexto sociocultural, do qual a língua faz parte como um de seus elementos constitutivos. Esse raciocínio permite compreender por que muitas

3 Nas palavras desse autor, a variação constitui a atualização a cada momento dos processos de mudanças possíveis na língua, enquanto a mudança constitui uma das resultantes dos processos de variação linguística (Lucchesi, 2004, p.54).

mudanças perpetuadas, na língua, vão de encontro à lógica de sua organização interna, e vice-versa, quando, mesmo após uma alteração nessa lógica interna, alguns elementos são mantidos em razão da força da tradição cultural. Nessas bases, sabe-se que o método de análise estruturalista, de fazer *tábula rasa* da história da língua, estudando o sistema unicamente a partir de sua funcionalidade interna e sincrônica, também não pode se sustentar.

Ainda segundo esse autor (p.65), em vez de considerar os fatos relativos à mudança como distintos dos relativos à estrutura linguística, podem-se considerar as mudanças como encaixadas nessa estrutura, ambas determinando-se mutuamente. Assim, a configuração estrutural da língua se tornaria um dos fatores a serem observados na determinação das condições favoráveis ou das restrições ao processo de mudança, tal como destacado também por Coseriu (1979). Diferentemente dessa postura, Saussure não encontrou dificuldade em banir a mudança, especificamente as fonéticas, já que os estudos de linguística histórica antes e depois dele se concentravam, sobretudo, nesse nível. Mas, à medida que as mudanças linguísticas não se limitam a esse nível, o próprio Saussure teve consciência das dificuldades com que se deparava dentro de seu quadro teórico. Não há, no entanto, em seu legado, uma solução para esse problema, mas, com o intuito de fortalecer ao máximo a oposição entre sistema e mudança, o autor afirma que “os acontecimentos diacrônicos têm sempre um caráter accidental e particular”.⁴

4 Lucchesi argumenta contrariamente a essa afirmação a partir da exemplificação pautada no processo relativo aos verbos *ser*, *haver* e *ter* na história do português. No latim, *essere* recobria a significação existencial e *habere*, a de posse. Já no português antigo, *haver* começa a ser usado com sentido de existir, penetrando na área semântica de *ser*. Em sua evolução nessa língua, *haver* assume definitivamente a significação existencial, deslocando o verbo *ser*, primeiramente, e, num segundo momento, sendo ele mesmo deslocado da significação de posse por *ter*. No português atual, *haver* e *ter* concorrem na área de significação existencial. Ainda segundo Lucchesi, lógica sistêmica fica patente em casos como esse, fundamentando a concepção de Edward Sapir de que as mudanças, em vez de serem accidentais e particulares, conforme Saussure, seguem uma *deriva* (*drift*) analisada a partir do estudo da organização estrutural da língua. A argumentação de Saussure encontra problemas ainda mais intransponíveis quando se parte para o nível morfossintático.

Os pontos de crítica do pensamento saussuriano encontram-se em sua concepção de língua, como sistema homogêneo, unitário e estático, conflitante com seu caráter dinâmico e plural, quando considerada em sua dimensão sócio-histórica, ou, como observou Bakhtin (1986, p.104), “a reflexão linguística de caráter formal-sistemático é incompatível com uma abordagem histórica viva da língua. Do ponto de vista do sistema, a história apresenta-se sempre como uma série de destruições devidas ao acaso”. Assim, na perspectiva de Saussure, o afastamento das questões relativas à mudança representa uma defesa necessária para a manutenção de sua concepção do modelo estruturalista, fundamentado nessa concepção específica de língua.

Conforme Coseriu, o destaque, nessa relação entre o sistema e a mudança, da importância da sincronia não deve ser entendido como diminuição da diacronia, pois o que se descreve é sempre a atualidade de uma *tradição*. Sendo assim, a não historicidade (sincronicidade) pertence à *descrição*, e não à *língua*. Da mesma forma, afirmar que língua é um objeto histórico não significa excluir a *descrição* e a *teoria*. “A descrição, a história e a teoria não são atividades antitéticas, ou contraditórias, mas complementares, e constituem uma única ciência. E, acima de tudo, a descrição e a história não são excludentes do ponto de vista do objeto; são excludentes *como operações*, isto é, são *operações distintas*.” (p.27). Dessa forma, para que se faça a história de um determinado fenômeno linguístico em mudança é imprescindível que se faça, antes, uma descrição aprofundada de seu comportamento, entendendo que o descrito é aquilo que equivale à *tradição atualizada*.

De tudo, concluo que Saussure fez metodologia, procurando distinguir o ponto de vista sincrônico do diacrônico dentro da linguística. Ainda assim, a concepção saussuriana de diacronia é discutível e deve ser corrigida. Esse é o ponto de vista de Coseriu (1979), com o qual concordo e que assumo aqui.

Na perspectiva de Coseriu, portanto, a língua não poderia se constituir se a mudança fosse total além de perpétua, i.e., se um estado de língua fosse apenas um momento de flutuações incessantes. Mas não é isso o que se observa, (i) porque todo estado de língua é,

em grande parte, uma reconstituição de outro estado anterior; e (ii) porque o que é denominado de mudança só o é em relação a uma língua anterior, o que do ponto de vista da língua atual corresponde à cristalização de uma nova *tradição*. Dessa forma, “a mudança é fator de descontinuidade em relação ao passado e, ao mesmo tempo, fator de continuidade em relação ao futuro” (Coseriu, 1979, p.28).

Ainda nessa perspectiva, o autor observa que o problema da mudança linguística deve-se ao fato de se partir da língua abstrata (estática, separada do falar, “coisa feita”) e da colocação da mudança em termos causais. Em vez disso, Coseriu defende que a língua não pertence a qualquer ordem *causal*, mas à ordem *final*, ou seja, os fatos são determinados por suas funções, o que estabelece que a língua não funciona porque é sistema, mas é sistema para cumprir uma função, e, assim, a mudança é responsável pela manutenção desse funcionamento. Dessa forma, a língua viva não permanece em repouso: é determinada constantemente por sua função, fazendo-se de modo contínuo pela atividade linguística concreta. Diferentemente das chamadas línguas mortas.

Levando em conta o constante fazer-se da língua concreta, Coseriu (1979, p.32) afirma que, mesmo quando um “estado de língua” se torna praticamente idêntico a um estado anterior, não significa que esse estado *permanece*, mas que se *reconstitui* com suficiente fidelidade pelo falar, que é, ademais, o lugar em que a língua funciona e se realiza concretamente. Quando se trabalha com a concepção de um tipo específico de mudança linguística, como a mudança via GR, a observação desses estados de *permanência* e *reconstituição* aponta determinadas indicações, relativas a esse processo de mudança, em detrimento de outros tipos de observação, como a de “estados de língua” que não são idênticos a um estado anterior.

Dessa forma, para depreender o mecanismo da mudança linguística é necessário colocar-se no terreno do falar, entendido por Coseriu como norma de todas as demais manifestações da linguagem. Uma vez afirmado que a língua não existe fora do falar dos indivíduos e que o falar é sempre o falar uma língua, o autor identifica que todo o modo de ser da linguagem gira nesse círculo. Apesar dis-

so, não se trata de um círculo vicioso, já que o termo “língua” não é tomado, nas duas vezes em que aparece, no mesmo sentido. Em “a língua existe no falar”, língua significa *saber*, *acervo linguístico*; em “[...] o falar existe na língua”, língua significa manifestação concreta do *saber falar*. Além disso, não há, segundo Coseriu, nenhuma prova da natureza primária de qualquer um dos pontos desse círculo, nem do *falar*, nem da *língua*.⁵

O fato de as línguas existirem apenas no falar não impede o reconhecimento de uma *objetividade ideal*, mas também não significa que tenham *existência autônoma*. Mediante essas considerações, o que se comprova é que o falante não costuma mudar a língua, mas se, ainda assim, a língua muda a explicação deve estar na função da língua e no seu modo concreto de existir (e não no simples “acaso” saussuriano).

Portanto, os problemas do estruturalismo começam logo em separar o “fato de fala” do “fato de língua”, i.e., os conceitos dicotômicos de língua e coletividade, de um lado, e de fala e indivíduo, de outro, não são satisfatoriamente determinados dentro do modelo saussuriano, de acordo com Lucchesi (2004, p.75). Assim, perguntas como *quando*, *de que modo* e *por que* uma inovação da fala se torna um fato de língua acabam ficando sem respostas. Dessa forma, a representação de língua como sistema unitário, homogêneo e independente do seu processo histórico de constituição torna-se conflitante com o modo concreto de existir da língua (cf. Bakhtin já no final da década de 1920). Por esse viés, chego à conclusão de que a contradição entre mudança e sistema é basilar na constituição do estruturalismo linguístico e, conseqüentemente, em sua superação.

5 Para sair desse círculo, Coseriu afirma que Saussure recorreu a um conceito de *língua* que separa o *sistema* do falar dos indivíduos, colocando-o na sociedade (p.33-34). Ainda em relação a essa separação, Corrêa (2008, p.25-26) sugere que a exclusão de uma linguística da fala teria como preocupação a ação do indivíduo e dos grupos no interior de uma sociedade, fato que, se levado em conta, implicaria não só a consideração do curso da história, de onde esses indivíduos e grupos tomam para si a sua temporalidade e seus símbolos específicos, mas também a consideração da *heterogeneidade conflitiva registrada na língua* [grifo meu]. A questão da heterogeneidade também será importante no desenvolver deste trabalho.

Na perspectiva proposta por Coseriu (1979), tomar o fato de que a língua funciona e se realiza concretamente no *falar* como base de toda a teoria linguística significa partir da já conhecida afirmação de Humboldt (1988) de que a linguagem não é *produto*, mas *atividade*,⁶ e que, apenas porque é assim reconhecida, pode ser abstraída e estudada também como produto. Recordando a distinção aristotélica, de acordo com Coseriu, uma *atividade* pode ser considerada: (i) uma *atividade* propriamente dita; (ii) uma atividade em potência, i.e., *saber linguístico*; e (iii) uma atividade realizada em seus *produtos*.⁷ Por outro lado, o *falar* constitui uma *atividade universal* realizada por indivíduos *particulares*, na condição de membros de comunidades *históricas*. Portanto, pode ser considerado em sentido *universal*, *particular* e *histórico*. O *saber linguístico* corresponde ao saber falar que pode ser distinguido num estágio universal, particular e histórico, sendo o histórico correspondente à língua como *acervo idiomático* (saber falar de acordo com a tradição de uma comunidade). O *falar atividade* é, no estágio universal, simplesmente o falar, como atividade linguística concreta; no particular, é o discurso de um indivíduo *x* numa situação *x*; e, no histórico, é a *língua concreta*, i.e., aquilo que corresponde ao modo de falar de uma comunidade específica. O *falar produto* não apresenta um ponto de vista universal, dado que se

6 A partir da adoção desse conceito de língua como *atividade*, o texto, na condição de objeto de estudo, será considerado também como *atividade*; em outras palavras, como processo dinâmico que congrega e sinaliza, ao mesmo tempo, processos de formulação textual e interacional, que não resultam em dicotomias de funções textuais e interativas, mas na conjugação delas, de acordo com um *princípio de gradiência* (Jubran, 2004, 2006a), segundo o qual não há funções excludentes ou dicotômicas, mas tudo se resolve a partir da determinação de graus: toda função textual deve ter, em contrapartida, algum traço interacional, sendo o inverso também verdadeiro. Nessa direção, a concepção aqui adotada de texto se aproxima daquela adotada nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) e denominada de perspectiva textual-interativa (Jubran, 1996a, 1996b, 1999, 2006a). Essa perspectiva foi formulada, inicialmente, para abordar análises de textos falados, sobretudo em contextos de comunicação face a face. Atualmente, estudos fundamentados nessa perspectiva estão sendo desenvolvidos também no âmbito de textos escritos, a partir de uma concepção específica de língua falada/escrita (conforme esclareceremos no desenvolvimento deste trabalho).

7 Não se trata de três realidades distintas, mas de três modos de considerar a mesma realidade (Coseriu, 1979, p.43).

trata sempre de algo particular; no particular, corresponde ao texto em si, e, no histórico, identifica-se, mais uma vez, com a língua como *acervo idiomático*, ou seja, torna-se saber linguístico.

É importante, conforme ressalta Coseriu, que o termo *atividade* seja entendido adequadamente, de acordo com o sentido aristotélico: “atividade livre e finalista, que carrega consigo o seu fim e é realização do próprio fim [...]” (p.43-44). Sendo concebido como uma atividade livre, o falar tem, necessariamente, um objeto infinito, ou seja, um objeto que não está nunca completamente realizado. Isso significa que o falar constitui a criação contínua de novas significações.

Entretanto, se por língua entendo a *língua concreta* e não a *língua abstrata*, ela não é muito diferente do *falar*, já que tem sua existência como um *modo formal e semântico de falar*. Esses modos são, na maioria, análogos no falar de uma comunidade, considerado num determinado momento, configurando, assim, um *estado de língua* (língua sincrônica). Esses mesmos modos procedem de vários estados de língua sucessivos, o que configura, portanto, uma *tradição linguística* (língua diacrônica). Por isso, de acordo com Coseriu, a língua não é, por sua natureza, sincrônica nem diacrônica, uma vez que não se trata de dois modos de ser contraditórios. Do ponto de vista diacrônico, constitui um conjunto de modos linguísticos tradicionais (que se transmitem), e do ponto de vista sincrônico é um conjunto de modos comuns atuais (naquele momento considerado), que não deixam, por isso, de ser também *tradicionais* – mais do que isso, são comuns exatamente porque são *tradicionais*.⁸

A afirmação de que a língua é abstraída do falar de modo algum nega sua objetividade, já que as estruturas que a constituem, extraídas do falar, são formas da atividade linguística concreta, não havendo nada de contraditório numa atividade sistemática. Nesse momento, não deve ser esquecida a infinita variedade das estruturas do falar. Nessas estruturas, constitutivas da língua, é importante fazer a distinção entre o que é simplesmente normal ou comum (*norma*)

8 De acordo com Coseriu: “Apenas tecnicamente a sincronia precede à diacronia, pois a apreensão de um objeto como tal é necessariamente anterior à sua história” (p.46).

e o que é oposicional ou funcional (*sistema*). Num sentido, o autor indica que a *norma* é mais ampla que o *sistema*, já que abrange número maior de traços; em outro sentido, é mais restrita, pois representa uma seleção dentro das possibilidades admitidas pelo *sistema*. Por conseguinte, a *norma* de uma língua representa seu equilíbrio *externo*, ou seja, social/regional, e as realizações que são permitidas pelo *sistema*. Dessa forma, “*língua é igual a sistema e norma*”. O *sistema* é “sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os fechados de um falar compreensível numa comunidade; a *norma*, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que ‘se pode dizer’, mas ao que ‘já se disse’ e *tradicionalmente* ‘se diz’ na comunidade considerada” (Coseriu, 1979, p.50).⁹

Para cada falante a língua é *saber falar* e saber *como se fala* em determinada comunidade, segundo determinada *tradição*. Todo falante está *consciente*, tem *clareza* e *segurança* em relação ao seu *saber linguístico* e ao seu *saber fazer*. Não se trata de compreender o instrumento linguístico, que é assunto do linguista, mas de *saber empregá-lo*, de saber manter e refazer a norma, de saber criar de acordo com o sistema.

Outro apontamento importante feito pelo autor é o de que o saber linguístico, na condição de *saber comum* de vários falantes, é *interindividual* ou *social*, e na de *saber tradicional* (e não *universal*) é *histórico*. É por isso que, segundo o autor, o ponto de vista *histórico* pode ser adotado sem contradição também em relação à língua sincrônica: “do ponto de vista histórico (não diacrônico), a língua sincrônica é um sistema *atual* de tradições linguísticas antigas e recentes” (p.54). Assim, da mesma forma que os significados são tradicionais, o mesmo se pode dizer de qualquer outro aspecto do saber linguístico. O indivíduo histórico conhece uma série de tradições e pode dispor delas conforme as circunstâncias e o ambiente em que

9 A língua determinada pela norma e pelo sistema é a *língua funcional*, que não deve ser confundida com a *língua histórica* (ou idioma), a qual pode abranger, por sua vez, várias normas e vários sistemas.

fala, considerando também sua intenção expressiva. Nessa perspectiva, ao abordar o fenômeno em questão neste trabalho, na perspectiva sincrônica, estarei entendendo-o como saber social e histórico, i.e., como atualização de *tradições linguísticas* que dialogam entre si, estabelecendo uma ponte entre o antigo e o recente por meio do processo ininterrupto da mudança. Meu papel é, portanto, mostrar de que forma esse processo de ligação pode ser apreendido nessa perspectiva, que, antes de ser diacrônica, é histórica.

Nessa direção, a historicidade do homem coincide com a historicidade da linguagem, porque o falante utiliza o sistema que lhe é oferecido pela comunidade, aceitando, também, a realização que a norma tradicional lhe proporciona. Ainda que se desenvolva dentro de um quadro de determinações históricas, formado pela língua, o falar não deixa de constituir uma liberdade expressiva que possui uma finalidade significativa individual. Por outro lado, a linguagem também tem uma historicidade que corresponde à própria historicidade do homem, uma vez que equivale a *diálogo*, a *falar com o outro*. Mediante a comunicação, que subjaz o falar, algo se torna comum. Assim, segundo Coseriu, a linguagem é o primeiro fundamento e modo de manifestação da *intersubjetividade*, já que intrinsecamente à comunicação está a necessidade de “entender-se”, i.e., encontrar-se num mesmo plano de historicidade. Isso só é possível por meio da língua, que representa o modo de ser histórico de falante e ouvinte. Assim, a consciência humana é sempre *histórica*, manifestada pela língua, na condição de *saber linguístico*. Nessa direção, pressupõe-se que o ouvinte não apenas entende o que o falante diz, mas também percebe o *modo* pelo qual o diz.

Diante dessas considerações, a língua é *condição* ou *instrumento* da liberdade linguística, enquanto liberdade histórica. Sendo um instrumento à disposição do falante, ainda assim não pode ser mudada por ele. O falante pode adaptá-la às suas necessidades expressivas e, desse modo, superá-la. Assim, a língua, como sistema de possibilidades, é também instrumento de sua própria superação.

Para Coseriu, a língua historicamente constituída é utilizada no falar e nele é superada e alterada, tanto pelas determinações finalistas

(definidas pela expressividade), quanto pelas determinações psicofísicas da própria realização fônica.¹⁰ Nessa direção, é importante indicar que, conforme a abordagem que será realizada aqui, as características do falar não são dicotômicas em relação às da escrita, mas, em vez disso, complementam-se em uma realidade heterogênea constitutiva dos textos. Dessa forma, a língua historicamente constituída, a que faz referência Coseriu, não se limita apenas à fala, podendo ser observadas as facetas de sua superação/mudança, independentemente do meio semiótico pelo qual se materializa.

No que diz respeito às determinações finais, diferencio, segundo Coseriu, as finalidades *expressiva* e *comunicativa*. A *finalidade expressiva* mantém-se dentro do que é permitido pela língua, mais especificamente, pela tradição linguística. Apesar disso, o falante pode *desconhecer* a norma tradicional ou essa pode não lhe oferecer nenhum modelo específico, e, nesse caso, pode *criar* sua expressão de acordo com as possibilidades do sistema. A *finalidade comunicativa* também costuma manter-se nos limites da língua, mas é preciso considerar que a língua (saber linguístico) do falante não é nunca perfeitamente idêntica à língua (saber linguístico) do ouvinte.¹¹

Posso considerar que tanto a *finalidade expressiva* quanto a *comunicativa* correspondem a pontos centrais para o *input* de processos de mudanças específicos, como o da mudança gramatical, uma vez que, por estarem implicadas línguas diferentes numa mesma língua

10 Algumas determinações psicofísicas da realização fônica são ocasionais, como o cansaço; outras são permanentes em um determinado falante, e outras, ainda, são permanentes em todos os falantes. Além disso, podem ser consideradas as eventuais modificações fisiológicas do falar produzidas por fatores como o clima e a raça. De qualquer forma, embora seja um fato de cultura, o falar é também uma atividade física e, por isso, é determinado pela fisicidade dos falantes. As motivações dessa natureza, no entanto, podem ser motivo de *alteração* (embora não necessariamente o sejam), mas não podem ser motivo de mudança: no falar, a alteração fisiológica é reprimida e delimitada pelo *saber linguístico* e pela *funcionalidade*. E, sendo dessa forma, a finalidade funcional sempre supera a necessidade física.

11 Segundo o autor, num diálogo que se estabelece pela mesma *língua histórica*, estão implicadas quatro línguas distintas: (i) a que corresponde ao saber do falante; (ii) a que corresponde ao saber do ouvinte; (iii) a que é comum a esses dois saberes; e (iv) a língua nova que resulta desse diálogo. Assim, para falar com o outro, o falante pode renunciar a grande parte de seu saber, a fim de facilitar a intercompreensão.

histórica, tanto por uma finalidade como por outra, o falante, ao dizer um enunciado A, pode tê-lo compreendido, pelo ouvinte, como B, despertando aí um ambiente propício a esse tipo de mudança. Portanto, o falar é a atividade expressiva livre que se desenvolve sobre dois eixos de solidariedade: um, para com a tradição e outro para com o ouvinte. Há grandes coincidências entre esses eixos, mas sempre prevalece o segundo, uma vez que, segundo Coseriu, não há falar que não seja comunicação.¹² Diante disso, Coseriu expõe a importância de se distinguir a *comunicação prática*, equivalente à comunicação de algo a alguém (informação), da *comunicação propriamente dita*, equivalente à comunicação com alguém (não extrínseca à linguagem).

Portanto, é na *comunicação propriamente dita* que se encontra o gérmen da mudança linguística. Tudo o que é falado e se afasta dos modelos existentes na língua, por meio da qual se estabelece essa comunicação, pode ser chamado de *inovação*. A aceitação de uma inovação por parte do ouvinte pode-se chamar de *adoção*. Na comunicação real o falante real não apenas inova, mas também difunde inovações alheias; o ouvinte também pode inovar, a partir de imperfeições da percepção ou de incompreensões do que é significado pelo falante; os dois interlocutores são ao mesmo tempo falante e ouvinte, e, na condição de falantes, ouvem-se a si mesmos; o ouvinte não apreende do falar apenas inovações, mas também *modos tradicionais* que desconhece.

Diante disso, especifico que uma *inovação* pode ser: (a) alteração de um modelo tradicional; (b) seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua; (c) criação sistemática; (d) empréstimo de outra língua; (e) economia funcional. Entretanto, é importante ter bastante clareza de que *inovação* não é *mudança*. A mudança linguística é a difusão ou generalização de uma inovação, i.e., uma série de *adoções sucessivas*. A *inovação*, determinada pelas circunstâncias e finalidades do ato linguístico, é um fato de *fala*; a *adoção*, sendo

12 Em relação a essa afirmação de Coseriu, considero a função comunicativa da linguagem ao lado de suas demais funções, tais como as imprecatórias, as rituais ou mágicas, os solilóquios etc.

a aquisição de uma forma nova, é um fato de *língua*; a *inovação* é a superação da língua; a *adoção* é a adequação da língua, como saber linguístico, à sua própria superação; a *adoção* e a *inovação* estão condicionadas pela língua, mas em sentido inverso; a *inovação* pode até ter determinações físicas, já a *adoção* é um ato exclusivamente mental e, portanto, pode apenas ter determinações finais, sejam elas culturais, estéticas ou funcionais.¹³

Ressalta-se que a *adoção* não corresponde a uma imitação mecânica, já que é um ato inteligente e seletivo. Essa teoria vulgar da imitação é repelida também por Antoine Meillet. Assim, o problema da mudança linguística corresponde ao próprio problema da *possibilidade* e da *modalidade* da adoção, e não ao problema do *porquê* da adoção. Uma adoção corresponde sempre a uma *necessidade expressiva*, que pode ser cultural, social, estética ou funcional, ou seja, o ouvinte adota o que não conhecia, o que lhe satisfaz esteticamente, o que lhe é conveniente socialmente ou o que lhe terá funcionalidade.

A partir dessas considerações, o autor admite que, para entender a mudança linguística e sua racionalidade, basta considerar a língua em seu existir concreto. Assim, a mudança não constitui mero acidente, mas pertence à essência da língua. Por isso, estudá-la não é o mesmo que estudar os desvios, mas, sim, a consolidação de tradições linguísticas. Nessa perspectiva, a língua real e histórica *se refaz*, porque o falar se fundamenta em modelos anteriores e é falar e entender; *supera-se* pela atividade linguística, porque o falar é sempre novo; *renova-se*, porque entender é entender além do que já se sabia pela língua anterior ao ato; é *dinâmica*, porque a atividade linguística não é falar e entender uma língua, mas falar e entender algo novo por meio de uma língua. Por isso, a língua *adapta-se* às necessidades expressivas dos falantes e continua a funcionar como língua à medida que ocorre essa adaptação.

Depois de reconhecer, portanto, que a mudança é intrínseca ao modo de existir da língua, em nível *universal*, coloco um problema

13 À *inovação* e à *adoção* será acrescentado, posteriormente, o conceito de TD, como mediador importante entre esses processos envolvidos na mudança.

que, embora radicalmente distinto do problema universal da mudança linguística, é confundido com ele: o *problema geral das mudanças*. Essa confusão se deve, segundo Coseriu, a três aspectos de certa forma inter-relacionados: (i) ao fato de a mudança ser necessariamente estudada entre dois estados; (ii) à deficiência terminológica das ciências humanas, que lançam mão de expressões das ciências naturais; e principalmente (iii) ao fato de que a confusão entre os dois problemas radica na mesma atitude naturalista em relação à língua.

O problema da mutabilidade universal das línguas é de natureza racional, e não empírica, i.e., não pode ser resolvido a partir da acumulação de explicações parciais. Para Coseriu, ele se refere ao *modo de ser* da língua e não às mudanças parciais que ocorrem nessa ou naquela língua. Já o problema geral das mudanças é de natureza empírica: legitima-se como um problema de *explicação histórica generalizada*. Trata-se de estabelecer os modos gerais das mudanças e as circunstâncias ou condições que os determinam. Dado que a língua se faz pela liberdade linguística dos falantes, esse mesmo problema, do ponto de vista do falar, consiste em estabelecer em quais condições a liberdade linguística renova a língua. Da perspectiva da língua, consiste em estabelecer o modo de adaptação dessa língua às necessidades expressivas dos falantes, ou seja, identificar em quais condições o resultado dessas necessidades é aceito, difundido e inserido na tradição linguística, transformando-se, assim, em tradição propriamente dita.

Nesse âmbito, se há uma relação entre o problema geral das mudanças e o de seu condicionamento, implica-se aí o problema da relativa estabilidade dos sistemas linguísticos. Em face disso, Coseriu destaca que explicar por que certas línguas mudam menos que outras, ou por que certas tradições se mantêm mais longamente, tem a mesma importância que explicar as próprias mudanças.

Em relação ao problema geral das mudanças, não é errado falar em fatores *externos* e *internos*, *estruturais* e *históricos*, desde que se tenha clareza de que não se trata de causas determinantes da mudança. Enquanto condições do falar, esses fatores são todos *internos*. Seria melhor, portanto, considerá-los fatores *sistemáticos* e *extrassistemáti-*

cos, sendo *sistemático* tudo o que pertence ao sistema funcional e normal de uma dada língua, e *extrassistemático* (mas não *externo*) tudo o que se refere à variedade do saber linguístico numa comunidade falante e ao vigor dessa tradição linguística.¹⁴

Assim, Coseriu conclui que os fatores da mudança linguística existem na própria língua. Não há nenhum paradoxo nessa conclusão se levo em conta que os referidos fatores não são causas, mas condições da liberdade, e que a mudança, como constituição de uma nova tradição, torna-se possível e justificável funcional e culturalmente, i.e., no âmbito das tradições já constituídas. Uma vez que a mudança corresponde à difusão de uma *inovação*, deve essa difusão encontrar as condições favoráveis para a sua aceitação entre os indivíduos num determinado estado de língua.

Toda mudança deve encontrar sua justificativa e seus limites na funcionalidade do sistema em que se insere. Se em qualquer estado de língua há um sistema, isso significa, de acordo com o autor, que a língua “evolui” como sistema e que as mudanças devem refletir-se também nos estados de língua (ainda que não possam ser comprovadas do ponto de vista estritamente sincrônico).¹⁵ Na sincronia, as mudanças manifestam-se na perspectiva cultural e funcional. Culturalmente, identificam-se os “erros correntes” em relação à norma e aos modos heterossistemáticos comprováveis no falar. Funcionalmente, identifica-se a presença de variantes e modos isofuncionais dentro de um mesmo modo de falar. Sendo assim, Coseriu indica que aquilo que do ponto de vista diacrônico já é mudança, do sincrônico é captado como condição de mudança.

Com base nessas considerações, Coseriu afirma que a mudança sistemática adquire o caráter daquilo que Sapir chama de *deriva*, o que representa uma forma metafórica de dizer que “a língua é criada sistematicamente e que *na criação linguística a finalidade sistemática*

14 O que permite uma comparação com o modo como a sociolinguística variacionista trata a mudança.

15 Segundo Coseriu, se a sincronia corresponde a um corte transversal na diacronia, o sistema nela realizado nunca está todo em ação, admitindo sempre mudanças latentes ou em incubação.

supera a finalidade distintiva específica, assim como a finalidade sistemática geral supera a finalidade sistemática particular” (Coseriu, p.111 [grifos do autor]). Em relação, portanto, àquilo que é sistemático, o autor ressalta que, antes de desaparecer do sistema, já existem na norma da língua aqueles elementos que desempenharão o papel de substituí-lo na sua funcionalidade. O que determina essa realidade de permanente restauração é o fato de que na língua há a convivência, durante muito tempo, do novo e do velho, que assumem a forma de variantes e modos isofuncionais. Em GR, isso é constatado na possibilidade de uma forma, considerada “fonte” de um processo de mudança, tornar-se coexistente com a forma que derivou dela, chamada “alvo”, e, assim, permanecer como “fonte”, favorecendo possíveis novos processos, que podem até mesmo originar novas formas concorrentes.

O autor destaca que nada surge no sistema linguístico sem antes ter existido na norma, assim como nada desaparece do sistema linguístico sem antes ter sofrido uma seleção realizada pela norma. Por outro lado, toda mudança na norma (língua realizada) só se dá a partir de uma possibilidade já existente no sistema.

Entre as condições gerais da mudança, o autor destaca também a não coincidência cultural e funcional entre sistema e norma de uma língua – a norma representa um grau maior de cultura, pois significa estar inteirado não apenas do que *se pode dizer* numa língua, mas também do que efetivamente *se diz/se disse*, que corresponde à sua realização tradicional. Dessa forma, o sistema é aprendido muito antes do que a norma. Tal desajuste cultural acarreta duas consequências gerais: (i) as inovações, chamadas de *criações sistemáticas*, serão mais numerosas e terão maiores possibilidades de difusão em épocas de debilidade da tradição e de decadência cultural, ou em comunidades cuja cultura linguística seja ou esteja reduzida; e (ii) certas línguas estarão mais destinadas à mudança do que outras quando em condições culturais favoráveis a ela (nelas o que é sistemático predomina sobre o que é tradicional).

Nessa perspectiva, os fatos sistemáticos e culturais funcionam como *selecionadores* de inovações, atuando como condições e limi-

tes da liberdade linguística em sua tarefa de (re)fazer a língua. Uma mudança começa e se desenvolve sempre como deslocamento de uma norma, mas para que isso possa acontecer é indispensável (i) que seja funcionalmente necessária e/ou oportuna, (ii) que a norma seja ignorada, ou (iii) que o fato de a norma ser ignorada não afete a funcionalidade da língua. Sendo a língua um sistema funcional, ela se modifica nos pontos em que o próprio sistema não corresponde, de forma eficaz, às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes. Mas aquelas modificações necessárias encontram seu limite também na tradição.

A partir da concepção coseriana, o terceiro problema da mudança linguística, que corresponde a uma mudança determinada numa língua, é sempre um problema *histórico*, e sua solução depende tanto do conhecimento das condições (*sistemáticas* e *extrassistemáticas*) da língua quanto do momento particular em que essa língua é considerada. As soluções desse terceiro problema proporcionam o material necessário para a exposição do problema geral das mudanças. Isto quer dizer que a explicação condicional da mudança linguística corresponde a uma explicação histórica generalizada. Dessa forma, concluo que, enquanto o segundo e o terceiro problema da mudança linguística são empíricos e interdependentes, já que se esclarecem de modo recíproco, o primeiro é exclusivamente racional.

A questão dos problemas históricos, no entanto, também é afetada pela ideia fisicista da causalidade, que resulta, como já assinalai, do fato de colocá-lo no plano da língua abstrata. Em relação a isso, o exemplo mais deplorável, na avaliação de Coseriu, é constituído pelas explicações fisiológicas que se dão principalmente no domínio das mudanças fônicas. Como já apontado, a mudança não começa com a *inovação*, mas com a *adoção*, e, sendo a aceitação interindividual de um modo linguístico novo, corresponde a um fenômeno histórico que não pode ter uma explicação fisiológica, mas *histórica*, em termos culturais e funcionais.

As dificuldades resultantes desse terceiro problema são responsáveis pela afirmação de que “as ‘causas’ das mudanças linguísticas são desconhecidas”. No sentido mais geral, as “causas” são perfei-

tamente conhecidas e observáveis no cotidiano, pois coincidem com as condições do falar e pertencem à experiência corrente de todo falante. Noutro sentido, como determinações culturais e funcionais, as “causas” das mudanças são dedutíveis das condições gerais da língua, podendo ser também investigadas para toda língua histórica (desde que suficientemente documentada).

Mas, também a esse respeito, segundo Coseriu, há uma confusão entre *inovação* e *mudança*. Os tipos de inovação são conhecidos de um modo geral, mas a inovação inicial específica não pode ser estabelecida para cada mudança em particular, já que é impossível chegar até o indivíduo inovador e ao próprio momento da inovação. Sobre esse aspecto, é possível levantar hipóteses mais ou menos plausíveis. O que se costuma ignorar, em cada caso, portanto, é um *fato histórico particular*, que constitui, então, uma dificuldade *empírica*, e não uma “razão” de ordem geral. Assim, a possibilidade de levantar hipóteses plausíveis e até certo ponto documentáveis significa o conhecimento das “causas” gerais das inovações. Além disso, o autor ressalta que essa dificuldade empírica também não altera o fato de que a mudança tenha começado por um *ato criativo individual*. Uma vez adotadas e difundidas, as inovações individuais correspondem a exigências expressivas interindividuais. Diante de tudo isso, embora anônimas, as criações linguísticas não são nem impessoais nem coletivas.

Sendo assim, o problema histórico da mudança não é estabelecer *como começou* um determinado modo linguístico, mas estabelecer *como se constituiu* e *como se pôde constituir* como tradição, ou seja, de que maneira e em que condições culturais e funcionais inseriu-se e pôde inserir-se num sistema de modos já tradicionais (Coseriu, 1979, p.132). Percorrer esse caminho é exatamente o que pretendo fazer neste livro, somando a essa questão uma observação que procura particularizar diferentes *tradições*.

O duplo equívoco, em relação à mudança linguística, é a confusão entre os três problemas, ou pelo menos entre dois deles: o da mutabilidade das línguas (problema universal) e o das mudanças genéricas, e o fato de colocar o mesmo problema, erroneamente uni-

ficado, em termos de causalidade exterior. Um dos aspectos dessa confusão, aquele considerado mais curioso por Coseriu, é o de pressupor que a mudança linguística deveria ter *uma única causa* genérica. Mas, na verdade, a mudança não é um fenômeno único no nível genérico: único e universal é o fato de que as línguas mudam e, por ser universal, esse fato não pode ter uma explicação genérica. Sendo assim, se a mudança pudesse ter uma causa exterior, como fato universal, essa causa deveria ser também universal. No nível genérico, a mudança constitui um fenômeno múltiplo e, por conseguinte, se tivesse causas, essas também seriam múltiplas.

Coseriu destaca também a confusão entre os níveis genérico e histórico da mudança linguística. Enquanto fatos históricos particulares, a mudança não pode ser explicada universal ou genericamente, mas, sim, em sua particularidade. É verdade que também na história é possível generalizar, mas se trata de uma generalização formal e não material. Além disso, a identidade material entre as mudanças ocorridas em línguas e momentos históricos distintos não implica a identidade de suas causas históricas, isto é, dois fatos históricos materialmente idênticos em línguas ou momentos diversos de uma mesma língua podem ter explicações históricas diferentes e até opostas.

Em relação às atitudes causalistas e às confusões que elas implicam, é preciso distinguir fatos naturais e fatos culturais, e, conseqüentemente, ciências físicas e ciências humanas, uma vez que os postulados da primeira não se aplicam aos objetos da segunda (salvo o que diz respeito à descrição do material). No âmbito dos fenômenos da natureza é coerente a busca por uma necessidade exterior, ou *causalidade*; já nos fenômenos culturais é coerente, ao contrário, a busca por uma necessidade interior, ou *finalidade*. Isso leva a entender que a linguagem pertence ao domínio da *liberdade* e da *finalidade* e que, portanto, os fatos linguísticos não podem ser interpretados como causais. Desse modo, Coseriu não está opondo duas *concepções sobre os fatos*, mas *duas ordens de fatos* que são radicalmente distintas.

Levando em conta essas considerações, chego à conclusão de que as causas da mudança, entendidas como externas e necessárias,

não existem. As mudanças linguísticas têm, sim, *motivação*, a qual pertence ao plano da finalidade, da causalidade subjetiva ou livre. Já que o falar é uma atividade livre e finalista, não pode, como tal, ter causas externas ou naturais, tampouco pode tê-las a mudança, que é o próprio fazer da língua por meio do falar. O que pode e deve ser feito, diante disso, não é buscar causas naturais e exteriores à liberdade, mas procurar justificar finalisticamente o que é realizado pela liberdade nas condições históricas específicas e comprovar de que modo o que é criado se determina indiretamente como necessidade ou possibilidade, pelas deficiências da língua anterior à mudança.

Nessa direção, a finalidade se realiza de maneira espontânea e imediata em relação a uma necessidade expressiva, e não com o propósito deliberado de mudar a língua interindividual. Corresponde, pois, a um tipo de motivação e se enquadra no conceito geral de *causa*, “tudo aquilo pelo qual alguma coisa é produzida, é modificada ou anulada”. Segundo Coseriu, Aristóteles distingue quatro causas: (i) aquilo que faz ou produz alguma coisa (o agente: *motor próximo* ou *causa eficiente*); (ii) aquilo com o qual se faz alguma coisa (*matéria* ou *causa material*); (iii) a ideia daquilo que se faz (*essência* ou *causa formal*); e (iv) aquilo em vista do qual se faz alguma coisa (*causa final*). Assim, a *finalidade* (*causa final*) é uma causa que só pode ocorrer se o *motor próximo* for um ente dotado de liberdade e intencionalidade. Nesse sentido, não é contraditório dizer que a mudança linguística tem *causas*, já que apresenta, sim, as quatro causas aristotélicas: o fato linguístico novo é feito por alguém (causa eficiente), com alguma coisa (causa material), com a ideia do que se faz (causa formal) e para alguma coisa (causa final). Portanto, segundo Coseriu, quando se diz que a mudança linguística não tem *causas*, entende-se apenas que não as tem realmente no sentido naturalista (causas objetivas, naturais, exteriores à liberdade).¹⁶

16 A utilização e criação inteligente dos meios expressivos podem ser reinterpretadas como *princípio de economia*, correspondente a um princípio finalista, que pode implicar um esforço menor ou maior na criação de novos meios. Entretanto, dadas as conotações mecanicistas, convém substituir esse princípio por um *princípio de eficiência técnica*, ou por um *princípio geral da necessidade expressiva*.

Resumidamente, a mudança linguística tem uma *causa eficiente*, que é a liberdade linguística, e uma *razão universal*, que é a finalidade expressiva dos falantes. No nível genérico, cabe a tarefa de estabelecer os tipos gerais de circunstâncias, modalidades e finalidades expressivas segundo as quais as mudanças costumam ocorrer. No nível histórico, trata-se sempre de uma finalidade determinada, desses e daqueles falantes, que atuam em circunstâncias históricas também determinadas.

Assim, a finalidade, enquanto *causalidade subjetiva*, não pode ser conhecida senão subjetivamente, i.e., a pergunta que deve ser feita, em cada caso particular, é *com que finalidade eu, dispondo de tal sistema determinado, e estando em tais e quais circunstâncias históricas, transformaria A em B, abandonaria o elemento C e criaria o elemento D?* (Coseriu, 1979, p.176). Com isso, não estou afirmando que qualquer explicação finalista é correta, mas apenas que seu princípio é correto.

Nessa direção, o axioma estruturalista deve ser repellido, pois implica uma oposição inadmissível entre *tradição* e *sistema*. A língua não é primeiro sistema e depois tradição, ou vice-versa, mas é, ao mesmo tempo, *tradição sistemática* ou *sistema tradicional*. Assim, a explicação histórica e a estrutural não são excludentes, mas complementares: enquanto a primeira assinala a eventual origem exterior de um fato linguístico, a segunda justifica sua integração funcional no sistema considerado. Vale lembrar que nenhuma das duas explica a mudança, porque entre o material e o sistema está a liberdade linguística dos falantes, que, em determinadas condições sistemáticas, adotam esse material para a realização de uma determinada finalidade expressiva.¹⁷

De modo sintetizado, de toda a reflexão coseriana, extraio alguns pontos imprescindíveis para o tratamento da mudança linguística:

(i) a língua está sempre sincronizada com seus falantes, coincidindo

17 A linguística histórico-cultural comete o erro, segundo Coseriu, de considerar a língua simplesmente determinada pela cultura extralinguística, esquecendo que ela, além de refletir toda essa cultura, é uma zona essencial da cultura, com tradição, estrutura e normas próprias (1979, p.185-186).

com a história deles, o que não significa que não deveria mudar, já que mudar é condição para continuar funcionando;

(ii) o sistema é em si imutável no sentido de que não tem em si mesmo a causa da mudança nem se desenvolve por si mesmo; ele é feito pelos falantes de acordo com as suas necessidades expressivas;

(iii) a língua muda sem cessar, mas a mudança não a destrói e não a afeta no seu *ser língua*, que é mantido sempre intacto. Ela se faz mediante a mudança e morre quando deixa de mudar;

(iv) a mudança na língua não é alteração ou deterioração, como diria a terminologia naturalista, mas reconstrução, renovação do sistema que assegura, assim, a sua continuidade e o seu funcionamento;

(v) o sistema, enquanto *sistema de possibilidades*, mantém-se sempre além da sincronia, e essa persistência no tempo significa o próprio sinal da sua historicidade;

(vi) a língua se faz historicamente e não cotidianamente, dentro de um quadro de permanência e continuidade, enquanto *objeto histórico* que é.

1.3 Uma abordagem da mudança linguística: a gramaticalização

A GR pode ser concebida como modelo conceitual/paradigma ou como processo. Na condição de modelo conceitual, é definida como a parte do estudo da linguagem que focaliza como surgem formas/construções gramaticais, como são usadas e como formam a língua. O modelo da GR relaciona-se com a questão de discretude entre os limites categoriais e com a interdependência entre estrutura e uso, entre o fixado e o menos fixado na língua (Hopper; Traugott, 1993, p.1). Segundo Heine (2003, p.578), a teoria da GR admite que a motivação principal para os processos de GR é o sucesso da comunicação. Para isso, uma estratégia sobressalente é a utilização de formas linguísticas associadas a significados concretos, facilmente acessíveis e/ou claramente delineáveis, para expressar conteúdos menos concretos, menos facilmente acessíveis e/ou menos claramente

delineáveis. Assim, expressões linguísticas lexicais ou menos gramaticais são pressionadas a servir à expressão de funções mais gramaticalizadas.

Portanto, GR é também um processo por meio do qual expressões de significados concretos são usadas para codificar significados gramaticais, de forma unidirecional em essência. Vale ressaltar, ainda, que itens linguísticos requerem contextos específicos e construções para passar por GR, por isso, a GR, como teoria, está também interessada no ambiente pragmático e morfossintático em que a GR, como processo, ocorre.

Enquanto processo, posso considerá-la a partir de uma perspectiva *diacrônica*, que focaliza relações entre fonte, percurso e meta; *sincrônica*, que focaliza a fluidez dos padrões linguísticos a partir de um enfoque pragmático-discursivo e sintático; ou *pancrônica*, caracterizada pela interdependência entre *sincronia* e *diacronia*, em que subjaz o “método de reconstrução interna” (Traugott, 1982): sincronicamente, sentidos adjacentes são também diacronicamente adjacentes, de tal forma que sentidos que são fonte de polissemia/ambiguidade na perspectiva sincrônica serão fonte de derivação na diacrônica.

Tecnicamente, Heine (2003, p.578-579) menciona quatro mecanismos inter-relacionados na GR e cuja combinação particular caracteriza-a, rebatendo críticas, como a de Newmeyer (1998):

- (i) dessemantização (*bleaching*): perda de conteúdo semântico;
- (ii) extensão (ou generalização contextual): uso em novos contextos;
- (iii) recategorização: perda e ganho de propriedades morfossintáticas das formas fontes;
- (iv) erosão: perda de substância fonética e, em alguns casos, morfológica.

De acordo com Heine (2003, p.600), o fato de a GR envolver mecanismos relacionados a diferentes componentes da estrutura da língua tem sido usado para infirmar seu estatuto de teoria/paradigma/modelo conceitual (Newmeyer, 1998; Campbell, 2001a; Joseph, 2001a). O autor destaca, no entanto, sua posição de recusa da validade desse tipo de argumento a partir da constatação de que muitas teorias da linguagem fazem exatamente o mesmo, i.e., com-

binam fenômenos de naturezas distintas, como fonéticos, sintáticos, semânticos, dentro de um mesmo modelo teórico. No caso da GR, cada um desses mecanismos está relacionado a diferentes aspectos da estrutura ou do uso linguístico: (i) à semântica; (ii) à pragmática; (iii) à morfossintaxe; e (iv) à fonética. Nenhum deles é confinado à GR, mas articuladamente são responsáveis por ela, ou seja, são componentes diferentes de um mesmo quadro teórico usado na explicitação de um mesmo processo geral.

Ressalto, ainda, em relação aos mecanismos de (i) a (iv), que, embora alguns deles envolvam perdas de propriedades, há também ganhos: do mesmo modo que os itens linguísticos que passam por GR perdem em substância semântica, morfossintática e fonética, também ganham em propriedades características de seus usos em novos contextos (Heine, 2003, p.579). Existem, portanto, ganhos derivados do uso de um item em novos contextos que podem contrabalançar perdas de propriedades que ele pode sofrer, ou seja, ao requerer contextos específicos para tomar seu lugar, a GR deve ser descrita também como produto de inferências pragmáticas, enriquecimento pragmático, fortalecimento ou implicaturas conversacionais (Hopper; Traugott, 1993, p.163-177), ou reinterpretação induzida pelo contexto. Nessa direção, enquanto alguns casos de GR podem ser caracterizados como fenômenos marcados essencialmente por esse balanceamento entre perdas e ganhos, intrínseco ao próprio processo, outros podem caracterizar-se mais especialmente por ganhos, por causa da persistência de traços do item fonte no item alvo (Hopper, 1991), a depender da natureza pragmática, morfossintática, semântica e fonética das categorias envolvidas nesses dois estágios (ver, por exemplo, Lopes-Damasio, 2008).

A partir dessa definição e caracterização, destaco alguns princípios importantes da GR, discutidos de forma ampla na literatura linguística, em especial nos manuais voltados diretamente para o assunto (cf. Kortmann, 1997; Hopper; Traugott, 1993; Lehmann, 1995; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Traugott; König, 1991): (i) as categorias são consideradas como não discretas, apresentando uma heterogeneidade estrutural interna (camadas centrais – cama-

das periféricas), ligada a postulados básicos da linguística cognitiva. Um deles é, portanto, a noção de *continuum* ou *cline*. Metaforicamente, um *cline* é um arranjo linear que apresenta pontos focais determinados, nos quais características categoriais do fenômeno podem agrupar-se, e ao longo do qual toma espaço a ilustração didática de processos de transição/mudança e de aumento de gramaticalidade em GR, numa perspectiva diacrônica e sincrônica, respectivamente;

(ii) a visão pancrônica, frequentemente adotada nos estudos tipológicos e no âmbito da semântica cognitiva, transcende a dicotomia saussuriana *sincronia* vs. *diacronia*. Em relação à conjugação das perspectivas, sob o aspecto diacrônico, a GR é um processo que torna lexemas em formas gramaticais e formas gramaticais em formas ainda mais gramaticais (cf. Kurylowicz, 1965, p.52). Do ponto de vista sincrônico, a GR provê um princípio segundo o qual subcategorias de uma dada categoria lexical podem ser ordenadas, ou seja, que permite a organização de usos/padrões em ordem crescente de gramaticalidade;

(iii) o processo de GR, tal como é concebido e definido tradicionalmente, procede ao longo de um caminho como o hipotetizado por Givón (1979, p.209):

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO

A esse caminho, acrescento, ainda, a noção de gramática emergente de Hopper (1991) e a ideia de fortalecimento pragmático, correspondente às mudanças semânticas que resultam na convencionalização de implicaturas conversacionais, conforme a orientação dos trabalhos de Traugott (1982, 1989, 1995, 1999, 2003), Hopper e Traugott (1993), Traugott e König (1991) e Traugott e Heine (1991);

(iv) na mesma direção de Coseriu (1979), Lehmann (1995) afirma que, em GR, não se buscam as causas da mudança, mas suas possibilidades e modalidades, mediante as necessidades expressivas dos falantes;

(v) a polissemia representa outra aceitação teórica crucial nos estudos, sendo vista como consequência natural da GR e corresponden-

do a diagnósticos importantes para a determinação do grau de GR de um dado item/construção. Nessa direção, da perspectiva da GR, é metodologicamente essencial assumir a polissemia se existe uma relação semântica plausível, quer a forma pertença à mesma categoria sintática, quer não, porque, de outro modo, relações entre variantes mais ou menos gramaticalizadas da mesma forma não podem ser estabilizadas, nem diacrônica, nem sincronicamente;

(vi) por fim, ligando tudo o que foi dito de (i) a (v) com semântica cognitiva, metáfora e metonímia são reconhecidas como os dois principais processos, respectivamente, cognitivo e pragmático, motivadores das mudanças semânticas observáveis em GR.

Kortmann (1997, p.17-18) chama a atenção para a importância da semântica cognitiva como fonte de inspiração para estudos baseados na GR e destaca, como central, o conceito de *semantic relatedness*, fundamentado na busca de uma motivada descrição da polissemia, da mudança semântica observável e da ambiguidade pragmática, em termos de processos cognitivos fundamentais para trabalhar em comunicação e percepção humana de mundo (cf. Sweetser, 1990, p.1-5). Nesse domínio, estudos interlinguísticos são relevantes na reunião de evidências para o estabelecimento da relação semântica. A primeira maior porção de evidência será promovida por meio do exame interlinguístico de estruturas polissêmicas, seguido pela análise da mudança de significado, com o objetivo de constatar que sentidos anteriores muito frequentemente dão origem a sentidos posteriores no tempo. A hipótese subjacente é que esses dois tipos de evidências coincidem e constituem o chamado Princípio de Produtividade, cujo método correspondente é o da “reconstrução semântica interna” (Traugott, 1982), já mencionado.

Especificamente no domínio de conectivos adverbiais, esse princípio ilustra-se por desenvolvimentos semânticos como: simultaneidade > concessão, anterioridade > causa, ou posterioridade > preferência, observáveis em um grande número de línguas, em especial na Europa (cf. Kortmann, 1997). Traugott e König (1991) fornecem exemplos relevantes do inglês a partir dos casos de *while*, *since*, *before* ou *rather than*. Muitas dessas mudanças semânticas podem ser vis-

tas, justamente, como consequências de inferências pragmáticas que têm se tornado, nesses casos, convencionalizadas, mas que podem, em outros, permanecer apenas como leitura opcional numa determinada sincronia.

A partir dessa caracterização geral da GR como processo/paradigma teórico em intrínseca relação com a semântica cognitiva, passo a apresentar na sequência, com mais detalhes, as motivações cognitivas e comunicativas, vinculadas às mudanças metafóricas e metonímicas, a fim de destacar também o papel dos componentes pragmáticos.

Mudanças metafóricas e metonímicas em GR

Os estudos em GR que focalizam, prioritariamente, a mudança semântica do CONCRETO > ABSTRATO a partir de motivações cognitivas e comunicativas são mais recentes que aqueles que priorizam o enfoque da mudança categorial (predominante até a década de 1980).¹⁸ Enquanto as motivações cognitivas, relacionadas especialmente com a metáfora, atuam na resolução de problemas cognitivos, na dimensão lexical/etimológica, as comunicativas, relacionadas com a metonímia, atuam na resolução de problemas comunicativos, na tensa relação entre informatividade e relevância existente na dimensão discursivo-textual.¹⁹

18 A partir do traço comum de “ganho de informação gramatical”, algumas trajetórias são propostas com enfoque principal na mudança categorial: (i) a que considera o percurso LÉXICO > GRAMÁTICA, em que certos usos de um item lexical tornam-se gramaticais, ou em que certos usos de itens já gramaticais tornam-se mais gramaticais ainda (Meillet, 1965[1912]); (ii) a que considera o percurso DISCURSO > MORFOSSINTAXE a partir de uma onda cíclica, em que um uso originário do discurso pode passar a atuar na sintaxe, na morfologia, podendo chegar a zero, e, a partir de pressões contextuais, reiniciar o percurso (Givón, 1979).

19 Gorski, Rost e Dal Mago (2004) destacam que tanto a metáfora como a metonímia costumam ser tratadas pelos semanticistas como mecanismos cognitivos que precisam do contexto comunicativo para entrar em ação. Por outro lado, Hopper e Traugott (1993, p.77), por exemplo, consideram que alguns processos metafóricos podem ser entendidos como pragmáticos. Dessa forma, a adoção da distinção estabelecida por Gorski, Rost e Dal Mago, entre motivações cognitivas e comunicativas, apenas procura realçar as características básicas de cada mecanismo para a GR.

A metáfora supõe a direcionalidade da transferência de um significado mais concreto para um mais abstrato, a partir de processos, motivados por analogias e relações icônicas, que levam de um domínio cognitivo a outro, ou seja, promove a especificação de uma coisa mais abstrata e, portanto, mais complexa, em termos de outra, menos abstrata e menos complexa, não presente no contexto, num processo paradigmático (por exemplo: ESPAÇO > TEMPO). A metonímia, de caráter indicial, indica relações contextuais, permitindo que um significado seja especificado em termos de outro presente, explícita ou implicitamente, no contexto, induzindo, dessa forma, uma reinterpretação mediante implicaturas conversacionais que podem vir a se convencionalizar, a partir do processo sintagmático de reanálise (Hopper; Traugott, 1993; Traugott; König, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991).

Nessa caracterização, constato o caráter discreto da metáfora, distinguido a partir de uma abordagem mais distanciada, em diferentes domínios cognitivos (tal como exemplifica o *cline* ESPAÇO > TEMPO > TEXTO), em face do caráter contínuo da metonímia, distinguido a partir de uma abordagem aproximada, em movimentos contíguos que operam na transição de um domínio cognitivo a outro, contemplando as transferências graduais, com etapas de sobreposição, na transição de um domínio cognitivo A para um domínio B, e caracterizando estágios de ambiguidade (A/B), em que o mesmo item apresenta traços tanto de seu sentido menos como de seu sentido mais gramatical. Com base nesse modelo, denominado de metafórico-metonímico, por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), admito a atuação de ambas as forças no processo de GR: uma, pragmaticamente motivada, faz emergir significados e funções que se sobrepõem numa estrutura em cadeia (metonímia); e outra, cognitivamente motivada, relaciona domínios cognitivos (metáfora).

Estou propondo aqui que a metáfora corresponde ao processo que motiva as relações cognitivas em macronível, no sistema semântico das relações interoracionais, enquanto a metonímia responsabiliza-se por relações comunicativas em micronível, no interior de um mesmo sistema de relações interoracionais, ambas unidirecionais por natureza.

A inferência pragmática e a implicatura conversacional, envolvidas na metonímia, estão relacionadas, necessariamente, a falante e ouvinte e ao princípio do menor esforço. Essas estratégias determinam que o falante implique mais do que afirma, sob a determinação de não dizer mais do que o necessário, e que o ouvinte infra mais do que é afirmado, sob a determinação gerada pela expectativa de que o falante quer dizer mais do que é dito e que, portanto, é necessário incluir todas as implicaturas possíveis a fim de extrair o máximo de significado da mensagem. Por esse caminho, um significado que não estava inicialmente presente numa forma pode se tornar inerente a ela como resultado de uma implicatura convencionalizada (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994, p.285-288).

Hopper e Traugott (1993, p.75) destacam o papel da frequência e do contexto no processo de convencionalização de implicaturas que, inicialmente, surgem como implicaturas conversacionais, ressaltando, para tanto, também o papel de falante e ouvinte e da inferência pragmática na situação comunicativa. Para os autores, se alguma condição é preenchida frequentemente quando uma dada categoria é usada, num dado contexto, desenvolve-se uma forte associação entre a condição e a categoria, de forma que a condição torna-se inerente ao significado da categoria, via processo de motivação em que atuam, em competição, a *expressividade* e a *rotinização*.

Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.196; 283-284), a partir de seus estudos sobre tempo, aspecto e modalidade, propõem que a metáfora constitui um mecanismo de mudança semântica especialmente voltado para os estágios iniciais da mudança, quando o conteúdo é mais específico e concreto, enquanto a metonímia, chamada de inferência pelos autores, volta-se, diretamente, para os estágios adiantados da mudança, quando o conteúdo é mais gramaticalizado e abstrato. Assim, ao se tornarem mais erodidos, os significados ficam mais sujeitos à metonímia do que à metáfora, i.e., tornam-se sensíveis às pressões contextuais. Apesar dessa predisposição anunciada, os autores admitem que a mudança que toma lugar via metonímia pode estar presente em diferentes pontos ou momentos da trajetória, até mesmo no início do processo, chamando a aten-

ção, dessa forma, para a importância do contexto enquanto aspecto determinante a ser considerado como modelador do significado de itens/construções gramaticais.

Para comprovar o caráter questionável da associação da mudança via metonímia aos estágios finais do processo, a proposta de Heine (2003) discute os quatro mecanismos da GR e estabelece uma ordem entre eles, a saber: (1) extensão contextual; (2) dessemantização; (3) recategorização, e (4) erosão, propondo a atuação da metonímia bem antes da erosão, portanto, nos estágios mais iniciais do processo. Nesse sentido, admito que a metonímia pode tomar lugar em qualquer etapa do processo de mudança via GR, mesmo em seus estágios iniciais, preconizando, dessa forma, o papel essencial do contexto linguístico-pragmático na abordagem de fenômenos dessa natureza.

A GR de juntores de base adverbial

O significado da GR para o desenvolvimento de juntores, a partir de fontes de natureza adverbial, poderia ser bastante evidente, dado que um traço característico dos juntores é a polissemia e/ou a polifuncionalidade sintática. É típico que se desenvolvam – direta ou indiretamente – de membros de categorias lexicais tradicionais, correspondentes às palavras de conteúdo, integradas ao componente proposicional da linguagem. Isso já havia sido ressaltado por Meillet (1965[1912]), quando ele afirma haver uma diversidade infinita de fontes para conjunções e não haver parte da fala que não possa originá-las (cf. também Kortmann, 1997; Hopper; Traugott, 1993).²⁰

Mesmo que a classe de palavras fonte de juntores qualifique-se como uma categoria já gramatical (tal como advérbios, por exem-

20 Diferencio, aqui, *juntores de base adverbial*, aqueles que se gramaticalizam a partir de advérbios, preservando, muitas vezes, traços adverbiais (esse tipo de fonte adverbial é muito produtivo, em relação a outras tantas fontes de juntores), de *juntores adverbiais*, aqueles que, independentemente da fonte, quando gramaticalizados, estabelecem relações de sentido, tradicionalmente denominadas de *adverbiais*, podendo se realizar, na sintaxe, por meio da parataxe ou da hipotaxe, por vezes, de forma fluida.

plo), o desenvolvimento que aponta a emergência de juntores de base adverbial, sejam os de função paratática ou hipotática, os faz “mais gramaticais ainda”. Além disso, o caminho percorrido por esse desenvolvimento é irreversível, no sentido de que juntores não desenvolvem usos como formas menos gramaticalizadas, assumindo, portanto, a unidirecionalidade da GR.

Nessa perspectiva, Kortmann (1997, p.22) relaciona as pesquisas que demonstram o desenvolvimento de juntores adverbiais na escrita, nos moldes previstos pela GR, principalmente sobre o desenvolvimento de: (i) juntores causais, condicionais, concessivos e concessivo-condicionais (cf. artigos de Haiman, 1988; Harris, 1988; Traugott; König, 1991); (ii) participípios e *serial verbs*, em línguas não europeias, para subordinadores adverbiais (Givón, 1975; Kortmann, 1992; Kortmann; König, 1992); e (iii) complementizadores, subordinadores de propósito e/ou causais de verbos (significando *say*) (Saxena, 1988; Ebert, 1991). Além desses exemplos, Kortmann cita a afirmação de que relações interoracionais, como as expressas por marcadores de caso (adposições) ou por juntores adverbiais, podem ser arranjadas em um *cline* de GR, com diferentes graus de “informatividade” ou “riqueza semântica”, podendo ser vistas, ao mesmo tempo, como um canal de inferências (Traugott; König, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991).

Assim, Concessão pode ser considerada mais gramaticalizada do que Causa ou Condição; estas últimas, mais gramaticalizadas do que Tempo, e Tempo mais gramaticalizado do que Espaço. De forma similar, também Modo em relação a Instrumento.²¹ Algumas das evidências para tais caminhos podem ser encontradas na história, a partir da análise na perspectiva diacrônica, nas mudanças semântico-cognitivas e nas informações sobre inferências pragmáticas, em dependência contextual.

Resta ainda apresentar duas hipóteses, propostas por Kortmann (1997, p.23), que serão adotadas neste trabalho:

21 Essas noções serão mais bem esclarecidas no Capítulo 3, “Sobre a junção de orações”.

- (i) a hipótese de que há diferentes graus de “informatividade” ou “complexidade cognitiva” inerente às relações interacionais;
- (ii) a hipótese da organização do espaço semântico de relações interacionais em uma macroestrutura e em uma microestrutura, envolvendo relações interacionais cujos sistemas podem ser iluminados por modelos polissêmicos, em perspectiva sincrônica, e por caminhos de mudança semântica, em perspectiva diacrônica.

A GR de marcadores discursivos de base adverbial

Baseados em uma interpretação da unidirecionalidade da trajetória *discurso* > *morfossintaxe*, basilar para a GR, e na existência de fenômenos de mudança especialmente determinados por fatores de ordem pragmática, alguns estudiosos (Martelotta; Nascimento; Costa, 1996; Martelotta, 2004; Vincent; Votre; LaForest, 1993) postularam a existência de outro processo de mudança, chamado de *discursivização* (*pós-gramaticalização* ou ainda *pragmatização*), responsável pela emergência de itens denominados de Marcadores Discursivos (MDs), voltados para o processamento discursivo e para as relações eminentemente interacionais.

Contudo, Traugott (1995) contorna a dificuldade de explicar, no âmbito da GR, a passagem de itens supostamente mais gramaticais para o âmbito discursivo, adicionando à definição de GR o componente pragmático,²² na seguinte formulação: “processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical” (Traugott, 1995, p.1). Para enfatizar também as questões estruturais envolvidas nesse processo, a autora defende a pertinência de um *cline* adicional, em relação aos nominais e verbais considerados básicos na teoria da GR:

item lexical pleno > *sintagma adverbial* > *advérbio sentencial* > *MD*

22 Já considerado, entretanto, imprescindível para o processo, desde seus estudos em 1982.

De acordo com esse *cline*, um advérbio modal desloca-se de sua típica posição interna na oração, ou seja, de dentro do predicado, no qual possui um escopo estreito, e, pragmaticamente, seja qual for sua posição, assume um escopo largo, enquanto advérbio sentencial, avaliando pragmática e semanticamente o conteúdo da sentença. Assim, a autora propõe uma interação entre sintaxe, semântica e pragmática, exemplificada a partir do desenvolvimento dos MDs *indeed*, *in fact* e *besides*, do inglês, aqui exemplificados por *in fact*:

(a) <i>For the whiche noble facte, the kynge created hym afterwarde Duke of Norfolke.</i>	SN pleno, significando "feito"
(b) (...) <i>In whatever light you may consider it, this is in fact a solid benet (...)</i>	SN pleno, significando "de fato"
(c) (...) <i>Every particle eludes the grasp by a new fraction, like quicksilver, when we endeavour to selze it. But as in fact there must be something which terminates the idea of every finite quantity (...)</i>	Advérbio de sentença, com valor contrastivo
(d) (...) <i>I should not have used the expression. In fact, it does not concern you.</i>	MD, com função elaborativa

Em algumas línguas, como o inglês e o português, esse *cline* envolve um aumento do escopo e da liberdade sintática e, por essa razão, a violação do princípio de fixação sintática e redução do escopo, frequentemente associado à GR (Lehmann, 1995[1982], p.164). Essa característica pode ser observada, juntamente com outras destacadas por Traugott (1995, 2003), no caso da emergência do MD *assim* (Lopes-Damasio, 2008), ilustrada na trajetória a seguir:

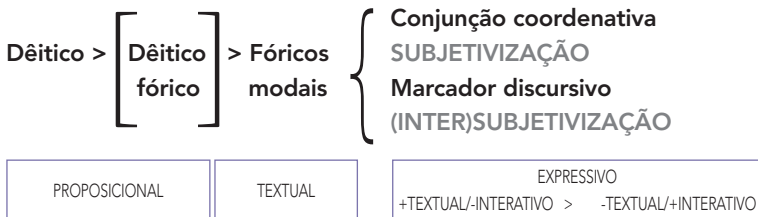


Figura 1.1 A trajetória de mudança de *assim* (Lopes-Damasio, 2008, p.237).

O agrupamento de outras características, também estruturais, tradicional e largamente atestadas em GR, e ilustradas a partir da trajetória indicada anteriormente, é formado: (i) pela recategorização: mudança de classe gramatical envolvida no processo (advérbio > conjunção/MD); (ii) pela redução fonológica: redução segmental do item em questão (no caso da trajetória, restrita a aspectos prosódicos, por conta da própria natureza do item – travado por sílaba nasal); e (iii) pela generalização: extensão do significado de forma que torna acessíveis mais e mais domínios polissêmicos. Além disso, ilustra características reconhecidas mais recentemente, tais como: (i) o aumento de pragmática: o item envolvido no processo move-se ao longo de um *cline* que parte de *funções referenciais* em direção às chamadas *funções não referenciais*, ilustrando um movimento unidirecional que se inicia, portanto, na referência original, específica e concreta, em direção ao aumento de referências gerais e abstratas (como os usos mais à direita do *cline*); e (ii) a (inter)subjektivização: crescente associação do significado com as atitudes do falante e do ouvinte (como os usos do item como MD). Dessa forma, Traugott (1995, 2003) sugere que tais características podem ser consideradas mais salientes para a GR do que a própria diminuição da liberdade e do escopo sintático.

Essa abordagem leva a entender o discurso como componente essencial no processo que pode desencadear a mudança. No entanto, não é correto, segundo Traugott (2003), entendê-la no sentido DISCURSO > SINTAXE, mas ao contrário: a partir da sintaxe já existente, via usos pragmáticos no discurso, tem-se uma nova sintaxe, operando diferentemente a partir de funções mais específicas. Em muitos casos, há um novo recrutamento de estruturas morfossintáticas já existentes na língua.

Diante disso, Traugott (1995, 2003) defende a existência de razões para incluir os MDs na teoria da GR, assim como para manter a unidirecionalidade, ainda que diferenciada dos *clines* clássicos, como os nominais e verbais, já largamente atestados.²³

23 Para uma discussão completa sobre *gramaticalização* vs. *discursivização* na abordagem da emergência de MDs, ver Lopes-Damasio (2008), Capítulo 2.

Para entender essas razões, retomo a constatação de que a mais recente hipótese associada com o trabalho de Bybee (2003), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Sweetser (1988, 1990), da própria Traugott (1982, 1989, 1995, 2003), de Traugott e König (1991), de Hopper e Traugott (1993) e de muitos outros é a de que existe, paralelamente à mudança semântica, um ganho de significado pragmático, à medida que o processo se estende para a direita do *cline proposicional* > *textual* > *expressivo*, e não apenas uma perda de significado (*bleaching*).

Dessa forma, segundo a leitura que Traugott (1989, 1995, 1999) realiza de vários outros trabalhos, tais como os de Heine, Claudi, Hünemeyer (1991); Andersen (1993), Pagliuca (1994), parece claro que em determinados estágios desse processo o significado pragmático e a expressividade (inter)subjativa aumentam.

Tomando como base Traugott (2003), considero, como pré-requisito, a conceituação da categoria em questão. Nessa direção, retomando Schiffrin (1987, p.31), os MDs são definidos como itens que agrupam unidades do discurso. Por sua vez, Fraser (1999) os define como

[...] uma classe pragmática de expressões lexicais tiradas das classes sintáticas de conjunções, advérbios e sintagmas proposicionais. Com certas exceções, sinalizam uma relação entre o segmento introduzido, S2, e o segmento principal, S1. Eles têm um significado central que é procedural, não conceitual, e suas interpretações mais específicas são “negociadas” no contexto linguístico e conceitual. (p.950 [tradução minha])²⁴

Conforme essa definição, tais itens tendem a apresentar caráter polissêmico, ou seja, a mesma forma pode desempenhar funções distintas, mesmo em estágios distintos de GR. Marcuschi (1989, p.282)

24 [...] a pragmatic class, lexical expressions drawn from the syntactic classes of conjunctions, adverbials, and prepositional phrases. With certain exceptions, they signal a relationship between the segment they introduce, S2, and the prior segment, S1. They have a core meaning which is procedural, not conceptual, and their more specific interpretation is “negotiated” by the context, both linguistic and conceptual.

aponta duas grandes propriedades que atuam, simultaneamente, no funcionamento dos MDs: (i) *intratextuais*, organizando a cadeia linguística, no âmbito textual; e (ii) *interacionais*, indicando atos interlocutórios e relações interpessoais.²⁵ A sobreposição de (i) e (ii) caracteriza um *continuum* que se estabelece na distribuição gradiente das funções: para certos fenômenos, estariam mais proeminentes os aspectos interacionais; para outros, os aspectos textuais. A partir dessa caracterização, os MDs serão considerados partículas que congregam funções textual-interativas, de forma não dicotômica.

Sob tal perspectiva, a função dos MDs é exatamente permitir que os falantes exibam sua apreciação, não só em relação ao conteúdo do que é dito, mas também do caminho em que é apresentado; em outras palavras, realizam uma função de ordem metatextual. Sendo assim, da ausência de um MD não resulta uma sentença agramatical e/ou ininteligível, mas remove, segundo Fraser, um poderoso indício sobre o compromisso que o falante faz a respeito da relação entre o enunciado corrente, o discurso prévio (ou principal) e o contexto interacional.

No que tange à liberdade sintática conferida àqueles elementos cujo propósito é textual-interativo, Traugott (1995) presume que ela não ocorra em todas as línguas. Em relação ao português, a análise de alguns MDs (por exemplo, o MD *assim*) no desempenho de funções específicas apresenta suas localizações prototípicas e até mesmo restrições sintáticas, mostrando que, apesar de não haver uma fixação completa do item em contextos altamente restritos, não há também uma total liberdade.

25 Essa também é a perspectiva adotada por Risso, Silva e Urbano (1996).

“Para onde olhar...”

Este primeiro capítulo deu início à parte em que defino diferentes aspectos do posicionamento teórico assumido. A fim de recompor o caminho que leva a questão da mudança ao ostracismo, na discussão, fundamentada em Coseriu (1979), apresentei três problemas relacionados à mudança linguística, chegando a um “olhar” esclarecido acerca dos importantes conceitos de *diacronia*, *sincronia* e *história*. Destaquei também, a partir de Coseriu, o conceito de língua como *atividade*, o que justifica a adoção de uma perspectiva textual de orientação interacional, em que o texto não é visto como *produto*, mas como um *processo* que se fundamenta em relações textuais e interacionais não dicotômicas.

Nesse paradigma, que considera a língua como atividade concreta, a GR é vista enquanto: (i) teoria, que focaliza o modo como as formas gramaticais/construções surgem, são usadas e formam a língua (nível genérico); e (ii) processo, por meio do qual expressões de significados lexicais/concretos são usadas, em contextos específicos, para codificar significados gramaticais/abstratos, a partir de implicações para a estrutura relacionada, de forma unidirecional em essência e em intrínseca relação com a semântica cognitiva, de acordo com as motivações cognitivas e comunicativas, vinculadas às mudanças metafóricas e metonímicas, a fim de destacar também o papel dos componentes pragmáticos (nível histórico).

Nessa perspectiva, o percurso de GR, tanto na apreensão da emergência de jutores como de MDs de base adverbial, também será enxergado a partir do balanceamento de funções textuais e interativas, em graus distintos de proeminência, de acordo com as características contextuais.

2 TRADIÇÃO DISCURSIVA

2.1 Considerações iniciais

Este capítulo está centrado no conceito de Tradição Discursiva (TD) e, embora localizado na Parte I deste trabalho, juntamente com outros capítulos em que defino o posicionamento teórico assumido, apresentará também aspectos de ordem metodológica. Isso porque o conceito de TD, tal como o adoto aqui, determina não apenas uma postura teórica específica diante dos textos, enquanto espaço de materialização da realização da língua concreta, viva e em contínuo fazer-se, como também determina uma postura indicativa do modo como esses textos, nessas condições, serão tratados.

Com esse objetivo, em um primeiro momento, a Seção 2.2 tratará de esclarecer o conceito de TD a partir do ponto de vista da teoria da linguagem, especificamente relacionado à perspectiva de Coseriu (1979), apresentada no Capítulo 1. Em seguida, as seções 2.3 e 2.4 determinarão o papel das TDs nos processos de mudança linguística e, por fim, a relação entre TD e gramaticalização. Para tanto, baseio-me, sobretudo, em trabalhos realizados no âmbito da romanística alemã (Koch, P. 2008; Kabatek, 2008, 2005a, 2005b, 2005c, 2004, 2000).

2.2 Tradição Discursiva: reflexão e definição

Dada a ainda recente introdução do paradigma das TDs na linguística contemporânea, Kabatek (2008, p.7) destaca a aparente ênfase em um fato absolutamente óbvio, representado na afirmação de que os textos têm uma história, constitutiva das TDs, relevante na hora de escrever/falar, e, por isso, deve ser considerada na descrição linguística, incluindo a gramatical. Segundo o autor, é exatamente essa obviedade que tem dado lugar ao êxito desse conceito nos últimos anos e, da mesma forma, provocado certa desconfiança. Enquanto o êxito se deve ao fato de que tal conceito parece fornecer uma “chave de solução” para muitos fenômenos linguísticos, a desconfiança baseia-se na suspeita de que algo tão evidente dificilmente tenha sido ignorado no passado, sobretudo pela linguística do texto, pela pragmática, pela análise do discurso e por disciplinas em que são amplamente estudadas, de modo geral, questões como tipologia textual, gêneros, intertextualidade, evocações provocadas por determinadas constelações etc.

A fim de tentar dissolver tal desconfiança, percorro um caminho que leva, aos poucos, à construção da definição do conceito de TD. Nessa direção, Kabatek (2008, p.7-8) chama a atenção para a predominância da linguística sincrônica, a partir do postulado saussuriano, como marca das correntes em maior destaque no século XX e como responsável pela marginalização de numerosos aspectos da linguagem. As grandes mudanças paradigmáticas, como a “virada sociolinguística”, a “virada pragmática” e a “virada cognitiva”, representam tentativas de recuperar o que, conscientemente, foi excluído por Saussure, pelas linguísticas sistêmica e formal. Desse modo, esses novos paradigmas recuperam algo excluído por doutrinas anteriores, mas não algo ignorado por elas. Ao mesmo tempo, Kabatek destaca que a novidade desses paradigmas encontra-se justamente na conceitualização predominante dos objetos.

Adotando, portanto, a concepção coseriana de língua, Kabatek (2008) apresenta a hipótese da teoria das TDs: “que a história de

uma língua não apresenta só variação em nível de dialetos, sociolectos ou estilos, mas que a língua varia também de acordo com as tradições dos textos [...]” (Kabatek, 2008, p.8 [tradução minha]).¹ Isso significa que os textos não apenas apresentam seus elementos formais, suas características de gênero x ou y ou marcas de um tipo determinado de estruturação, mas também “podem condicionar” a seleção de elementos procedentes de diferentes sistemas. Nessa direção, esse mesmo funcionamento, válido para a história das línguas, aplica-se também à sincronia atual, que deve ser reconsiderada a partir da perspectiva histórica, e não vice-versa. Assim, Kabatek (2008, p.9) propõe que uma linguística histórica que não considere a diversidade textual deve ser avaliada como redutora e parcial, já que parte de uma linguística sincrônica igualmente redutora, por natureza. Tal redução levará a numerosos problemas, entre os quais o mais relevante é o de dificultar a explicação da mudança linguística. Uma linguística histórica dessa índole se limitará, sempre, a fantasiar possíveis acontecimentos – sejam eles históricos, sociais, cognitivos, formais, estruturais etc. – que supostamente tenham ocorrido entre dois estados sincrônicos.

Nessa perspectiva, a noção de TD nasce, teoricamente, dentro desse panorama, basicamente fundamentando na concepção coseriana de linguagem. Em seu enfoque da teoria da linguagem, Coseriu (1979) propõe três níveis do linguístico:

NÍVEL		TIPO DE SABER
Universal	Atividade de falar	Saber elocucional
Histórico	Língua histórica particular	Saber idiomático
Atual ou Individual	Discurso	Saber expressivo

Quadro 2.1 Níveis do linguístico (Coseriu, 1979).

1 “que la historia de una lengua no presenta solo variación a nível de dialectos, sociolectos o estilos sino que la lengua varía también de acuerdo con las tradiciones de los textos [...]”.

No nível *universal*, a linguagem é considerada como atividade do falar, enquanto fato antropológico propriamente dito, sem distinção histórica, i.e., o falar representa, segundo Coseriu, aspectos universais genericamente humanos, representa o “falar em geral”. No nível *histórico*, a linguagem é considerada como língua histórica particular (por exemplo, o espanhol, o português, o francês etc.), incluindo suas respectivas variedades, ou seja, cada falar é falar uma determinada língua particular. Na verdade, fala-se, sempre, em uma determinada tradição histórica. Por sua vez, no nível *atual* ou *individual*, a linguagem é considerada como “ato linguístico [...] de um indivíduo determinado numa situação determinada” (Coseriu, 1981, p.272 apud Koch, P. 2008, p.53). Dessa forma, o falar é sempre individual em duas perspectivas: por um lado, é sempre realizado por um indivíduo (não é um ato em coro). Por outro, é individual à medida que acontece respectivamente em uma determinada situação.² Kabatek (2005b, p.160), baseado em Coseriu (1988, p.70-71), chama a atenção para o fato de que se trata, em primeiro lugar, da *atividade* de falar em si, e não de seu *produto*.

De acordo com Koch, P. (2008, p.54), o Quadro 2.1, embora sistematize áreas fundamentais da investigação linguística e, assim, evite confusões entre os níveis de análise distintos, leva-nos a um problema: o que quer dizer “saber expressivo”? Partindo da definição dada anteriormente do nível *atual/individual* do discurso, será ilegítimo assinalar a ele um *tipo de saber*, porque, segundo Koch, o discurso é, na verdade, o lugar em que se aplica o saber linguístico. Como cada discurso é único e o saber implica a possibilidade de reprodução, *saber e discurso* serão incompatíveis (Koch, P. 2008, p.54).

Apesar disso, o autor destaca que o que Coseriu concebe como “saber expressivo” corresponde a uma categoria teórica muito importante e claramente distinta do “saber idiomático”, uma vez que abrange a capacidade do falante de produzir textos segundo tradições e modelos históricos. Como já demonstrava Schlieben-Lange

2 Para a denominação desse ato individual em uma determinada situação, além do termo *discurso*, em alemão, usa-se o termo equivalente *texto*.

(1993), as tradições históricas de textos ou discursos são logicamente independentes das tradições das línguas particulares. A partir dessa resposta, Koch (2008, p.54) propõe uma modificação no Quadro 2.1, incluindo o que Coseriu chama de saber expressivo, mas sem confundir nem o saber com o atual, nem o idiomático com o expressivo:

NÍVEL	DOMÍNIO	TIPOS DE REGRAS
Universal	Atividade de falar	Regras elocucionais
Histórico	Língua histórica particular	Regras idiomáticas
	Tradição discursiva	Regras discursivas
Atual ou Individual	Discurso	

Quadro 2.2 Níveis e domínios do linguístico (Koch, P. 1997, p.45 apud Koch, P. 2008, p.54).

É introduzido, nesse esquema, o domínio das TDs, que pertence ao nível *histórico*, mas, apesar de se constituírem como tradições históricas, distinguem-se, claramente, das línguas históricas particulares. Por exemplo, o editorial, como TD, pode ser praticado, enquanto tradição, em diferentes línguas humanas. Dessa forma, justifica-se a duplicação do nível histórico para o acréscimo do domínio das TDs. Koch elege ainda o aspecto da regra para melhor esclarecer o estado de discurso: no nível *universal*, elas correspondem às regras *elocucionárias*; no nível da *língua histórica*, às regras *idiomáticas*; e às regras do domínio das TDs, o autor denomina *discursivas*. Também fica claro, a partir desse novo esquema, o fato de não poder haver um tipo específico de regra no nível do discurso, que corresponde ao ambiente em que os falantes aplicam regras elocucionárias, idiomáticas e discursivas.

Assim, a fala corresponderia a uma atividade universal, cuja prática atravessaria um duplo filtro de tradição, i.e., o objetivo do ato comunicativo precisaria sempre ser filtrado pela organização linguística, em que os signos são escolhidos seguindo as regras sintáticas de uma língua particular (de acordo com seu *sistema* e com a

realização comum de uma determinada *norma*, conforme Capítulo 1) e, concomitantemente, pela ordem textual, responsável pela atualização de determinadas TDs:

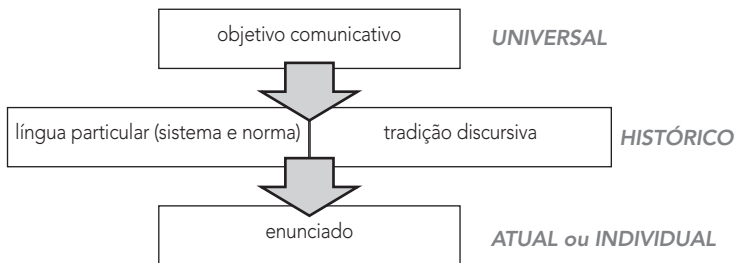


Figura 2.1 Tradições Discursivas (adaptada de Kabatek, 2005b, p.161).

De acordo com Kabatek (2005b, p.161), é preciso resolver a questão referente ao *status* das manifestações linguísticas no que tange à relação entre TD e língua, para esclarecer, de fato, a posição das TDs na teoria da linguagem. Para isso, o autor elenca, em primeiro lugar, a necessidade de definir, de modo mais pontual, o próprio conceito de *historicidade*, diferenciando, com base em Coseriu: (i) a historicidade linguística *stricto sensu* (historicidade da língua dada); (ii) a historicidade como tradição (i.e., recorrência) de determinados textos ou de determinadas formações textuais; (iii) a historicidade genérica, no sentido de uma “pertença à história”.

A historicidade da língua, em (i), ocupa um lugar especial, uma vez que se trata da historicidade do próprio homem como ser histórico. Enquanto língua particular, a língua é a história de uma comunidade internalizada no indivíduo. É a forma primária do ser comunitário e pressuposta para outras tradições culturais. Lembro que essa historicidade primária, condicionada por meio da alteridade, é própria apenas da língua como língua particular, na condição de técnica dada historicamente que permite ao indivíduo falante, após a sua incorporação via aquisição da linguagem, recriá-la, dentro de si, como técnica aberta que permite a ação linguística criativa.

O segundo tipo de historicidade, ao contrário, refere-se a todas as manifestações culturais que se repetem, incluindo as linguísticas. Segundo Kabatek (2005b, p.163-164) trata-se das tradições de uma comunidade, da recorrência na criação de objetos culturais, da possibilidade de se referir a fatos culturais anteriores, evocados em fatos novos por conta de semelhanças funcionais ou formais, ou mesmo por parcial harmonia. Ou seja, trata-se daqueles objetos culturais que, disponíveis em uma comunidade para a repetição, podem mudar em duas direções: ampliando ou particularizando o modelo anterior (Schlieben-Lange, 1983, p.138 apud Kabatek, 2005b, p.163). No que se refere à linguagem, como um objeto desse tipo, falo aqui de textos que estabelecem uma relação de tradição com outros textos. Essa tradição pode se dar, por um lado, pela repetição de uma determinada finalidade ou conteúdo textual e, por outro, pela repetição de certos traços formais. A recorrência de formas textuais compreende uma escala contínua que evidencia marcações de tradições mínimas até chegar a uma completa fixidez do texto.

Por fim, o terceiro conceito de historicidade refere-se a acontecimentos individuais, irrepetíveis e únicos, ou seja, o texto é visto a partir de sua individualidade ou particularidade. Trata-se do fato de que cada texto realizado é situacional, como acontecimento, historicamente, em um determinado lugar. De acordo com Kabatek (2005b, p.164-165), essa forma de historicidade poderia ser ignorada na questão da tradição linguística e textual, mas não o é porque está no centro da pesquisa filológica tradicional e, sobretudo, porque características funcionais ou formais de um texto individual servem como modelo para outros textos e, por esse motivo, um determinado texto também é parte da tradição e também pode ser visto dentro da historicidade em (ii).

Além dessas observações, a fim de reafirmar a distinção da historicidade das TDs em relação à historicidade das línguas históricas, P. Koch (2008, p.55) afirma que os grupos constitutivos das TDs são grupos profissionais ou religiosos, correntes literárias, movimentos políticos etc.; os grupos constitutivos das línguas históricas são comunidades linguísticas (Schlieben-Lange, 1983, p.139; 1990, p.116;

Koch, 1997, p.49). Há, dessa forma, uma importante diferença entre os dois: as línguas históricas – incluindo suas variedades – definem os grupos (i.e., as comunidades linguísticas), enquanto são os grupos (profissionais, religiosos, literários etc.) que definem as TDs (Coseriu, 1988, p.86; Kabatek, 2001, p.99). Todavia, tanto as línguas históricas como as TDs constituem tradições do falar.

O objetivo das linhas anteriores é de duas espécies:

(i) reforçar a singularidade e a precedência da historicidade linguística, que não pode ser situada no mesmo nível de outras historicidades e tradições. De acordo com Kabatek (2008, p.9), o conceito de TD enfatiza a tradição histórica dos textos, uma tradição separada, portanto, da historicidade primária dos sistemas linguísticos. Enquanto uma espécie de “segunda historicidade”, em face da primeira (ou primária), interiorizada como técnica livre para a produção de uma quantidade ilimitada de enunciados, esta segunda historicidade é limitada à medida que se refere apenas aos textos já produzidos em uma dada comunidade, ou seja, ao acervo cultural, à memória textual ou discursiva.

(ii) não duvidar, com isso, da importância das TDs para a teoria da linguagem, mas, diferentemente, justificar que sua situação adequada sob a perspectiva teórico-linguística é, antes de mais nada, ponto de partida para a descrição do que elas realmente são, como devem ser definidas e quais serão as consequências disso para a descrição histórico-linguística que não se limite à evolução de um sistema linguístico abstrato, mas que procure dar conta, ao mesmo tempo, das TDs (Kabatek, 2005b, p.168). Em outras palavras, as distinções propostas a partir do Quadro 2.2 são indispensáveis para compreender o fenômeno da mudança linguística em seu conjunto.

Todas essas considerações já deram uma noção do que entendo por TD. Segundo Oesterreicher (1997), uma TD consiste em moldes normativos, convencionalizados, que guiam a transmissão de um sentido mediante elementos linguísticos tanto em sua produção como em sua recepção. O termo “tradições discursivas”, por ser bastante generalizante para todos os elementos históricos designáveis e relacionáveis com um texto – textos particulares, tal

como atos individuais e irrepetíveis, certos tipos fundamentais de enunciação, ou atos de fala, certas formas textuais e determinadas constelações de atuação e de *entorno*³ –, abarca, conforme Kabatek, uma ampla gama de fenômenos. Por essa razão, em seus trabalhos, o autor propõe uma definição mais geral de TD, insistindo no fato de que não se trata de um sinônimo de *gênero*, *tipo textual* etc., mas de um conceito mais amplo que inclui todo tipo identificável de tradição do falar, também subgêneros ou tradições dentro de um mesmo gênero:

Entendemos por Tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo cuja repetição estabelece um laço entre atualização e tradição, isto é, qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (Kabatek, 2005a, p.159 [tradução minha])⁴

A partir dessa definição, o princípio da existência das TDs é visto como um princípio universal: falar não é só dizer algo a alguém de acordo com as regras de uma língua (seu *sistema* e sua *norma*), mas é também dizer algo segundo uma determinada tradição textual, que mostra como dizê-lo. De acordo com Kabatek (2004, p.252-253) esse princípio prescinde de maiores justificações, já que deriva do

3 Segundo Kabatek (2005b, p.38), esse termo foi introduzido, na linguística, por Karl Bühler e aproveitado por Eugenio Coseriu (1955-1956).

4 “Entendemos por Tradição discursiva (TD) la repetición de un texto o de una forma textual o de una manera particular de escribir o de hablar que adquire valor de signo propio (por lo tanto es significable). Se puede formar en relación con cualquier finalidad de expresión o con cualquier elemento de contenido cuya repetición establece un lazo entre actualización y tradición, es decir, cualquier relación que se puede establecer semióticamente entre dos elementos de tradición (actos de enunciación o elementos referenciales) que evocan una determinada forma textual o determinados elementos lingüísticos empleados.”

próprio princípio de economia da atuação humana. Segundo o autor, duas consequências derivam imediatamente desse princípio de existência das TDs:

- (i) um texto, que possui determinada finalidade expressiva, pode conter, de acordo com a TD em que se inscreve, *mais* elementos do que os estritamente necessários para que se cumpra sua finalidade expressiva, ou, ao contrário, *menos* elementos. Como exemplo, o autor cita o caso da fórmula *era uma vez* que não acrescenta nenhum conteúdo proposicional ao texto que segue, mas que, no entanto, o insere em uma tradição;
- (ii) as TDs por si mesmas possuem um valor semiótico próprio e funcionam como um *entorno* à parte. Mesmo sem acrescentar nada, informacionalmente, como no exemplo citado, estabelecem uma relação entre o texto e outros textos já ditos/escritos. Trata-se, pois, de modos de falar/escrever cuja função é transmitir uma informação que supera o conteúdo proposicional e o próprio valor modal, já que não derivam da enunciação atual, mas da relação que se estabelece entre essa enunciação e outras anteriores.

É possível pensar, com o autor, que o que funciona como TD é um *intertexto* no sentido estrito de um texto que se repete, como em *era uma vez*. Assim, ampliando o conceito de TD, Kabatek (2004, p.253-254) afirma que uma TD pode se formar a partir de qualquer elemento significável, tanto formal como de conteúdo, cuja reevocação estabelece um laço de união entre *atualização* e *tradições textuais*, i.e., qualquer relação possível de ser estabelecida semioticamente entre dois enunciados, seja a partir do próprio ato de enunciação, dos elementos referenciais, de certas características da forma textual ou dos elementos linguísticos empregados.⁵

As TDs implicam, então, a relação de um texto com outro em determinado momento histórico, via repetição, que pode ser total, parcial, ou marcada apenas pela repetição formal. Segundo Kabatek

5 Os elementos linguísticos que formam uma TD não se apresentam de forma isolada, mas, muitas vezes, em combinação com outros. Em diversas ocasiões, é precisamente a combinação de vários elementos que leva à formação de uma tradição (Kabatek, 2004, p.254).

(2005a), considerar as TDs de modo textual abrange apenas um dos seus aspectos, precisamente o que mais interessa. No entanto, a explicação desse aspecto preferencial depende da contraparte que o evoca. Assim, o autor propõe duas fases: a TD propriamente dita e a constelação discursiva que ela evoca. Nessa perspectiva, a TD adquire valor de *signo*, reconhecido por meio de outros signos que extrapolam os limites textuais:

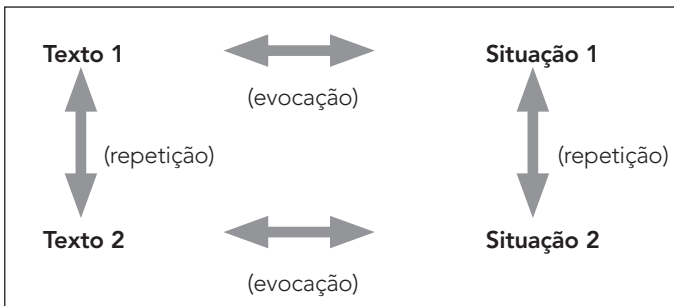


Figura 2.2 Evocação (adaptada de Kabatek, 2005a, p.158).

Apesar de uma TD associar-se à repetição de algo no tempo, nem toda repetição é uma TD, o que exige a especificação de algumas condições: (1) uma TD deve ser discursiva (linguística); (2) nem toda repetição é uma TD, mas toda TD implica uma repetição; e (3) toda repetição de conteúdo pode estar relacionada a uma TD, graças à *evocação*, embora não a configure pontualmente.

À parte dessas especificações, alguns autores enxergam, no conceito de TD, um sinônimo de *gênero*; outros relacionam a noção de *discurso*, contida no próprio termo, com o conceito de discurso foucaultiano. No que se refere a isso, Kabatek (2008, p.9-10), embora defenda a distinção conceitual, como mostrei, considera que as contribuições – que, a partir de diferentes ângulos, têm objetivado dar conta da tradição dos textos, seja a partir dos *gêneros* de Bakhtin, até as diferentes tipologias textuais existentes na atualidade – não são incompatíveis com a concepção de TD, mas que, diferentemente, materializam a tarefa investigativa da atualidade de relacionar o es-

tudo das TDs com diferentes heranças das distintas escolas. Apesar disso, o autor deixa claro que o objetivo principal do conceito de TD é a ampliação da teoria da linguagem, representando a inclusão da tradição nos estudos linguísticos em todos os aspectos em que tenha relevância: tradição de textos concretos e suas repetições, tradição de formas textuais, de elementos designativos, de lugares, de tópicos etc.

A fim de compreender a abrangência da consequência da admissão das TDs nos estudos linguísticos, Kabatek (2005c, p.34) distingue três enfoques fundamentais: (i) referente a fatores históricos que levam à criação ou à adoção de novas TDs; (ii) referente à descrição das características particulares das diferentes TDs; e (iii) referente à relação entre as TDs e a história da língua em geral.

Em (i), o autor depreende uma relação de mão dupla, por meio da qual é possível buscar TDs novas quando se produzem constelações históricas que fazem supor que exista a necessidade de sua criação ou sua adoção e, da mesma forma, observar as TDs existentes em uma determinada época e, a partir daí, perguntar pelas circunstâncias históricas que levaram à criação do que se observa. Esse seria o caso da TD *e-mail* tal como será adotada neste trabalho.

O enfoque em (ii) trata da descrição das características particulares das TDs. Conforme Kabatek (2005c, p.37-38), é possível estabelecer uma lista de fatores que podem ser descritos a fim de determinar a inserção de um texto em uma determinada TD, como: conteúdo expresso no texto; constelação pragmática em que aparece; seu possível vínculo institucional; sua relação com outros textos e com diferentes línguas, i.e., todos os *entornos* do texto. Adicionalmente, há as características propriamente textuais e linguísticas que o identificam: a quantidade e a variedade do léxico empregado; a relação *type-token*; o tipo de léxico; a unidade ou diversidade morfológica; as técnicas sintáticas e transfrásticas empregadas; a relação entre as diferentes partes do texto (presença de fórmulas, partes definidas de características determinadas etc.); a disposição textual. Todos esses fatores formam conjuntos identificáveis e próprios de diferentes TDs; mas, como são tantos, a combinação entre eles é es-

tável apenas até certo ponto, o que pressupõe, conseqüentemente, uma série de transformações.⁶

O enfoque (iii) relaciona as TDs com a história da língua. Primeiramente, é possível pensar que uma coisa é a evolução da língua, a mudança linguística, e outra, distinta, é a questão dos textos que se inscrevem nessa língua e, conseqüentemente, as tradições respectivas às quais esses textos pertencem. De fato, essa é a visão que prevalece nas escolas linguísticas em que o postulado básico é a autonomia da língua em face dos textos ou a pré-existência daquela, como sistema que torna possível a criação destes, inseríveis, por sua vez, em diferentes tradições. O objetivo de Kabatek (2005c, p.39-40) não é negar a possibilidade de existência de áreas do sistema linguístico em que haja certa autonomia, mas reafirmar a necessidade de precisar “qual área”. Para exemplificar, o autor se apoia no caso da autonomia da sintaxe, como postulada nos estudos gerativos, afirmando que também nessa área é necessário precisar “qual sintaxe” é autônoma, uma vez que há estudos que identificam áreas da sintaxe – sobretudo da sintaxe complexa – relacionáveis com as TDs em uma língua.⁷

Assim, torna-se evidente não só a relação entre TD e história da língua, mas entre TD e língua, de modo geral: a fixação nos momentos em que novas tradições são criadas permite explicar fenômenos como a ampliação do léxico e a elaboração sintática, por exemplo. A

6 Em relação a esses fatores, Kabatek (2005b, p.38-39) ressalta a importância da metodologia empregada nos estudos que levam em conta as TDs, ou seja, a consequência metodológica é muito importante para o planejamento da busca de elementos comparáveis entre as diferentes TDs. Nesse sentido, em vez de estabelecer largas listas de características de diferentes TDs, o que torna difícil a comparação, parece mais apropriado, segundo o autor, escolher alguns elementos *sintomáticos* para chegar, por essa via, a uma classificação coerente das diferentes TDs. Em Kabatek (2005a) os elementos *sintomáticos* eleitos para esse fim são os *juntores*, i.e., elementos cuja função é estabelecer a união de proposições.

7 O autor chama a atenção para os esquemas sintáticos presentes nas diferentes TDs castelhanas do século XIII, nos quais é possível identificar, por um lado, elementos talvez “autônomos”, que podem ser descritos independentemente das TDs em que se inserem, como seria o caso da ordem dos constituintes ou do lugar correspondente aos clíticos, e, por outro, tendo em conta fatores como os tipos de subordinação ou as orações adverbiais, elementos não autônomos, ou seja, que permitem a afirmação de diferenças segundo as distintas TDs (Kabatek, 2008, 2005a, 2005b, 2005c).

história da língua em geral se enriquece, pois seu estudo considera o fato de que as línguas não têm só uma história como sistemas linguísticos, mas têm também suas tradições textuais. Nessa direção, segundo Kabatek (2005c, p.41): (i) uma linguística histórica que considere as TDs estará em condições, primeiramente, de dar conta das inovações das TDs, abordando os momentos nos quais novas TDs se criam ou, quando já existem em outras línguas, se adotam; (ii) uma gramática histórica que considere as TDs estará em condições, da mesma forma, de depreender os acontecimentos escondidos por detrás das grandes linhas evolutivas aparentes de uma língua. Por exemplo, se há um fenômeno de perda, a diferenciação das TDs permitirá observar que a perda não é uniforme em todas as TDs, mas que um elemento determinado perde-se em certas TDs e pode se manter em outras, até mesmo amplamente fossilizado; se há uma inovação, a diferenciação das TDs permitirá observar que ela não é uniforme em todas as TDs, mas aparece primeiro em uma determinada TD e passa (ou não) depois às outras; (iii) num último aspecto, a mudança das próprias TDs pode ocorrer por serem construções multifacetadas, dispostas a um contínuo dinamismo. Longe de serem referências estáveis, podem-se ver mudanças, às vezes fundamentais, ao longo da história da língua e da história dos textos.

A partir de tal conceito, construído por meio de toda essa reflexão, apresento as relações entre TD e mudança linguística no âmbito dos pressupostos da teoria de linguagem coseriana que enxerga a mudança como fator inerente a qualquer língua “viva” (Coseriu, 1979).

2.3 Tradição Discursiva e mudança linguística

Desenvolvo o conceito de mudança linguística aqui (Koch, P. 2008) a partir, mais uma vez, de Coseriu (1979), que recupera uma distinção⁸ fundamental entre *inovação* e *adoção/difusão*. A *inovação* corresponde ao ato individual de criação de um fato linguístico novo por um determinado falante e não basta, por si mesma, para cumprir a mudança; no entanto, é precedente necessário dela. A *adoção* de um fato linguístico inovador por outros falantes de uma comunidade linguística provoca a sua *difusão* naquela comunidade e, então, o que chamo de *mudança linguística*.

Nesses processos de *inovação*, *adoção* e *difusão*, evidentemente, intervêm os diferentes níveis e domínios do linguístico (Quadro 2.2). A inovação individual ocorre, de acordo com Koch (2008, p.56), no nível atual do discurso, baseando-se, por um lado, em regras idiomáticas preexistentes, mas não imutáveis, como chama a atenção esse autor, e, por outro, em regras elocucionais que proporcionam ao falante tais procedimentos criativos. Nessa direção, P. Koch oferece duas possibilidades de interpretar o modo como se desenvolvem os processos de *adoção* e *difusão*. Um primeiro cenário possível, segundo ele, seria o que representa a intervenção do domínio da língua histórica, i.e., a inovação partiria do discurso atual e introduziria, na comunidade linguística, um fato novo, que, adotado em seguida pelos falantes, se difundiria em toda essa comunidade. Um segundo cenário, mais realista, proporia a divisão da língua particular em variedades – e a comunidade linguística em subcomunidades. Nessa perspectiva, P. Koch considera o modelo de Blank (1997, p.123),⁹ conforme esquematizado a seguir:

8 Inicialmente introduzida em Coseriu (1958, p.78-80 apud Koch, 2008, p.56) e apresentada genericamente no Capítulo 1.

9 Esse modelo tem sido elaborado para descrever mudanças semânticas, mas, segundo Koch (2008, p.57), é bastante pertinente generalizá-lo de forma que possibilite integrar todos os tipos de mudança linguística.

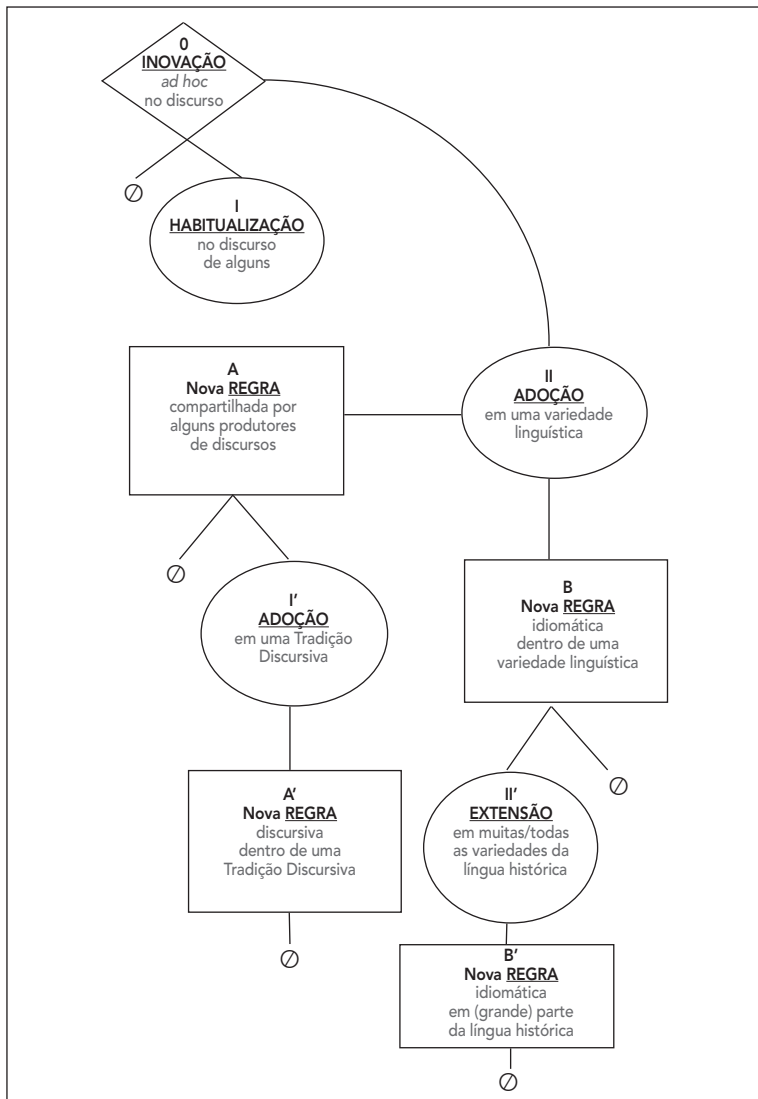


Figura 2.3 Desenvolvimento da mudança linguística entre Tradições Discursivas e variedades da língua histórica (Koch, P. 2008, p.57).¹⁰

10 O símbolo Ø, localizado em vários pontos do esquema, significa que a inovação ou a nova regra podem desaparecer em qualquer etapa do processo de mudança.

Para exemplificar o modelo proposto nesse esquema, P. Koch (2008, p.58) traz o exemplo de um caso de mudança linguística clássica:

- (1) latim vulgar: PLICARE “atracar” = “arribar” > espanhol: *llegar* (passar a estar em um lugar)

Segundo uma explicação etimológica, os marinheiros diziam “plicare” para “atracar”. Visto que se atraca uma embarcação, normalmente, depois de “arribar”, produz-se um contexto prototípico para a transição metonímica ao significado “arribar = chegar ao porto” e, geralmente, a “passar a estar em um lugar”. Essa inovação (= 0 na Figura 2.3) habitualiza-se, ou seja, adota-se e difunde-se em comunidades de marinheiros (II: adoção em uma variedade linguística > B: nova regra idiomática). Mais tarde, o sentido “passar a estar em um lugar” difunde-se por toda a comunidade espanhola (B’). Esse itinerário da mudança é muito frequente, embora a passagem de B > B’ não seja necessária, já que a mudança pode bloquear-se dentro de uma variedade particular.

Além desse panorama, o autor apresenta, também a partir da Figura 2.3, a existência de um itinerário alternativo da mudança linguística: a inovação no discurso (0) > habitualização em uma TD (I > A > I’ > A’), para só depois passar ao papel de nova regra idiomática da língua histórica (II’ > B’). Nessa direção, as TDs assumem um papel decisivo na mudança linguística.

Ainda com base na Figura 2.3, concluo, com o autor, que uma concepção diádica não é suficiente para explicar todos os tipos de mudanças linguísticas, uma vez que pode haver um nível intermediário entre o *discurso atual* e a *língua particular*, configurando o que caracterizaria uma concepção triádica, precisamente porque o *afetivo*, i.e., o retórico-pragmático, e o *momentâneo* não coincidem completamente. Dessa forma, numa concepção triádica, entre o *discurso atual* (afetivo e momentâneo) e a *língua particular* (não afetiva e não momentânea), perpassam as TDs (que representam o estágio do afetivo e não momentâneo):

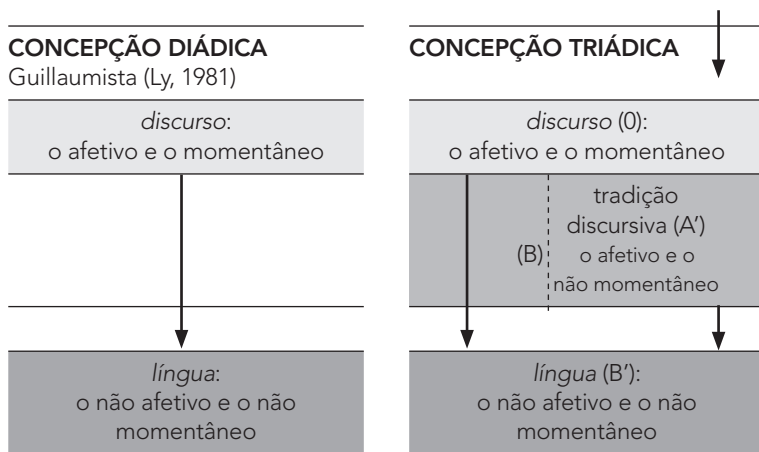


Figura 2.4 Do “afetivo e momentâneo” ao “não afetivo e não momentâneo” cf. Figura 2.3 (Adaptada de Koch, P. 2008, p.74).

A idiomatização, ou seja, a transição das regras discursivas a regras idiomáticas, é um processo lento e gradual, a que subjazem outros processos, tais como a universalização, a emancipação, a desmotivação pragmática e a sistematização. Segundo P. Koch (2008, p.77), a interpretação adequada desses processos, envolvidos no processo mais amplo de idiomatização, depende da introdução do nível das TDs na teoria da linguagem e, conseqüentemente, na teoria da mudança linguística. Assim, passo, na seqüência, a abordar as possíveis relações entre TD e mudança linguística e, pontualmente, as relações entre TD e um tipo específico de mudança, a GR.

2.4 Tradição Discursiva e gramaticalização

Recentemente, alguns estudos, tal como este, têm contribuído para precisar os efeitos semântico-cognitivos implicados nos processos de GR, rechaçando, a princípio, o conceito “simplista” – para usar as palavras de P. Koch (2008, p.78) – de *bleaching*, e, por esse caminho, esclarecer a relação entre GR e reanálise, e para corrigir a ideia de um único *continuum* compacto de GR (Detges, 1999, 2003; Detges; Waltereit, 2002 apud Koch, 2008, p.78).

Para aproximar os paradigmas teóricos da GR e das TDs, a fim de alcançar os objetivos apontados anteriormente, Kabatek (2005c, p.28-29) destaca que os estudos de GR não necessitam, em primeira instância, de fatores externos, já que procuram explicar as mudanças gramaticais a partir de um ponto de vista puramente interno, ainda que dependente de fatores pragmáticos da comunicação como lugar em que os princípios cognitivos são convertidos em fatos de fala com a possibilidade de se tornarem, gradualmente, fatos de língua. A visão externa, embora supérflua, nesta concepção, entretanto, é necessária para explicar aspectos como o ritmo da mudança, fatores que dificultam canais de GR, podendo levar, inclusive, à inversão aparente das regularidades esperadas. Por sua vez, o estudo das TDs por si é necessariamente externo, o que possibilita até mesmo prescindir da visão propriamente linguística (e interna), por exemplo, quando se focaliza a história de um gênero determinado apenas no que tange a seus aspectos puramente literários. Apesar disso, pode-se, a contento, relacionar as TDs com a abordagem interna da mudança linguística, o que, na opinião de Kabatek, “não só é possível, como promissor e frutífero” (2005c, p.29).

Com o autor, afirmo que as TDs afetam ambas as perspectivas, interna e externa. Afeta a visão interna, quando esta pretende reconstruir uma diacronia única e linear, já que vai fazer referência direta à realidade de língua concreta, conforme concepção coseriana, e não abstrata, conforme concepção saussuriana, em que se comparam “estados de língua” diferentes em momentos diferentes da história. Assim, na mudança linguística, comparam-se informações extraídas de textos pertencentes a TDs distintas (gêneros, estilos ou outras tradições).¹¹ Ao mesmo tempo, as TDs afetam a visão externa, por causa de uma de suas características principais: o fato de que não são elementos ligados a uma *língua*, mas a uma *cultura*, ou seja,

11 Segundo Kabatek (2005c, p.31-32), a solução desse dilema da diversidade textual não reside na seleção de um único tipo de texto, ou TD, para a realização de estudos diacrônicos – dada a influência de obras anteriores nas posteriores de mesmo gênero –, motivo pelo qual um estudo diacrônico baseado em um só tipo de texto poderia cair no perigo de descrever a história de um gênero ou TD e não a história de uma língua.

em um sentido mais amplo, a algo denominado como *comunidade textual* (Kabatek, 2005c, p.31-32). Assim, as fronteiras de uma TD são mais amplas do que as de uma língua.

Nessa perspectiva, ao adotar a concepção de TD assentada aqui, pelos trabalhos levantados, reconheço, ao mesmo tempo, a necessidade intrínseca de rever ambas as visões, no que tange à mudança linguística, ou seja, rever a forma de conceber o papel de fatores externos e internos nesse processo de “evolução”. A primeira revisão, ancorada na perspectiva interna e já apontada anteriormente, diz respeito ao monolitismo com o qual se pretende descrever e se têm descrito a história da língua, como se fosse uma espécie de linha reta, em sucessão linear, claramente definida ou definível. Na realidade, é preciso considerar a existência de um complexo edifício de variedades e de textos em cada um dos momentos da história.

Esse primeiro ajuste teórico traz consequências fundamentais à nossa concepção de diacronia, uma vez que, ao adotá-lo, não pode ser mantida uma visão de *diacronia ideal*. De acordo com Kabatek (2005a, 2005c), quando se estuda a história de uma língua, estudam-se não as mudanças da língua, mas as da língua dos textos de diferentes épocas considerados representativos dos estados concretos dessa língua:

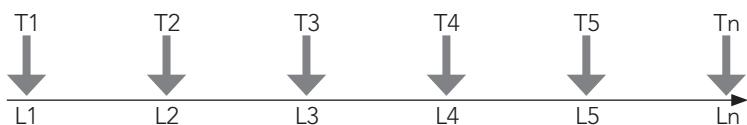


Figura 2.5 TD e história da língua (Kabatek, 2005a, p.163).

Dessa forma, a solução ao problema representado pela existência de diferentes TDs, capazes de influenciar na diacronia dos fatos linguísticos, é o estudo da história da língua a partir dessas diferenças, o que significa um estudo menos monolítico e que permitirá constatar: (i) em qual TD se criou uma inovação em relação aos aspectos focalizados; (ii) como essa inovação se difunde através das TDs; (iii) onde há resistências aos processos de inovação/mudança etc.

Em consequência dessa primeira revisão, necessariamente, abro mão da concepção de GR, assim como de toda mudança linguística, como um processo linear, e passo a concebê-la como um complexo que esconde, debaixo do que em trabalhos com grandes *corpora* aparece como uma linha, textos em que a mudança pode estar mais avançada que em outros. O contato e a interferência tornam possível, mas não necessária, como vimos na Figura 2.5, a generalização de uma inovação (Kabatek, 2005c, p.30-31).

Nessa direção, ao adotar as TDs com o intuito de atingir a primeira revisão proposta, conseqüentemente, atinjo a segunda revisão, intrinsecamente relacionada à ligação entre TD e fatores externos. Ou seja, ao admitir a relevância das TDs na perspectiva interna, admito, naturalmente, a relevância dos fatores externos, de ordem cultural, que subjazem o próprio conceito de TD, e, assim, escapo da problemática visão da mudança linguística como processo que se dá a partir da manipulação de uma “mão invisível”,¹² que, embora válida como metáfora no âmbito de uma teoria da mudança focada no nível abstrato da língua, é totalmente inútil como explicação no âmbito da língua concreta. Dessa forma, uma teoria como a GR ganha argumentos relevantes para a explicação da mudança gramatical quando, ao acrescentar em sua agenda de investigação as TDs, altera, com isso, numa visão interna, o idealismo de uma diacronia linear e, numa visão externa, acrescenta dados referentes a distintas condições de produção dos textos que constituem essas TDs, associadas, intimamente, com o contexto cultural em que se inserem, em nome de uma verdadeira abordagem da língua concreta em sua dimensão histórica.

Portanto, o conceito de TD é indispensável para a compreensão adequada de graus e itinerários de habitualização na mudança linguística, incluindo a GR. P. Koch (2008, p.79-80) lembra, ainda,

12 Essa teoria foi defendida por Helmut Lüdtke (1986) e, posteriormente, pelo germanista Rudi Keller, que explica, em trabalho bastante difundido, que gira ao redor da questão da consciência do falar a mudança linguística como um processo da “mão invisível”, no qual uma soma de atuações individuais leva a um resultado não intencionado pelos indivíduos, como se os falantes fossem guiados por uma mão invisível. (Kabatek, 2000, p.57).

que tal conceito auxilia na precisão da vigência de regras linguísticas implicadas na mudança, o que permite falar, em primeiro lugar, da pertinência do conceito para a *microscopia* do processo de mudança. Em segundo lugar, o autor menciona o problema da elaboração linguística, enquanto aspecto central de toda a história de uma língua de cultura, compreendida em duas fases: (i) a *extensiva*, que consiste na apropriação, por parte de uma língua, de TDs de outras línguas pertinentes para a comunidade cultural respectiva; e (ii) a *intensiva*, que, por sua vez, consiste no desenvolvimento, nessa língua, de estruturas e procedimentos linguísticos capazes de satisfazer os requisitos das TDs adotadas. Nesse contexto – sobretudo no da elaboração *extensiva* –, o conceito de TD é indispensável para a *macroscopia* das mudanças que tomam lugar numa língua. Por fim, em terceiro lugar, o autor menciona um aspecto metodológico, fundado no fato de que o estudo diacrônico de uma língua particular, baseado empiricamente em textos, não deve se enganar com a ilusão de que os dados extraídos desses textos reflitam, de fato, regras idiomáticas da língua em questão, nem mesmo que os dados extraídos de textos sucessivos temporalmente reflitam diretamente uma mudança de regras idiomáticas, sem ter em conta os “filtros” não só das variedades linguísticas, mas também das TDs, que inevitavelmente intervêm em cada discurso individual (materializado em texto). Essa consideração leva, portanto, a uma consequência importantíssima para a metodologia da linguística baseada em *corpus*. Pressuponho, então, que as regras idiomáticas (B’ da Figura 2.3) não são diretamente acessíveis na linguística diacrônica baseada em *corpora*. Todas essas perspectivas justificam a pertinência do emprego do conceito de TD, neste trabalho, como ferramenta não só teórica, mas também metodológica.

“Para onde olhar...”

De acordo com a discussão e reflexão realizadas neste capítulo, entendo TD como um conceito, no interior da teoria da linguagem, diferenciado dos conceitos de gênero, tipo textual etc., por ser mais amplo e incluir todo tipo identificável de tradição do falar/escrever (incluindo os subgêneros ou tradições dentro de um mesmo gênero).

Levando em conta esse conceito, a mudança linguística desenvolve-se a partir não só da distinção fundamental estabelecida entre *inovação e adoção/difusão* (Coseriu, 1979), mas também da inserção das TDs nesse panorama, como itinerário alternativo da mudança, que pode determinar a habitualização de um dado fenômeno que só depois passará (ou não) à regra idiomática da língua (numa concepção triádica).

Dessa forma, este capítulo aponta “para onde olhar” ao indicar a exigência de se corrigir a concepção do papel dos fatores externos e internos nesse processo de “evolução”. A primeira revisão, ancorada na perspectiva interna, diz respeito ao monolitismo com o qual se têm descrito a história da língua, como se fosse uma linha reta. Na realidade, considerarei um complexo edifício de variedades e textos em cada momento da história, acarretando consequências fundamentais na concepção de diacronia, que deixa de ser uma concepção de *diacronia ideal*. Por causa dessa primeira revisão, abro mão da concepção de GR, assim como de toda mudança linguística, como processo linear, e passo a concebê-la como um complexo que esconde nos textos processos de mudança mais ou menos avançados. Além disso, ao admitir a relevância das TDs na perspectiva interna, admito também a relevância dos fatores externos e ganho, numa teoria como a GR, argumentos para a explicação da mudança gramatical, referentes a distintas condições de produção dos textos que constituem essas TDs, associadas, intimamente, com o contexto cultural em que se inserem, em nome de uma verdadeira abordagem da língua concreta em sua dimensão histórica.

3

SOBRE A JUNÇÃO DE ORAÇÕES

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, apresento os posicionamentos teóricos que governarão a abordagem que farei dos contextos em que o item *assim* e formas correlatas atuam no estabelecimento da junção oracional. Dessa forma, farei a interpretação a partir de um enfoque em dois dos parâmetros de Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a), a saber: (i) o nível de (in)dependência/integração; e (ii) as relações semântico-cognitivas, as orações articuladas por *assim como*, *mesmo assim*, *assim que* e *assim*, em termos dos componentes sintático e lógico-semântico do sistema linguístico.

De modo geral, o que governa as considerações, no que diz respeito tanto a (i) como a (ii), é que uma análise de base funcionalista, implica, necessariamente, a consideração de um caráter não discreto também em relação à organização das categorias. É nesse sentido que, segundo Neves (2006, p.226), faz parte das propostas funcionalistas o questionamento do corte rígido entre subordinação e coordenação, especialmente no tratamento das frases complexas, em que a relação entre as orações não é aquela em que uma é caracterizada como subparte de outra estrutura oracional.

Aqui, focalizo primeiramente (i), na Seção 3.2, resgatando, para tanto, considerações de autores como Halliday (1985), Raible (2001,

1992 apud Kabatek, 2005a), Hopper e Traugott (1993), Lehmann (1988), Matthiessen e Thompson (1988) e Taboada (2006). Em seguida, em relação a (ii), na Seção 3.3, resgato trabalhos de Halliday (1985), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993) e Kortmann (1997).

3.2 Nível de (in)dependência

Em sua proposta de gramática funcional, Halliday (1985) põe em xeque a dicotomia entre coordenação e subordinação, a partir da ideia de que, na organização dos blocos enunciativos complexos, conjugam-se dois eixos, definidores das realizações. Nesta seção, será tomado o primeiro desses eixos, denominado de *sistema tático* ou *sistema de interdependência*, caracterizado pela parataxe e hipotaxe e considerado geral para todos os complexos – palavras, grupos, sintagmas e orações.

A relação entre orações pode ser interpretada, segundo Halliday (1985, p.194-195) como de *modificação*, o mesmo conceito usado para explicar um aspecto da relação entre palavras em grupos verbais ou nominais. Mas, para isso, o conceito de modificação precisa ser refinado e enriquecido a fim de explicar relações dentro da oração complexa, considerando alternativas sistemáticas ao longo de duas dimensões: (i) o tipo de interdependência (*taxe*); e (ii) a relação lógico-semântica.¹

A relação de modificação, em (i),

não é a única que pode ser obtida entre os membros de um complexo. Onde um elemento modifica o outro, o estatuto dos dois é desigual: o elemento modificador é dependente do modificado. Mas dois elementos podem ser unidos em uma colocação igual, na qual um não é dependente do outro. (Halliday, 1985, p.195 [tradução minha])²

1 A dimensão (ii) será tratada na seção seguinte.

2 Type of interdependency. The relation of modifynd, whereby one element “modifies” another, is not the only relationship that may obtain between the members of a complex. Where one element modifies another, the status of the two is unequal; the modifying element is dependent on the modified. But two elements may be joined together on an equal footing, neither being dependent on the other.

Assim, *parataxe* é a ligação de elementos de mesmo estatuto, i.e., o elemento inicial e o seguinte são livres, no sentido de que cada um tem seu funcionamento pleno, e *hipotaxe* é a ligação de elementos de estatutos desiguais. O elemento dominante é livre, mas o dependente não o é. As orações complexas envolvem relações de ambos os tipos, configurando uma mistura de sequências paratáticas e hipotáticas em que uma pode estar aninhada na outra (Halliday, 1985, p.195-198).

Levando em conta essas considerações, o autor se refere aos membros de um par de orações relacionadas, em *parataxe* ou *hipotaxe*, como *primárias* e *secundárias*, em que a primária é a oração inicial em uma estrutura paratática, e a oração dominante em uma estrutura hipotática; a secundária é a oração de continuação em uma estrutura paratática, e a dependente em uma hipotática (p.195).³

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1 (inicial)	2 (de continuação)
HIPOTAXE	α (dominante)	β (dependente)

Quadro 3.1 Orações relacionadas em *parataxe* e *hipotaxe*.

Em *hipotaxe* as duas orações, primária e secundária, podem ocorrer em qualquer ordem, mas a oração secundária é sempre a dependente. Já em *parataxe* somente a ordem 1-2 é possível. A oração primária, na relação paratática, é simplesmente uma matéria que vem primeiro (Halliday, 1985, p.197).

Além disso, como na *parataxe* não há dependência de um elemento a outro, não há outra ordenação além daquela representada pela sequência. Assim, a ordem é importante e sua inversão representa alterações semântico-formais profundas na estrutura e no significado do complexo. Na *hipotaxe*, a ordenação é amplamente

3 Apesar desse aparato para lidar com os membros de um par de orações relacionadas, é importante ter clareza de que o autor não trata os tipos de interdependência entre orações de forma discreta.

independente da sequência. Por conseguinte, é possível ter a oração dependente: (i) seguindo a dominante; (ii) precedendo a dominante; (iii) cercada por ela; ou (iv) cercanda-a (Halliday, 1985, p.199-200), também podendo gerar diferentes efeitos de sentido.

Embora não seja foco de interesse neste trabalho, vale especificar que ficam fora desse eixo tático as relações de “encaixamento” (*embedding*), em que uma oração não compõe diretamente o enunciado do ato de fala, funcionando como constituinte estrutural de um sintagma que constitui, por sua vez, a frase. Portanto, para o autor, o encaixamento não corresponde nem à hipotaxe nem à parataxe, porque não corresponde a um mecanismo de “relação” entre orações, mas de “constituência” de uma oração que entra no eixo tático que formará a frase complexa.⁴

Conjugando à abordagem das orações complexas de Halliday (1985), uma teoria proposta por Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a), segundo a qual *junktion* é uma dimensão universal da linguagem que permite a sistematização dos diferentes elementos e técnicas linguísticas usadas para *juntar* ou *combinar* elementos proposicionais, posso organizar as técnicas de junção que envolvem, de alguma forma, o item *assim*, classificando-as a partir de um esquema sintático e semântico.

Sintaticamente, Raible descreve diferentes graus do que chama de *integração* e que aqui chamo de “graus de interdependência”, uma vez que a *integração* desse autor engloba as formas de (in)dependência de orações, propostas por Halliday, incluindo, portanto, a parataxe, a hipotaxe e o encaixamento, ou seja, incluindo desde a justaposição até formas extremas de interdependência, como a nominalização, passando por etapas de subordinação. Os diferentes graus de interdependência expõem-se em um eixo sintático vertical, exemplificado a partir do quadro a seguir, que ilustra as possibilidades de junção distribuídas de acordo com um crescente de interdependência:

4 A oração hipotática não está estruturalmente integrada em outra oração como um constituinte, por isso, não perde identidade e se mantém como componente direto da estrutura complexa (Halliday; Hasan, 1976).

	Padrões	Tipo de interdependência	Exemplos	
	- (inter) dependência	I	Junção por justaposição (sem juntor explícito)	<i>João está doente. Não come nada.</i>
		II	Junção pronominal (relações dêiticas com a frase anterior)	<i>[...] Por isso não come nada.</i>
		III	Junção por coordenação (com juntor explícito)	<i>[...] pois não come nada</i>
		IV	Junção por subordinação (hipotaxe e encaixamento)	<i>[...] João está doente porque não come nada.</i>
		V	Junção com gerúndios e participípios	<i>[...] não comendo nada</i>
		VI	Junção com sintagmas preposicionais	<i>[...] Por causa de jejum, João está doente.</i>
	+ (inter) dependência	VII	Junção com preposições	<i>Por fome, João está doente</i>

Quadro 3.2 Esquema adaptado do eixo vertical de junção (Kabatek, 2005a, p.167).

Diversos estudiosos afirmam o caráter contínuo das diferenças que separam orações articuladas em texto. Destaco Hopper e Traugott (1993, p.170), que, combinando os traços *dependência* e *encaixamento*, propõem um *continuum* em que, de um lado, estão os casos de relações táticas (- dependência e - encaixamento) e, de outro, os de subordinação (+ dependência e + encaixamento), passando pela hipotaxe (+ dependência e - encaixamento). A partir daí, parataxe caracteriza-se pela relativa independência e integração mínima entre as orações; hipotaxe, pela interdependência e por um grau intermediário de integração; e subordinação, por dependência total e integração máxima entre as orações (Gonçalves et al., 2007, p.55).⁵

5 Segundo Hopper e Traugott (1993), as orações complexas tendem a um gradual processo de GR em três etapas: (i) na parataxe, em que há uma independência relativa, o vínculo entre as orações depende de que a relação faça sentido e seja relevante; (ii) na hipotaxe, existe uma interdependência entre núcleo e margem; e, (iii) na subordinação, existe um encaixamento da margem em um constituinte do núcleo e, portanto, uma dependência completa entre núcleo e margem (Neves, 2006, p.230).

Dessa forma, a organização proposta por Hopper e Traugott (1993) cruza duas tradições: (i) entre parataxe e hipotaxe, a partir do parâmetro *dependência*; (ii) entre coordenação e subordinação, a partir do parâmetro *integração*. Desses dois pares em cruzamento, obtém-se uma escala tripartida (parataxe > hipotaxe > subordinação) que não corresponde, simplesmente, a uma substituição da escala bipartida (coordenação > subordinação), já que ela não é composta de termos discretos.

Os *continua* a seguir ilustram a proposta desses autores:

	PARATAXE	HIPOTAXE	SUBORDINAÇÃO
<i>Dependência</i>	-	+	+
<i>Encaixamento</i>	-	-	+

	PARATAXE (independência)	HIPOTAXE (interdependência)	SUBORDINAÇÃO (dependência)
núcleo_____margem			
integração mínima_____integração máxima			
ligação explícita máxima_____ligação explícita mínima			

Figura 3.1 *Continua* parataxe, hipotaxe e subordinação.

Outro estudo relevante sobre esse assunto é o de Lehmann (1988). O autor representa, num *continuum*, a hierarquia existente, de um lado, nos estudos da sentença, i.e., da coordenação, e de outro, nos estudos da dessentencialização, ou seja, da perda do estatuto de sentença, em que a oração deixa de ser uma sentença e passa a ser constituinte de outra oração, configurando o encaixamento. Entre os dois polos extremos, encontram-se as *orações adverbiais* (hipotáticas e paratáticas com traço circunstancial de Halliday, e de Hopper e Traugott). Assim, o *continuum* de Lehmann ilustra um rebaixamento, a partir da parataxe, em que se distribuem complexos que vão de um grau máximo de autonomia sentencial a um grau mínimo, e, inversamente, de um grau máximo de integração sentencial a um

mínimo. Essas características se ligariam a uma representação icônica dos enunciados: as conexões estruturalmente mais entrelaçadas, via reduções estruturais, corresponderiam a conexões semântico-pragmáticas também mais entrelaçadas.⁶

Uma proposta diferenciada é adotada por Matthiessen e Thompson (1988). Os autores integram um grupo funcionalista que propõe uma “teoria da estrutura retórica do texto”,⁷ relacionada à organização textual, a partir da caracterização das relações que são estabelecidas entre as partes do texto. Além do conteúdo proposicional das orações, explícito, considera-se a existência de proposições implícitas, denominadas relacionais, que emergem da combinação entre as partes do texto (partes correspondentes a orações ou a porções maiores, com estatuto tópico, por exemplo). Existem, pois, em termos de interdependência, uma combinação paratática, em que nenhum dos membros é suporte para o outro; e uma combinação hipotática, em que há membros que realizam os objetivos centrais do locutor e outros que constituem apenas suporte para esses objetivos, ou realizam objetivos complementares.

Entretanto, diferentemente do que apresentei até aqui, Matthiessen e Thompson (1988) criticam a noção de *continuum*, cujo objetivo é ilustrar a fluidez das diferenças que separam as orações articuladas em textos, a partir da afirmação de que, na verdade, propostas desse tipo substituem a preocupação de determinar critérios de classificação de orações em categorias pela preocupação de determinar o lugar do *continuum* que deve ser ocupado por uma oração. O que fundamenta o problema, segundo eles, é a falta de discussão em torno da função discursiva que emerge da combinação de orações.⁸

6 Em consequência, quanto mais integradas as orações de um enunciado, mais avançado o processo de GR.

7 Cf. também Taboada (2006).

8 Considero que as discussões que objetivam a melhor apreensão da função discursiva da combinação de orações, tal como proposta pelos autores, está na base da constituição de um *continuum* que, a partir de sua conceituação básica, não deve ser confundido com uma recategorização, uma vez que seu propósito primeiro é exatamente o de mostrar, didaticamente, a fluidez categorial, i.e., a forma como traços constitutivos de categorias diversas se mesclam na articulação de enunciados em textos.

3.3 Nível das relações semântico-cognitivas

Em sua proposta de gramática funcional, Halliday (1985, p.193) conjuga a dimensão sistêmica, representada pelas relações de interdependência, à dimensão sistêmica representada pelo componente *lógico-semântico*, subdividindo-o em (1) *expansão* e (2) *projeção*, que são especialmente relações interoracionais – ou melhor, relações entre processos, normalmente (mas não sempre) expressas na gramática como um complexo de orações. Segundo o autor, existe um amplo alcance de diferentes relações lógico-semânticas, algumas das quais podem manter-se entre os membros de um nexos oracional primário e secundário. Mas é possível agrupá-las em tipos gerais, baseados nas relações fundamentais (1) e (2):

(1) **EXPANSÃO**: a oração secundária EXPANDE a oração primária

(a) **elaborando-a** (notação $1 = 2; \alpha = \beta$).

(b) **estendendo-a** (notação $1 + 2; \alpha + \beta$).

(c) **realçando-a** (notação $1 \times 2; \alpha \times \beta$).

(2) **PROJEÇÃO**:⁹ a oração secundária é projetada através da primária, como

(a) **uma locução**.

(b) **uma ideia**.

Seguem as definições de cada uma das categorias da *expansão*, apresentadas segundo Halliday (1985, p.196-197), com exemplos correspondentes em português:

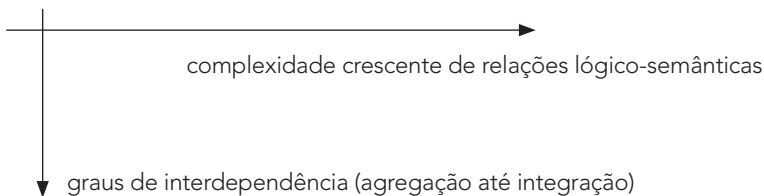
(1a) **ELABORAÇÃO**: uma oração expande a outra, elaborando-a (ou elaborando alguma porção dela); especificando-a, comentando-a ou exemplificando-a (*ou seja*).

9 Não utilizarei a projeção nas análises.

(1b) **EXTENSÃO**: uma oração expande a outra, acrescentando algum novo elemento, que apresenta, em relação a ela, uma exceção ou alternativa (*e, ou*);

(1c) **REALCE**: uma oração expande a outra, qualificando-a com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição (*assim, já, então*).

Nessa direção, Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a) também acrescenta a seu eixo vertical, representativo dos graus de interdependência sintática, um horizontal, em que se somam as diferentes relações semânticas expressas pelos juntores, seguindo uma “escala cognitiva de complexidade crescente”. Estou, portanto, lidando com uma especificação das relações lógico-semânticas propostas por Halliday, exposta horizontalmente, como ilustra a adaptação do esquema *Junktion*, segundo Raible:



Da mesma forma como os juntores estão inseridos no eixo sintático, vertical, também estão no eixo horizontal, segundo o tipo de relação lógico-semântica que expressam. A fim de estabelecer uma organização da complexidade crescente de relações cognitivas, coerente com os pressupostos teóricos da GR, acrescento, ainda, às propostas apresentadas até agora, aquelas de Heine, Claudi e Hünne-meyer (1991), Hopper e Traugott (1993) e Kortmann (1997).

Heine, Claudi e Hünne-meyer (1991, p.150) focalizam a transferência de sentidos entre categorias cognitivas, que incluem uma variedade de conceitos, representativos de domínios relevantes para a experiência humana, a partir de um *cline* de desenvolvimento cognitivo experimentado em casos de GR. Ou seja, os autores observam

que os itens candidatos a entrar no processo são amplamente independentes, ou seja, configuram experiências culturais da humanidade e representam aspectos concretos e básicos da relação do homem com o seu ambiente espacial, incluindo, principalmente, partes do seu corpo. Assim, entidades claramente delineadas/estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas/estruturadas. Por exemplo, *experiências não físicas* podem ser entendidas em termos de *experiências físicas*; *tempo*, em termos de *espaço*; *causa*, em termos de *tempo* – ou seja, relações *abstratas* podem ser entendidas em termos de relações *menos abstratas*.

Nessa direção, os itens considerados menos concretos, mas, ainda assim, básicos e culturalmente independentes, tais como as noções de vontade e de obrigação, também passam a ocupar um espaço nesse *cline*. O fruto dessa articulação é que os conceitos gramaticais, mais abstratos e generalizados, são caracterizados a partir dos mais concretos, o que não significa, no entanto, que os conceitos abstratos estejam sempre ligados aos concretos, mas apenas que tiveram neles sua origem histórica. Diante disso, segue o *cline* capaz de conceituar esses diferentes domínios da experiência humana:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE¹⁰ > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

A relação entre essas categorias é de natureza metafórica,¹¹ no sentido de que qualquer uma delas pode ser usada para conceituar outra, desde que esteja à sua direita. Com base nesses princípios, os autores organizam esse *cline*, unidirecional e escalar, em que quanto mais à direita um elemento estiver maior será seu grau de abstração.¹²

Apesar de muito útil nos estudos sobre GR, esse *cline* apresenta problemas no que tange, por exemplo: (i) à relação entre a trajetória proposta e o processo de GR (Martelotta, 2010); (ii) à disposição

10 Em Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) ocorre o termo *processo* em lugar de *atividade*.

11 Os autores propõem, então, a noção de metáfora categorial.

12 E, conseqüentemente, mais avançado será seu estágio de GR.

e natureza das categorias (Lima-Hernandes, 2010); e (iii) à linearidade da representação (Kortmann, 1997).¹³

Em relação à (i), segundo Martelotta (2010, p.54), apesar de os autores relacionarem metáfora e GR, conforme exposto, nenhum dos movimentos expressos na trajetória citada implicam necessariamente o surgimento de um elemento gramatical. Para ele, é importante considerar também que, por meio desse *cline*, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) referem-se tanto a processos de GR, propriamente ditos, quanto a fenômenos associados ao processo,¹⁴ e que, além disso, esses autores propõem posteriormente outra trajetória – *espaço > tempo > texto*¹⁵ – para caracterizar especificamente o desenvolvimento de elementos gramaticais.

Em relação à (ii), Lima-Hernandes (2010, p.89-90) questiona a natureza das categorias e a disposição delas no *cline* a partir dos movimentos assumidos pelos itens linguísticos via extensão metafórica. A autora propõe a seguinte reorganização: *corpo > pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > processo > qualidade*, na qual destaco a inserção de novas categorias que privilegiam deslizamentos menores, como é o caso de *corpo* e *atividade*, além da mudança de posição de *processo*.

Segundo Martelotta (2010, p.55), um dos pontos principais levantados pela autora, em relação a esse *cline*, está nas passagens *objeto > processo* e *objeto > atividade*. A partir do pressuposto de que toda categoria mais à esquerda esteja implicada nas categorias mais à direita, a autora questiona a possibilidade de existir um *processo* sem se ter implicada a categoria *tempo*, responsável pela dinâmica no *espaço* físico. Justificando a disposição observada no *cline* apresentado pelos estudiosos alemães, Martelotta destaca que a trajetória proposta por eles assenta-se na visão de Lakoff e Johnson (2002), segundo

13 Ressalto que esse autor não apresenta uma crítica ao *cline* de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), mas apenas outra forma de dispor categorias cognitivas.

14 Martelotta cita o exemplo das categorias OBJETO e PROCESSO que tendem, translinguisticamente, a ser expressas pelo mesmo pronome (Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991).

15 A categoria *texto* representa o nível das relações *lógico-semânticas*.

a qual atividades ou processos podem ser tratados metaforicamente como objetos ou coisas concretas.¹⁶ Nessa direção, Martelotta (2010, p.56) propõe, em contrapartida, outros questionamentos:

Será que o tempo, de fato, é responsável pela dinâmica do espaço físico ou é consequente dele? Será que é justo dizer que o homem primeiro concebe o tempo e depois o movimento? Ou seria o contrário? É possível, realmente, assumir uma posição definitiva em relação a isso?

Para o autor, o desenvolvimento de novas categorias não pode ser tomado a partir de noções semânticas puras, mas deve considerar as estruturas sintáticas em que ocorrem, considerando outras noções, como a de construção gramatical.

Nessa direção, em relação à (iii), a proposta de Kortmann (1997) sugere, em vez da linearidade do *cline* de Heine, Claudi e Hünne-meyer (1991), um mapa cognitivo, construído a partir do exemplo de moléculas tridimensionais em química, em que se observam caminhos distintos de mudança cognitiva, em que as relações entre domínios *fonte* e *alvo*, embora unidirecionais, podem ser distintas, sendo distintos também o grau de produtividade entre as categorias que configuram esses domínios.

O autor, em estudo tipológico do desenvolvimento histórico de subordinadores adverbiais em línguas europeias, apresenta relações semântico-cognitivas no âmbito desses itens, retomando exemplos importantes do inglês, como o caso de *since*, além de outros, como *while*, *before* e *rather than*, representativos de trajetórias de desenvolvimento semântico-cognitivo, tais como, respectivamente, “Anterioridade > Causa”, “Simultaneidade > Concessão” e “Posterioridade > Preferência” (Traugott; König, 1991). Nos casos específicos de *while* e *since*, por exemplo, Kortmann destaca que as leituras

16 A partir dessa metáfora temos construções como: (a) Não **cabe** aqui [falar de matemática] e (b) **Em lugar de** [cantar], [declamou um poema], em que uma atividade pode ser tratada como algo mais concreto, ou seja, como um objeto, possibilitando a utilização do verbo *caber* em relação a uma atividade, e a construção relocativa, comum em várias línguas (Martelotta, 2010, p.55).

temporais são ligadas às relações interoracionais menos informativas do que as relações CCC (Causa, Condição e Concessão), como ocorre, similarmente, com Resultado e Propósito, o segundo envolvendo, adicionalmente, o traço volição. As relações de Modo também exibem um grau baixo de informatividade, enquanto as de Concessão encontram-se no fim oposto do *cline*.

Nessa perspectiva, Kortmann (1997, p.155) afirma que certas relações interoracionais recorrentemente servem como *fonte* de mudanças semânticas, enquanto outras são mais frequentemente *alvos* de tais mudanças. O domínio fonte melhor conhecido e de maior produtividade, segundo o autor, é TEMPO (*when*, dando origem a Condição; *while*, a Contraste ou Concessão; *after* ou *since*, a Causa; *before*, a Preferência). Outro candidato ao domínio fonte preferido é MODO (originando Comparação, Similaridade, Resultado etc.). Entre os domínios alvo típicos, encontram-se, segundo o autor, Concessão, Contraste ou Preferência. A fim de justificar esse tipo de organização, o autor apresenta outros fatos, ontogenéticos e filogenéticos, observáveis entre línguas, que também sugerem uma ordenação de relações interoracionais sobre um gradiente de complexidade cognitiva:

(i) certas relações tipicamente são expressas por juntores como uma das diversas leituras circunstanciais possíveis, enquanto outras são expressas por juntores monofuncionais, ou seja, esses dois conjuntos de relações interoracionais diferem no ponto em que permitem enriquecimento interpretativo, via princípios pragmáticos (cf. König, 1985, p.2, sobre concessivos, estabelecidos como “o ‘fim da estrada’ para o aumento interpretativo”). Essa observação focaliza a polifuncionalidade e o enriquecimento pragmático, indicativos dos canais preferidos da mudança semântica e, conseqüentemente, da complexidade cognitiva crescente das relações expressas pelos juntores;

(ii) emergência na história da língua: em diversas línguas, os juntores locativos e temporais desenvolvem-se muito antes que os concessivos. Conseqüentemente, os últimos apresentam percursos mais recentes, com maior transparência etimológica (König, 1985, p.1);

(iii) intrinsecamente relacionado a (ii), o inventário dos juntores que estabelecem relações mais tardias permanece relativamente instável, “novos itens são constantemente acrescentados a essas classes” (König, 1985), tal como já havia sido proposto por Meillet;¹⁷

(iv) aquisição de primeira língua: estudos sobre a aquisição de juntores em várias línguas apontam a seguinte ordem:

- (1) uso de um juntor, como *when*, com a finalidade de indicar tempo de forma geral;
- (2) uso mais diferenciado de *when* e aquisição de outros subordinadores adverbiais para expressar outras relações temporais;
- (3) Causa e Resultado seguidos por Propósito;
- (4) um juntor, como *if*, primeiro expressando Contingência e abrindo Condições, e só mais tarde expressando Condição hipotética e contrafactual;
- (5) no fim do desenvolvimento ontogenético estão os juntores contrastivos, especialmente os concessivos.

A explanação desses fatos ontogenéticos exemplifica que o curso geral da aquisição linguística reflete o aumento de graus de complexidade cognitiva inerente às diferentes relações circunstanciais desses juntores (como sugere, por exemplo, Reilly, 1986, p.328 apud Kortmann, 1997, p.156). Nessa direção, Kortmann cita ainda o mesmo paralelo estabelecido por Bloom et al. (1980) em relação à ordem de aquisição dos juntores e à motivação para a classificação de relações interacionais em termos de seus graus de informatividade, em que é proposta uma ordem determinada pela complexidade

17 “Em geral, as conjunções que são indispensáveis para o uso diário das línguas e que já têm o caráter de partículas gramaticais, como no francês *et, ou, que, si*, contribuem para uma razoavelmente grande extensão da estabilidade que caracteriza os elementos gramaticais da língua; eles são mais velhos no francês; voltam para uma forma latina na qual as línguas românicas são baseadas e têm suas contrapartes em muitas das outras línguas desse grupo. Por contraste, as conjunções com um sentido mais especial e uma autonomia maior na frase são mais instáveis. [...] O latim tinha uma grande variedade de palavras para render a noção de ‘embora’. [...] Das várias conjunções do latim antigo, as línguas românicas não retiveram uma única. [...] A criação, por isso, é constante, devido à necessidade de expressar concessão com uma força permanentemente renovada”. (Meillet, 1915, p.171-173 apud Kortmann, 1997, p.156 [tradução minha])

cumulativa das relações de significado expressas: “relações posteriormente aprendidas incorporam todos os elementos significantes de relações anteriormente aprendidas, e mais além disso”.

Sobretudo no âmbito de um estudo como o proposto aqui, indico, com base ainda em Kortmann (1997), que, para além do domínio dos juntores de base adverbial, especificamente, expressões espaciais (ou temporais que podem ser vistas em termos espaciais) tendem a ser adquiridas antes de expressões temporais propriamente ditas. Assim, as primeiras expressões temporais de crianças mais jovens são locativas em função e dêiticas em forma. Palavras como *before* e *after* são usadas para relacionar dois objetos no espaço antes que sejam usadas para relacionar dois eventos no tempo. De fato, considero Espaço como anterior a Tempo, de acordo com os pressupostos expressos anteriormente e também com base nesses e em outros resultados da pesquisa psicolinguística, que sublinham a plausibilidade da aceitação de que “o domínio da criança da linguagem de tempo desenvolve-se de seu domínio da linguagem de espaço” (Miller; Johnson-Laird, 1976, p.465 apud Kortmann, 1997, p.361).

Na direção apontada por essas considerações, Kortmann (1997, p.169-172) apresenta uma lista de relações interoracionais que, a partir de seus estudos, pode representar uma escala crescente de discretude semântica e complexidade cognitiva. No âmbito das relações *temporais*, Sobreposição de Simultaneidade (*when*) é a que, entre todas as relações investigadas pelo autor, mais frequentemente se expressa como um dos significados de juntores com alto grau de polifuncionalidade ou baixo grau de discretude, seguida pelas relações de Duração de Simultaneidade (*while*), Contingência (*whenever*), Anterioridade (*after*) e Anterioridade Imediata (*as soon as*). Responsáveis diretos por esse resultado são os juntores temporais gerais, como *when*, do inglês, e *als*, do alemão, capazes de cobrir muitos dos espaços semânticos de temporalidade, com exceção de *Terminus a quo* (*since*) e relações de tempo posterior, como Posterioridade (*before*) e *Terminus ad quem* (*until*). Portanto, a escala segue com as relações de *Terminus ad quem*, Posterioridade e *Terminus ad quo*, que apresenta o mais alto grau de discretude semântica e complexidade cognitiva, mediante uma única leitura possível.

Dentro do conjunto de relações CCC, Causa (*because*) e Condição (*if*), nessa ordem, estão entre aquelas com maior grau de não discretude, com Causa assumindo a posição mais alta de todas as relações investigadas pelo autor, também para além do sistema CCC. Na sequência dessa escala, aparecem as relações de Resultado (*so that*), Propósito (*in order that*), seguidas por Condição Concessiva (*even if*), Contraste (*whereas*) e, por fim, no extremo indicativo do maior grau de discretude e complexidade cognitiva, Concessão (*although*). Segundo o autor, o grau de discretude das relações Concessivas é sempre crescente, o que as faz diferentes das de Contraste, que, mesmo sendo a leitura mais complexa de alguns juntores, apresentam grau mais elevado de não discretude em comparação à leitura concessiva (84,8% para Contraste e 43,4% para Concessão). A conclusão evidente é que Concessão é afirmada como sendo, conceitualmente, a mais discreta, específica e complexa de todas as relações CCC.

Por fim, no que tange ao conjunto de relações *modais*, o autor não coloca Modo na posição de maior grau de não discretude, mas Similaridade (*as, like*), seguida por Comentário/Acordo (*as*) e Comparação (*as if*). Isso é justificado pela posição central de Similaridade no sistema de relações modais e pelo papel marginal da relação de Modo quando observada estritamente no âmbito de juntores. Ou seja, apesar de as relações Modais constituírem um dos sistemas, em macronível, em micronível o maior grau de não discretude, no âmbito das relações de junção, fica por conta de Similaridade.

Com base nessas considerações, Kortmann (1997, p.175-176) organiza as relações interoracionais em sistemas maiores, tais como os sistemas *temporal, modal* e o mais amplo, CCC. O autor justifica a indicação de relações interoracionais no interior desses sistemas maiores e entre esses sistemas, a partir de similaridades semânticas entre as relações e, ao mesmo tempo, a partir de um grau suficiente de diferenças semânticas, capazes de diferenciá-los em sistemas distintos, embora relacionados de alguma maneira.

O estudo das relações semânticas, em semântica cognitiva, visa a uma descrição de modelos recorrentes de polissemia e ambiguidade.

de pragmática em perspectiva sincrônica e de mudança semântica em perspectiva diacrônica. A aceitação fundamental aqui é a de que sincronicamente sentidos relacionados são também diacronicamente relacionados, e que de sentidos relacionados sincronicamente é possível também reconstruir a direção de mudanças semânticas. Dessa forma, segundo o autor, de um ponto de vista diacrônico, os conjuntos com os graus mais altos de relacionalidade em língua sincrônica poderiam também representar os canais mais frequentemente observáveis de mudança semântica, apesar de não permitirem conclusões imediatas a esse respeito.

Nessa direção, Kortmann apresenta um modelo do espaço semântico de relações interoracionais que ilustra afinidades e a relativa força dessas afinidades dentro dos quatro maiores sistemas e entre eles, de acordo com o mapa cognitivo:

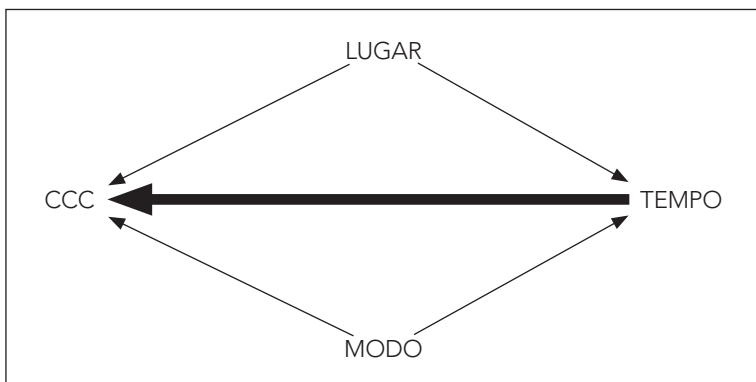
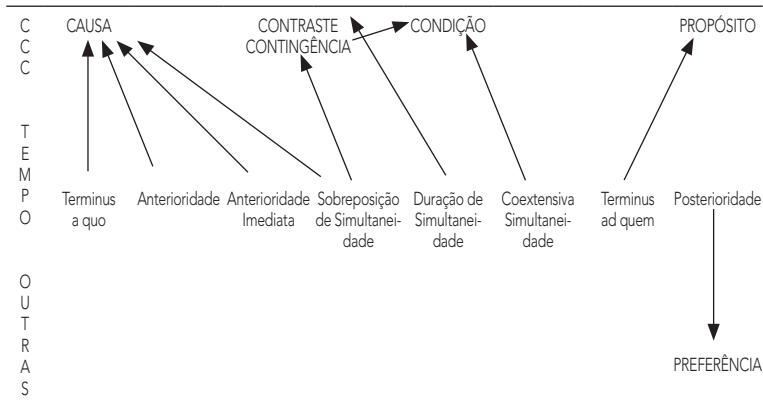


Figura 3.2 Mapa cognitivo (Kortmann, 1997).

Kortmann (1997, p.178) propõe que as relações temporais, geralmente, dão origem às relações CCC, mas não vice-versa; ambas as relações, locativa e modal, abastecem o sistema de tempo e, mais tarde, possivelmente, também o sistema CCC, mas não o inverso. Segundo o autor, é crucial reforçar que nenhuma dessas relações exerce influência reversa, i.e., nem os juntores CCC podem favorecer leituras temporais, locativas ou modais, nem os temporais favorecem leituras locativas ou modais. Disso constato que as ligações

entre pares ou conjuntos de relações interoracionais pertencentes a diferentes sistemas semânticos são unidirecionais. De modo geral, então, a vantagem em se projetar e adotar um mapa como o sugerido é a de que ele não apenas captura a macroestrutura do espaço semântico de relações interoracionais, como também favorece a formulação de restrições sobre a natureza da polissemia e direções possíveis da mudança semântica, tal como observada para juntores de base adverbial.

Segundo o autor, o sistema *tempo* é geralmente a fonte de mudanças semânticas relativas ao sistema CCC e a meta do processo de extensão do significado de marcadores originalmente modais e locativos, da mesma maneira que os sistemas modais e locativos são sempre fonte de mudanças que alimentam os sistemas CCC e temporal. O esquema a seguir ilustra, especificamente, como o sistema tempo alimenta o sistema CCC:



Por sua vez, o sistema modal assume o papel de fonte dos sistemas temporais e CCC, exclusivamente, no que tange às relações de Sobreposição de Simultaneidade e Anterioridade Imediata, do lado temporal, e Causa e Condição, do lado do sistema CCC. A título de ilustração, cito o alto grau de relação semântica entre Instrumento e Causa (já que “by p, q” acarreta “because p, q”) e o desenvolvimento de advérbios de modo dêiticos em marcadores

condicionais, considerando, por exemplo, o caso de *so* (Traugott, 1985, p.291 apud Kortmann, 1997, p.196).

De fato, tudo leva ao sistema CCC como constituindo o sistema metaprototípico dentro do espaço semântico das relações interacionais, servindo, portanto, como o ponto final de mudanças semânticas e refletindo os usos cognitivamente mais complexos, embora também básicos.

A partir de toda a exposição e discussão realizada, proponho, a fim de especificar a relação lógico-semântica de *expansão*, sugerida por Halliday (1985, p.196) e exposta no eixo horizontal de Raible (2001), uma organização das diferentes relações semântico-cognitivas estabelecidas entre orações a qual reflita, harmoniosamente, uma escala crescente de: (i) complexidade cognitiva; (ii) discretude semântico-formal, e (iii) maior gramaticalidade – portanto, coerentemente com os pressupostos das categorias cognitivas de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) e com a escala de desenvolvimento pragmático de Traugott (1982) e Traugott e König (1991):

Padrões	1	2			3								4																									
Sistemas	ADIÇÃO	MODAL			TEMPO								CCC																									
		A	B	C	A	B	C	D	E	F	G	H	A	B	C	D	E	F	G																			
Tipos de relações		SIMILARIDADE			COMENTÁRIO/ACORDO		COMPARAÇÃO		SOBREPOSIÇÃO DE SIMULT.		DURAÇÃO DE SIMULT.		CONTINGÊNCIA		ANTERIORIDADE IMEDIATA		ANTERIORIDADE MEDIATA		TERMINUS ADQUEM		POSTERIORIDADE		TERMINUS A QUO		CAUSA		CONDICÇÃO		RESULTADO		PROPÓSITO		CONDICÇÃO/CONCESSIVA		CONTRASTE		CONCESSÃO	

Quadro 3.3 Esquema do eixo horizontal de junção.

O cruzamento dos eixos sintático (vertical) e lógico-semântico (horizontal), a partir do Quadro 3.2 e do Quadro 3.3, resulta no esquema ilustrado no Quadro 3.4, do qual lançarei mão, na Parte 4, Capítulo 8, para análise bidimensional das relações interoracionais:

		EIXO HORIZONTAL																		
Padrões		1			2			3						4						
Sistemas		ADIÇÃO			MODAL			TEMPO						CCC						
			A	B	C	A	B	C	D	E	F	G	H	A	B	C	D	E	F	G
EIXO VERTICAL	I																			
	II																			
	III																			
	IV																			
	V																			
	VI																			
	VII																			

Quadro 3.4 Esquema bidimensional para análise da junção.

De acordo com esse quadro, a análise bidimensional proposta caracterizará o juntor, em seu contexto de funcionamento, a partir do cruzamento dos diferentes padrões de (inter)dependência, de I a VII, no eixo vertical, com sistema de relação interoracional, de 1 a 4, conforme o crescente constatado de complexidade cognitiva no eixo horizontal. Dessa forma, a localização resultante desse enfoque permitirá uma análise comparativa dos jutores focalizados em relação a ambos os aspectos e, conseqüentemente, em relação ao seu grau de gramaticalidade e gramaticalização.

“Para onde olhar...”

Neste capítulo focalizei dois dos parâmetros de Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a) e Halliday (1985) que serão utilizados para a análise dos contextos de articulação de orações realizada por *assim* e formas correlatas: (i) o nível de (in)dependência/integração; e (ii) as relações semântico-cognitivas.

Em relação à (i), embora *parataxe* e *hipotaxe* apresentem características específicas, de acordo com os diferentes graus de (in)dependência das orações envolvidas no complexo, destaco, acima de tudo, o caráter contínuo das diferenças que separam essas orações articuladas em texto, dispostas num eixo vertical, sintático (Raible, 2001, 1992 apud Kabatek, 2005a).

Em relação à (ii), focalizo a relação semântico-cognitiva de *expansão*, proposta por Halliday (1985, p.193), coerentemente articulada ao eixo horizontal de Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a), caracterizado como espaço propício para a particularização de diferentes relações semântico-cognitivas expressas pelos elementos juntivos, de acordo com uma “escala cognitiva de complexidade crescente”, construída a partir das categorias cognitivas de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), da escala de desenvolvimento pragmático de Traugott (1982) e Traugott e König (1991), com especial destaque à organização das relações interoracionais fornecida a partir dos estudos de Kortmann (1997), que soma à complexidade cognitiva crescente também uma escala crescente de discretude semântica.

Dessa forma, este capítulo fornece um quadro completo que direciona o olhar para a análise dos contextos em que o item em foco desempenha função juntiva, a partir de uma adaptação do esquema *junktion*, de Raible, em que entrecruzo, no eixo sintático, vertical, diferentes relações de (in)dependência, consideradas de forma contínua, com os diferentes tipos de relação semântico-cognitiva expressos (de acordo com o crescente de complexidade cognitiva e discretude semântica) no eixo horizontal.

PARTE II

UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4

OS CORPORA DO PORTUGUÊS PAULISTA À LUZ DO CONCEITO DE TRADIÇÕES DISCURSIVAS

4.1 Considerações iniciais

Considerando a definição de TD como constructo teórico-metodológico, apresento, neste capítulo, na Seção 4.2, as amostras que constituem o *corpus* da pesquisa deste livro; e, na Seção 4.3, os procedimentos metodológicos adotados.

Na Seção 4.2, será apresentada, para cada TD, uma delimitação inicial e genérica dos traços linguístico-discursivos de seus textos constitutivos. Exclusivamente para os textos que compõem as amostras de fala, à distinção dos demais conjuntos, oferecerei uma discussão centrada nos conceitos de gênero, tipo textual e TD, a fim de justificar o tratamento que lhes será dispensado. Para tanto, será necessária também uma breve apresentação da concepção de fala/oralidade e escrita/literalidade subjacente às noções aqui envolvidas sob o viés das TDs.

O *corpus* organiza-se segundo: (i) as TDs investigadas; (ii) a delimitação geográfica (estado de São Paulo); e (iii) a delimitação temporal (séculos XVIII a XXI).¹ Foram analisadas amostras compostas de 274 textos de cada TD que constitui os *corpora*:

1 O período corresponde a uma seleção de textos a partir dos *corpora* do Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), em que este trabalho está inserido.

(A) diacrônicos, representativos das TDs carta e editorial jornalístico.

O *corpus* da TD carta divide-se em: (i) *Administração Privada*: cartas de aldeamento de índios (29 cartas dos séculos XVIII e XIX); (ii) *Documentos Pessoais*: cartas de pessoas relacionadas com: (a) José Bonifácio (19 cartas da primeira metade do século XIX); (b) Washington Luiz (79 cartas do final do século XIX); (c) professor Fidelino de Figueiredo (83 cartas do final do século XIX e do século XX); e (iii) *Cartas de leitores e redatores de jornais* (64 cartas dos séculos XIX e XX).

O *corpus* diacrônico da TD editorial compõe-se de textos do jornal *O Estado de S. Paulo* desde sua fundação, quando se intitulava *A Província de S. Paulo*, até 1964, seguindo a divisão: (i) século XIX (1875-1895); e (ii) século XX (1958, 1959 e 1964);

(B) sincrônicos, compostos de: (i) inquéritos do banco de dados Iboruna (amostras de fala do Noroeste Paulista); e (ii) *e-mails*.

A escolha dessas TDs foi motivada por uma possível relação entre as TDs carta > editorial, de um lado, e (ii) as TDs carta > *e-mail*, de outro. A primeira relação proposta pode ser justificada principalmente a partir de características comuns entre as *cartas em mídia*, especificamente, as cartas escritas por redatores de jornais, e os editoriais, inicialmente encontrados no jornal paulista em destaque, em alguns casos também assinados por redatores, conforme será especificado na continuidade desta seção.

Por sua vez, a segunda relação, defendida em uma série de estudos (Marcuschi, 2008, 2002; Cruz, 2006; Paiva, 2005, dentre outros), pauta-se no entendimento do meio tecnológico, subjacente à contextualização do *e-mail*, como uma condição de produção específica dessa tradição. Assim, entendo que, com a mudança representada nesse meio, toma lugar também uma nova tradição textual, ainda que seus laços com outras tradições sejam claros.

Crystal (2001, p.122) acredita que características como a estrutura da tela, as saudações e fechamentos, o tamanho da mensagem, estratégias dialógicas e o seu emolduramento são elementos centrais na identificação do *e-mail* enquanto variedade linguística que revela

traços da TD que o antecedeu, a carta, mas com características que lhe são peculiares e responsáveis pela sua identificação como outra TD. Assim, o *e-mail* apresenta sua contraparte na carta, anteriormente existente. Yates (2000 apud Marcuschi, 2002, p.22-23), num trabalho instigante sobre o futuro das cartas tradicionais diante dos *e-mails*, lembra que com os *e-mails* entra-se em um novo estágio na história da escrita de cartas. Também quanto ao formato textual é natural essa aproximação com a carta, já que, tal qual ela, o *e-mail* apresenta um cabeçalho (padronizado e fixo, posto automaticamente pelo programa, cabendo ao usuário apenas preenchê-lo) e uma estrutura *bipartite*. Segundo Crystal (2001, p.95), nessa estrutura, identificam-se uma parte pré-formatada e outra livre, na qual se encontra o corpo do texto propriamente dito, podendo ainda receber textos anexados.²

Assim, a escolha dessas TDs pauta-se em uma relação histórica e evolutiva existente entre elas. Por sua vez, as TDs que constituem o banco de dados Iboruna são acrescentadas à agenda de trabalhos, dada a importância dos estudos pancrônicos no âmbito da GR, bem como pela possibilidade de observar as relações entre o falado/escrito e o oral/letrado com esse processo de mudança e com as TDs da amostra.

Para a apresentação que segue, partirei dos textos diacrônicos (TDs carta e editorial) e, em seguida, apresentarei os sincrônicos (TD *e-mail* e TDs que constituem o banco de dados Iboruna, conforme caracterização específica).

2 Ainda que reconhecido o compartilhamento de propriedades da carta tradicional com o *e-mail*, é importante reconhecer outros compartilhamentos, como o que ocorre entre este e as propriedades do telefonema ou mesmo da comunicação face a face. Consequentemente, o *e-mail* transgride os limites tradicionais de comunicação oral e escrita, introduzindo traços inteiramente novos, característicos da heterogeneidade constitutiva da escrita. Tendo em vista as peculiaridades formais e discursivas do *e-mail*, posso dizer, segundo Jonsson (1997, p.9 apud Marcuschi, 2002, p.24-25), que ele cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação, constituindo efetivamente uma nova TD.

4.2 Apresentação das amostras constitutivas dos corpora

A TD carta

Cartas de aldeamento de índios

Coletadas por Simões e Kewitz (2006) do fundo “Aldeamento de Índios” do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo (Ahesp), essas cartas localizam-se no espaço intermediário, denominado de *Cartas de administração privada* por Barbosa (1999, 2002, 2005 apud Simões, 2007, p.187-188).³ São documentos escritos, em sua maioria, por religiosos de várias ordens, incumbidos de administrar as aldeias de índios, localizadas nas proximidades da vila de São Paulo, como Embu, Itapeperica, Guarulhos, São José, Barueri, Escada, Laranjeiras, e as mais distantes, Peruíbe e Queluz.

De acordo com Brandão, Andrade e Aquino (2007), a temática do cotidiano dos aldeamentos, da catequese indígena e da relação colonizador-índio é, de certa forma, construída nessas cartas. Mais pontualmente, verifica-se por meio delas que os índios eram levados para as “aldeias da doutrina” e submetidos aos cuidados dos religiosos para serem protegidos da ação dos colonizadores. Nesse contexto, as cartas apresentam uma linguagem mais tênue em comparação àquelas escritas nos séculos XVI e XVII, mas, ainda assim, indiciam aspectos que revelam uma realidade conflitante, tais como:

- (a) a dificuldade de listar os índios, provocada pela dispersão, pelas fugas etc.;
- (b) a continuidade do choque entre colonizadores e religiosos;
- (c) as dificuldades administrativas em relação às aldeias que viviam em situação precária graças à falta de índios, resultado do fato de eles

3 Os documentos escritos são segmentados, dentro da tradição filológica, em dois grandes grupos: *Documentos privados* e *Documentos públicos*. Barbosa avalia essa segmentação como insuficiente e, assim, propõe uma categoria intermediária, que aproxima “diversos manuscritos ora da macroestrutura dos oficiais, ora da dos privados” (Barbosa, 1999, 2005 apud Simões, 2007), renomeando os grupos: *Administração pública*, *Administração privada* e *Documentos pessoais*.

fugirem para as minas ou serem arrematados pelas autoridades; (d) o choque cultural entre índios e religiosos, já que, além da catequese e da administração da doutrina aos índios, os religiosos cuidavam também dos costumes, denunciando “maus hábitos”, como mancebias, tanto por parte dos índios quanto dos mamelucos.

Essas cartas trazem marcas linguístico-discursivas indicativas da hierarquia entre missivista e destinatário. Pela análise tópica é possível constatar que, em grande parte delas, o objetivo central é dar conta da situação e das ocorrências desses aldeamentos a alguém superior àquele que as escreve. Assim, as relações de poder estão bem marcadas por meio de expressões de polidez, promessas e indicações de subserviência.

Correspondência passiva de Washington Luiz

As cartas que constituem essa parte do *corpus* foram coletadas por Simões e Kewitz (2006) do fundo “Washington Luiz” do Ahesp e datam do final do século XIX, fase de estudante e início da carreira de advogado, e da primeira metade do século XX, fase de alta ascensão política do destinatário (período em que foi presidente da República).

Essas cartas foram escritas por parentes (cunhados, irmãos, primo e sogra), constituindo um conjunto classificado como *Cartas particulares*, já que revelam uma grande proximidade entre o remetente e seu destinatário, por conta dos laços familiares que os envolvem. Estão distribuídas em dois grupos: (i) dos remetentes paulistas; e (ii) dos remetentes fluminenses. As considerações apresentadas restringem-se ao primeiro grupo, devido à delimitação geográfica do presente *corpus*.

Segundo Brandão, Andrade e Aquino (2007), os textos apresentam mais de um tipo de simetria e são marcados por relações emotivas. O conteúdo tópico é variado, não havendo, portanto, fidelidade temática, e, no que tange à centração tópica, observam-se frequentemente aberturas em que se revela preocupação com a saúde do destinatário.

Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo

As cartas desta parte do *corpus* foram coletadas do Acervo de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Florestan Fernandes, localizada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), e compiladas em setembro de 2007 por Barroso e Batista.⁴ Correspondem a missivas originadas na cidade de São Paulo ou em cidades do interior do estado que datam do século XX (1911-1983) e têm como destinatário Fidelino de Figueiredo, português, nascido em Lisboa em 1889, que foi convidado, em 1938, a integrar o quadro de professores europeus responsável pela organização das cátedras e dos departamentos da FFLCH da então recém-fundada USP, permanecendo no posto de professor de Literatura Portuguesa até 1952. Morreu em 1967.

Os missivistas são parentes, amigos, colegas de trabalho e ex-alunos. Assim como nas cartas de Washington Luiz, também essas revelam, na maior parte, proximidade entre o missivista e seu destinatário, por conta dos laços familiares e/ou de coleguismo que os unem. Apesar disso, é possível depreender também uma relação de respeito muito forte mesmo nos casos em que tal proximidade é observada. Essas características permitem a classificação desse conjunto como *Cartas particulares*, que apresentam mais de um tipo de simetria e marcas de relações emotivas.

A temática dos tópicos é também variada, mas inclui, predominantemente, aberturas e até mesmo algumas sequências que revelam preocupação com a saúde do destinatário. Ainda nessa direção, em algumas cartas, em especial naquelas em que há um grau de simetria ascendente, normalmente escritas por missivistas que tratam de assuntos profissionais, voltados para convites a palestras, pedidos de favores etc., verificam-se tópicos com maior fixidez temática.

4 Respectivamente, bolsista Capes/mestrando em Letras: Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (DLCV/FFLCH/USP), e bolsista Fapesp-IC/graduanda em Letras (FFLCH/USP), ambas sob orientação da Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

Correspondência passiva de José Bonifácio

As cartas que constituem essa parte do *corpus* foram coletadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por Simões e Kewitz (2006), e giram em torno da figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, sendo datadas do início do século XIX (1801-1822), período marcado por grandes transformações na história do Brasil. Exatamente por conta do contexto histórico-político e social, a temática dessas cartas refere-se à tensão que imperava na época, focalizando questões e assuntos sobre o momento político que envolvia principalmente as regiões de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro.

De acordo com o organizador desse conjunto de cartas, é dada a denominação de *Cartas particulares* porque correspondem a textos que, embora apresentem caráter oficial, enquadram-se na categoria informal de interlocução entre o missivista e o destinatário, exibindo alguns fatores discursivos importantes, como: ora simetria, ora assimetria de relações interpessoais, registro oficial formulaico ou oficial “popular”, redação por um “autor seguro”, ou um “autor inseguro”, ou por “mãos hábeis”, “mãos pouco hábeis” ou “mãos inábeis” (Marquilhas, 1996 apud Barbosa; Lopes, 2002). Embora dentro da denominação de *Cartas particulares*, há uma menor proximidade entre missivista e destinatário em comparação com as cartas de Washington Luiz e de Fidelino de Figueiredo, uma vez que não há aí laços familiares.

Sob os aspectos discursivos, é possível concluir que se trata de um conjunto heterogêneo, mas, sob os aspectos temáticos, essas mesmas cartas são bastante homolíticas, já que, como exposto, apresentam o mesmo tema da discussão política.

Cartas publicadas em jornais paulistas do século XIX

Focalizo, por fim, a *Carta em mídia*, ou seja, as cartas de leitores e redatores de jornais dos séculos XIX e XX, a partir de material organizado por Barbosa e Lopes (2002, 2006).⁵

Andrade (2006) verifica que a carta do leitor é um texto que circula no âmbito jornalístico em seção fixa, sob denominações variadas, destinada à correspondência dos leitores. É utilizada em situações em que o contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem, é ausente (entre o leitor e a equipe editorial do jornal ou revista), visando atender propósitos comunicativos variados, como: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar etc. Trata-se, assim, de uma TD de domínio público, de caráter aberto, cujo objetivo é a divulgação de seu conteúdo.

Atualmente, as cartas de leitor são divulgadas em jornais e revistas de grande circulação e tratam de notícias de interesse pessoal, publicadas nesses veículos de comunicação, ou de solicitações feitas pelos leitores. De modo geral, demonstram um contato dos leitores com fatos importantes e recentes da sociedade, normalmente por meio de registro escrito formal ou semiformal. Por conta do espaço físico da seção ou mesmo do direcionamento argumentativo, as cartas, hoje, podem ser resumidas ou parafraseadas, ou ter informações eliminadas, configurando, segundo Bezerra (2002, p.211 apud Andrade, 2006, p.121), uma carta em coautoria: produzida pelo leitor (produtor do texto original) e pelo jornalista (produtor do texto retextualizado).

Entretanto, nos jornais selecionados do século XIX, as cartas são colocadas integralmente e versam sobre os mais variados e distintos assuntos. Em algumas delas, o propósito é claramente explicitado pelo enunciador, podendo aparecer em posição de destaque no início do texto. Mas, com frequência, o objetivo da carta não é

5 *Cartas de leitores e de redatores*, em cópia digital (2002), e a publicação das cartas de leitores – *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; Faperj (2006). Desse livro, interessa a este trabalho o Capítulo 6, “Cartas de jornais oitocentistas de São Paulo”, organizado por Castilho et al.

indicado com clareza. Nesses casos a inferência é imprescindível. Essas cartas revelam elementos característicos da interatividade, tais como o estilo dos atos ilocutórios, a utilização de vocativos, o uso de MDs etc.

Por sua vez, nos jornais paulistas do século XIX, havia também uma seção destinada às cartas escritas pelos redatores e destinadas aos leitores do jornal. De caráter público e aberto, essas cartas, por meio de um registro formal ou semiformal, atendiam a propósitos comunicativos variados. De modo geral, esses propósitos marcam um posicionamento do próprio jornal, por meio da figura do redator, que assina, mediante essa função, a carta, em face do que é comunicado. Em linhas gerais, encontram-se nessas cartas: pedidos ao governo em nome do jornal e dos leitores; pedidos aos leitores; comunicados sobre acontecimentos externos e internos ao jornal; correções de textos publicados no jornal; críticas e comentários políticos; comentários etc.⁶

As cartas em mídia diferenciam-se de outras TDs porque, nelas, sequências narrativas, descritivas, argumentativas e outras podem conviver harmoniosamente, i.e., constituem um bom exemplo de uma TD denominada especificamente como *carta*, mas que abarca outras TDs diferenciadas. Sendo assim, uma análise dessa TD deve considerar o propósito, a função (enquanto atividade social) de cada carta, assim como os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores.⁷ Não há, portanto, um modelo pronto aplicável a essa TD em relação a esses fatores.

6 As características dessas cartas apresentam forte relação com as características da TD *editorial*.

7 Na carta particular, existe um interlocutor definido, único e bem delineado. Nas cartas de leitores e redatores, esse fato não é observado e, além disso, há uma suposição de conhecimentos compartilhados a qual sustenta afirmações/comentários que escapam aos demais leitores.

Quadro geral da TD carta

O *corpus* referente à TD carta pode ser subdividido em três conjuntos, a partir de suas características discursivo-pragmáticas, e o segundo conjunto ainda pode ser subdividido, de acordo com o quadro a seguir:

TD CARTA			
ABERTURA			
SEQUÊNCIAS			
CONJUNTO I	CONJUNTO II	CONJUNTO III	
Administração privada	Particulares	Em mídia	
Cartas de aldeamento de índios (AI)	Correspondência passiva de Washington Luiz (CP) Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo (FF)	Correspondência passiva de José Bonifácio (BN)	Cartas de leitores e redatores (LR)
FECHAMENTO			

Quadro 4.1 Quadro geral da TD carta.

Esses (sub)conjuntos sustentam a relação estabelecida entre os textos e suas respectivas condições de produção, perpassadas por suas funções interacionais, ou seja, apontam, de modo genérico, para a inscrição do interacional no textual, a partir da observação das características discursivo-pragmáticas que os configuram. Dessa forma, algumas dessas características, especificamente as fórmulas de abertura e de fechamento, comuns aos três conjuntos, permitem a identificação de todos os textos sob a denominação de TD carta, enquanto nas partes restantes (sequências) verifica-se uma liberdade e, portanto, um baixo grau de fixidez na TD, que possibilita a identificação desta como uma TD que, constitutivamente, configura-se por uma fixidez incompleta, mediante a qual outras TDs podem tomar lugar (Kabatek, 2005b, p.163-164). Ressalto que não estou, a partir dessa

afirmação, preconizando nenhuma espécie de relação entre esses (sub) conjuntos e os resultados das análises que serão realizadas, o que, obviamente, dependerá de modo exclusivo do desenvolvimento do trabalho, mas estou, com certeza, reafirmando o estatuto não só teórico, como também metodológico das TDs para a seleção das amostras.

A TD editorial de jornal

Os textos representativos da TD editorial foram coletados no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap)⁸ da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), localizado no campus da cidade de Assis, que conserva, em microfiches, as edições do jornal *O Estado de S. Paulo* desde a sua fundação, em 1875, quando se intitulava *A Província de S. Paulo*, até o ano de 1964. Foram considerados “editoriais” os textos de natureza opinativa/argumentativa que, mesmo sem essa denominação, representavam discursivamente a voz do jornal. De modo geral, podem ser agrupados em dois blocos:

- (i) século XIX (1875 a 1895): os textos desse século encontram-se, em sua grande maioria, dispostos na primeira página do jornal, abaixo da repetição do seu título, em caixa-alta.
- (ii) século XX (1958, 1959 e 1964): os textos desse século encontram-se rigorosamente publicados na página 3 do jornal, correspondendo ao primeiro texto, sempre com título, publicado na seção denominada “Notas e informações”.

Embora sob outra denominação, os textos do século XX mantiveram a tradicional postura do jornal de expor seu ponto de vista de acordo com as características da TD editorial, unindo conservadorismo político e liberalismo econômico e sendo uma das colunas mais emblemáticas de *O Estado de S. Paulo*.

No período correspondente aos anos de 1896 a 1942, não foram encontrados os textos representativos da TD em foco, de acordo

8 Esse material foi coletado por mim e pela Profa. Dra. Clelia Candida Abreu Spinardi Jubran.

com (i) e (ii). Nesse período, o jornal passa por várias mudanças, tanto no âmbito da configuração gráfica quanto no da sua própria constituição, o que exige uma pesquisa que focalize especificamente quais dos textos publicados apresentam traços específicos da TD editorial e de que forma esses traços ajudam a manter ou não a identidade dessa TD no período.⁹

A temática política dá o tom aos textos editoriais, que incluem, ainda, aspectos econômicos e sociais, sempre relacionados à província (até 1889) e ao estado de São Paulo. De modo geral, o jornal usa a natureza fortemente argumentativa do texto que configura a TD em questão para apresentar seus objetivos e crenças e, assim, formar a opinião dos leitores em relação a determinadas posturas políticas.

A TD e-mail

A metodologia de coleta das amostras de *e-mail* baseia-se na seleção, a partir do devido consentimento (formalizado mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento da Pesquisa, de acordo com os moldes do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Unesp), de um total de sete informantes. Os dados sociais importantes para a seleção desses informantes são: o nível superior de escolaridade, a fim de manter uma amostra compatível com aquela diacrônica no que diz respeito às características linguísticas gerais do registro; e a necessidade de ser natural do estado de São Paulo e nele habitar.¹⁰

A amostra geral é composta de 319 textos, mas, a fim de padronizar as quantidades de unidades textuais, mantendo um *corpus*

9 Na manipulação do material, ainda que de forma superficial, foi possível identificar que durante o período em que o jornal deixa de apresentar a TD *editorial*, conforme formato encontrado no período anterior, algumas cartas, distribuídas em localizações distintas pelas seções do jornal, exibem as mesmas características dessa TD. Pode haver aí uma relação, por um lado, com o momento sócio-histórico e político por que passa o país e/ou o próprio jornal, e, por outro, com essas duas TDs, em que a TD *carta* apresenta características linguístico-discursivas da TD *editorial*.

10 Para um controle maior, a coleta conta com outras informações sociodemográficas, como sexo, idade, local de residência e telefone.

proporcional ao de cartas e de editoriais, selecionei 274 *e-mails*¹¹ para as análises. Os dados pessoais que preenchem o *software* do programa computacional em questão (especificamente os que compõem o cabeçalho) foram retirados do material de análise, assim como qualquer outra informação pessoal, a fim de preservar a identidade dos informantes. Essa medida não prejudica a representatividade da TD, uma vez que a liberdade é característica marcante do corpo do texto, no qual se encontram as *sequências*.

Segundo Cruz (2006, p.12), manuais de uso do *e-mail* (Angell; Heslop, 2000; Andrade, 2002) sugerem um texto compacto, de tamanho aproximadamente compatível com o da tela do computador e dependente do grau de intimidade entre remetente e destinatário, além de advertirem da necessidade de observação de cuidados com a ortografia, gramática e estrutura, que podem comprometer a imagem do remetente. A mesma autora destaca também outros trabalhos (Baron, 2001; Crystal, 2001; Marcuschi, 2004; Paiva, 2004 etc.) que chamam a atenção para a falta de revisão cuidadosa do texto, característica da produção da comunicação mediada por computador e relacionada à falta de revisão resultante da rapidez exigida pelo meio. Diante dessa divergência de posicionamentos, ressalto a necessidade, cada vez mais pontual e essencial, de avaliar as condições em que se dá a comunicação via *e-mail*, uma vez que são essas condições que imprimirão no texto as marcas interacionais coerentes. Ou seja, a mesma TD pode assumir-se como espaço discursivo de características completamente distintas, desde um grau muito baixo de publicidade, característico da correspondência particular, até um grau altíssimo, característico de *e-mails* enviados para extensas listas de destinatários; desde um grau de simetria horizontal, emotiva, que permite um baixo planejamento, até uma ascendência íngreme, permeada, naturalmente por um registro altamente controlado; entre outros aspectos.

11 Como trabalho com o conceito de TD, o balanceamento dos textos que compõem os *corpora* é feito a partir da unidade textual, não importando a extensão de cada uma. Portanto, padronizo todas as amostras com a mesma quantidade de textos (274 textos representativos da TD *carta*; 274 da TD *editorial de jornal*; 274 da TD *e-mail* e também 274 textos do banco de dados Iboruna, totalizando uma amostra de 1.096 textos).

De fato, a TD *e-mail* configura-se por uma liberdade que marca também suas características linguístico-discursivas, estando, entretanto, intimamente vinculada às suas condições de produção. De modo geral, os textos que compõem a amostra da TD *e-mail* apresentam, mais recorrentemente, frases curtas, abreviaturas, siglas, uso de dêiticos que fazem referência imediata ao *frame* interno do próprio texto (Marcuschi, 2002, p.24) e pressuposição de conhecimento compartilhado entre o redator e seu destinatário. Por outro lado, contém poucas construções encaixadas e baixo uso de juntores interfrasais, em razão, em grande parte, da baixa recorrência de desdobramentos em parágrafos. Há também o apelo para o acréscimo de imagens e construções de valor onomatopaico (como rrsrrsrs, kkkkk, ☺, ☹ etc.). Além disso, o que se infere, do conjunto de textos, é que os *e-mails* configuram uma nova TD, principalmente quando se levam em conta suas peculiaridades formais e discursivas, especialmente voltadas para a relação com a oralidade, numa escrita heterogênea.

As TDs no banco de dados Iboruna

Na perspectiva sincrônica, o *corpus* mediado pela fala constituiu-se a partir do banco de dados Iboruna, composto de amostras do português falado na região noroeste do estado de São Paulo (municípios de São José do Rio Preto, Ipiranga, Onda Verde, Guapiaçu, Mirassol, Bady Bassitt e Cedral).¹²

Esse banco de dados comporta dois tipos de amostras de fala: a *Amostra Censo* (AC), coletada de acordo com os critérios da sociolinguística laboviana (Labov, 1972; Votre; Oliveira; Silva, 1995 apud Gonçalves; Tenani, 2008, p.167); e a *Amostra de Interação* (AI), co-

12 A organização do *corpus* a partir da delimitação geográfica restrita ao estado de São Paulo permite que esse material, constituído por amostras do interior do estado, seja abarcado aqui também de forma coerente com o perfil dos informantes dos textos de *e-mail*. Vale esclarecer, no entanto, que, apesar de a maior parte dos textos que constituem o *corpus* diacrônico ter sido produzida na capital, há, entre eles, cartas produzidas também no interior. Além disso, a escolha é apropriada por se tratar de um trabalho inserido em um projeto conhecido como Projeto Caipira.

letada em contextos interacionais livres, sem o controle de qualquer variável, caracterizando-se pela gravação secreta (Roncarati, 1996 apud Gonçalves; Tenani, 2008, p.167) e, conseqüentemente, pela preservação da total naturalidade da conversação.

Em princípio, cada um desses tipos de amostra serve a propósitos diferenciados. Enquanto AC constitui um tipo especialmente voltado aos estudos da variação e mudança linguística em tempo aparente, AI volta-se para estudos focados na interface gramática/discurso, já que, de acordo com Gonçalves e Tenani (2008, p.168), sob tal abordagem, se concebe que a codificação linguística do falante é uma decisão que decorre de um modelo de interação verbal naturalmente construído na interlocução, ou, mais precisamente, no discurso (Hengeveld, 2002 apud Gonçalves e Tenani, 2008, p.168).

No presente trabalho, em que focalizo aspectos de um tipo determinado de mudança linguística, apenas a amostra AC será utilizada. Portanto, especifico que a coleta dessa amostra envolveu o controle rigoroso das seguintes variáveis sociais:

- (a) sexo/gênero (masculino, feminino);
- (b) faixa etária, em cinco níveis (7 a 15 anos, 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55, mais de 55);
- (c) escolaridade (ensino fundamental, médio, superior);
- (d) renda familiar, estratificada em quatro níveis (até 5 salários mínimos, de 6 a 10, de 11 a 25, mais de 25).

Dessas variáveis sociais, apenas (c) foi tomada como critério a ser observado na seleção das amostras constitutivas do *corpus* de fala. Nessa direção, foram tomadas as amostras representativas de informantes com nível superior de ensino, a fim de manter o grau de escolaridade como um fator de coerência entre essa e as demais amostras constitutivas do *corpus*.

As amostras de AC são compostas de cinco tipos de textos de cada informante (cf. metodologia empregada em Votre, Oliveira; Silva, 1995 apud Gonçalves; Tenani, 2008, p.167), a saber: *narrativa de experiência pessoal* (NE); *narrativa recontada* (NR); *relato de descrição* (DE); *relato de opinião* (RO); e *relato de procedimento* (RP). De acordo com Gonçalves e Tenani (2008, p.167-168), ape-

sar de não se considerar a obtenção de textos genuinamente narrativos, opinativos, injuntivos e descritivos (cf. Travaglia, 2002; Marcuschi, 2008), por conta das próprias características dos textos orais, por meio de roteiros de entrevista, previamente definidos, predominam, nas amostras constitutivas do presente *corpus*, esses tipos textuais.

Gênero, tipo textual e TD: definição e funcionalidade das amostras de fala

Embora já tenha sido introduzida neste trabalho, a noção de TD como aspecto teórico-metodológico fundamental para a organização das amostras constitutivas dos *corpora* aqui analisados, tanto diacrônica como sincronicamente e tanto medialmente escritos como falados, de modo geral, é imprescindível que, sobretudo neste momento, seja introduzida uma discussão teórica que especifique a aplicação desse aparato, no âmbito de relações amplamente ambíguas e nem sempre analisadas de modo claro na bibliografia pertinente, associadas ao aspecto teórico e terminológico da distinção entre as noções de gênero textual e tipo textual.¹³

Destaco de início que, neste trabalho, os *tipos textuais*, como do mesmo modo que os *gêneros*, são tomados como TDs. Para justificar tal posição, apresento uma problematização das definições de gêneros e tipos textuais, sem maiores complicações técnicas, tendo como base o trabalho de Marcuschi (2008).

Vale ressaltar que, a partir de uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegio sua natureza funcional e interativa, em vez de seu aspecto formal e estrutural, e o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, conforme Coseriu (1979), o que equivale à afirmação de que a língua não é vista como espelho da realidade e nem mesmo como instrumento de representação de fatos, mas como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a própria

13 A exemplo de Marcuschi (2008), não me dedico à observação da diversidade terminológica existente nesse terreno, pois isso me desviaria muito dos objetivos da abordagem.

realidade, sem cair no subjetivismo ou idealismo ingênuo. Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida, seja na explicitação ou na aplicação de quaisquer dos conceitos em questão, insere-se nesse quadro característico da hipótese sociointerativa da língua.

Nesse contexto, apresento as definições e distinções de gênero e tipo textual, defendidas por outros autores, além do próprio Marcuschi (2008), como Biber (1988), Bronckart (1999), entre outros:

(a) gênero textual: noção propositalmente vaga que se refere a textos materializados, encontrados em nossa vida diária, que apresentam características sociocomunicativas para agir sobre o mundo, dizer o mundo e constituí-lo de algum modo. Portanto, correspondem a eventos linguísticos que não se definem como características linguísticas, mas atividades sociodiscursivas. São inúmeros os gêneros textuais, tais como *editorial*, *carta pessoal*, *receita médica*, *bula de remédio*, *poema*, *piada*, *artigo científico*, *resumo de um artigo*, *prefácio de um livro*, entre outros. Por causa de sua caracterização como fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada que contenha todos os gêneros;

(b) tipo textual: espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição, i.e., aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. Em geral, os tipos textuais abrangem as categorias conhecidas como *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção*. Normalmente, a expressão é usada, de maneira equivocada, para designar gêneros de textos. É evidente que, em todos os gêneros, no entanto, também estão sendo realizados tipos textuais. Assim, um texto é, em geral, tipologicamente heterogêneo, podendo abranger uma sequência narrativa, uma argumentação, uma descrição e assim por diante. Portanto, ressalto, entre as características básicas dos tipos textuais, o fato de eles serem definidos por seus *traços linguísticos* predominantes, motivo pelo qual um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam, de fato, uma sequência (e não um texto), que funciona como uma armação de base, ou seja, como uma malha infraestrutural do texto. Assim, os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral, preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante hete-

rogêneas, mas estão necessariamente relacionadas entre si, de modo a configurar a coesão textual. Nessa direção, a denominação de um texto em narrativo, descritivo ou argumentativo nomeia, em vez do gênero, o predomínio de um tipo de sequência de base.

Para maior visibilidade, segue quadro sinóptico a partir das considerações de Marcuschi (2008):

TIPOS TEXTUAIS

1. Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.

2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos.

3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal.

4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

GÊNEROS TEXTUAIS

1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas.

2. Constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas.

3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas por canal, estilo, conteúdo, composição e função.

4. Exemplos de gêneros: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais*, entre outros.

Quadro 4.2 Tipos textuais vs. gêneros textuais.

Observo que a definição dada aos termos é muito mais operacional do que formal, já que, na noção de *gênero textual*, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade, e, na noção de *tipo textual*, predomina a identificação de sequências linguísticas típicas, e em ambas os textos circulam por grandes esferas da atividade humana, denominadas de *domínios discursivos*.

A partir dessa exposição, destaco, de início, dois aspectos pontuais usados por Marcuschi para o estabelecimento da distinção pretendida:

- (i) embora, de acordo com as definições, os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles de caráter estrutural ou linguístico, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, o autor admite que a forma não é desprezada. Parece evidente que, em muitos casos de estudos dos gêneros textuais, são exatamente esses aspectos formais os responsáveis pela determinação do gênero, havendo até mesmo casos extremos nos quais o próprio suporte ou ambiente em que os textos aparecem determina o gênero presente;
- (ii) embora proponha e defenda uma distinção, até mesmo facilitada, entre gêneros e tipos textuais, o autor admite que, enquanto sequências, os tipos textuais constituem os gêneros textuais. Desse ponto de vista, integram os diferentes gêneros e os configuram de forma heterogênea.

Diante de (i), chamo a atenção, portanto, para a fragilidade de uma característica dos textos, de modo geral, tomada como critério inicial para a distinção entre gênero textual e tipo textual. Se os estudos dos gêneros consideram, e não poderia ser diferente, também os aspectos composicionais de natureza linguístico-formal, estes não podem corresponder a critério distintivo suficiente entre gênero e tipo textual. Diante de (ii), chamo a atenção, igualmente, para o fato de que, defendida a afirmação de que nos gêneros textuais realizam-se tipos textuais, é preciso considerar, ao mesmo tempo, a integração de ambos para a constituição de uma ação que é, concomitantemente, sociodiscursiva e linguístico-formal, i.e., qualquer

um desses aspectos não pode excluir o outro, nem mesmo como abstração teórica, já que se completam no mesmo fenômeno.

Com (i) e (ii), não pretendo igualar o que se entende por tipo textual e por gênero textual, mas justificar a adoção de uma “camada” mais ampla que os una como práticas que compõem o mesmo domínio de estudo ou fenômeno. Em outras palavras, proponho a inclusão da *tradição* nos estudos linguísticos em todos os aspectos nos quais tenha relevância, incluindo as tradições de um texto concreto e suas formas de repetição, em que estariam os gêneros textuais, tal como a definição apresentada, assim como as tradições de formas textuais, em que estariam contemplados os tipos de textos, também conforme a definição exposta, além de elementos designativos, de lugares, de tópicos etc. (Kabatek, 2008).

Essa proposta só é possível porque, na definição generalizante de TD, como a adotada aqui, consideram-se todos os elementos sócio-históricos designáveis e relacionáveis com um texto, assim como o conteúdo expresso, a constelação pragmática em que aparece, seu possível vínculo institucional, a relação que tem com outros textos e com diferentes línguas, além das características propriamente textuais e linguísticas, como o léxico, sua disposição formal, as técnicas sintáticas e transfrásticas empregadas, e a relação entre suas diferentes partes (presença de fórmulas, por exemplo).

Nessa direção, o conceito de TD abrange, ao mesmo tempo, as funções comunicativas, cognitivas e institucionais e as peculiaridades linguísticas e estruturais, e considera a formação de uma TD não de forma isolada, mas a partir da combinação desses aspectos. Assim, desfaço os problemas teóricos levantados em (i) e (ii), já que, em relação a (i), os elementos linguístico-formais assumem papel definidor de uma TD assim como os sociodiscursivos, o que de fato se dá a partir da integração entre eles, acarretando o pressuposto no conceito de heterogeneidade, em (ii).

Nesse sentido, a TD, como um recurso teórico-metodológico, diferencia-se do gênero textual, mas pode incluí-lo, da mesma maneira como aos tipos textuais. Assim, considero que, da mesma forma que *cartas* e *editoriais* constituem TDs, podendo até mesmo

englobar outras TDs, a partir da composicionalidade da própria tração que representam, os diferentes tipos textuais também constituem TDs, garantindo a coerência de nosso material de análise.

Toda essa argumentação deve ser direcionada, no entanto, para caracterizar os textos extraídos do banco de dados Iboruna, conforme exposto no quadro a seguir:¹⁴

TD narrativa de experiência	<i>narrativa de experiência pessoal (NE)</i>
TD narrativa recontada	<i>narrativa recontada (NR)</i>
TD opinativa	<i>relato de opinião (RO)</i>
TD injuntiva	<i>relato de procedimento (RP)</i>
TD descritiva	<i>relato de descrição (DE)</i>

Quadro 4.3 As TDs do Iboruna.

A caracterização do *corpus* feita aqui, propondo sua organização a partir do conceito de TD, não deve ser interpretada de forma estanque, ou seja, embora haja o predomínio de traços característicos de cada uma dessas TDs, especificadas no Quadro 4.3, o que se observa, de fato, é a mistura delas em uma mesma amostra ou um mesmo texto. De modo geral, predominam, no recorte do banco de dados Iboruna, as TDs narrativas. Em muitos inquéritos, o informante realiza a tarefa sugerida pelo documentador da amostra, que direciona a produção para uma determinada TD, sempre por meio de uma narração. Também genericamente as TDs injuntivas encontram-se, na maior parte das vezes, no interior de outras TDs, sejam narrativas, opinativas ou descritivas. Esse aspecto pode, em um primeiro momento, parecer prejudicial, mas, na verdade, é esperado numa pesquisa que toma como princípio teórico e metodológico as TDs e, sobretudo, o papel delas na constituição da heterogeneidade

14 As TDs narrativas de experiência e narrativa recontada não serão tomadas juntamente porque apresentam comportamentos distintos em relação a alguns aspectos observados na análise. Além disso, cada TD exposta nesse quadro mantém a mesma quantidade de textos.

que se mostra no domínio dos textos e, conseqüentemente, no domínio da própria língua.

Nessa direção, serão necessários ainda alguns esclarecimentos acerca da forma como entendo o conceito de heterogeneidade em relação a fala/oralidade e escrita/letramento enquanto mediador da constituição de todo o *corpus*, nos textos representativos das diferentes TDs expostas como material de análise. Assim, a subseção seguinte esclarece a noção que fundamenta a apreensão de TDs escritas como transpassadas por traços de oralidade, e vice-versa, a depender da TD em maior ou menor grau, mas sempre como indícios da heterogeneidade constitutiva dos textos.

A noção de fala/oralidade e escrita/literalidade sob o viés das TDs

As diferenças universais entre os meios fônico e gráfico levaram, na história, a concepções distintas de literalidade e oralidade que foram transpassadas pelas TDs. Segundo Kabatek (1996, p.47-48), quando uma língua preferencialmente usada de maneira oral começa a ser escrita, não se dá somente um processo de transformação medial, mas um processo de exposição dessa língua às *concepções* da literalidade.

De modo semelhante ao que se passou na Idade Média românica, também se encontrará o caminho entre adoção e rejeição, mas, nos dois casos, ter-se-á que contar com a tensão da *interferência*. De acordo com Kabatek (2002), focados na procura do entendimento das conseqüências dessas *interferências* nos textos, Koch e Oesterreicher (1985), a partir de um trabalho póstumo de Söll (1974), adotam a distinção entre o *meio* de realização de um texto e sua *concepção*: um texto pode ser gráfico ou fônico enquanto *meio* e, independentemente disso, escrita ou oral sua *concepção*. A essa distinção fundamental acrescentam-se mais dois aspectos: (i) o limite entre o *meio* fônico e o gráfico é discreto, sem formas de transição; enquanto (ii) a *concepção* de um texto oral e a de um texto escrito se dá num “contínuo de intermináveis formas intermediárias” (Kabatek, 2002, p.42-43).

Antecipo, de início, que a posição assumida aqui se aproxima da assumida por Koch e Oesterreicher e por outros autores, como Tannen (1982), Chafe (1985), Biber (1988), Marcuschi (2008), denominável de utilização metodológica da dicotomia fala/escrita, via criação de um contínuo tipológico de gêneros textuais, no qual se localizam os referidos pontos intermediários localizados entre os extremos do suposto como típico oral, de um lado, e do suposto como típico escrito, de outro, mas se aproxima *ainda mais* da posição assumida por Corrêa (1997). De acordo com o autor, assumo não a compartimentação de gêneros em um contínuo, mas um *modo heterogêneo de constituição da escrita*,¹⁵ aproximando-me das ideias de Street (2006), Abaurre (1990), Silva (1991), Chacon (1996) etc.

Para tanto, Corrêa (1997, p.20-21) cria um lugar para a observação do que julga ser o encontro entre as práticas orais/faladas e letradas/escritas,¹⁶ metodologicamente construído por meio de três eixos de representação da escrita: (i) o da representação que o redator faz sobre o que imagina ser a gênese da (sua) escrita; (ii) o da representação que faz sobre o que imagina ser o código escrito institucionalizado; e (iii) o da representação sobre a dialogia com o já falado/escrito e o já ouvido/lido (o que coloca em pauta as relações com as TDs). Nessa direção, retomo a hipótese de que, em diferentes graus e com diferentes possibilidades de adequação à TD, a circulação entre as práticas seja sempre marcada de alguma forma.

Assim, resalto, dentre outras importantes questões levantadas por Biber (1988, p.160), a mudança de objeto de análise da língua para o texto, a partir do pressuposto de que nenhuma deci-

15 Digo escrita porque o objeto desta pesquisa centra-se também na escrita, como no caso da pesquisa de Corrêa, mas entenda-se aqui *modo heterogêneo de constituição da língua*, já que essas considerações também servem para a fala/oralidade se considerarmos, por exemplo, a postulação de um grafismo no fluxo temporal da fala como percepção de que, a exemplo das práticas letradas, as orais apresentam também um modo heterogêneo de constituição.

16 Segundo Marcuschi (1995 apud Corrêa, 1997), as relações entre oralidade/letramento e fala/escrita são relações entre fatos linguísticos (fala vs. escrita) e práticas sociais (oralidade vs. letramento). Acredito (conforme Corrêa, 1997) que a todo fato linguístico vincula-se uma prática social.

são *a priori*, válida, portanto, para a língua como um todo, pode ou deve ser feita de forma a determinar que “todos os textos falados devam ser agrupados juntos como opostos a todos os textos escritos”. Ou seja, essa atenção ao texto associa-se diretamente aos objetivos deste trabalho, uma vez que permite observar o modo heterogêneo de constituição da escrita em TDs particulares. Se, como afirma Corrêa (1997, p.53),

fatores situacionais, funcionais e linguísticos, tomados isoladamente, não permitem uma amostragem da relação efetiva entre os diversos gêneros [entenda TDs], buscaremos observar esse modo heterogêneo de constituição da escrita já em sua própria base semiótica.

Corrêa (1997, p.68-69) aponta a base semiótica na atividade da escrita como, ela mesma, um argumento para a recusa da dicotomia entre o falado/oral e o escrito/literal, a partir do momento em que admite que as atividades comunicativas operam sempre a partir de um *feixe* de materiais significantes, o que é comprovado argumentativamente, por exemplo, pela ideia de ritmo da escrita (Jurado Filho, 1996). Isso quer dizer que a própria base semiótica da escrita aponta para um feixe de materiais significantes, envolvendo, pelo menos, a presença preponderante do gesto e a fossilização do material fônico-acústico (não somente segmental) ao lado do material gráfico.

Com isso, Corrêa mostra que a consideração da base semiótica como fator de distinção entre o falado e o escrito não pode ser simplesmente admitida, nem descartada, como se fosse óbvia.¹⁷ A complexidade dessa recusa evidencia-se pela participação de signos não verbais e de suas bases semióticas na matéria escrita. Na falta de tal pureza de materiais significantes no processo de escrita, não é possível admitir uma simples oposição entre dois materiais significantes independentes, nem a dicotomia, ainda que metodológica, entre as duas formas de enunciação.

17 Esse tipo de indicação pode ser depreendido nas considerações de Koch e Oesterreicher (1985), já expostas, no que tange à relação entre *meio* e *concepção* textual.

Essas considerações também servem para a fala/oralidade se considero, por exemplo, a já mencionada postulação de um grafismo no fluxo temporal da fala como algo que nada mais é do que uma percepção de que, a exemplo das práticas letradas, as práticas orais apresentam também um modo heterogêneo de constituição, ou, ainda, se considero a menor ênfase na prosódia em ocorrências de “fala mais formal” como indicação de uma presença, também cultural, do escrito no falado.

Nesse âmbito, Corrêa (1997, p.76) aborda o aspecto talvez mais polêmico das relações entre práticas orais/faladas e letradas/escritas – o equívoco de que o escrito “representaria” o falado – e questiona esse papel da escrita como representação, evitando o falso problema que consiste em optar por uma de duas relações possíveis da escrita: com o mundo ou com o falado – enquanto símbolos de primeira e segunda ordem, respectivamente. Evitar esse falso problema é, para o autor, tratar a escrita como tipo particular de enunciação, ou seja, observar as relações que o escrito mantém com o mundo/falado no próprio processo de escrita. A hipótese, defendida por Corrêa e adotada aqui, é a de que o escrevente, em seu processo de escrita, circula por um imaginário que se particulariza para situações específicas e concretas de uso da escrita no âmbito de suas condições de produção.

Para o que interessa, destaco que há, no falado e no escrito, uma realização menos evidente da linguagem, não apreensível nem pela consideração do aspecto fônico-acústico dos enunciados falados, ou do aspecto gráfico-visual da escrita, nem pela consideração de seus diferentes tipos de elaboração textual (falado ou escrito), nem de seus recursos tidos como mais típicos (lexicalização, na escrita; prosódia, na fala – ainda que não exclusivamente). Essa realização menos evidente tem mais a ver com a relação que se estabelece entre o sujeito e a linguagem, marcada por pistas linguísticas específicas e orientadora do grau de convivência entre o oral/falado e o letrado/escrito, assim como definidora do modo heterogêneo de constituição de cada uma delas.

Resumindo, conforme Corrêa (2008, p.77-78), descarto a noção de escrita como modo de representação da língua, por meio do

qual se opõem, de forma imprecisa, *língua falada e escrita*, e descartado também a noção de fala e escrita como modalidades, já que, como são conhecidas e utilizadas, as modalidades oral e escrita definem-se a partir de referências às suas bases semióticas: o som (fala) e o traço gráfico (escrita). Essa diferença tem servido como base inapropriada para a validação da oposição radical entre práticas faladas e escritas, como se, nelas, o aspecto semiótico fosse o único relevante.¹⁸ No lugar dessas noções, assumo, com Corrêa (1997), a proposta de fala e escrita como modos de enunciação, em que a escrita, apesar de se mostrar como enunciação solitária, nunca se realiza sem a presunção de um leitor, o que a aproxima do modo de enunciação da fala, em que, mais do que a presença física dos interlocutores, conta com sua representação. Ambas lançam mão de representações que os participantes do discurso fazem uns dos outros, de si mesmos e do objeto de discurso de que tratam (Pêcheux, 1990a, p.82 apud Corrêa, 2008, p.78).

4.3 Procedimentos metodológicos

Segundo a perspectiva pragmática, sob a qual recorto o conceito de linguagem utilizado neste trabalho, em que aspectos textuais e interacionais encontram-se imbricados, o produto linguisticamente materializado que surge desse imbricamento revela características do processo de interação. O texto apresentado, dessa forma, como um material que congrega aspectos textuais e interacionais, torna possível a realização de um estudo diacrônico fundamentado por essa perspectiva teórica.

No âmbito dessa definição de texto, o *tópico discursivo* é adotado como unidade analítica, definido a partir das propriedades de *centração* e *organicidade*. A primeira abrange os traços de: (i) *concernência*,

18 Na dicotomização metodológica, as bases semióticas assumem papel de relevância para a constituição do contínuo de textos, embora atreladas a outros fatores (proximidade, distância comunicativa, por exemplo).

relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes; (ii) *relevância*, proeminência desse conjunto como decorrência da posição focal assumida por seus elementos; e (iii) *pontualização*, localização do conjunto focal em momento específico do texto. Por sua vez, a *organicidade* manifesta-se por relações de interdependência tópica (Jubran, 2006b). Para a definição dos processos constitutivos do texto aqui focalizados, o parâmetro de caracterização é a propriedade da *centração*.

A partir dessa unidade de análise, os usos de *assim* e de suas formas correlatas no domínio da junção serão analisados segundo critérios:

(A) formais:

- (1) tipo de unidade articulada: palavra, sintagma, oração ou enunciado;
- (2) coocorrência de outro juntor;
- (3) posição do juntor: inicial, medial ou final;
- (4) incidência de advérbios;
- (5) apresentação de formas reduzidas;
- (6) possibilidade de inversão da ordem;
- (7) relação entre P e Q: dependência ou não dependência;
- (8) entrelaçamento: compartilhamento de estruturas (predicados, sujeitos, complementos etc.); e

(B) semânticos:

- (9) relações de sentido.

A partir de Halliday (1985), considero que uma dimensão, na interpretação linguística, é o sistema de interdependência ou sistema “tático”, considerado geral para todos os complexos (cf. Capítulo 3). Assim, o critério (1) fundamenta-se na constatação do complexo específico articulado pelos jutores focalizados.

O critério (2) focaliza o item em seu contexto de ocorrência, levantando implicações referentes ao seu processo de mudança, uma vez que a coocorrência de outro juntor é significativa no que tange à GR do item, apontando para sua não prototipicidade, naquele contexto, e a necessidade do emprego de outro item já prototípico

para a (cor)realização das funções pretendidas. Além disso, ajuda a explicar os processos de reinterpretação induzida pelo contexto, de reanálise etc.

Os critérios de (3) a (8) ajudam a apreender o grau de interdependência entre as orações articuladas pelos juntores e, assim, a caracterizar a construção no âmbito da parataxe ou da hipotaxe. Especificamente, os critérios (3) e (4), que colaboram para essa caracterização, relacionam-se, respectivamente, a especificidades da construção no âmbito desses domínios, também no que diz respeito à prototipicidade ou não do funcionamento desse item na construção e à constituição de contextos importantes para o processo de mudança experimentado pelo item analisado.

A justificativa para o grande número de critérios usados na identificação de uma mesma característica, relacionada à sistemática de interdependência entre as orações articuladas pelos usos juntivos de *assim*, encontra-se no fato de que não estou lidando apenas com construções prototípicas da língua nos diferentes domínios apreendidos, mas, principalmente, com construções não prototípicas que revelam grande fluidez de traços e não discretude de relações. Diante disso, um traço não refletido na constatação de um critério poderá refletir-se em outro.

Por sua vez, o critério (9) procurará apreender as relações de sentido veiculadas pelos juntores focalizados em seus vários contextos.

A partir da análise das ocorrências de *assim* encontradas no *corpus*, identifico alguns contextos de atuação desse item não caracterizados no domínio da junção, mas no âmbito de sua função fórica.¹⁹ Esses contextos permitem um questionamento quanto à sua tradicional classificação, como advérbio de modo, se entendo essa

19 Segundo Halliday e Hasan (1976), os elementos fóricos subdividem-se em *endofóricos* e *exofóricos*, em que os primeiros desempenham movimento de sinalização *anafórica* ou *catafórica* no âmbito textual, enquanto os segundos realizam sinalização para além dos limites do texto, em direção ao contexto situacional. Para facilitar a exposição, denominarei os elementos que realizam qualquer sinalização no âmbito do texto apenas de *fóricos*, ficando reservado o título de *dêitico* aos exofóricos, sem deixar de ter em mente, no entanto, essa classificação dos autores.

categoria como “modificador de verbo”, de acordo com a tradição gramatical. Essas ocorrências de *assim* serão distribuídas em sete padrões de uso, a partir de critérios formais e semântico-funcionais, mediante os quais será atribuído o caráter de prototipicidade ou não prototipicidade/ambiguidade das ocorrências. A seguir, apresento esses padrões, seus respectivos critérios de análise e exemplos ilustrativos.²⁰

Padrão (1) – *Complemento Adverbial*

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte obrigatório;
- (2) constituinte selecionado pelo verbo.

(B) Critérios semântico-funcionais:

- (1) valor de modo (parafraaseável por *desse modo/dessa maneira*);
- (2) função fórica ou dêitica.

Os ricos trazem bôa casaca, bom | chapeo, memorias, de brilhantes, alfi- | netes de peito, & e &c; o pobre não póde | trajar assim [...]
[LRXIX-389/67]

Padrão (2) – *Adjunto a Sintagma Verbal*

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte facultativo;
- (2) possibilidade de ocorrer em contextos de focalização ou de negação frásica.

(B) Critérios semântico-formais:

- (1) valor de modo (parafraaseável por *desse modo/dessa maneira*);
- (2) função fórica.

[...] aqui me – | vejo joam Lenta apresentar os despa – | xos que Vossaexcelencia foi Servido mandarlhe | aoque não ponho duvida pois Vossaexcelencia aSim | oordena entregue aRapariga [AI-XVIII-09/47]

20 A análise desses exemplos será realizada no próximo capítulo.

Padrão (3) – *Predicativo do Sujeito*

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte obrigatório;
- (2) posição de predicadores adjetivais ou nominais, em esquemas frásicos formados com verbos copulativos.

(B) Critérios semântico-formais:

- (1) valor de modo (parafraaseável por *desse modo/dessa maneira*);
- (2) função fórica ou dêitica.

[...] e a felicidade de vocês seja eterna, assim será também a minha.

[CPXIX-18/26]

Padrão (4) – *Modificador de Sintagma Nominal*

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte facultativo;
- (2) localizações possíveis: entre verbo e SN complemento; no interior de SV constituído por locução com verbo principal no particípio; e entre nome e complemento/modificador.

(B) Critérios semântico-formais:

- (1) valor de modo (parafraaseável por *desse modo/dessa maneira*);
- (2) função fórica ou dêitica.

Em logar da palavra – senão – escrevemos = e não =: e o motivo foi o vêmos assim escripto em uma carta fidedigna, onde a letra = s = ficára imperceptivel. [LRXIX-416/76]

Padrão (5) – *Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora*

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte facultativo;
- (2) localização: anteposto a SAdj ou SAdv;
- (3) contiguidade sintagmática possível com o intensificador *tão*.

(B) Critérios semântico-formais:

- (1) valor semântico de intensificador (parafraaseável por *tão*).

[...] ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído =
Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e nas conversações te- |
ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas assim tão gene-
ricamente, Senhor Redactor, | é o mesmo que não querer obrigar
(obligar) | a ninguém. [LRXIX-391/70]

Padrão (6) – Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte facultativo;
- (2) associação com o verbo;
- (3) localização: posposto ou anteposto ao verbo.

(B) Critérios semântico-funcionais:

- (1) valor de modo (parafrazeável por *desse modo/dessa maneira*);
 - (2) função fórica.
 - (3) sinalização de mudança da instância discursiva.
-

Tinhamos aceitado o terreno unico ferido pelo Estado que assim se
definiu: “não era folha official[...]”. [LRXIX-531/110]

Padrão (7) – Marcador Discursivo

(A) Critérios formais:

- (1) constituinte facultativo;
- (2) localização: pós-elementos juntivos diversos ou em contex-
tos sintáticos diversos (abertura contextual).

(B) Critérios semântico-formais:

- (1) indicador de expressividade do conteúdo apresentado, ou de
referência ao metadiscurso, ou marcador de atenuação;
 - (2) esvaziamento do valor de modo.
 - (3) função fórica.
-

[...] (você)... coloca... éh duas colheres de... ACHOCOLATA-
DO... uma lata de LEITE CONDENSADO e uma colher... de
manteiga e faz... só que assim eu gosto de co/ aí eu gosto de comê(r)
ele mole[...] [AC-056/RP407]

[...] tem aqui em Rio Preto tem uma/ um lugar uma balada tinha

né? que agora fechô(u)... éh:: onde tinha:: umas meninas assim como (posso) dizê(r)? FÁceis né? ((risos))... [AC-049/NR003]
 [...] até essa (praia) (num) dá uns... cem metros assim de d/ despenhade(i)ro [AC-051/DE112]
 [...] num esqueço aquele céu a/ aquele:: MAR aZUL... cristaLI-NO com aqueles pe(i)xinho assim... foi muito bonito[...]. [AC-051/DE108]

As análises apresentarão, em cada padrão de uso do item *assim*, no domínio da junção e fora dele, ocorrências que contemplem os critérios formais e semântico-funcionais elencados, de forma a apresentar, num primeiro momento, exemplos prototípicos desses usos. A esses exemplos, seguirão as ocorrências que se afastam do centro de prototipicidade, revelando traços distintos e caracterizadores de contextos ambíguos, capazes de denotar a fluidez existente entre esses padrões e explicitar o caminho de mudança percorrido pelo item. Dessa forma, todo o percurso analítico-descritivo será pontuado por considerações acerca do desenvolvimento gramatical das funções desse item de acordo com os pressupostos da GR.

Embora a frequência de emprego do item em relação aos padrões elencados não seja tomada como fator principal para a caracterização de seus usos como prototípicos ou não prototípicos, serão realizados apontamentos relacionados a ela para melhor fundamentar determinadas afirmações.

“Para onde olhar...”

A partir de um panorama que inviabiliza a visão dicotômica e estanque de língua falada *versus* escrita, ou que inviabiliza a visão de uma dicotomização ainda que metodológica acerca dessas concepções, por meio da adoção da noção de heterogeneidade constitutiva dos textos, foram destacadas as características de cada TD que compõe os *corpora* deste trabalho, especialmente seus aspectos linguístico-discursivos e suas condições de produção.

Assim, a proposta deste capítulo foi direcionar o olhar sobre os textos constitutivos das amostras que serão analisadas, de modo a apreendê-los como caracterizados por aspectos distintos e tradicionais. Mais do que isso, procurei apresentar o universo da pesquisa, mediante a aplicação do conceito de TD, abarcando, à sua luz, tanto o que se conhece como gêneros textuais, quanto o que é identificado como tipos textuais, da mesma forma como considere a possibilidade de uma TD, tal como a carta, por exemplo, abarcar outras TDs, conforme a organização proposta para esse conjunto de texto, exposta no Quadro 4.1.

Neste capítulo, além das indicações sobre os procedimentos metodológicos básicos, destaco os textos como característicos de determinadas TDs, sem, para tanto, focar o olhar sobre diferentes modalidades, mas, imprescindivelmente, sobre diferentes modos de enunciação, que permitem, assim, a constatação do modo heterogêneo de constituição da língua. É a partir dessa maneira específica de enxergar o material que a análise de *assim* e formas correlatas será realizada no capítulo seguinte.

PARTE III

ANÁLISE DE *ASSIM* E FORMAS CORRELATAS

5

PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-FORMAL DE *ASSIM* E FORMAS CORRELATAS

5.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, num primeiro momento, descrevo e analiso: (i) o item *assim* em seus contextos sintáticos e semânticos de ocorrência, procurando identificar diferentes padrões de uso; e (ii) os usos de *assim* e de suas formas correlatas no domínio da junção (as locuções juntivas *assim como*, *assim mesmo* e *assim que*, e o juntor *assim*).

Para isso, as seções 5.1.1 e 5.1.2 serão dedicadas aos padrões de uso de *assim* e de suas formas correlatas, respectivamente, não relacionados à junção e no domínio da junção oracional. As ocorrências serão analisadas a partir dos critérios formais e semântico-funcionais e dos procedimentos metodológicos expostos na Seção 4.3 do capítulo anterior. Na Seção 5.1.3, proponho uma discussão a partir da análise aplicativa do modelo funcional de orações complexas na perspectiva de Halliday (1985), apresentando uma descrição das relações e interdependências de *assim* e formas correlatas.

Padrões de uso de *assim*

Foram depreendidos sete padrões de uso de *assim*, desempenhando, respectivamente, as funções de: Complemento Adverbial

(padrão (1)); Adjunto a Sintagma Verbal (padrão (2)); Predicativo do Sujeito (padrão (3)); Modificador de Sintagma Nominal (padrão (4)); Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora (padrão (5)); Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva (padrão (6)); e Marcador Discursivo (padrão (7)).

PADRÃO (1) – Função de Complemento Adverbial

O uso prototípico deste padrão é ilustrado na ocorrência (5-01), extraída da TD carta:

(5-01) Os ricos trazem bôa casaca, bom|chapeo, memorias, de brilhantes, alfi-|netes de peito, & e &c; o pobre não póde|trajar **assim**; hade vexar-se de não poder ap-|parecer com o mesmo acceio.[...] [LR-XIX-389/67]

Nessa ocorrência, *assim* é um constituinte obrigatoriamente selecionado pelo verbo e funciona sintaticamente como *complemento adverbial*, i.e., trata-se de um argumento interno do predicado verbal (composto de verbos com a mesma estrutura argumental de *sentir-se*, *portar-se*, *comportar-se*, *proceder*, *fazer*).

A supressão de *assim* origina uma construção com problema semântico. Em (5-01), a partir da leitura do tópico, fica claro que o aluno, mesmo pobre, pode se trajar para ir ao colégio (embora diferentemente do modo como se traja o aluno rico), entretanto, com a supressão de *assim* não é essa a acepção do segmento, o que mostra a relevância desse argumento para a constituição interna do predicado.

Exclusivamente nas TDs do banco de dados Iboruna, o item, neste padrão, desempenha o funcionamento exemplificado em (5-02):

(5-02) [...] conforme:: eles ba(i)xavam a ponte... eles passavam dentro... do rio... porque a ponte ia fazendo **assim** ((*mostra com as mãos*))... então chegava a chegá::(r) dentro do rio... eu falei – “gente... isso é coisa de doído” [...] [AC-086/NR554]

Em que sinaliza para o contexto extralinguístico/proposicional, apontando, deiticamente, um gesto que especifica “*como a ponte ia fazendo*”, ou seja, ao funcionar como complemento, desempenha função dêitica, sinalizando referências extralinguísticas, como em (5-02), ou porções já mencionadas ou a mencionar no texto.

Dessa forma, diferentemente dos outros “advérbios” de modo, *assim* tem uma natureza: (i) não autônoma referencialmente (desprovida de significado lexical/descritivo); e (ii) pronominal, funcionando como referenciador textual (Neves, 2000, p.242). Por (i), *assim* não pode funcionar sozinho como resposta completa/saturada à pergunta veiculada por *como/de que maneira/modo*, o que implica (ii). A essa característica deve-se também o caráter dêitico do item, cf. (5-02).

Na TD editorial, este padrão apresenta o mesmo funcionamento observado na TD carta, mas relacionado a um paradigma verbal mais restrito, composto de *pensar, proceder e falar*. Entretanto, nessa TD, o item, sinalizando retrospectivamente, funciona em construção clivada marcada pelo sentido modal, não observada nas cartas:

(5-03) Entre muitas verdades que o interesse de | ocasião lhes dita, cumpre especificar algumas | que destoam do antigo sistema dos velhos mo- | narchistas. || **É assim que** o nosso collega do *Brasil* apa- | dri- nha e recommenda uma publicação feita no | *Diario de Pernambuco* [...] [APSPXIX-1884/097]

Chamo a atenção para os casos em que o item desempenha essa função na TD *e-mail*, focalizando duas possibilidades de sua realização, conforme (5-04) e (5-05):

(5-04) Acho que podemos fazer **assim**: *fazemos uma lista dos lugares onde podemos ir. Pode ser uma lista grande, de todos os lugares que vier a cabeça, que depois a gente filtra.* [...] [EMAILXXI-21/3A]

(5-05) Oi L. || Achei ótima a camiseta. Pelo que a M. falou é **assim** que ela queria. Você já conseguiu || falar com ela? || Bjo || A [EMAILXXI-41/6A]

Em (5-04), *assim* aponta para o Segmento Tópico (ST) subsequente, que especifica o “modo que podemos fazer”. Ocorrências em *e-mails* com essa configuração apresentam aspectos semelhantes ao padrão (6), cf. análise na sequência. A segunda possibilidade de realização desta função, exemplificada em (5-05), equivale ao que foi descrito em (5-03), em que, estruturalmente, o item funciona como complemento adverbial de *queria* [ela queria *assim*], dentro de construção clivada, ocupando a lacuna de foco, o que é altamente informacional: opta-se por colocar em foco, e não na parte pressuposta, a informação trazida por *assim*. Ao desempenhar sua função fórica, o item não sinaliza porções presentes linguisticamente no texto, mas referências pautadas pelo conhecimento compartilhado entre o emissor e o receptor do *e-mail*. Este constitui traço particular desta TD, diretamente relacionado com o item sob análise.

Por fim, a abordagem das TDs do Iboruna mostra, primeiramente, que o paradigma de verbos que revelam essa estrutura argumental é estendido, em comparação com o observado nos dados das demais TDs. Além dos verbos já considerados, constataram-se também: *começar, funcionar, achar, entrar, usar, trabalhar, nascer, ver e pretender*.

Nas ocorrências que seguem, extraídas da TD narrativa de experiência, constatam-se, respectivamente, os funcionamentos descritos nos dados de *e-mails*, em (5-04) e (5-05):

(5-06) Inf.: não... o/ o: mestrado ele::... funciona **assim** óh... *você entra... [Doc.: hum] pelo menos é AQUI em alguns campus assim em algumas instituições muda né?... aqui você en::tra... você... no primeiro ano cê vai cumprí(r) os créditos... são::... SEis disciplinas... um estágio que você tem que cumprí(r)... e você tem que fazê(r) uma prova de inglês... isto aí pra você não teria problema né? ((risos))* [AC-053/NE240b]¹

1 O ST sinalizado de forma prospectiva por *assim* é momentaneamente interrompido por uma inserção parentética (em negrito).

(5-07) *falei pra ele que ele tava agin(d)o como uma carroça vazia que ele tava fazendo barulho mas num tava fazen(d)o nada... e que eu num queria mais ele aqui... [Doc.: uhum ((concordando))] né?... então é assim... é **assim** que as coisas funcionam[...]* [AC-120/NE1009]

As ocorrências (5-08) e (5-09) ilustram contextos de uso não prototípico:

(5-08) Devemos suppor que o collega tambem co- | nhece esse estylo. ||Pois bem, foi o que succedeu com o aviso | de 17 de julho. ||Assina- do apenas pelo se. ministro da jus- | tica por ser elle resaltado do signal vindo do | gabinete imperial na terceira columna da | primeira pagina da *Reforma* do dia 15 do | mez passado, ou consequencia de ordem do | ministro por indicação do imperador, o que | é certa, ou ao menos muito provável, é ter | sido aquelles aviso provocado pelos commen- | tarios da *Reforma*. ||Pensando **assim**, podemos responder affir- | mativamente á esta pergunta do contempo- | raneo: ||<<Serão capazes os collegas de, em boa fé, | afirmar que foram ocorrencias dadas entre | nós que provocaram o acto do ministro?>> [APSPXIX-1875/012]

(5-09) eu... num sei o que faria... acho que... num/ num/ gostaria de não precisar fazer né? [Doc.: é::] passá(r) por isso... mas eu acho **assim**... é muito complicado você tomá(r) uma atitude... né? [AC-056/RO422]

Há, em (5-08), um diferencial recorrente na TD editorial: o gerúndio. A sequência [Vger + *assim*] permite paráfrase por *portanto*, indicando o fato de que a relação de *assim* com um V em sua forma gerundiva gera um contexto propício para uma possível leitura conclusiva, capaz de caracterizar esse uso como não prototípico e indicativo do desenvolvimento da função juntivo-conclusiva de *assim*.

Em (5-09), extraída da TD opinativa, *assim*, como constituinte obrigatório, selecionado pelo verbo *achar*, sinaliza o ST prospectivo. Entretanto, se não houvesse o verbo *é*, na sequência, o item deixaria de ser obrigatório e passaria a ser adjunto em construção do tipo “*mas eu acho (assim) muito complicado*”. Embora sejam preenchidos

os critérios elencados para que seja atestada a prototipicidade desse uso, constato, nessa ocorrência, um exemplo de proximidade entre este e o padrão (2).²

PADRÃO (2) – Função de Adjunto a Sintagma Verbal

Padrão recorrente em todas as TDs, exceto *e-mail*. Para início, ilustro seu funcionamento prototípico a partir da ocorrência a seguir, extraída da TD carta:

(5-10) Dou parte a *Vossaexcelencia* [en] Como aqui me – | vejo joam Lenta apresentar os despa – | xos que *Vossaexcelencia* foi Servido mandarlhe | aoque não ponho duvida pois *Vossaexcelencia* **aSim** | oordena entregue aRapariga [AIXVIII-09/47]

Assim é um constituinte facultativo, que funciona sintaticamente como Adjunto a SV, substituível por outros sintagmas adverbiais ou preposicionais, com mesmo valor modal. O enunciado resultante de sua supressão mantém-se coerente no tópico, o que atesta a menor integração sintático-semântica desse uso em comparação com o anterior, embora ambos façam parte da proposição, realizando funções fóricas. No desempenho dessa função sintática, *assim* pode ocorrer em contextos de focalização, no escopo da negação frásica, não observado nos dados da TD carta, mas ilustrado a partir da ocorrência de editorial a seguir:

(5-11) O *Banco do Brasil* [trecho ininteligível] | fazer empréstimos á lavoura, **não** reali- | sando **assim** os seus compromissos para | com o Estado que lhe concede favores, | revela a sua intenção de não ceder um | passo no terreno falso em que se acha | a sua carteira hypothecaria. [APSPXIX-1887/128]

2 Como mostrarei na sequência, o padrão (2) está intimamente associado aos usos de *assim* como MD atenuador, relacionado a seu padrão (7(C)). Dessa forma, tal fluidez é constatada também aqui.

Ressalto, nessa função, a alta recorrência, nas TDs carta e editorial, do contexto [Or reduzida de GER] + [assim] + [SN], ilustrado pela ocorrência de editorial, em (5-12):

(5-12) Não finalizaremos estas linhas sem agra- | descer cordialmente a
cortezia e delicadeza | com que descuti o contemporaneo, mantendo | as-
sim os debates da imprensa na altura da | dignidade e do cavalheirismo.
[APSPXIX-1875/004]

Como enfatizei anteriormente, o contexto em que *assim* relaciona-se a um verbo em uma de suas formas nominais, aqui também o gerúndio, representa um passo importante para o aparecimento das relações conclusivas inerentes à construção em que o item atua. Também aqui a leitura conclusiva é possível, caracterizando usos não prototípicos em que, ao valor de modo, soma-se, por inferência motivada pelo contexto, o valor conclusivo, mais abstrato. Mas, diferentemente do que informei naquele momento, apenas o item *assim* pode ser parafraseado por *portanto*, o que permite inferir um desenvolvimento maior em direção a essa funcionalidade.

As ocorrências (5-13) e (5-14) ilustram, paradigmaticamente, contextos em que *assim* funciona como Adjunto a SV dentro de uma oração gerundiva, retomando o conteúdo de um ST anterior e admitindo paráfrases do tipo “devido à certeza de tirar dentro de certo tempo a remuneração do seu trabalho” e “por meio de um forno para secar o açúcar”, respectivamente. Do ponto de vista semântico, ao valor de modo, apresentado anteriormente, *sobrepõem-se*³ outros valores, como de causa, em (5-13), e meio, na ocorrência de carta, em (5-14):

(5-13) A cultura da videira é conhecida e o | europeu que vier para ca,
traz a sua | experiencia e a certeza | de tirar dentro | de certo tempo a
remuneração do seu | trabalho livre, realizando **assim** a sua | aspiração –
ser proprietário. [APSPXIX-1887/122]

3 Nessas ocorrências, ilustra-se empiricamente a fluidez das acepções, já que, a partir do valor de modo, mais concreto, é possível calcular o valor de causa, mais abstrato. Essa leitura é corroborada pela pertinente paráfrase de *assim* por *portanto*.

(5-14) Que arrespeito do Commercio, quero, *que* V.S.a, me | mande huma instrucção *para* afactura dehum | forno *para* secar o | assucar, remediando *asim* afalta deSol; [BNXIX-18/08]

Nessas ocorrências, a situação descrita na oração gerundiva, à qual se integra *assim*, com os valores sugeridos, poderá ser interpretada como consequência/efeito ou resultado da situação descrita na oração ou no ST anterior; para isso a ambiguidade semântica de *asim* é bastante relevante.

As orações reduzidas de gerúndio atestadas nos *corpora*, nas quais o item ocorre, incluem-se na classe dos *gerúndios ilativos*, proposta por Demonte e Bosque (1999, p.3.478 [tradução minha]): “Os gerúndios ilativos não funcionam como modificadores da oração principal, mas como orações que expressam um evento independente que acompanha, soma-se ou acrescenta-se ao denotado na principal”.⁴ Assim, uma oração gerundiva desse tipo está mais próxima das coordenadas finitas do que das subordinadas, de acordo com a classificação tradicional das orações complexas.

Semanticamente, a oração gerundiva ilativa introduz uma espécie de comentário sobre o evento apresentado na oração principal (P), correspondendo, frequentemente, a uma consequência do que foi dito. Nessa direção, *assim*, apresentando ambiguidade semântica entre as acepções modais/causais e modais/meio, acaba colaborando enquanto reforço para esse valor da própria oração gerundiva em que se instala.

As TDs do banco de dados Iboruna também mostram alta recorrência de contextos não prototípicos deste padrão. Entre eles, estão aqueles em que o item relaciona-se ao V em sua forma gerundiva. Veja (5-15), extraída da TD opinativa:

(5-15) [...] ajudá(r) pra que ela num s/ num... caia no mundo do cri::me num... num se envolva com drogas num... num vira um marginal...

4 “Los gerundios ilativos no funcionan como modificadores de la oración principal, sino como oraciones que expresan un evento independiente que acompaña, se suma o se añade al denotado en la principal.”

num/ num se transforme um... monstruosidade igual... aconteceu de... nossa um fato assim que... ((barulho))... hoje... parando **assim** eu lembro... das imagens do avião batendo... [AC-051/RO139]

O contexto [Or reduzida de GER] + [assim] + [SN], recorrente nas TDs carta e editorial, sofre uma mudança, nessa ocorrência da TD opinativa, bem como naquelas encontradas nas demais TDs do Iboruna, já que não foi constatada nenhuma ocorrência em que o SN completivo não fosse substituído por uma Or. Essa mudança mostra que, na sincronia atual, nas TDs mediadas pela fala, esse contexto, embora recorrente, ganha outras funções não mais associadas às relações conclusivas.⁵

As ocorrências a seguir ilustram outros contextos de usos não prototípicos recorrentes nessas TDs: entre V e OD (5-16), extraída da TD injuntiva (com as possibilidades de V e OI e V e Or OD); V e ST de especificação modal (5-17), da TD narrativa recontada; e Vcop e Predicativo (5-18), da TD narrativa de experiência:

(5-16) Inf.: sei fazê(r) **assim**:: um bolo ol/ salgado MA-RA-VILHO-SO que sempre tem umas ami::gas sabe? que ficam –“T. quero bolo salga::do”–[AC-052/RP220]

(5-17) porque é uma cois/ foi algo muito diferente mesmo que aconteceu” – ... eu num sei contá(r) assim mas a:: a filha dele né? que é a mulher do meu tio ela lembra tudo e ela contava **assim** do jeito dela né? [AC-084/NR506]

(5-18) [...] e eu perguntei pra ele falei – “o que que você entendeu dessa história?” – ... e aí ele pegô(u) e me falô(u)... tudo o que ele tinha entendido e tava **assim** correto o que ele tava falando né? [AC-088/NE720]

Destaco a fluidez entre as funções do item no padrão (2), conforme ilustrado de (5-16) a (5-18), e seus usos, também em sincronia

5 Ainda em contexto de gerúndio, o item pode aparecer entre V e GER, pós-GER e pós-Or reduzida de GER seguida por Adj. Adv/Or Adv.

atual, como MD atenuador, de acordo com o padrão (7(C)), apresentado na sequência. Isso mostra que esse contexto sintático favorece a emergência dessa função semântico-pragmática do item, com base em usos como esses, em que o valor de modo abre espaço para um mecanismo mais interacional.

Assim, diferentemente do que se observou a partir dos dados diacrônicos extraídos das TDs carta e editorial de jornal, em que se constata o desenvolvimento de acepções que levam a uma relação de junção que codifica uma consequência/conclusão, nas TDs do Ibo-runas, em muitas ocorrências, ao associar-se adjuntamente ao verbo, *assim* marca uma busca pelo descomprometimento em relação ao que está sendo dito, já caracterizando o processo de atenuação.

PADRÃO (3) – Função de Predicativo do Sujeito

Nas ocorrências prototípicas deste padrão, *assim* comuta com sintagmas ocupando a posição de predicador adjetival ou nominal, que, dentro de esquemas fráscicos, formados com verbos copulativos, desempenham a função sintática de Predicativo do Sujeito. Embora essa estrutura não seja devidamente focalizada nas gramáticas, nem sequer aparecendo em muitas delas, é bastante recorrente nos dados dos *corpora* analisados e desempenha relações textuais interessantes em nível tópico, atreladamente à função fórica de *assim*, que estabelece o esquema predicativo a partir da sinalização de porções textuais já apresentadas ou que serão ainda apresentadas no ST:⁶

(5-19) [...] e a felicidade de vocês seja *eterna*, **assim** será também a minha. [CPXIX-18/26]⁷

6 Embora não tenha encontrado nos *corpora*, é possível que *assim* predicativo do sujeito funcione como um dêitico, em casos em que a propriedade que o falante atribui ao Suj é passível de uma representação extralingüística, corpórea ou gestual. Vejam-se os exemplos inventados: *A árvore era assim* ((apontando a altura com a mão)) ou ainda *A menina era assim* ((fazendo um gesto circular ao redor da orelha – indicativo de loucura)). Em casos como o do último exemplo, deve-se considerar que há posturas gestuais, socialmente codificadas, que podem representar atributos psicológicos ou físicos.

7 Na transcrição das ocorrências do padrão (3), estão em itálico as estruturas sinalizadas por *assim*.

Deve haver compatibilidade semântica entre o antecedente sinalizado (ou que ainda será apresentado), que compõe a referencialidade do predicativo, e a estrutura nominal predicada que desempenha a função de Suj. Nesse caso, há compatibilidade entre o Suj elíptico “felicidade” e o referente sinalizado, “eterna”.

As porções tópicas sinalizadas têm dimensões estruturais distintas, correspondendo a palavras, de natureza adjetiva, sintagmas, STs ou a todo o tópico. Ao sinalizar o tópico anterior, o item pode aparecer em contexto encapsulador, conforme (5-20):

(5-20) *E será | isto verdade, Senhor Redactor? não sei, mas o povo no- |
mêa esses atravessadores, e a sua fama é pública Que | providencias terá
dado a Camara? ouvi dizer, que accor- | dou que se levantasse o preço da
carne a 960 réis; mas que | isto não foi bastante, porque os atravessadores,
que | eu reputo criminosissimos estão a impor tacitamente con- | dições a
um povo inteiro, e ás auctoridades, a quem | incumbe zelar dos direitos
d’esse mesmo povo? tam- | bem não sei, mas o que é verdade, é que esses |
homens passeão impunes pela Cidade. E o Governo | o que faz? tambem
não sei, mas é de querer, que | tenha mandado algum officio, ou Portaria
á Camara, | ou ao Juiz Almotacel recommendando providencias. || Se
tudo isto é **assim**, ja vejo que não ha re- | medio, [...]* [LRXIX-392/72]

Nessa função, *assim* também sinaliza prospectivamente. Em (5-21), verifica-se um pronome encapsulador na posição de sujeito predicado por *assim* que representa uma qualificação extraída do que foi dito, sinalizada cataforicamente, em que o escrevente utiliza o adjetivo *terrível* como uma paráfrase da estrutura [Vcop] + [*assim*]:

(5-21) *Há uma fase da vida em que brincamos com barqui- | nhos de
papel. Cultivamos ilusões e | achamos nelas uma espécie | de felici-
dade. Depois vem a estação das coisas sérias, em que | os barquinhos
de papel se afundam. [...] E os barquinhos de papel cujo afundamento
ti- | vermos chorado, nos aparecerão como auxiliares que abençoare- |
mos, porque o entendimento nos mostrará aquilo que só pelo | afundar
dos nossos barquinhos de papel é que poderá subir das | profundezas
do ser humano à tona da consciência. | Isto é **assim**. É terrível; [...]*
[FFXX-56b/123]

Assim ocorre em contextos frásicos de negação com o verbo cópula no infinitivo, em construção cristalizada⁸ com sentido condicional, parafraseável por “se não for *assim*”, conforme (5-22), em que *assim* sinaliza retroativamente o ST em itálico. Nessa construção, foram encontradas ocorrências não prototípicas, também na TD carta, em que *assim* realiza sinalização prospectiva.

(5-22) Detudo oque mais me afflige é o negocio das eleições, | pois teremos só Pés de Chumbo nomeados, pois a mor parte das Villas obe- | dece á Capital: salvo se S. A. quizesse determinar que [Fed] etc etc | não pudessem ser nomiados, attentos nos procedimentos, ou suas sus- | peitas; e em todo o acazo que nunca a apuração final se refaça na | Capital, que taõ cedo não sara da gangrena. Anaõ ser **assim**, te- | mos deter cortes, e governo inimigos do Brazil, e de S. A., e em rezul- | tado a lucta dos poderes supremos [...]. [BNXIX-11/05]

O contexto de negação com o verbo cópula no infinitivo não é exclusivo dessa construção condicional, como em (5-23), ocorrência representativa de mais um caso em que *assim* sinaliza retroativamente um ST e não pode ser suprimido do contexto:

(5-23) Não começo por perguntar- | lhe noticia de sua saude, porque pela ultima que me | escreveo fiquei sabendo que *está rijo como um cerne*, | fresco como uma alface, e alegre como um medico em | tempo de epidemia. Tambem pudera não ser **assim**. [LRXIX-459/89]

Na TD editorial, este padrão também se mostrou recorrente, mas *assim* estabelece o esquema predicativo sempre sinalizando porções textuais de dimensões estruturais maiores (ST ou tópico), já apresentadas no tópico, conforme (5-24):

(5-24) Deixaremos fora do nosso quadro, por | exemplo, o que entende directamente com a | instrução superior, embora seja ella entre | nós repensada pela Academia, aonde se | professa um curso de sciencias sociaes e ju- |

8 Entendida de forma aproximada ao conceito cognitivista de Goldberg (2006, 1995).

ridicas: e isto assim, porque a Academia, | embora esteja na provincia, não lhe pertencem- | ce [...] [APSPXIX-1876/016]

Três tipos de manifestação deste padrão destacam-se nos editoriais. O primeiro equivale àquele em que *assim* ocorre em contextos frásicos de negação com o verbo cópula no infinitivo, em construção condicional cristalizada. Nos editoriais, a sinalização do item nesse tipo de manifestação restringe-se à anáfora, numa construção em que não pode ser subtraído, dentro de seus critérios de prototipicidade, conforme (5-25):

(5-25) *Se o projecto, reduzindo a cinco annos | o prazo da escravidão traz em fundo a sin- | ceridade dos chefes liberaes, convem que o | partido todo se pronuncie a respeito pelos | seus órgãos competentes, adoptando-o ou | condemnando-o.* || A não ser *assim*, seria preferível a simples | crítica dos actos do governo. [APSPXIX-1886/114]

O segundo tipo de manifestação é aquele em que o item acompanha o verbo cópula no subjuntivo, compondo uma expressão volitiva cristalizada, conforme (5-26):

(5-26) *Mas é justo também que, uma | vez firmado o accôrdo entre os fazen- | deiros e posto em execução, não levan- | tem os agitadores abolicionistas novas e | anarchicas pretensões nos estabeleci- | mentos agricolas.* || Devemos esperar que *assim* seja. [APSPXIX-1887/126]

O terceiro tipo configura-se também em construção condicional cristalizada:

(5-27) *Ha, não obstante, alguma cousa que determi- | na a queixa que se alarga, que não é d'este ou | d'aquelle partido, mas de muitos conhecido- | res de taes recursos.* || E em bem da probidade do tribunal, mas | não tanto em honra do dever de alta magis- | tratura, a causa attribuída é a pressa no jul- | gamento que obriga os juizes a examinarem | pouco os documentos e a adoptarem os funda- | mentos do juiz de direito. || Si *assim* é, a queixa é justa. [APSPXIX-1884/093]

Em que *assim* retoma o ST anterior em construção iniciada pela conjunção “si”, nomeada Q, que atua como condição para a oração principal (P), de acordo com o esquema: “se Q, P”, sendo P e Q verdadeiros. Entretanto, segundo Neves (2000), não é apenas esse tipo de relação que está expresso nas condicionais, aqui exemplificadas na construção com *assim*. Do ponto de vista da informação textual, ocorrências como (5-27), em que a condicional vem anteposta, constituem um ponto de apoio para referência, nesses casos, ancorado na foricidade de *assim*. “Si *assim* é” forma uma moldura de referência que, ocupando o espaço de Q, relaciona-se a P, denominada factual ou apropriada. Portanto, essa construção carrega sempre, a partir desses aspectos, uma informação que não é escrita como novidade, mas como recuperação de algo já expresso no tópico.⁹

Na TD *e-mail*, verificam-se as possibilidades de sinalização retroativa e prospectiva, e de referentes com estruturas de complexidade distintas (palavras, sintagmas e STs). Dessa forma, há uma semelhança maior desses usos com os de cartas e uma distinção maior em relação aos usos de editoriais, conforme (5-28):

(5-28) [...] Essa semana meus horários estão **assim**: *terça estou em casa até às 17h, na quarta também só dou aula das 14h às 15h, [...]* [EMAI-LXXI-65/38G]¹⁰

Nas TDs do Iboruna, em que, na determinação do significado do predicativo, a semântica modal é bastante marcada (*X foi assim*), não foram constatadas apenas palavras assumindo o papel referencial de *assim*. Seguindo essa direção, apontada pela ampliação do referente e pela sinalização de *assim*, há casos em que o item assume caráter encapsulador e/ou finalizador de tópico, conforme (5-29):

9 Essas afirmações são válidas para “a não ser assim”, já exposta. De modo geral, as hipotéticas antepostas desempenham função temática (de moldura de referência) que conduz a informação dada.

10 Em (5-28), ao sinalizar o ST prospectivo, o item assume funcionamento semelhante ao padrão (6).

(5-29) [...] pra ela só a família dela presta e tem que namorá(r) primo com primo irmão com irmão e num dá certo... mas isso pra mim óh... já/ eu já acostumei com a idé::ia ela é assim ela num vai mudá(r)... [e é **assim**] [AC-052/NE173]

Ocorrem tanto a sinalização retrospectiva e prospectiva, como ambas ao mesmo tempo, conforme (5-30), em que *assim* aponta para o ST localizado no início do tópico, que já assume o papel de predicativo, e, concomitantemente, uma sinalização prospectiva, que indica a reinserção do mesmo segmento no tópico:

(5-30) Inf.: *é de tudo um po(u)co... é divertida alegre constrangedora... é:: que a gente trabalha com bordados e eu bordo pra várias firmas né? então eu a gente sempre tá esconden(d)o uma da o(u)tra porque o o(u)tro [qué(r)] [Doc.: ahm] de/ o dele da frente... [Doc.: ((risos))] então às vezes acontece da pessoa chegá(r) a gente tá bordando de o(u)tra pessoa e aquela correria e guarda e cê guarda uma coisa esquece o(u)tra peça então cê acaba num num tendo como escondê(r) tudo a pessoa... desconfia é lógico [né?] [...] então é **assim** ao mesmo tempo que é divertido é constrangedor... [AC-120/NE1002]*

Os usos não prototípicos deste padrão são caracterizados pela contiguidade entre *assim* e o ST, de mesma função sintática, sinalizado por ele, o que possibilita sua supressão sem prejuízo para o enunciado e, mais do que isso, evidencia outra função mais pragmática, como a atenuação:

(5-31) Daqui seme seguio logo o trabalho grande, nunca | aqui dan-tes visto, emque eu não pemçava, eque fazendo degraça | emRezaõ do Cargo, onaõ faria anaõ ser **assim**, por duzentos mil reis | [BN-XIX-19/09]

(5-32)... dezenas assim umas vinte casas de:: de tijolo realmente o o(u)tro era **assim** daquelas... made(i)ra né? com barro joga::do:: [AC-118/DE955]

Na TD carta, esses usos ocorrem apenas no contexto de construção de valor condicional, o que revela uma especificidade contextual para a constatação de tal ambiguidade. Nas ocorrências extraídas das TDs do banco de dados Iboruna, com exceção da TD opinativa, em que os usos não prototípicos não foram constatados, essa restrição contextual deixa de ser observada. Além disso, nos dados da TD narrativa recontada, *assim* juntamente com *meio*, também em usos não prototípicos, assume o significado de “*apreensivo/contrariado*”. Nesse contexto, não há sinalização de qualquer natureza, mas a cristalização do significado de [*meio*] + [*assim*]:

(5-33) a::í ela tava contan(d)o que a princí::pio... Eles né::?... eles não... Ela... tinha a idéia... de comprá::(r)... um jogo... pra gente... tipo:::... Banco Imobiliá::rio... [Doc.: ((risos))] Interpo::l... né? meu pa::i... ficava meio *assim*... [AC-053/NR244]

PADRÃO (4) – Função de Modificador de Sintagma Nominal

O padrão (4), conforme (5-34), caracteriza-se por uma estrutura que revela a ocorrência de *assim* entre o verbo e o SN complemento,¹¹ exigindo a compatibilidade semântica entre o operador de modificação, sinalizado por *assim*, e o SN modificado:

(5-34) Em lugar da palavra – senão – escrevemos = e não =: e o motivo foi o vêrmos **assim** escripto em uma carta fidedigna, onde a lettra = s = ficára imperceptivel. [LRXIX-416/76]

Em (5-34), o item sinaliza anaforicamente a forma escrita da palavra – *e não* – em uma carta. O ST sinalizado apresenta o conteúdo que atua na modificação do SN não prototípico à direita de *assim*,

11 Nas poucas ocorrências desse tipo, na TD carta, o SN assume a função de complemento verbal. Na TD editorial, em que a frequência de uso do padrão é maior, o item atua em diferentes composições sintáticas além dessa, como na constituição de modificadores constituídos por PART. Por sua vez, nas TDs do Iboruna, em que a frequência de uso também é alta, a maior parte das ocorrências encontra-se em contexto de modificação/complementação nominal.

configurado por uma forma irregular de participio (*escripto*), que, apesar da feição adjetiva, classifica-se como nome.

Em contextos como o exemplificado, os limites entre a função de Mod de SN e interventor de perífrase verbal não parecem claros. Entretanto, privilegio o caráter nominal do núcleo perifrástico, de modo a considerar a atuação de *assim* sob essa forma, enquanto modificador, acrescentando a ela informações resgatadas no nível do tópico em que se insere.

Em editoriais, este padrão apresenta algumas especificidades relacionadas às variações na localização do Modificador e à sinalização realizada por ele. No que tange à localização, foram registradas duas possíveis variações intrinsecamente relacionadas à grande recorrência dessa função associada à forma nominal de participio (PART) nesses textos. Na primeira delas,¹² o item se desloca para o interior do SV, constituído por uma locução com verbo principal no PART, acompanhando e modificando essa forma, a partir do conteúdo anaforicamente sinalizado, conforme (5-35):

(5-35) Para obtenção do exito desejado con- | stituimos por contracto intermediarios | que nos proporcionam a entrada de | immigrants em nossos portos. ||Temos **assim** aberto uma corrente | emigratoria que vae se avolumando [...] [APSPXIX-1887/124]

Este padrão não foi constatado na TD *e-mail*, mas se mostrou recorrente nas TDs do Iboruna, em contextos já observados nos *corpora* de carta e editorial (entre V e Compl), sendo observada uma variação nos casos em que *assim* se apresenta pós-Compl, e também em contextos ainda não observados, entre N e seu Compl/Mod (95% de todas as ocorrências), conforme exemplos extraídos das TDs opinativas e injuntivas, em que *assim* realiza, respectivamente, sinalização prospectiva e retrospectiva, apontando os STs (em itálico) que apresentam os conteúdos que modificam os SNs à sua esquerda:¹³

12 Os usos de *assim* na segunda variação de localização não caracterizam exemplos prototípicos deste padrão e, por isso, serão apresentados posteriormente.

13 Também realizando sinalização com esse propósito, nos dados das TDs narrativas,

(5-36) [...] a Itália é um país moderno... num tem nada... lá hoje num tem nada daquilo que a gente imagina... que é o país **assim de tradição**:... *de muita fes::ta...* [AC-084/RO520]

(5-37) [...] nós fazíamos *casaquinho*... *faziámo(s) assim ro(u)pa fem/ tinha alfaiate que (inint.) ro(u)pa feminina... mas eu não só fazia ro(u)pa masculina e só fazia conjuntos femininos assim... casaQUInho... ou man-TÔ porque usava muito mantô de lâ... aquele tempo... ro(u)pas **assim**...* [AC-151/RP1210]

Ocorrências não prototípicas deste padrão foram constatadas em todas as TDs em que ele foi observado, mas apresentando características distintas. Na TD carta e nas TDs do Iboruna, *assim* sinaliza catafórica ou anaforicamente o próprio SN modificado, i.e., não há uma porção tópica resgatada que contenha o conteúdo a ser acrescentado ao SN modificado, como nas ocorrências prototípicas do padrão expostas anteriormente. Constato aí um uso mais abstratizado do item, como nas ocorrências (5-38) e (5-39), extraídas, respectivamente, das TDs carta e opinativa:¹⁴

(5-38) Faz uns dois meses, Isabel e eu fomos jantar na casa do Amora. | Saimos de lá no dia | seguinte!!! Isabel, que tem **assim** um temperamento | mais introvertido do que o meu [...]. [FFXX-52c/142]

(5-39)... até porque vôlei no Brasil agora... é que tá sendo visto **assim**... mas mais por essa::... coisa do mérito mesmo porque...aqui o o espaço maior é:: é:: do futebol [mesmo né?] [Doc.: uhum ((concordando))]. ma::s... agora acho que vai dá(r) uma mudada **assim** é legal [AC-054/RO377]

opinativa, injuntiva e descritiva, o item aponta deitivamente informação extralinguística que ajuda a constituir a modificação em questão. No exemplo que segue, soma-se ao Mod *grande* a especificação dessa modificação a partir do gesto sinalizado deitivamente por *assim*: ... agora o enxerto da manga é diferente... a manga... pega uma ponta grande **assim** óh ((mostrando com as mãos))... [AC-114/RP810]

14 Nas ocorrências extraídas das TDs do Iboruna, essa função atenuadora é ativada também por traços prosódicos, nomeadamente, a existência de uma pausa entre *assim* e o SN modificado, o que poderia, mas não necessariamente, ser traduzido na escrita pelo recurso da vírgula ou dos dois-pontos.

Ocorrências como (5-38) chamam atenção porque, ao mesmo tempo em que revelam fluidez com o padrão (2) – Adjunto a SV, também indicam maior abstratização do item, que passa a desempenhar traços da função mais interativa de atenuação,¹⁵ fundamentada em uma tentativa do escrevente de minimizar sua responsabilidade diante da avaliação subjetiva que faz do “temperamento” de outra pessoa, conhecida pelo destinatário, ao associar-se ao SN à sua direita. Dessa forma, representa um contexto de ambiguidade que aponta para a mudança em direção a um dos usos de seu padrão (7), apresentado na sequência. De forma semelhante, em (5-39), o item sinaliza o próprio SN modificado, à sua esquerda, “*uma mudada*”.

Ocorrências não prototípicas deste padrão, na TD editorial, apresentam outro tipo de relação e/ou fluidez. Nesses textos, não foi constatada nenhuma ocorrência como (5-38), em que o item sinaliza o próprio SN modificado. É possível, então, fazer uma generalização afirmando que, na TD editorial, a função de Modificador de *assim* está sempre associada à sinalização de porções tópicas que contêm o conteúdo acrescido ao SN modificado.

Entretanto, na segunda possibilidade de localização do item, intrinsecamente relacionada à forma nominal de PART, nessa TD, *assim*, a partir da recuperação anafórica do conteúdo tópico, modifica o SN não prototípico, representado pelo PART “deduzida”, e esse complexo [*assim* deduzida] modifica, por sua vez, o SN “a defesa”:

(5-40) Os defensores da presidência vão de mal | a peor. Na imprensa
um delles confessa | desageitadamente que houve erro na con- | fecção
das obras de embellezamento da ca- | pital por terem ellas sido confiadas
à pessoa | incompetente. ||Tiradas as consequencias de sua confis- | são,
volta a explicar-se e sustenta a sua | censura, fazendo uma distincção:
condena a | administração das obras, mas julga apro- | veitavel o que
esta, apesar de seus defei- | tos. ||A defesa **assim** deduzida póde ser filha
| da generosidade do amigo, mas não é cer- | tamente de julgador impar-
cial [...] [APSPXIX-1875/005]

15 Indicando a relação já apontada entre o padrão (2) e o (7), referente aos usos atenuativos do item.

Nas ocorrências desse tipo, o Mod de SN atua dentro do SN e não entre o V e seu complemento, como nas anteriores. Essa possibilidade de localização apresenta variações em relação ao deslocamento do SN modificado e à colocação da pontuação:

(5-41) O partido conserva- | dor elegeu vereadores do grupo da | *União* e do grupo *mendista*. O liberal | está representado pela dissidencia. || A oposição, **assim** constituída, ha | de muitas vezes unir-se e embarcar | ac- tos menos regulares do partido domi- | nante. [APSPXIX-1887/120]

Em (5-40) e (5-41), a não prototipicidade dos usos de *assim* deve-se a uma possível leitura conclusiva. Especialmente em casos como (5-41), construções em que o complexo modificador [*assim*] + [PART] atua como Mod do SN à esquerda, já separado por vírgula, apresentam-se como mais um passo importante para o estabelecimento da relação conclusiva, aí representado na possível redução do Mod apenas ao item *assim*, possivelmente parafraseável por *portanto*.

PADRÃO (5) – Função de Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora

Este padrão apresenta uso privilegiado apenas nas TDs do banco de dados Iboruna:

(5-42) Nos abaixo aSgnados juramos aos Santos, evangelhos | eofaremos emjuizo SeneceSario for emComo heverdade o que | dis aCarta aSima por Ser **aSim** publico, enotorio na | Cidade deSaõ Paulo donde chegamos hapouco tempo. [AIXVIII-21/60]

(5-43) A agua do *chafariz*, assim como | lhe foi arrancada, assim lhe pode, ser restituída. | | A causa é facilima. Basta ir ver, como sahe | da torneira da caixa d'agua, aquella agua *tão* | *esguichada*, para conhecer-se, quanta violencia | se lhe faz, para ser **assim** reprimida... *Desça* | *ella um pouco mais abaixo*: – e ahi cahe no seu | natural, e surdirá clara, bella, e saudavel como | d'antes [LRXIX-453/88]

Poderia conduzir essas ocorrências a exemplo do padrão (4). No entanto, uma análise cuidadosa revela outra função sintática, se as-

sim é considerado como um modificador de SAdj com função intensificadora, comutável por ou coocorrente com *tão*, originando uma estrutura que, embora gramatical, não foi observada nas TDs carta e editorial (por exemplo, *para ser **assim** **tão** reprimida*), apesar de ter sido atestada, no *corpus* da TD carta, em um contexto em que o núcleo do sintagma intensificado constitui-se por outro advérbio, o que, portanto, também pode validar essa análise:

(5-44) [...] ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído = Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e nas conversações te- | ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas **assim** tão genericamente, *Senhor* Redactor, | é o mesmo que não querer obrigar (obliher) | a ninguém. [LRXIX-391/70]

Essa possibilidade do que aparenta ser uma coocorrência parece uma contraevidência à análise de *assim* com função intensificadora de SAdj desde que se considere que, de modo sistemático, palavras pertencentes à mesma categoria normalmente não coocorrem no mesmo ponto da cadeia sintagmática. Entretanto, sobretrudo para o português, o SAdj é internamente estruturado de modo a admitir contextos dessa natureza, como se percebe em construções como “a menina é [muito [pouco esforçada]]”, atestada em várias gramáticas, em que, em vez de simples coocorrência, cada intensificador modifica um termo diferente, com sintaxe recursiva. Nessa linha, não parece impossível a análise de *assim* baseada na interpretação de quantificação em grau alto, com o item desempenhando comportamento semelhante ao dos tradicionais advérbios de intensidade com um adjetivo ou um advérbio em seu escopo. Além disso, numa perspectiva de análise fundamentada na mudança linguística, contextos desse tipo são considerados peças importantes para o desenvolvimento das aceções e funções.

Este padrão também apresenta a exigência de compatibilidade semântica entre o operador de modificação, sinalizado por *assim*, e o SN modificado. A especificidade desse uso é que ele só pode ser evidenciado em contextos em que o núcleo do SAdj adjacente seja preenchido por um adjetivo graduável, denotando uma proprieda-

de escalar suscetível de ser quantificada. Nas ocorrências desse tipo, nas TDs carta e editorial, em contexto cujo núcleo do sintagma intensificado se constitui por outro advérbio, essas propriedades (ser graduável e quantificável) são observadas (conforme (5-44)).

Por sua vez, nas TDs de Iboruna, foi observado, em 20,21% dos casos, o item desempenhando a função do padrão, sendo comutável por *tão*, conforme ocorrência (5-45), extraída da TD narrativa de experiência:

(5-45) então foi realmente um acontecimento sabe?... e:... e eu acho que realmente é uma fase **assim** inesquecível quando você vê ali aquela carinha... né?... [AC-082/NE440]

Em (5-46), extraída da TD editorial, *assim* permite paráfrase ou coocorrência com *tão*. Já em (5-47), representativa de seu uso mais recorrente nessa TD, o item apresenta-se em contexto de advérbio, sem a coocorrência do intensificador, apesar de admitir paráfrase por e coocorrência com ele. Em ambas, é possível a leitura do item como anafórico, que retoma e encapsula todo o conjunto de informações anteriormente apresentado, indo, assim, mais além da função de Modificador de SAdj, em direção a seus usos juntivo-conclusivos, e caracterizando esses contextos como não prototípicos nessa TD.

(5-46) Ouve-se constantemente apresentarem|como causa do depre-
ciamento da lavoura a|falta de braços e de capitães.||Para o lavrador não
ha outras. Debalde se|tentará convence-lo que essas são causas | mediatas
e secundarias, que a distribuição do|capital a juro barato e a dispendiosa
intro-|ducção de braços não impedirão a sua de-|cadencia. ||É **assim** de-
ficiente o exame das questões|mais importantes. [APSPXIX-1877/038]

(5-47) É preciso, pois, que oficialmente se diga si | a lei, estabelecendo
o imposto de 3\$000 sobre | os escravos da lavoura e de 5\$000 sobre os
de | cidade e villas, será executada ou não. ||Em todo caso haja franque-
za, porque o sr. | Assumpção correrá **assim** corajosamente o ris- | co de
responder pelo crime de não executar | leis votadas pela Assembléa [...]
|| RANGEL PESTANA [APSPXIX-1884/096]

A não prototipicidade é observada também em usos, nas TDs narrativas, opinativa, injuntiva e descritiva, marcados por maior liberdade de posicionamento do item, que pode se localizar pós-núcleo adjetival intensificado, em casos como (5-48):

(5-48) Inf.: [fica] fica distante da casa não fica perti::nho **assim**::[AC-086/DE559]

Nessas TDs, em 6,38% das ocorrências, há coocorrência de *assim* com o intensificador *tão*, tendo um SAdj como núcleo, conforme (5-49) e (5-50). Em contrapartida, não há ocorrências em que o núcleo intensificado compõe-se por outro advérbio, tal como em cartas e editoriais, apesar de esse uso ser atestado por falantes nativos:

(5-49) [...] num achei TÃO difícil **assim**... ou melhor é difi::cil mas assim eu num achei tâ::o fora do meu... alcance [Doc.: (inint.)] é aí eu peguei num:: fui *tão* mal **assim**... [AC-054/NE283]

(5-50) pra você saí(r) da sala dos professores na escola particular... até os pavilhões... né?... tinha um::... um um coberto que era *tão* **assim**... pequenininho que se chovesse e ventasse já molhava todo mundo... né?... [AC-116/DE908]

O posicionamento de *assim* em contextos de coocorrência com o intensificador *tão* sofre variação, podendo localizar-se posposto (5-49) ou anteposto (5-50) ao Adj intensificado. Em ambos os casos, o item segue o intensificador *tão*. Essa variação posicional, principalmente quando o item é posposto ao intensificador *tão*, indica uma variação semântico-pragmática no seu funcionamento que caracteriza usos não prototípicos do padrão.¹⁶ Esse contexto de intensificação aciona uma ambiguidade que aponta, paradoxalmente, para a função semântico-pragmática de atenuação, subjacente nesses casos específicos de *assim* posposto ao intensificador. Para ilustrar essa leitura, em (5-49), “TÃO difícil **assim**” ocorre em contexto marcado

16 Esses usos foram encontrados em todas as TDs do banco de dados Iboruna.

por indícios atenuativos, como o verbo de opinião e a correção, anunciada por “*ou melhor*”. Em (5-50), assim como o item pode atuar na intensificação de “*pequeno*”, também pode atenuá-lo, o que é corroborado pela escolha do diminutivo.

Para além das possibilidades de manifestação do padrão nos demais *corpora*, em 6,38% das ocorrências das TDs narrativas, opinativa, injuntiva e descritiva, o item é comutável por intensificadores diferentes de *tão*, o que também foi chamado de casos não prototípicos. Em (5-51), *assim* pode ser substituído por *muito*:

(5-51) então assim é tudo jogador/ [Doc.: e André... também num tava?] o André... também tava... então tudo jogadores **assim** bons...
[AC-053/RO273]

Na grande maioria dos casos (67,02%), o item deixa de ser comutável por *tão* (ou por outro intensificador) e assume sentido/função de intensificação por conta do contexto, marcado pela presença dos intensificadores *muito* (30,85%), *bem* (20,21%), *mais* (7,44%), *tanto* (2,12%), *bastante* (2,12%), *muito bem* (1,06%), *super* (1,06%), *demais* (1,06%) e *bem mais* (1,06%). Esse tipo de ocorrência, não prototípica, é fortemente indicativo do caminho de desenvolvimento seguido e a ser seguido pelo item. Nessa perspectiva, assim como a liberdade de posicionamento, a impossibilidade de paráfrase por outros intensificadores e a presença do valor de intensificação apenas no contexto de ocorrência do item favorecem ambientes semântico-pragmáticos em que sua função intensificadora torna-se cada vez mais fluida em relação à atenuativa.

PADRÃO (6) – Função de Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva

O padrão (6) caracteriza-se pelo envolvimento de duas instâncias discursivas:

(5-52) *Senhores Redactor.* – *Vossas mercês são imparciaes* | ao menos **assim** li: escutem o seguinte. || *Ha proibição de fumar-se no saguão*

| do teatro, que pouco a pouco vai cadu- | cando porque o povo é essencialmente | Turco e não dispensa o tabaco.[...] [LRXIX-444/78]

Trata-se de um contexto de relato em que *assim* anteposto, conforme (5-52), ou posposto ao verbo funciona como introdutor de instância enunciativa diferente da representada no segmento ao qual o item pertence. Esse contexto sintático apresenta similaridade com aquele em que o item introduz discurso direto, pós-verbo *dicendi*. Em ambos os casos, *assim* está associado a três aspectos formais: (i) associação com o verbo; (ii) sinalização de mudança da instância discursiva; e (iii) sinalização prospectiva.

Em (5-52), *assim*, como adjunto modal, sinaliza cataforicamente o ST que constitui argumento subcategorizado pelo verbo *li* (o mesmo aconteceria com uma ocorrência desse tipo junto a verbo *dicendi*).

Na TD editorial e nas TDs do Iboruna, a frequência deste padrão, conforme (5-52), é reduzida. Entretanto, a maior parte de suas ocorrências, nos dados das TDs narrativas, opinativa, injuntiva e descritiva, relaciona-se com a introdução de discurso direto, aparecendo sempre posposto ao verbo *dicendi*, que pode estar elíptico, em contexto de relato de discurso. Nessas ocorrências, a mudança da instância discursiva pode ser ou não acompanhada pela mudança da pessoa que enuncia o discurso, conforme (5-53):

(5-53) aí eu peguei entrei... lá entreguei meu currículo pra M. que hoje ela é... supervisora... ela falô(u) **assim** – “óh qualquer coisa a gente te chama”... [AC-051/NE050]

Embora este padrão não tenha sido constatado na TD *e-mail*, foram observadas ocorrências cujas características apontam para semelhanças com ele. São usos que ilustram a proximidade entre os padrões aqui apresentados, em sua configuração semântico-funcional. Retomando (5-04) e (5-28):

(5-04) Acho que podemos fazer **assim**: *fazemos uma lista dos lugares onde podemos ir. Pode ser uma lista grande, de todos os lugares que vier à cabeça, que depois a gente filtra.*[...] [EMAILXXI-21/3A]

(5-28) Essa semana meus horários estão **assim**: *terça estou em casa até às 17h, na quarta também só dou aula das 14h às 15h [...]*
[EMAILXXI-65/38G]

Nessas ocorrências, verificam-se semelhanças no que se refere ao papel semântico-formal do item no contexto. Entretanto, a diferença, que impossibilita sua análise associada ao presente padrão, é que não é constatada a sinalização de mudança da instância discursiva, requisito fundamental para sua caracterização.

Em (5-54), há uma ocorrência não prototípica, extraída da TD narrativa recontada:

(5-54) *minha/ minha tia viu ela/ ela falô(u) assim pra minha prima que ela tinha que dá(r) troco... – “J. você tem que dá(r) troco você vai lá morde ela... morde a sua prima morde a M [...]* [AC-056/NR392]

Na ocorrência, *assim*, pode ser considerado, ao mesmo tempo, como Adjunto, de acordo com o padrão (2), ou como Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva (padrão (6)), uma vez que há a inserção do OD de *falar*, no trecho sublinhado, tal como há a transcrição do discurso direto, após o verbo *dicendi* posposto a *assim*, e mudança da instância discursiva. Não é possível, nesses casos, optar por uma ou outra leitura, mas usar o contexto como exemplo de ambiguidade entre esses dois padrões de uso do item.

PADRÃO (7) – Função de Marcador Discursivo

O padrão (7) aborda os usos do Marcador Discursivo *assim*, aqueles considerados MD por excelência, com interpretação direta e exclusivamente pragmática, e também os considerados menos prototípicos, que, embora apresentem traços contextuais dessa categoria, ainda mantêm características de advérbio modal.

Neste padrão, *assim* apresenta-se de forma prototípica exclusivamente nas ocorrências extraídas do banco de dados Iboruna, apesar de indícios de seu desenvolvimento terem sido constatados, diacronicamente, nas demais TDs, de acordo com os apontamentos nas

seções anteriores e conforme tratarei em seção específica. A função indicada por este padrão subdivide-se em quatro subfunções, expostas a seguir em ordem crescente de recorrência no *corpus*:¹⁷ MD *assim* Indicador de Conteúdo Expressivo (7(A)); MD *assim* Indicador de Metadiscursividade (7(B)); MD *assim* Atenuador (7(C)); e, por fim, MD *assim* Sinalizador de Construção de Quadro Mental (7(D)).

PADRÃO (7(A)) – MD *assim* Indicador de Conteúdo Expressivo

Este padrão de uso prototípico do MD *assim*, que evidencia esvaziamento da aceção modal, confirmado pela impossibilidade de paráfrase por *dessa forma*, localiza-se sintaticamente pós-elementos juntivos diversos. Cada um dos itens que o antecedem – a saber: *mas, então, porque, e, só que, aí e agora* – é responsável pelo estabelecimento de relações juntivas específicas, semântico-cognitivamente, entre o conteúdo anterior e posterior a ele, podendo essa relação ser de contraste/adversidade, conclusão, causalidade/justificativa, continuidade etc. Independentemente disso, a função de *assim* é sempre a de estabelecer, em face do que foi dito, a sinalização do que será acrescentado de modo textual. Como sugerido pela denominação desse uso, uma característica marcante de seu contexto semântico é a expressividade. Portanto, ao realizar seu papel essencialmente fórico, o item indica a expressividade do conteúdo que será apresentado.

(5-55) ... coloca... êh duas colheres de... ACHOCOLATADO... uma lata de LEITE CONDENSADO e uma colher... de manteiga e faz... só que **assim** eu gosto de co/ aí eu gosto de comê(r) ele mole então eu deixo mo::le... [AC-056/RP407]

(5-56) é um lugar muito gostoso um lugar... que eu gosto de ficá(r)... um lugar aprazível... e **assim** eu passo... um tempo... bem... bem gostoso... um lugar que eu relaxo muito... [AC-113/DE733]

17 Aspecto que reflete a prototipicidade do MD, uma vez que, entre os mais frequentes, estão aqueles em que se identifica mais claramente o processo de mudança entre a categoria de advérbio pleno e de MD, i.e., aqueles usos em que os contextos de ambiguidade semântico-pragmática são mais evidentes e indicativos da continuidade do processo de mudança em sincronia atual.

(5-57) Inf.: ai agradável foi quando::... eu comecei a namorá(r) né?... então:: **assim** eu nunca tinha ficado com ninGUÉM... eu já gostava dele fazia TEMpo... [AC-056/NE383]

(5-58) Inf.: hum::... a minha irmã dá aula no Santo André... (há um ano)... ela tava preocupa::da... tava com medo de sê(r) mandada embora porque todo prime(i)ro ano/ é o prime(i)ro ano que ela tá dan(d)o aula lá... [Doc.: aham ((concordando))] então quando é prime(i)ro ano... de serviço a pessoa fica preocupa::da como é que ela vai sê(r) avaliada se o pessoal vai gostá(r) do trabalho né?... e::... como a minha irmã é muito sobrecarregada... porque ela dá aula de manhã no (Aureliano)... à tarde no Santo André... num tem empregada... cuida da nenê::... então **assim** muita coisa na cabeça dela... e ela assim tava preocupada... se ela ia continuá(r) no Santo André ou não... [AC-116/NR896]

O falante tem domínio do que será dito, mas sente necessidade de mostrar ao interlocutor, interativamente, no momento da produção textual, a partir da sinalização retropropulsora de *assim*, que o conteúdo verbalizado é expressivo no sentido de que está intimamente associado ao seu gosto (5-55), à sua opinião (5-56),¹⁸ à sua experiência pessoal (5-57) ou à sua interpretação dos fatos narrados (5-58). Trata-se, portanto, de um uso consciente que marca textual-iterativamente a expressividade do conteúdo verbalizado.

PADRÃO (7(B)) – MD *assim* Sinalizador de Metadiscursividade

Este padrão representa uso do MD *assim*, distribuído por contextos funcionais mais abrangentes¹⁹ e identificados com estratégias de construção de enunciados, relacionadas ou não ao descomprometimento do falante, à exemplificação e ao resumo do tópico/ST. Nos usos prototípicos, há acentuado esvaziamento da acepção modal de *assim*.

18 A análise prosódica desse segmento indica diferenças significativas entre esse uso como MD e o uso no padrão (A), em que funciona como juntor conclusivo não prototípico em coocorrência com *e*.

19 Caracterizando uma abertura dos contextos sintáticos.

A abordagem das TDs do banco de dados Iboruna permitiu a constatação do MD *assim* sinalizando, em usos prototípicos, a modalidade de referência ao metadiscursos denominada *explicitadora* do código com base no qual o texto está sendo construído (Borillo, 1985). Essa modalidade incide na materialidade textual de formas diferentes, projetando a preocupação com a formulação linguística do texto no que diz respeito ao processamento de: (i) seleções lexicais, conforme (5-59);²⁰ e (ii) seleções lexicais que formam ST, como em (5-60):

(5-59) o pai... é assim::... num fala tanto quanto eu entende?... parece uma pessoa mais **assim**::

Doc.: ele é *mais reservado*

Inf.: *mais reservado*... então eu sempre tive muita facilidade de conversá(r)... [AC-150/NE1145]

(5-60) era um ranchinho... aqueles ranchinho onde tem o poço ar/ éh... num era nem artesiano aquele poço que [puxavam **assim**] [Doc.: [(aqueles que/)] uhum ((concordando)))]... *de mão lá nem sei como é que chama é giral acho que é o nome do::... do... do negócio que tira lá... a água...* [AC-086/DE557]

Segundo Silva (1999), sinalizadores metadiscursivos dessa natureza revelam uma estratégia pela qual o falante, ao anunciar ao ouvinte que uma dada formulação não é totalmente satisfatória, torna-o cúmplice da imprecisão verbal, diminuindo automaticamente sua própria responsabilidade por ela. Coloca-se, pois, em questão, o código em funcionamento numa situação efetiva de comunicação, e a eficácia de seu uso para a boa consecução dos objetivos interacionais, conforme (5-61):

(5-61) [...] tem aqui em Rio Preto tem uma/ um lugar uma balada tinha né? que agora fechô(u)... éh:: onde tinha:: umas meninas **assim como** (posso) *dizê(r)? FÁceis né? ((risos))*... [AC-049/NR003]

20 Chamo a atenção para o processo interativo de seleção lexical, com a colaboração do interlocutor e a aceitação da colaboração pelo locutor.

Em (5-61), o MD *assim*, juntamente à pergunta retórica “*como posso dizer?*”, sinaliza a busca pelo item lexical que caracterizará “*umas meninas*”, mostrando ao ouvinte, ao mesmo tempo, que dada formulação pode não ser satisfatória e garantindo, assim, o descomprometimento do falante. O uso do MD *né?*, no final do ST, concretiza essa busca de cumplicidade em relação àquele emprego linguístico.

Além disso, esse uso do MD *assim* pode estar relacionado ao desenvolvimento tópico, tanto no início, quanto em seu desenvolvimento, como em (5-62) e (5-63):

(5-62) Inf.: vai deixan(d)o e:: nunca foram feitos né?... e é aquela casa **assim** é... *como toda casa de de... de... sítio... tudo que ah eu tenho uma televisão que ficô(u) velha vai po sítio... né?...* [AC-082/DE473]

(5-63) Doc.: tá certo... bom você falô(u) que via::ja... [todo dia] [Inf.: é...todo dia] como que é sua/ sua rotina?... segunda-fei::ra como é que é? [a semana toda]

Inf.: [**assim**... são] horários diferentes... segunda terça... entro à no/ entro às nove horas... de... quarta-fe(i)ra entro dez horas... de quinta e sexta entro sete e dez [AC-052/DE215]

Nessas ocorrências, o MD apenas aponta para a construção do texto, sem sugerir dúvida ou descomprometimento do locutor, traço funcional que fica claro em contexto de início de desenvolvimento do tópico, como em (5-63), recorrente no *corpus*.

A terceira possibilidade de funcionamento do MD *assim* meta-discursivo é constatada quando o sinalizador relaciona-se à exemplificação, que faz o tópico progredir, podendo ser veiculada também pelo MD *tipo assim*.²¹ Nesse funcionamento, o MD *assim* sozinho ou na constituição de *tipo assim* permite paráfrase pelo marcador *por exemplo*, prototípico dessa operação. Nesse caso, a metadiscursividade funciona relativamente a sequências estruturais do tópico que despertam, a partir de avaliação do falante, a necessidade de expli-

21 Na constituição do MD *tipo assim*, a paráfrase de *assim* por *dessa forma* não é viável, o que diferencia essa construção de outras agrupadas nos usos não prototípicos.

tação, especificamente, as afirmações “*num tem TANTA didática*” e “*um outro projeto*”, conforme (5-64) e (5-65), respectivamente:

(5-64) ele *num tem TANTA didática* sabe? é **tipo assim** ele copia do livro o importante que *assim* sabe? ele tem capacidade de pegá::(r) passá::(r) do livro numa folha E:: passá(r) pra lo(u)sa [...] [AC-087/RO701]

(5-65) então esse levantamento foi muito bom... eu tenho essas anotações... utilizei basTANte... na minha Tese... êh:: poderia tê(r) explorar do ainda mais... depois eu retomei esse mesmo tipo de coisa... êh:: em oitenta e três... com *um outro projeto*... aí êh:: **assim** *Lembranças Femininas*... onde eu só peguei as mulheres... [AC-146/RP1072]

Muitas ocorrências deste padrão foram constatadas em contextos marcados pela hesitação, o que permite relações entre os objetivos do item nessa função metadiscursiva e a realização das diversas formas de manifestação da hesitação (conforme tratarei em capítulo específico).

Os usos não prototípicos deste padrão do MD *assim* estão relacionados ao seu processo de mudança. Acredito que contextos estruturais em que o item é constituinte de construções/expressões cristalizadas são importantes para o processo de transferência de significado por contiguidade contextual. Dessa forma, a atuação do item nessas construções pode favorecer os usos em que, já fora delas, desempenha a mesma função semântico-pragmática.²² No interior de construções associadas ao metadiscurso, *assim* preserva seu valor de modo e permite paráfrase por *dessa forma*.

Nessa direção, registra-se alta recorrência de expressões cristalizadas, voltadas ora para o aspecto funcional relacionado ao descomprometimento do falante (ver (5-61), já analisada), tais como *vamos*

22 Erman e Warren (2000) tratam esses casos como microconstruções ou unidades pré-fabricadas, prevalecendo pressões metonímicas e inferências pragmático-discursivas na marcação de tais usos. Aqui, essas microconstruções são consideradas ambientes que favorecem a emergência de usos em que o item, sozinho, passa a desempenhar as mesmas funções, exatamente via transferência de significado motivada pelas mesmas pressões metonímicas e inferências pragmático-discursivas que governam esses usos.

dizer assim, diria assim, conforme (5-66), ora para a operação meta-discursiva de síntese do conteúdo tópico que pode ou não finalizar o tópico, tais como *assim por diante, assim vai indo, assim foi*, como em (5-67):

(5-66) Inf.: QUÉ(r) se caSÁ::(r) né?... e é engraçado que em cada fase essas... ambições... **eu diria assim...** *vão mudan(d)o né?*... prime(i)ro qué(r) arrumá(r) um namora::do depois qué(r) casá::(r) e depois qué(r) tê(r) filho... então eu eu estava já com o... com o:: com o G. há mu/ há bastante tempo 1[e::]

Inf.: [G. é] meu esposo [Doc.: ah] né?... *é meu...* *parce(i)ro...* **vamo(s) dizê(r) assim** [AC-082/NE434]

(5-67) [...] as escolinhas que tem são mantidas pela prefeitura e::... chega num certo ponto muda o TÉcnico ou então num tem verba PÁ::ra... e:: e **assim vai in(d)o** então nunca tem uma continuidade... [AC-054/RO373]

PADRÃO (7(C)) – MD *assim* Atenuador

Fraser (1980) estuda a função de atenuação, no âmbito da conversação, a partir da definição de abrandamento como a modificação de um ato de fala que pode causar efeitos indesejados sobre o ouvinte, identificando dois tipos básicos de abrandamento: aquele realizado em benefício próprio e aquele realizado em benefício do outro.²³ Apresenta, também, as estratégias que, utilizadas pelo falante, podem indicar sua intenção de abrandar a força de um ato de fala, tais como: (i) o uso da passiva, (ii) o emprego de verbos e advérbios parentéticos, (iii) o emprego de justificativas etc. Meyer-Hermann (1984) também define a atenuação como a função interativa de um ato de fala que possibilita a aceitação de uma quantidade reduzida

23 Essas relações encontram-se também em Brown e Levinson (1987) no que tange ao conceito de polidez, a partir de uma orientação pragmática de estudo da linguagem que entende os procedimentos de atenuação como recursos destinados à preservação da face (positiva e negativa de falante e ouvinte). Os autores observam que, a partir do propósito de ser polido, o falante faz uso de elementos de valores atenuadores e também de outros elementos de funcionalidade variada e distinta.

de obrigações em comparação com o mesmo ato desprovido dessa função. Diante disso, a atenuação refere-se à modificação de um ato de fala, associada à obtenção de um efeito de sentido passível de ser considerado e avaliado como tal numa interação social específica.

Este padrão se restringirá ao estudo do MD *assim*, mediante a sua função de marcador de atenuação, definida como uma modificação que objetiva, em um ato de fala, evitar ou, ao menos, minimizar, efeitos indesejados sobre o ouvinte, em benefício da preservação tanto da face do próprio falante quanto da do seu interlocutor.

O MD *assim* Atenuador é o mais frequente no *corpus*, em comparação aos anteriores, e também representa um uso considerado prototípico. Os contextos semânticos de ocorrência deste uso marcam-se pela incerteza/imprecisão voltadas para a avaliação epistêmica (conteúdo), que pode ser de natureza quantitativa ou para a atividade cognitiva, i.e., para os meios formais que melhor correspondam ao objetivo do falante na comunicação. Ao voltar-se para essas funções, detecta-se um contexto semântico ambíguo em relação à atividade metadiscursiva,²⁴ já que, tanto nesse como naquele contexto, as formulações discursivas só de forma aproximada correspondem ao *denotatum* intencional, o que equivale a um comentário do falante acerca de sua própria formulação linguística que, simultaneamente, faculta ao interlocutor uma instrução de leitura/entendimento. Assim, ao assinalar a possível inadequação da expressão utilizada adiante da denotação pretendida, o falante está, ao mesmo tempo, assinalando que seu ato ilocutório é, de alguma forma, defectivo, o que equivale a um ato ilocutório indireto de aviso, tendendo a acautelar uma interpretação literal que poderia não

24 Os usos do MD *assim* metadiscursivo, em uma de suas subfunções, associam-se à imprecisão/incerteza. Dessa forma, a ambiguidade relaciona-se a essa especificidade do padrão. Há uma diferença importante entre casos de ambiguidade/não prototipicidade verificados em padrões distintos de *assim*, como os padrões (7) e (2), que retratam caminhos possíveis de mudança categorial, além de mudanças semântico-pragmáticas, no processo de GR, e casos de ambiguidade, como o destacado aqui, relacionados a usos específicos de um mesmo padrão (usos (B) e (C) do padrão (7)), que, embora revelem aspectos da fluidez semântico-pragmática, encontram-se num mesmo domínio categorial.

corresponder à sua intenção comunicativa. Essa é a semântica típica do *hedge*.²⁵

A prototipicidade desse uso é constatada no esvaziamento de sua semântica modal e nos próprios contextos linguísticos, marcados pela atenuação por meio de:

- (i) marcadores de opinião (verbos *achar*, *acreditar*, *preferir*): aqueles com os quais o falante debilita a força ilocutiva de suas informações, passando uma impressão de insegurança;
- (ii) marcadores interacionais (*né?*, *entendeu?*, *sabe?*, *tá?*): aqueles com os quais o falante faz um chamado, ao interlocutor, verificando a manutenção do contato, criando solidariedade, com o objetivo de obter sua aprovação;
- (iii) *hedges* de incerteza/imprecisão (*num sei...*; *cê num sabe muito bem...*; *num sabe contar...*; *num entendi muito bem...*; *eu num me lembro bem direito...*): aqueles que atuam no descomprometimento do locutor com o seu enunciado.

Em (5-68), apresento um contexto, marcado por (i), (ii) e (iii), em que *assim* assume função relacionada à atenuação e, portanto, à preservação da face do falante:

(5-68) – [...] aí deu certo tudo que eu entrei *né?* fiquei em quarto...
ma::s... aí foi legal *num sei* eu *acho assim num sei* se foi cedo d'eu
entrá(r) na faculdade porque eu tava sain(d)o do colegia::l... então é um/
uma coisa assim... é um... trunca/ um truncamento assim na vi/ na vida
né? [AC-054/NE296]

- (i) Uso do futuro do pretérito e do subjuntivo: o tempo não está de acordo com o momento da enunciação e o uso do subjuntivo configura estratégia de desfocalização. Além de atenuar, marca um distanciamento entre os participantes da conversação:

(5-69) o Edinho é um cara melhor preparado *assim* é um cara que *sabe-ria se fosse*... mais::... como pode se dizê(r)... éh:: ou menos *né?*... cor-

25 Como proposta por Rosa (1992). Em Ilari (1990), os *hedges* são advérbios delimitadores, que dão instruções ao interlocutor sobre o modo como deve ser interpretada uma frase/proposição ou constituinte.

RUpto... ele **seria** melhor do que o Mané porque ele tem uma ideias é um po(u)co mais novo ele tem uma ideias melho::res assim... [AC-049/RO017]²⁶

(ii) Marcadores de distanciamento: via indeterminação do sujeito enunciador (*diz que*) e uso da impessoalidade (*parece que*), o falante “forja” seu distanciamento da situação de comunicação, conforme (5-70):

(5-70) eu tô sabendo que o enferme(i)ro já foi embora... e que o marido dela vai embora também... **parece que** já foi ou vai embora **assim**” [AC-114/NR756]

(iii) Utilização do pronome *cê* como forma de desfocalizar a fala, ou seja, como uma forma de o falante expressar-se de maneira geral, referindo-se a qualquer pessoa e não diretamente ao interlocutor, como em (5-71):²⁷

(5-71) ele num é estrela ele procura ajudá(r)... então essa:: passei (por) essa parte... num é que também num imaginava **assim** tudo bem... **você** tem::... que ganhá::(r) e mandá(r) bala **cê** tem que estudá(r) porque é isso que **cê** vai fazê(r) da sua vida **cê** escolheu essa profissão **cê** vai mandá(r) bala nela... só QUE... é MUIto chato quando **você** tem uma pessoa que te BARRA... né? [AC-087/RO703]

Partindo do pressuposto de que o contexto é de extrema importância para a determinação funcional do MD *assim* neste padrão, apresento suas seguintes funcionalidades:

(i) marcador de atividade cognitiva, voltado para a atenuação da força ilocutória depreendida, sobretudo, dos termos que indicam

26 A classificação como MD pauta-se, aqui, pela análise do item associada à realização prosódica do contexto de ocorrência e às demais características contextuais, mas não descarta sua relação com o padrão (4), caracterizando a não disretude dos usos de *assim* e, dessa forma, um possível caminho de mudança.

27 Utiliza-se também a primeira pessoa do plural para desfocalizar a fala e expressar-se de modo geral/descomprometido.

uma caracterização ou asserção de valor forte: nesse contexto, há, na maior parte das ocorrências, a presença de itens e sintagmas como *meio*, *um pouco*, *pequeno*, *um certo*, *razoavelmente*, *de uma certa forma*, além de termos que indicam *intensificação da caracterização* ou *asseveração*, e *uso de diminutivo*.

A ocorrência (5-72) de *assim*, juntamente com *meio*, indica a atenuação da caracterização das meninas como *feia*, em contexto do marcador de opinião *achar*. Por sua vez, (5-73) ilustra um caso em que o item marca a atividade cognitiva que se volta para a atenuação da força ilocutória depreendida, sobretudo, do intensificador *muito*. A ocorrência (5-74) mostra um contexto em que o item atenua a asserção “num tem mais nada”. Por fim, em (5-75), a atenuação recai sobre o uso do diminutivo:

(5-72) o D. acabô(u) nem fican(d)o com ninguém porque ele nem curtiu as meni::na **achô(u)** as meninas **meio** feia **assim**... e num quis ficá(r) com ninguém [...] [AC-049/NR006]

(5-73) e... ele num gostô(u) **MUItto** **assim** da ideia d'eu tê(r) muda::do desse jeito mas pra mim foi melhor... pra ele aprendê(r) a dá(r) valor... [AC-052/NE189]

(5-74) tem tem escapamento também que é diferente que é diferencia::do que foi feito especialmente pra e::le que é um:: tipo diferente que ele... ele faz com que o motor num perca a potência... abafa:: o barulho mas num perde potência... e é basicamente isso... **num tem:: mais... mais nada** **assim** [AC-049/DE010]

(5-75) [...] eu liguei a T.V. fiquei assistindo a Ana Maria Braga ela ensinô(u) **rapidinho** **assim** nem precisei anotá(r) nada... é rápido... [AC-087/RP684]

(ii) marcador de incerteza/imprecisão voltado para avaliação epistêmica (conteúdo): o item aparece no contexto de *mais ou menos* e *meio*, conforme (5-76) e (5-77):

(5-76) Doc.: eles gostam [de milho?]

Inf.: [é eles gostam]... gostam **assim mais ou menos né?**... é que de legume nenhum e verdura eles gostam [AC-116/RP912]

(5-77) então ficô(u) assim BEM:: indiferente... uma coisa **meio assim...** (**sabe?**) neutro... [AC-150/NE1155]

(iii) como uma subfunção relacionada à anterior, *assim* marca incerteza/imprecisão voltada especificamente para a avaliação epistêmica de conteúdo quantitativo. Em (5-78), o item sozinho assume esse funcionamento. Já (5-79), (5-80) e (5-81) ilustram-no, respectivamente, em coocorrência com *um pouco*, *mais ou menos* (mais recorrente nos dados) e *tipo*, que, embora pouco frequente, representa um caso em que *tipo* equivale a *por exemplo* e auxilia na avaliação epistêmica de imprecisão/incerteza voltada para conteúdo quantitativo:

(5-78) então tem uma praia que chama praia do Sanches... porque a gente segue uma trilha... e PRA:: descê(r) até essa (praia) (num) dá **uns... cem metros assim** de d/ despenhade(i)ro [AC-051/DE112]

(5-79) e é uma coisa gostosa porque num é que num/ hora que você TEM a tranquilida::de... você an::da **um po(u)co assim** você tem agitação... [AC-051/DE119]

(5-80) veio a época das manga Aden então enxertava também... a manga... e ficô(u)... fazendo muda... ham:: eu trabalhei lá uns quatro anos **mais ou menos assim...** [AC-114/NE741]

(5-81) então planta-se o limão... ah:: nu/ numa distância aí de mais ou menos uns cinquenta centímetros... uma muda da o(u)tra... **tipo::** cinquenta por um de largura **assim** [...] [AC-114/RP805]

Como no padrão (7(B)), também aqui os usos não prototípicos são caracterizados por contextos em que o item atua como constituinte de construções/expressões cristalizadas. No entanto, diferentemente do que se constatou em relação àquele padrão, neste, a paráfrase de *assim* por *dessa forma* não é possível, mesmo quando o

item encontra-se nessas construções, o que indicia uma relação mais próxima desses contextos com os usos prototípicos do MD.

O item pode compor expressões como *uma coisa assim*, *alguma coisa assim*, *coisas assim*, *um negócio assim*, *esses negócios assim*, relacionadas à marcação de incerteza/imprecisão voltada para avaliação epistêmica, conforme (5-82), ou expressões como *alguma coisa assim*, relacionadas à marcação de incerteza/imprecisão voltada especificamente para a avaliação epistêmica de conteúdo quantitativo, como observado em (5-83):

(5-82) e eles pra que a gente pudesse usá(r) o plano de saúde que era:... o plano era só da empresa chamava PLANTEL... é plano de saúde TELESP *uma coisa assim*... [AC-114/NR755]

(5-83) apesar de sê(r) bastante perto assim uns quinze dezoito quilômetros *alguma coisa assim*... éh principalmente quando se/ se vai de ônibus [...] [AC-083/NE486]

PADRÃO (7(D)) – MD *assim* Sinalizador de Construção de Quadro Mental

Nos usos deste padrão, o mais recorrente nas TDs do banco de dados Iboruna, o item funciona como dêitico inferível (Martelotta, 2004) que se refere a um quadro mental, construído, no momento da interação, pelo falante, que convida o ouvinte a participar dessa construção, a partir de sua visão de mundo e da concepção, interativamente, da ideia que ele, na condição de falante, deseja construir. O item marca, portanto, em relação ao que já foi dito, a atualização de um quadro arquivado na memória do falante que é ativado no momento da fala, numa relação interativa.

Mediante a abertura contextual constatada nos usos de *assim* como MD, neste padrão, apenas em uma localização sintática, o item sofre esvaziamento modal. Essa localização encontra-se especificada em (i), conforme (5-84) e (5-85):

(i) no final de oração, seguida ou não pelos marcadores de checagem de interatividade *né?* ou *sabe?*, anteposta a outra oração coordenada (sindética ou assindeticamente), realizando sinalização retrospectiva:

(5-84) eles pararam::...num lugar escuro **assim** né?... e ficaram com as menina lá tal [...] [AC-049/NR005]

(5-85) a visão que eu tive de ba(i)xo lá... do mar de Noronha... num esqueço aquele céu a/ aquele:: MAR aZUL... cristaLINO com aqueles pe(i)xinho **assim**... foi muito bonito... [AC-051/DE108]

Em (5-85), chamo a atenção para a relação entre este uso, do item enquanto MD prototípico, e seus usos exemplificados no padrão (4). A principal distinção percebida aqui é que o item deixa de sinalizar um modificador pontual, tal como no padrão (4), e passa a relacionar-se à sinalização de toda uma porção tópica, caracterizadora do quadro descrito pelo falante. Também a realização prosódica de *assim*, integrada ao contorno entoacional de “aquele:: MAR aZUL... cristaLINO com aqueles pe(i)xinho **assim**” (formando um I), sem a incidência de pausa entre o item e o nome anterior a ele, mas com incidência de pausa percebida acusticamente entre ele e a oração coordenada assindeticamente, garante a análise feita aqui, ou seja, colabora na distinção entre esses usos do item.

Em todos os outros contextos, especificados de (ii) a (iv), a paráfrase por *dessa forma*, aceitável sem mudança na semântica do enunciado, comprova sua menor prototipicidade enquanto MD:²⁸

(ii) no interior de estrutura oracional descritiva, realizando sinalização anafórico-catafórica ou catafórica,²⁹ como respectivamente ilustram as ocorrências a seguir:

28 Embora menos prototípicos, considero esses usos no conjunto representado pelo MD *assim* por dois motivos: (i) as características semântico-pragmáticas envolvidas, enquanto dêitico inferível, que sinaliza a construção interativa de um quadro mental relevante para o processo descritivo, extrapolam os usos plenos do advérbio *assim* (modificador adverbial com aceção modal); e (ii) os usos menos prototípicos do item, caracterizados pela semântica modal, são acompanhados pelos mais prototípicos, atuando na mesma função, em contexto semelhante, em que a semântica modal já está esvaziada.

29 Nesse tipo de contexto, *assim* pode estabelecer uma sinalização estritamente anafórica, como em “aí ele deu aquele abraço/ sabe aquele abraço tímido *assim* sabe?... cê coloca só a mão *assim* aí eu abracei ele né?... aí ele falô(u) *assim* – ‘tá bom **assim** Tia?’” [AC-086/RO608]. No entanto, como pode ser percebido, nesse caso, trata-se do uso adverbial pleno, fonte dos usos do item como MD.

(5-86) Inf.: nas duas extremidades... ponho as linha... que vai nas duas extremidades **assim** no zigue-zague [AC-056/RP410]

(5-87) voltô(u)... pela:: Via Dutra... foi a primeira vez **assim** que a/ e a::/ que eu vi o::/ um aeroporto... internacional né? [de São] [Doc.: uhum ((concordando))] Paulo que é de Guarulhos e que **assim**... de cinco em cinco minutos tava... decolan(d)o avião... [AC-087/NE624]

(iii) no final de oração seguida por uma informação parentética antes da oração coordenada seguinte:

(5-88) ... cê conta que lá no Cristo Rei é mais fácil... rua um dois **assim**... então... *porque é be::m... bem ordenado as ruas (lá)... são bem ordenadas assim...* aí cê/ a minha é a rua dois... a rua um:::... num tem::: só tem casa de um lado... [AC-054/RP351]

(iv) no final de oração, sinalizando prospectivamente a explicitação de seu significado modal, seguido ou não pelos marcadores de checagem de interatividade *né?* ou *sabe?*, antes de oração coordenada.

(5-89) e ele fazia tudo **assim** *c'uma:::... agressividade sabe?* joGAva a bolsa jogava tudo aí cê fala – “ai Deus:: eu mereço” –... [AC-086/RO619]

Foram observadas ocorrências em que houve a realização de gestos/sons, precisando o significado modal de *assim*, o que não compromete a análise baseada na construção do quadro mental. Nesse caso, à descrição, já detalhada, fornecida pelo falante para a construção da imagem pretendida pelo interlocutor, seriam acrescentados gestos/sons, que pragmaticamente atuariam como informações adicionais e contribuintes para a incorporação dessa descrição. Por consequência, há aí mais um recurso intrinsecamente relacionado à construção do quadro mental. Nessas situações, a sinalização pode ser prospectiva ou retrospectiva:

(5-90) Inf.: ela chegô(u) com um baita de um embrulho **assim** ((*Inf. abre os braços mostrando o tamanho do embrulho*)) e aí ((*Inf. imita o som de algo estourando*)) rasguei [AC-053/NR249]

(5-91) [...] a hora que ele pôs a mão na porte(i)ra... a porte(i)ra abriu sozinha ela rangeu ((*imitando o som da porteira*)) ((passa um veículo ao fundo)) **assim** e a porte(i)ra abriu sozinha... [AC-114/NR771]

Para finalizar esta seção, destaco o fato de que, embora a paráfrase do MD *assim* por *dessa forma* seja considerada possível sem alteração da semântica dos enunciados, nos casos de menor prototipicidade de uso do MD, não foi encontrada, em todo o *corpus* investigado, nenhuma ocorrência de *dessa forma* em variação com *assim*, o que, de certo modo, sugere alguma diferença pragmática.

Antes de dar continuidade à exposição, é importante sistematizar o que a análise conduzida até aqui mostra de relevante para a continuidade do trabalho. Para tanto, considerando as características descritas e analisadas em cada padrão, detecta-se um crescente de gramaticalidade associado a padrões cujos funcionamentos encontram-se mais próximos aos usos do item enquanto advérbio pronominal (padrões (1) e (6)) e a outros padrões caracterizados por funções mais diferenciadas, em que contextos específicos proporcionam ambiguidades semânticas indicativas do desenvolvimento semântico-formal que aponta, por sua vez, para outros padrões do item (padrões (2), (3), (4) e (5)). Além disso, constata-se, dentro de um mesmo padrão, no caso de (7), de (A) a (D), a mesma tendência de aumento de gramaticalidade e abstração, em correlação com usos mais ou menos prototípicos do item, a partir de suas características semântico-formais. Assim, a análise conduzida até aqui indica uma base de usos, assentada em contextos semântico-formais específicos, essencial para a apreensão posterior dos caminhos de mudança sofrida pelo item, sendo ela mesma indicativa desses caminhos.

Assim no domínio da junção

As ocorrências de *assim* nos *corpora* permitiram a identificação de contextos em que o item sozinho ou em locuções, ainda relacionadas com sua foricidade, desempenha função de juntor. Nesse âmbito, foram apreendidos quatro padrões:

Padrão A – P *assim* Q (conclusivo);

Padrão B – P *assim como* Q (comparativo, aditivo e conformativo);

Padrão C – *Assim que* Q, P (temporal); e

Padrão D – P, *mesmo assim* Q (contrastivo).

PADRÃO (A) – P *assim* Q

Nas ocorrências do uso prototípico do juntor *assim*, com comportamento próximo ao das conjunções de coordenação, o item assume localização prototípica, em início de Q, sendo Q o segundo membro coordenado, mantendo o traço da foricidade e realizando um movimento retropropulsor: ao mesmo tempo resgata todo o conteúdo de P e aponta para a conclusão, instaurada em Q, da qual se torna parte integrante, tal como ilustram as ocorrências a seguir, extraídas das TDs carta, editorial e *e-mail*:

(5-92) Como breve- | mente entrarei na oral que me falta, vim | antes para ver se | havia alguma diferença | e estar prevenido para o que desse e viesse, | sendo porem os exames de agora a| mesma cou- | sa que as do fim do anno, deixei-me estar porque | já estou amollado de tanto ler a mesma| cousa - | **Assim** ves que mais ou menos sou conhecedor | de toda a matéria [CPXIX-13/21]

(5-93) [...] Por detrás da barulhenta campanha, es- | petacularmente iniciada pelo sr. João Goulart, pressente-se o | desejo de sobrevivencia. Sabendo-se responsaveis, as hostes | lideradas pelo sr. vice-presidente da Republica pedem con- | tas antes que lha exijam. **Assim**, não é de estranhar que | assistamos nestes dias atitudes e manobras que desperta- | riam sorrisos se não inspirassem repulsa. [...] [OESPXX-1959/180]

(5-94) [...] Ah, nosso horário previsto para a chegada é em torno das 9h. Mandei um e-mail para o hotel pedindo se podíamos deixar as malas na recepção até 12h30 e eles disseram que sim. **Assim**, a gente não precisa ficar carregando as malas durante a manhã. [EMAILXXI-33/23D]

A ocorrência (5-95) ilustra seu funcionamento também em dados das TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e opinativa:

(5-95) [Doc.: (ah)] aí... beleza falei – “num vô(u) mais” – aí... melho-
rei... aí na hora de í(r) embora esse amigo ofereceu carona falei... –
“ótimo né?” – *eu chego mais cedo em casa assim dá tempo de corrê(r)*
no cursinho Alternativo antes da cinco e vê se eu pego ela lá... [AC-
085/NE527]

Trata-se, pois, de um uso do item, no nível da estruturação tex-
tual, ocorrendo normalmente no início de Q, sendo Q uma Or ou
um ST, que dá continuidade a P, o qual também pode ser uma Or
ou um ST.

Na aceção conclusiva, estabelecida pelo juntor coordenativo
assim, está implícita uma relação de causa/consequência entre os
segmentos textuais articulados. Partindo desse princípio e recupe-
rando Neves (2000, p.804-805), considero que, num sentido estrito,
a relação causal diz respeito a essa conexão **causa-consequência**,
ou **causa-efeito** entre dois eventos. Entretanto, essas relações po-
dem se dar entre:

- (i) *predicações* (estados de coisas), indicando “causa real/eficiente/
efetiva”, estando aí implicada uma subsequência temporal do **efeito/consequência** em relação à **causa**;
- (ii) *proposições* (fatos possíveis), indicando relações marcadas por
conhecimento/julgamento/crença do falante, que passam por sua
avaliação.³⁰

Quando *assim* relaciona-se a uma conexão de causa-conse-
quência como (i), opera no domínio do conteúdo,³¹ apresentando a
junção numa relação entre situações previstas no mundo sociofísico;
quando estiver relacionado com uma conexão como em (ii), estará
no domínio epistêmico (Sweetser, 1990), ou seja, no domínio de co-
nhecimentos/crenças do falante/escrevente.

30 Na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), epistêmico é semântico, mas, quando Neves menciona EsCos (estados de coisas) e proposição, está se referindo a Simon C. Dik, na primeira versão da Gramática Funcional.

31 Outras designações correntes para esse domínio da significação são *ideational meaning*, em Halliday (1973) e *propositional meaning*, em Traugott e König (1991).

Seguem ocorrências que ilustram (i)³² e (ii):

(5-96) Bom dia, O. || Tudo bem? Como foram as aulas na F ontem? É vc quem vai hoje? || Durante o mês de janeiro, fiz algumas revisões para o C. e não tenho idéia de quanto cobrar por folha, pois sempre que faço são trabalhos inteiros. **Assim**, gostaria de saber se vc sabe mais ou menos quanto que se cobra por folha. || Obrigada, || Abraços || G [EMAI-LXXI-6/30G]

(5-97) A disciplina do partido republicano pau- | lista foi sempre tão forte e admiravel que | nem uma pretensão aos cargos publicos | se levantava contra as indicações dos que | tinham mandato e competencia para a | escolha dos correligionarios que deviam | ser candidatos. || **Assim** a vitória era certa em toda a | linha quando se travava o combate. [OESPXIX-1890/149]

Nessas ocorrências, *assim*, em posição inicial de Q, pode ser substituído por *portanto*, *por isso*, *de modo que*, o que aponta que a situação descrita em Q deve ser interpretada como consequência do que foi escrito/dito anteriormente em P. Em (5-96), o fato de não se saber quanto cobrar por folha de revisão é a causa que determina a consulta do preço à outra pessoa. Nota-se que *assim* opera no domínio referencial, estabelecendo relações entre situações que ocorrem no mundo sociofísico, sem depender de cálculos mentais para o estabelecimento do nexos causa-consequência. Há, nesses casos, uma relação temporal icônica pressuposta. Nos dados extraídos da TD *e-mail*, todas as ocorrências prototípicas de *assim* neste padrão encontram-se relacionadas a esse domínio. No que tange aos dados das TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e opinativa, todas as ocorrências, incluindo as não prototípicas, encontram-se nesse domínio.

32 As relações de junção estabelecidas por *assim*, nos *corpora* da TD *e-mail* e, principalmente, da TD carta e das TDs que constituem o banco de dados Iboruna, não representam, na maior parte das ocorrências, exemplos prototípicos do item nessa função. Em comparação, no da TD editorial, encontra-se uma maior recorrência de usos prototípicos do *juntor assim*. Portanto, a exposição segue nessa ordem.

Em (5-97), *assim* opera no nível do domínio epistêmico, tal como a maior parte de suas ocorrências, enquanto juntor, em editoriais. Há um jogo de premissas que leva à dedução da conclusão/consequência explicitada pelo item: com base na [premissa 1] de que o partido republicano paulista foi sempre forte e admirável, conclui-se que a vitória era certa. Além da [premissa 1] expressa, infere-se a [premissa 2]: quando/se o partido é forte, tem condições para alcançar a vitória. A relação entre as premissas, explícita e implícita, como argumentos que favorecem a conclusão, aponta para a abstratização da relação causa-consequência.³³

Passo agora a apontamentos referentes aos contextos de não prototipicidade relativos a esse uso. A primeira situação de ambiguidade é observada entre este padrão e o padrão (2), exatamente porque as propriedades sintático-semânticas de *assim* juntor conclusivo ao mesmo tempo contrastam e mesclam-se com as de *assim* Adjunto a SV. Mostrei que este ocorre no escopo da focalização a partir da negação frásica, o que não é possível com aquele. Além disso, enquanto juntor, *assim* não inicia um discurso, uma vez que sua função conjuncional é baseada na articulação entre dois enunciados. Apesar dessas distinções, existe uma similaridade contextual entre os dois usos: ambos ocorrem após orações reduzidas de gerúndio. No caso do Adjunto a SV, a estrutura [Or reduzida de GER] + [*assim*] + [SN] (conforme (5-12)) mostra-se bastante recorrente. Já relacionada ao uso do item como juntor, nos textos da TD editorial, merece destaque uma estrutura bastante recorrente que se encontra gramaticalmente próxima ao funcionamento do Adjunto a SV, mas, ainda *assim*, relacionada à coordenação:

(5-98) Conservadores e liberaes organizaram as | suas chapas que foram entregues á publi- | cidade.|| Para deputados os liberaes appresentam | lista completa, nove candidatos, mostrando | **assim** que julgam-se fortes e contam ganhar | [...] [APSPXIX-1878/049]

33 A relação exposta em (i) não permite a verificação de premissas, mas também descreve dois estados de coisas que, pertencentes ao mundo sociofísico, se apresentam como causa e consequência um do outro.

Em (5-98), o complemento da Or reduzida de GER é sinalizado por *assim*. Trata-se de um complemento oracional e, portanto, de um estágio posterior àquele do uso de Adjunto a SV, em que o item sinaliza um SN, conforme a notação [Or reduzida de GER + *assim* + [Or compl]], mas, ainda, de um estágio anterior à oração adverbial reduzida, *sendo assim*, que articula orações ou STs, de acordo com a notação [Or reduzida de GER + *assim*] + [Or], conforme (5-99) e (5-100), extraídas das TDs carta e editorial:

(5-99) *O numero de portuguezes residentes nesta cidade é | pouco avultado, e são pela maior parte homens que | aqui estão presos pelos seus estabelecimentos commer- | ciales e pelos encargos de familia. || E se facto ha de ser origem das causas que deverão | presidir á irrealização da idéa da formação de um cor- | po de patricios nossos. Sendo assim, apresentamos um meio pelo qual todos nós podemos concorrer, se- | gundo as circunstancias pessoais e recursos pecunia- | rios de cada um, para a demonstração de nossos senti- | mentos em prol do Brazil. || [LRXIX-477/97]*

(5-100) *Mas, de certa forma, o seu “estilo” de fazer politica | deveria constituir um alvo tão importante para a Revo- | lução de março quanto a corrupção administrativa. Não | desejamos aprofundar-nos na analise desse “estilo”, mes- | mo porque a julgamos desnecessaria neste momento. Li- | mitar-nos-emos a repetir aquilo que já afirmamos mais de | uma vez: o sr. Magalhães Pinto é um pessedista tipico e | nunca compreendemos porque escolheu a UDN como ins- | trumento da sua carreira politica. || Sendo assim, perguntamos que direito lhe assiste de | ditar normas e rumos politicos ao governo revolucionário? [OESPXX-1964/190]*

Nessas ocorrências, P corresponde a todo um ST, e Q corresponde a uma Or, sendo P e Q transcritos em itálico. Lehmann (1988, p.210-211) considera a construção equivalente a *assim sendo*, no inglês, como “*connective phrase*”, correspondente a uma oração adverbial reduzida. É curioso, conforme o próprio autor, que se utilize uma oração subordinada para conectar parataticamente, de forma explícita, duas orações, como nas ocorrências e em usos dessa natureza em sincronia atual. Se entendermos que *sendo assim* inte-

graria um tipo de oração gerundiva mais próxima da coordenação do que da subordinação, tal como a proposta de Demonte e Bosque (1999), essa relação de desenvolvimento torna-se ainda mais coerente. Portanto, admito que a reduzida *sendo assim* corresponde a uma etapa já avançada do processo de GR que leva aos usos juntivo-conclusivos de *assim*, uma vez que, nesses contextos, pode-se pressupor uma derivação do uso de *assim* juntor coordenativo conclusivo a partir desse tipo de oração reduzida (*sendo assim*), via elipse da forma verbal.

Em relação a essa constatação são importantes duas observações: (i) nas ocorrências das TDs do Iboruna, o contexto de Or gerundiva pode ser formalizado como [Or reduzida de GER + *assim*] + [Or], como especificado há pouco. No entanto, a semântica conclusiva não é confirmada, em prol de uma aceção atenuativa, analisada (conforme padrão (2), apresentado na Seção 5.1.1) a partir da ocorrência (5-15) repetida a seguir; e (ii) a realização prosódica do contexto observado nesse tipo de dado não é a mesma da possível realização depreendida pela leitura desses contextos extraídos das TDs carta e editorial, correlacionando a distinção prosódica e funcional-discursiva.

(5-15) ... ajudá(r) pra que ela num s/ num... caia no mundo do cri::me num... num se envolva com drogas num... num vira um marginal... num/ num se transforme um... monstruosidade igual... aconteceu de... nossa um fato assim que... ((barulho))... hoje... parando **assim** eu lembro... das imagens do avião batendo... [AC-051/RO139]

Por outro lado, o contexto do padrão (2), [Or + *assim* + [Or compl]], em que, embora não relacionado ao verbo no gerúndio, o item permanece relacionado à inserção de Or compl, apresenta indícios da leitura conclusiva, admitindo paráfrase por *portanto*, como se observa na ocorrência (5-101), extraída da TD opinativa:

(5-101) eu gosto eu realmente trabalho na igreja gosto de trabalhá(r) na igreja... é::... às vezes não é nem... pelo fato... ham:: **assim** REligioso... eu vejo **assim** (**portanto**) que a::... a influência... dos ensinamentos... re-

ligiosos... são decisivo... na vida de quem se/... quem qué(r) ser feliz...
[AC-114/RO820]

Constata-se também que a coocorrência do item com a conjunção coordenativa *e* é bastante recorrente nos dados (com exceção daqueles extraídos da TD *e-mail*), em que [*e*] + [*assim*] permitem paráfrase por *portanto*.³⁴ Ocorrências como (5-102), extraída da TD carta, em que os itens são grafados sem espaçamento, indiciam forte contiguidade entre eles na função de marcar a coordenação, imprimindo a acepção de conclusão a Q a partir de toda a porção sinalizada retroativamente em P por *assim*:

(5-102) [...] e como estas Senhoras Receberam as di- | tas negras por mimo, eastrazem Muÿto estimadas, não | mefica lugar, depoder falar emnenhuma delas | coanto mais como o Senhor tenentegeneral, peçoa com | quem naô tenho tido, amenor corelaçãõ.; **easim** mefica a- | des confiança deque por Meu Respeÿto naô Obrara | Couza alguã.; em coalquer materia, que lhe pedice [espaço] [AIXVIII-21/59]

Não é possível especificar, no ST anterior, qual item ou sintagma específico é sinalizado por *assim*, já que sua sinalização aponta prototipicamente para todo o ST ou, pelo menos, toda a Or anterior, o que constitui uma característica funcional de *assim* em contextos coordenativo-conclusivos. A coordenação estabelecida por *e* ganha esse “gancho” por meio da coocorrência com *assim*, tornando a sequência textual mais coesa. Além disso, é inconsistente restringir a sinalização realizada por *assim* apenas à anaforicidade, uma vez que a relação entre P e Q permite sustentar também a sinalização catafórica do item que funcionaria, portanto, como um retropropulsor.³⁵

34 Também essa possibilidade difere esse uso do padrão (2), que não admite tal coocorrência (conforme (5-10): “*Vossa excelencia e aSim o ordena entregue a Rapariga*”).

35 Ocorrências que serão focalizadas nesta análise mostrarão contextos que, já sem *e*, podem comprovar a concomitante sinalização catafórica de *assim* em casos de junção com acepção conclusiva.

Considerando que, na coocorrência com *e*, *assim* assume importante função no estabelecimento da relação estrutural e semântico-conclusiva depreendida na coordenação, analiso contextos como esses como um importante passo no processo da mudança linguística, via GR,³⁶ que leva *assim*, a partir de suas funções retropropulsoras, a desempenhar um papel articulador de orações. Dessa forma, a contiguidade sintagmática de *assim* com *e*, bastante frequente desde o século XIII (Lopes, 2005), é básica para o processo de transferências funcionais entre esses itens, por meio da reinterpretação induzida pelo próprio contexto. Observe as ocorrências:

(5-103) é como se fosse uma loja que tivesse um concorrente cê entendeu?... [Doc.: uhum ((concordando))] então eles querem assim... que a mercadoria deles mesmo se eles não precisam... eles fazem uma pressão violenta... cê entendeu?... e e:: *assim vai indo e assim* a gente tá passan(d)o o dia... e [vai] [Doc.: ham] trabalhando ((risos)) [AC-120/NE1018]

(5-104) Agora que emerjo do maremoto, pos- | so escrever-lhe mais calmo. *Espero que a sua saude esteja | cada vez melhor e, assim*, possamos reavê-lo em 1954. [FFXX-53b/114]

Em (5-103), embora diante do mesmo contexto, não é adequada a paráfrase de *e assim* por *portanto*, já que não se estabelece uma

36 Esse mesmo contexto, em que o juntor de natureza adverbial coocorre com uma conjunção coordenativa, poderia ser analisado, a depender da perspectiva teórica, como indicio para a não inclusão do primeiro nesta última classe, a partir do argumento de que duas conjunções do mesmo tipo se excluem mutuamente. Entretanto, a partir dos pressupostos teóricos da GR, considero dois pontos: (i) que, em busca de uma maior expressividade, o falante/escrevente procura, por vários meios, aumentar a informatividade, principalmente diante de contextos que permitem maiores possibilidades interpretativas, como é o caso dos contextos de coordenação estabelecida pela conjunção *e*, a partir daí, exatamente esses contextos de aparente redundância formal *e/ou* funcional passam a oferecer importantes possibilidades de desenvolvimento dos itens envolvidos via mecanismos de mudança semântica, como a metonímia; e (ii) que, nesse caso, não se trata de dois itens com a mesma função, i.e., de duas conjunções – é evidente que *e* é responsável pelo estabelecimento da coordenação –, mas, sim, de itens com funções diferentes e, ainda *assim*, intrinsecamente envolvidos para o estabelecimento da coordenação com aceção conclusiva, já que, ao realizar seu papel fórico, *assim* também colabora com essa função.

relação de causa-efeito ou causa-consequência entre P e Q. Nesse caso, a paráfrase de *assim* por *dessa forma* é mais adequada e mostra que, enquanto a conjunção *e* estabelece a coordenação de P e Q, *assim* limita-se a sinalizar retroativamente o ST transcrito em itálico. Não há uma colaboração entre os dois itens para o estabelecimento da relação interproposicional conclusiva, representando, portanto, diferentes padrões interpretativos para a mesma seqüência sintagmática. Em (5-104), o contexto permite que apenas o item *assim* seja parafraseado por *portanto*, possibilitando leitura conclusiva, independentemente de *e*. Um indício gráfico dessa análise é a utilização de vírgulas, separando *assim* de *e* e indicando uma pausa acústica na sua possível realização prosódica.

Além da coocorrência com *e*, são frequentes, na TD *e-mail*, ocorrências de *assim* seguindo o juntor *pois*,³⁷ nas quais este é o responsável pela junção de P e Q, com acepção explicativa, e àquele cabe o papel de sinalizar retrospectivamente, em P, o conteúdo essencial, em Q, para inserção da explicação:

(5-106) [...] Segue em anexo os XML's da Câmara Municipal de I. || O S. disponibilizou agora de manhã. Qualquer dúvida me avise, pois **assim** entrarei em contato com ele. [...] [EMAILXXI-23/16C]

Como adiantei, os usos de *assim* em contextos em que a emergência dos aspectos semântico-formais do juntor conclusivo pode ser constatada permitem afirmar que o item não realiza uma sinalização exclusivamente anafórica, havendo, também, uma sinalização

37 Nas cartas e editoriais foi observada, menos frequentemente, a seqüência “*Assim pois*”, conforme (5-105): “acabamos de fazer aquisição de dous collegas em cujo peito pulsa com energia o amor patrio; elles nos auxiliarão na gloriosa empresa de elevar-nos nossa folha á um grão de progresso compativel com o futuro que se nos antolha. || **Assim pois** a par da discussão franca e desinteressada sobre os melhoramentos de nossa terra, a par dos debates de nossa assembleia provincial encontrarão sempre os leitores o extracto fiel e prompto de todos os acontecimentos externos que constituem uma das mais importantes missões da imprensa – isto é, a parte noticiosa. || M. S.” [LRXIX-503/103].

catafórica. Algumas ocorrências comprovam essa afirmação, como em (5-107), extraída da TD *e-mail*:

(5-107) Pensei em complementar o projeto com algumas atividades auditivas, já que os alunos sempre apresentam bastante dificuldade tb em ouvir. **Assim**, com essas atividades podemos trabalhar atividades orais, gramaticais e culturais [...] [EMAILXXI-5/29G]

Em início de Q, *assim* sinaliza, retroativamente, o ST correspondente a P, e, prospectivamente, a inserção de um pequeno ST, que resume tudo o que foi dito, para dar continuidade a Q, instaurando a relação conclusiva. A eliminação desse “segmento sintetizador” (SS), sinalizado cataforicamente, e a paráfrase de *assim* por *portanto* é possível. Desse modo, ao realizar seu papel catafórico, o item explicita a importância dessa sinalização para a relação juntivo-conclusiva que medeia. Em estágio mais gramaticalizado, a sinalização do SS deixa de existir; no entanto, a de Q, que constitui a conclusão a partir de P, mantém-se, garantindo a coesão e a aceção do complexo:

(5-108) *Tendo de ir á côrte indaguei de alguns | amigos quando haveria vapor para lá e me | foi dito que sahia a 11 do corrente, o que por | mim foi verificado tambem no Diario de San- | tos, na parte que trata da sahida e entrada | de navios naquelle porto. | | Assim, disponho a minha viagem* [LRXIX-514/105]

Diferentemente dos demais *corpora*, em textos da TD *e-mail*, além de SS, observam-se contextos nos quais entre P e Q, no âmbito da relação juntivo-conclusiva, inserem-se STs, de dimensões estruturais distintas, conforme (5-109) e (5-110):

(5-109) Olá A. || Em contato anterior, a comissão do M. ficou de te dar uma resposta quanto à reserva para os convidados do evento. || Os responsáveis pelo contato com os convidados me passaram apenas hoje o número de reservas, mas não é ainda o número final, pois 12 pessoas ainda não confirmaram o dia da chegada e da partida. || *De acordo com*

a Profa M. (*presidente da comissão organizadora do evento*), as diárias serão pagas pelo evento aos convidados e cada um acertará suas diárias no check out. || **Assim**, envio em anexo o número inicial de reservas a serem feitas. [...] [EMAILXXI-57/8A]

(5-110) [...] A nota da apresentação é individual, pois depende do desempenho de cada um lá na frente, mas a nota do trabalho escrito é uma só para todos os integrantes do grupo. **Assim**, já respondendo a segunda pergunta, vocês deverão me entregar apenas um texto. [...] [EMAILXXI-36/5A]

Em (5-109), o ST inserido (em itálico) constitui uma centração tópica própria, podendo ser classificado como um *tópico inserido*. Em (5-110), o ST apresenta-se logo após o juntor, já no interior da estrutura de Q, configurando um *parêntese metadiscursivo*, voltado para a organização tópica do texto. Assim, ressalta-se que: (i) a relação conclusiva entre P e Q não é prejudicada; e (ii) esses STs inseridos, com caráter tópico ou parentético, não equivalem ao SS que auxilia a instauração do movimento conclusivo, como parte do processo instaurado pelo juntor, caracterizando traços típicos da TD *e-mail*, especificamente relacionada a aspectos da oralidade.

A ambiguidade semântica ligada a essa função encontra-se na difícil delimitação de alguns usos de *assim* com aceção modal, relacionados, por exemplo, ao Adjunto a SV, e dos usos com aceção de causa-consequência, relacionados ao juntor. Essa ambiguidade não foi constatada apenas nos dados da TD editorial:

(5-111) O que me competia fazer quando a venda | se tornou impossível pelo preço com binado, era | não realizal-a ou realizar só a da minha parte, | **assim** teria evitado o prejuízo; si assim não | procedi foi porque vocês me deram carta branca | no negocio. [CPXIX-58/36]

(5-112) [...] Gostaria de saber se sexta-feira vc pode ir a faculdade, às 8h e levar dois ou tres cds. **Assim**, te entrego o material e explico como eu tinha começado a fazer. [...] [EMAILXXI-8/31G]

(5-113) então eu eu acho que essa reserva de... de... de cotas... éh:... ela só reforça... uma:: cultura que nós temos aqui que é uma cultura do paternalismo... é muito mais fácil você dá(r) vinte reais quarenta reais de bolsa escola... pr'uma família... ao invés de você... permiti(r) ao pai de família... que tenha oportunidade de trabalho que a mãe... dessa família tenha um salário digno... e que **assim** eles possam com o trabalho deles sustentá(r) [Doc.: sustentá(r) o filho]... sem... tê(r) que í(r) lá perdê(r) de/... dia de trabalho pra ganhá(r) bolsa escola... [AC-082/RO479]

Além dos testes para a identificação do Adjunto a SV, em (5-111), nessa função, o item responde à interrogativa introduzida por *como* (*Como* teria evitado o prejuízo? *Assim* (do modo sinalizado anaforicamente)), o que comprovaria sua acepção modal. No entanto, da mesma forma, sua interpretação como juntor baseia-se na possibilidade de ele sinalizar que a situação descrita em Q deve ser interpretada como consequência de P, podendo ser substituído, em Q, por *portanto*. Em (5-112), embora em localização e realizando a sinalização prototípica do uso juntivo-conclusivo, a acepção modal do item permanece, sem indicação da relação conclusiva mais abstratizada. Já (5-113) ilustra contexto frequente de ocorrências não prototípicas do juntor *assim*, em que o item encontra-se em início de Q ou em posição não inicial de Q, e Q não corresponde a um novo período.

Sugiro, a partir das circunstâncias, que a ambiguidade entre os valores de modo e causa-consequência sustenta-se pelo desenvolvimento da acepção mais abstrata do item, pautada em sua acepção mais concreta e na persistência de traços semânticos da acepção A na B (Hopper, 1991), o que possibilita recompor sua trajetória de desenvolvimento. O processo de mudança semântica (*deste modo* > *por causa disto/de modo que/portanto*) acompanhado pela reanálise (advérbio > juntor) identifica-se a partir de ocorrências que demonstram esse tipo de amálgama de valores.³⁸ Possivelmente, o valor mais abstrato resulta de uma implicatura conversacional a partir de con-

38 Construções em que o Adjunto a SV ocorre em Or gerundivas também revelam essa ambiguidade semântica.

textos como (5-111). Nessa perspectiva, na circunstância de modo, sinalizada por *assim*, estaria implícito um nexo de causa-consequência, em função de um princípio pragmático de maximização da informação comunicada. A convencionalização dessa implicatura estaria na base do valor conclusivo (causal/consequencial) do juntor *assim*. A alta recorrência de contextos que permitem essa ambiguidade e a emergência desse princípio de informatividade sustentam tal hipótese.

PADRÃO (B) – P *assim como* Q

O padrão (B) caracteriza-se por uma locução que assume comportamentos sintáticos distintos nos nossos *corpora*, de acordo com três acepções:

P assim como Q = comparativa (correlativa e não correlativa)

P assim como Q = aditiva

P, assim como Q / assim como Q, P / P[assim como Q]P = conformativa

As principais características de *P assim como Q*, construção *comparativa não correlativa*, são:

- (1) tipo de unidade articulada: oração;
- (2) sem coocorrência de outra conjunção;
- (3) posição inicial de Q;
- (4) possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção;
- (5) possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas;
- (6) impossibilidade de inversão da ordem;
- (7) relação de dependência entre P e Q;
- (8) entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; e
- (9) relação de sentido: valor comparativo de igualdade.

Essas características traçam o perfil prototípico dessa construção, como em (5-114):

(5-114) Meu presado Professor Fidelino | Meus pais muito estimam que o senhor | esteja melhor, **assim como** esta sua ami- | guinha que sempre o recorda com sal- | dade! Esperamos também que sua espô- | sa e os seus estejam passando bem. [FFXX-54f/135]

A partir dessa ocorrência, ilustram-se a articulação de orações e o entrelaçamento formal:

Meus pais *muito estimam que o senhor esteja melhor*,
assim como
 esta sua amiguinha *muito estima que o senhor esteja melhor*.

A locução conjunta é responsável pela articulação de orações que compartilham a estrutura do Pred, reservada a concordância com seu sujeito (“Meus pais” *estimam*, em P, “esta sua amiguinha” *estima* em Q). Exatamente por conta da elipse dessas estruturas compartilhadas, que guardam alterações em sua forma, há um grau de dependência entre P e Q, que impossibilita a inversão da ordem sintática.

Embora prototípicas, (5-115) e (5-116) apresentam características diferenciadas:

(5-115) Oz Directores actuaes de Imbou, eIta | peserica he constante, que Com Zelo, eactividades | seimpregáo nas deligencias uteis, e consernen | tes para oaumento, econservassáo das Respecti | vas Aldeas, movendo juntamente aos Indios, quan= | do neles reconheSsem tibieza, aque trabalhem, | efassáo as suas plantassoens vantajozas; a | **sim como** naó perdem devista oevitarlhesh to | das asocazioens deque podem sugerir algumas | des ordens [...] [AIXVIII-24/63]

Ilustra-se, na sequência, a articulação de orações realizada por *assim como* e a estrutura compartilhada entre P e Q, a partir dessa ocorrência:

Os diretores atuais de Embu [...], movendo juntamente aos índios, quando neles reconhecessem tibieza, a que trabalhem, e façam as suas plantações vantajosas,
assim como
Os diretores atuais de Embu não perdem de vista evitar-lhes todas as ocasiões de que podem sugerir algumas desordens

Há apenas o compartilhamento do Suj entre P e Q, sendo ele elíptico em Q, mas a relação de dependência, constatada na impossibilidade de inversão da ordem dessas orações, é garantida a partir da presença de formas verbais reduzidas de gerúndio e infinitivo (*mo-vendo*, em P, e *evitar-lhes*, em Q).

(5-116) Porque não *pescasteis* isto | ahi com algum moço do 3.º anno?
 Isso | evitaria que viesseis tocar rabeca com ar- | co de taquara. ||
 Pensasteis então que impunemente se | vai citando estas coisas, **assim**
como se | decora a taboada? || [...] [LRXIX-448/79]

Em (5-116) observa-se, mais uma vez, o compartilhamento da estrutura de Suj indeterminado pela partícula *se* e a presença de uma forma verbal reduzida no verbo principal da locução *vai citando*, conforme (5-115). A especificidade dessa ocorrência encontra-se, pois, na incidência do advérbio *impunemente* sobre toda a construção *P assim como Q*, o que indica a relação semântico-formal dos enunciados P e Q:

Pensasteis então que *impunemente* se vai citando estas coisas, assim como *impunemente* se decora a taboada?

Nessa estrutura, também encontrada em dados da TD editorial, o advérbio corresponde ao **Resíduo**, elemento comum entre P e Q, que propicia a sua omissão em Q, já que o próprio mecanismo da construção comparativa responde por ele. A locução conjuntiva corresponde ao **Marcador de foco**, e as orações comparadas, ao próprio **Foco** (Neves, 2000), tal como ilustra o esquema:

<i>impunemente</i>	se vai citando essas coisas	assim como	(<i>impunemente</i>)	se decora a taboada
R	F	M	R	F

As principais características de *P assim como Q*, construção *comparativa correlativa*, observadas a partir da TD carta, já que não foram encontradas ocorrências nos *corpora* das demais TDs, são

bastante próximas às já apresentadas em relação à comparativa não correlativa, revelando diferenças apenas em:

(3) posição inicial/medial de P e posição inicial de Q; e

(9) relação de sentido: valor comparativo de igualdade + valor aditivo.

Esse compartilhamento de características é compreensível, uma vez que, embora esteja em estrutura diferente, ainda se encontra no domínio da comparação. A ocorrência (5-117) apresenta um caso prototípico:

(5-117) A água do *chafariz*, **assim como** |lhe foi arrancada, **assim** lhe pode, ser restituída. [LRXIX-453/86]

A correlação *assim como... assim* articula SVs que compartilham a mesma natureza estrutural e o mesmo Suj:

A água do chafariz
assim como
lhe pode ser arrancada,
assim
lhe pode ser restituída

Nessa construção, em presença de formas reduzidas, a primeira parte da correlação (*assim como*) localiza-se em posição medial de P, e a segunda parte (*assim*), em posição inicial de Q. A presença dos elementos comparativos em P e Q permite a análise da construção como uma comparação correlativa, já que se observa: (i) em P, um segmento textual focalizado por uma marca formal, como o primeiro membro do cotejo; e (ii) em Q, outro segmento textual também focalizado por uma marca formal, como o segundo membro do cotejo (de mesma natureza que o primeiro). Implica-se, portanto, uma *adição*, que se soma à *comparação*, segundo proposta de Neves (2000):

	do mesmo modo que	a água do chafariz	lhe pode ser arrancada
=	do mesmo modo também	(a água do chafariz)	lhe pode ser restituída
	M	R	F

Embora nessa comparação correlativa esteja implícita a noção de adição, constatada na possibilidade de coocorrência de *também* com o segundo elemento da correlação (*assim*, em Q), ou mesmo de paráfrase por *também*, nesse elemento, existe uma restrição, que corrobora esta análise, quanto à inversão da ordem sintática de P e Q, graças à relação icônico-temporal implícita na correlação comparativa (a água primeiramente precisa “ser arrancada” para posteriormente “ser restituída”).

A ocorrência (5-118) mostra outra possibilidade de estruturação da locução:

(5-118) [...] eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio deSSua igre | ja por velos taõ derramados: ConSSigo poCo fruto aSSim por alguns | fugirem deSSua aldea; **Como** outros Sonegados de *quem* ostem.
[AIXVIII-03/41]

Nessa ocorrência, observa-se a correlação *assim... como* articulando orações que compartilham Suj. Os termos da correlação comparativa encontram-se em posição inicial de P e Q, respectivamente, também revelando formas reduzidas. Mais uma vez, a dependência das orações correlacionadas pela locução descontínua é determinada pela estrutura dos enunciados comparados, já que em P ocorre redução da conjunção *porque*, indicativa da causa pela qual o escrevente relata conseguir pouco fruto, elíptica em Q, e, ainda, pela relação entre os pronomes usados na indefinição dos Suj compartilhados em correlação anafórica (*alguns* e *outros*). Apesar disso, tem-se outro exemplo de *adição comparativa*, especificamente do tipo “não só... mas também”. A ilustração dessa ocorrência no esquema a seguir apresenta a possibilidade de interpretação aditiva e a relação da locução na marcação dos Focos a partir do Resíduo:

consigo pouco fruto	assim (não só)	por alguns fugirem de suas aldeias	como (<i>mas</i> <i>também</i>)	(<i>consigo</i> <i>pouco</i> <i>fruto</i>)	(por) outros serem sonegados
R	M	F	M	(R)	F

Por fim, as principais características de *P assim como Q*, construção com acepção *aditiva*, são, como era esperado, mais distantes das já apresentadas em relação às comparativas. Os itens que se distinguem são:

- (4) sem incidência adverbial sobre toda a construção;
- (5) sem apresentação de formas verbais reduzidas;
- (6) possibilidade de inversão da ordem;
- (7) relação de independência entre P e Q;
- (8) não compartilhamento de estruturas diversas ou compartilhamento pouco incisivo; e
- (9) relação de sentido: valor aditivo-inclusivo.

Essas características traçam o perfil prototípico da construção, como exemplificam as ocorrências (5-119) e (5-120), extraídas das TDs carta e editorial:

(5-119) [...] | Desejo sin- | cêramente que sua saude se tenha refeito com a volta ao | clima em que o seu corpo foi criado, **assim como** desejo | que sua distinguida família se encontre bem e que o 1952 | vos seja verdadeiramente favorável. [FFXX-52b/119]

(5-120) [...] e ninguem | poderá afirmar que a capital argentina | seja mais populosa do que a brasileira, | **assim como** ninguém poderá chamar, | sem grave injustiça, de pestillenta a esta | bela cidade de Buenos-Ayres. [OESPXIX-1890/151]

Não ocorre nenhum compartilhamento de estruturas entre P e Q em (5-120) e, em (5-119), ocorre apenas o compartilhamento do Suj elíptico. Há, diferentemente das demais ocorrências, possibilidade de inversão da ordem sintática sem que seja provocado qualquer prejuízo formal ou semântico, o que evidencia uma independência de Q em relação a P. Diante disso, o papel da locução *assim como* é juntar as estruturas de natureza completa de P e Q no interior da mesma proposição, sendo parafraseável por *e também*. Trata-se, portanto, de um valor *aditivo* que expressa *inclusão*, responsável por assinalar que a informação veiculada pelos constituintes, sob seu

escopo, em Q, deve ser acrescentada à informação expressa, em P, como subparte de uma estrutura cumulativa mais ampla.

Nessa função, a integração entre P e Q é menor do que na de comparação, já que se trata de orações independentes. Em algumas ocorrências desse tipo, pode haver um compartilhamento maior de estruturas de P em Q (para além do SN Suj); no entanto, em nenhum dos casos há alteração de quaisquer aspectos (por exemplo, flexões verbais) dos termos elípticos em Q, como na comparação, o que demonstra ser esse entrelaçamento menos incisivo do que aquele. A ocorrência (5-121), representativa da TD editorial, ilustra esse tipo de compartilhamento, chamado de menos incisivo:

(5-121) A attitude do famoso opposicionista de | tantos ministerios e a pressa com que | procede arregimentando a camara para | apoiar sem o maior exame o programma | do gabinete de 28 de março nos conven- | cem de que os chefes liberaes mesmos es- | tão duvidosos do exito da missão do sr. | Saraiva, **assim como** estamos nós. [APS-PXIX-1880/067]

Em (5-121), há o compartilhamento do predicativo e de seu complemento, sem alteração formal em relação às porções compartilhadas de P em Q, elípticas em Q, o que possibilita a inversão da ordem sintática. Sendo assim, o papel de *assim como* é o de explicitar a junção de estruturas de mesma natureza, expressando valor aditivo-inclusivo, novamente podendo ser parafraseado por *e também*.

Nas ocorrências analisadas, observei, por um lado, a independência sintático-semântica das orações articuladas pela locução com acepção *aditiva* e, por outro, a dependência, nesses mesmos domínios, das orações articuladas pela locução (não) correlativa com valor *comparativo*, de forma a ilustrar casos *prototípicos* desses funcionamentos. Passo, agora, a focalizar os casos que se afastam do centro prototípico, demonstrando: (i) contextos importantes para o desenvolvimento dessas relações sintáticas e semânticas de *assim como*; e (ii) a relação de fluidez existente entre esses dois grandes grupos, a partir, principalmente, do aspecto semântico da adição.

As ambiguidades constatadas em relação a (i) e (ii) associam-se às características expressas em (2), (4), (8) e (9), que dizem respeito, respectivamente, à coocorrência de outra conjunção, à incidência adverbial, ao entrelaçamento de estruturas e às relações de sentido expressas nas construções. De modo geral, a ambiguidade relacionada a (9) sempre se envolve nas observadas em (2), (4) e (8).

A ocorrência (5-122), extraída do *corpus* da TD carta, exemplifica um caso de ambiguidade contextual relacionado à presença de um advérbio e, especificamente, ao surgimento, via GR, do traço comparativo de *assim como*:

(5-122) Rogamos aquelles dos nossos assignantes do interior que nos estão a dever suas assignaturas o obzequio de mandar satisfazel-as; **assim como** igualmente rogamos áquelles que estão com suas assignaturas findas, ou quasi a findar hajão de mandar renoval-as para não haver demora na remessa. [LRXIX-498/101]

Assim como se encontra sem a coocorrência de outra conjunção e de formas reduzidas, em início de Q, articulando orações independentes, que compartilham apenas o Suj elíptico *nós*, tornando possível a inversão sintática. Trata-se de mais um caso aditivo-inclusivo, parafraseável por *e também*.

Destaco o fato de que, nesse contexto, há a incidência do advérbio comparativo *igualmente*, que estabelece a comparação não correlativa entre P e Q, sendo Q coordenada por *assim como*, caracterizando, portanto, um ambiente propício para o empreendimento de uma mudança de significado via transferência metonímica. Essa transferência é facilitada pelas congruências existentes entre *adição* e *comparação*: as comparações realizadas pela locução são sempre de *igualdade* e as adições se dão sempre entre *iguais* (Neves, 2000), propiciando uma relação de redundância entre *adição* e *comparação*, reforçada, ainda, pela própria estrutura sintagmática dos enunciados, já que nas construções comparativas e nas aditivas o Suj, comum a P e Q, sempre precede os dois predicados, ficando elíptico na maior parte das vezes. A distinção semântico-formal entre ambas

torna-se sutil e observável apenas nas relações de (não) dependência, sabendo-se que (em concordância com a análise apresentada), sintaticamente, as aditivas são “coordenadas”, para usar um rótulo tradicional, enquanto as comparativas são interdependentes, proximalmente a outras construções adverbiais. Isso porque, nas comparativas, verificam-se dois enunciados que se fecham em si, formando o que Neves (2000) chama de *combinação binária* e de ordenação, em princípio, irreversível. Já na coordenação aditiva, combinam-se enunciados indefinidamente, o que fundamenta o conceito de *inclusão*, usado aqui. Toda essa proximidade categorial está refletida em (5-122), em que pode ser presumida uma relação, se não cronológica, ao menos gramatical, entre a coordenação aditiva, realizada por *assim como*, e a comparação, nesse caso, realizada por *igualmente*, permitindo uma transferência de significado comparativo do advérbio para a locução via pressão contextual.

A ocorrência (5-123), também extraída da TD carta, ilustra a ambiguidade contextual relacionada à coocorrência de outra conjunção *e*, especificamente, ao surgimento, via GR, do traço, agora aditivo, de *assim como*:

(5-123) Cumprimentamos-o com um abraço, faço | Votos pelo seu [ininteligível], e **bem assim** o de sua Excelentíssima Família, para quem peço os meus | respeitos. [FFXX-25b/113]

Constata-se uma variante de *assim como*, em contexto da conjunção *e*, o que resulta em sua posição não inicial em Q. Aqui ocorre a articulação de orações por *e*, que assume a função coordenativa, demarcando o valor de adição-inclusão.³⁹ Embora em construção mais complexa do que as até aqui analisadas (também por conta das condições da transcrição), é nítida a impossibilidade de inversão da ordem sintática, uma vez que a construção não conta apenas com compartilhamento de estruturas entre P e Q, mas também com o emprego

39 Interpreto o trecho ininteligível da transcrição, de acordo com o contexto, como *bem-estar*.

de itens que estabelecem relações de referência anafórica. Assim, há uma dependência entre P e Q e, conseqüentemente, uma relação de comparação, codificada pela locução *bem assim*, em contexto oposto àquele analisado anteriormente, ou seja, a coordenação é, agora, estabelecida pela conjunção *e*, e a comparação, pela locução *bem assim*. Dessa forma, a transferência de significado por pressão contextual parte da noção de adição-inclusão para a de comparação, já presente em *bem assim*, o que acaba comprovando, mais uma vez, a redundância entre os aspectos semânticos que perpassam essas duas noções.⁴⁰

A ocorrência (5-124) ilustra os casos em que a ambigüidade é determinada pela colocação pronominal, ou seja, pelo entrelaçamento de estruturas:

(5-124) Confiante na sua promessa, aqui | fica á espera de voltar a vel-
em | maio, **assim como** D. Dulce e a He- | lena, a de valor muito sincera-
ra- | mente amiga, [FFXX-41b/132]

Assim como se apresenta, no início de Q, sem coocorrência de outra conjunção e incidência adverbial. Há compartilhamento, em Q, do Suj e do núcleo do Pred:

fica a promessa de voltar a vê-lo em maio
assim como
fica a promessa de voltar a ver D. Dulce e a Helena em maio

Embora seja possível a paráfrase da locução por *e também*, corroborando a leitura aditivo-inclusiva, o emprego do pronome oblíquo provoca uma alteração na forma verbal apresentada em P em relação

40 Esse tipo de contexto de coocorrência da construção comparativa não correlativa com a conjunção *e* é recorrente também nas TDs do banco de dados Iboruna, como exemplifica-se em: “[...] *ele teve que pará(r) de pescá(r) por causa da/ do passarinho toda vez assim eu falo – ‘ai pai você contan(d)o essas histórias num dá nem pra crediô[tá(r)]’ – e minha mãe conta que foi verdade que aconteceu mesmo... e assim como essa tem muitas ou: tras...*” [AC-086/NR552], em que há uma relação de dependência entre P e Q determinada pelo uso do demonstrativo *essa*, impossibilitando a inversão da ordem sintática, numa relação comparativa.

à apresentada em Q, e, conseqüentemente, a inversão torna-se impossível sem que incidam alterações na construção original, o que constitui traço característico da relativa dependência formal de Q em relação a P, como se identifica nas comparativas não correlativas. Além disso, a presença da forma reduzida em P ajuda a caracterizar a dependência. Assim, também a leitura comparativa é possível. O quadro mostra, na estrutura de marcação de foco, as duas leituras:

fica a promessa de voltar a ver	ocê (-lo)	assim como (e também)	(fica a promessa de voltar a ver)	D. Dulce e Helena
R	F	M	R	F

Em (5-125), observa-se um caso específico de ambigüidade provocado pelo entrelaçamento de estruturas, envolvendo indiretamente a colocação pronominal:

(5-125) Agora aqui estou e como dizia velha canção carnavalesca: daqui não saio, daqui ninguém me tira. Dinorah vai bem de saúde **assim também** o marido. [...] [FFXX-55d/116]

A variante de *assim como* se apresenta em posição inicial em Q, sem coocorrência de outra conjunção, incidência adverbial ou formas reduzidas, articulando as orações P e Q, com compartilhamento do Pred. Embora não haja alteração nas estruturas compartilhadas, a presença de um pronome inferível/implícito em Q, responsável pela identificação de que se trata do “marido de Dinorah”, torna agramatical a inversão da ordem sintática, em função da perda da relação semântica entre os SNs *Dinorah* e *o marido*. Isso mostra a dependência entre P e Q, capaz de enrijecer a ordenação e caracterizar a construção como comparativa não correlativa. O esquema apresenta a marcação da focalização na estrutura e ajuda a comprovar sua qualidade:

Dinorah	vai bem de saúde	assim também	o (seu) marido	(vai bem de saúde)
F	R	M	F	R

Entretanto, a presença de *também* propicia a leitura aditivo-inclusiva, constituindo novamente a ambiguidade entre adição e comparação. O mesmo observa-se nas ocorrências (5-126), extraída da TD editorial, e (5-127), extraída da opinativa.

(5-126) Tudo isso explica-se; muita coisa descul- | pa-se e tolera-se, até certo ponto: mas ainda | assim é preciso que a população estranha á | *festa* tenha certeza de que anda resguardada | pela vigilancia policial, **assim como também** | é preciso que os barulhentos e mal inten- | cionados persuadam-se de que arriscam-se a | encontrar a mão repressora das auctoridades [...]. [APSPXIX-1876/018]

(5-127) [...] a experiência dos mais velhos vai sê(r) passada com certeza pros mais NOvos... e assim por diante né?... **assim como tam(b)ém** os mais velhos tem muito a aprendê(r) com quem é mais novo [...] [AC-054/RO364]

Exclusivamente nas TDs do Iboruna, observa-se uma especificidade quanto à emergência de usos comparativos não correlativos de *assim como*, conforme (5-128):

(5-128) Inf.: eu vô(u) contá(r) do meu namoro como que começô(u)... ((barulho ao fundo de carro passando)) conhe-ci... êh:: essa pessoa::... ele mora aqui faz mais ou menos uns quinze anos... mudô::(u) do lado da minha casa... mudô(u) lá::... era amiga dele::... desde peque::na conversa::va brinca::va... tudo... e::... NÍsso nós fomos assim sentindo o::/ assim era criANça mas a gente sempre era... bem apega::do a:: a famí::lia meu pai minha mãe... e morô(u) uns cinco anos naquela casa... depois muda::ram foram morá(r)... um pouco longe de casa... êh::... não tive mais contato **assim como** era antes... mas sempre conversei com ele... tinha amiza::de tal... [AC-052/NE149]

Numa primeira análise, essa ocorrência parece caracterizar mais um uso da locução conjunta relacionado à comparação não correlativa, uma vez que há a articulação de P e Q, e Q compartilha o OD *contato*, de P, que assume aí a função de Suj, impossibilitando a inver-

são da ordem sintática, juntamente com a relação temporal icônica estabelecida entre essas orações. Entretanto, a audição do inquerito, revela o seguinte contexto sintático:

*Não tive mais contato **assim**:
como era antes...*

A análise prosódica confirma a existência de pausa acústica entre o segmento encerrado por *assim* e o introduzido por *como*, sendo realizada uma curva entoacional ascendente em *assim* (marcando o final desse enunciado fonológico). A partir desses dados, constata-se que o item assume uma sinalização, ao mesmo tempo, anafórica, sinalizando todo o ST anterior, no qual é descrito o tipo de contato mantido entre o falante e a pessoa em questão, e catafórica, sinalizando a comparação introduzida pelo operador *como*. Esse contexto também pode ser observado na ocorrência da TD editorial (5-129), em que, no lugar da possível pausa, há o emprego de vírgula:

(5-129) Depois de ter sido desmoralizada a nova | lei eleitoral, continuaremos a servirmo-nos | della ou nos darão a eleição directa, a idéa | dominante no esclarecido espirito de um dos | chefes da situação, o sr. Paulono de Souza? || **Assim, como** estas, muitas outras questões | Interessantes e de actualidade ficarão pairan-|do na dúvida. [APSP-XIX-1876/025]

Esse contexto, relevante para a interpretação do caminho de mudança que leva à construção comparativa não correlativa, evidencia um estágio anterior a essa construção, em que *assim* e *como* ainda não estão reanalisados na locução comparativa.

Outro contexto específico pode ser observado nas ocorrências (5-130) e (5-131):

(5-130) Inf.: na época foi um susto porque:: eu num sabia falá(r) praticamente nada e o po(u)quinho que você sabe falá::(r) **assim que nem...** pai... mãe:: vô vô o po(u)quinho que você sabe você esquece a hora que você chega lá [...] [AC-084/NE495]

(5-131) Inf.: às vezes tem algum pezinho de coisa **assim que nem** o meu genro plantô(u) um pé de pitanga lá ago::ra... e do o(u)tro lado tem um pezinho de goiaba... mas é po(u)ca coisa [...] [AC-152/DE1240]

Nessas ocorrências, extraídas das TDs do banco de dados Iboruna, *assim* aparece seguido por *que nem*, que pode assumir função comparativa, entre outras. A análise prosódica revela, novamente, pausa após o segmento encerrado por *assim* e o introduzido por *que nem*, e o mesmo contorno entoacional ascendente em *assim*, o que evidencia, mais uma vez, um contexto não reanalisado de *assim que nem* em locução comparativa, em que *assim* é responsável por uma sinalização catafórica que aponta a inserção de um exemplo introduzido por *que nem*. Em (5-130), a repetição do segmento *o pouquinho que você sabe*, realizado antes e depois de *pai... mãe:: vô vô*, e, em (5-131), a pausa que limita o final do ST exemplificativo *o meu genro plantô(u) um pé de pitanga lá ago::ra... e do o(u)tro lado tem um pezinho de goiaba...* e a continuação do desenvolvimento tópico ajudam a confirmar, estruturalmente, a natureza exemplificativa desses STs introduzidos por *que nem* e sinalizados por *assim*.

Diante dos casos prototípicos e não prototípicos das acepções da construção *P assim como Q*, apresento o seguinte contínuo:

coordenativas aditivas > comparativas não correlativas > comparativas correlativas

(eneárias)

(aditivas/binárias)

(aditivas/binárias)

As *comparativas* não correlativas mantêm as características da interdependência e do binarismo (Neves, 2000, p.742), mas podem somar a essas características o valor semântico de *adição*, representando um ponto médio do contínuo, análogo à ambiguidade entre as duas acepções. Por outro lado, prototipicamente, as *aditivas* prototípicas, articuladas por *assim como*, são independentes e eneárias, e as *comparativas* correlativas são dependentes e binárias. O valor *aditivo* pode ser depreendido em todas elas, embora em graus diferenciados: mais claramente nas coordenadas e mais opacamente nas correlati-

vas, graças à existência, entre comparação e adição, de uma relação redundante, já tratada nesta análise.

Haspelmath e Buchholz (1998) focalizam construções que expressam *igualdade* e *similaridade* nas línguas europeias. Esses domínios incluem construções de: igualdade, como (a), similaridade, como (b), e também “*role phrases*”, como (c):

- (a) *Robert is as tall as Mary.*
 (b) *Robert sings like a nightingale.*
 (c) *He works as an engineer.*⁴¹

Os autores utilizam a seguinte terminologia para lidar com características estruturais dessas construções:

<i>Robert is</i>	<i>as</i>	<i>tall</i>	<i>as</i>	<i>Mary.</i>
<i>Comparee</i>	<i>Parameter marker</i>	<i>Parameter</i>	<i>Standard marker</i>	<i>Standard</i>
(COM)	(PAM)	(PARA)	(STM)	(STAN)

Haspelmath e Buchholz (1998) identificam características tipicamente europeias das construções apresentadas que provêm fortes evidências para a existência de uma “European Sprachbund”, chamada de “Standard Average European (SAE)”. Assim, no núcleo da SAE, construções de *igualdade* e de *similaridade* são codificadas de modos não atestados nas línguas não SAE da Europa. As características importantes das SAE codificadas nesses domínios são:

(i) *construções de igualdade* tendem a mostrar uma marcação dupla – o SN STAN e o predicado são marcados por um item analítico. Exemplos disso são *as... as*, em inglês, *aussi... que*, em francês, *tam... quam*, em latim e *tão... como*, em português. Nos casos típicos, os dois marcadores são relacionados, sendo o marcador no predicado uma forma demonstrativa e o marcador no SN STAN uma relativa/interrogativa. Para além da SAE, somente uma marcação, no predicado ou no SN STAN, aparece como regra.

41 Não tratarei de (c), uma vez que essa construção permite apenas paráfrase por *como*, em português.

(ii) *construções de similaridade* tendem a marcar somente o SN⁴² STAN, usando, para isso, o mesmo marcador empregado no SN STAN das construções de igualdade. Apesar de o francês (*comme* [similaridade] vs. *que* [igualdade]) e o inglês (*as* vs. *like*) serem exceções notáveis para essa tendência, a grande maioria das línguas SAE confirmam-na.

Os autores enfatizam ainda que, enquanto a construção de *igualdade* relaciona-se à igualdade de *extensão*, a de *similaridade* relaciona-se à igualdade de *modo*.

A partir dessas características, tanto em relação às tendências de distribuição dos marcadores (PAM e STM) quanto à distinção entre as noções de extensão e modo, é possível, num primeiro momento, relacionar os usos *comparativos* e *aditivo* do padrão (B) às construções de *similaridade*, uma vez que, em todas elas, depreende-se uma relação de igualdade de modo, estreitamente ligada ao próprio item *assim*.

Apesar dessa constatação genérica, algumas especificidades devem ser levantadas. Primeiramente, Haspelmath e Buchholz (1998) afirmam que, em muitas línguas, não há um PAM em construções de *igualdade*, em razão de essas construções poderem ser divididas em dois subtipos: o das construções canônicas, que apresentam o PAM e o STM, como em “Minha irmã é *tão* bonita *como* você”, em que está clara a relação de extensão; e o das construções com apenas um STM, conforme o exemplo em italiano oferecido pelos autores: “Mia sorella è carina *come* te”, em que também se depreende a noção de extensão. É fato que, no português, a construção “Minha irmã é bonita *como* você” também é capaz de representar a contento essa noção de extensão. Nesse caso, há a possibilidade, ainda que não atestada nos *corpora*, de a conjunção comparativa prototípica *como* ser precedida pelo indicador fórico modal *assim* também nessas ocorrências em que se codifica uma noção de extensão (como em “Minha irmã é bonita *assim como* você”), o que caracterizaria, portanto, um uso possível dessa locução em construção de *igualdade*, ainda que não canônica.

42 Outras configurações sintáticas também são previstas nesse lugar.

Para apresentar a segunda especificidade, relacionada pontualmente à construção *comparativa correlativa*, retomo o caso dos PAM e STM do francês, também exposto em Haspelmath e Buchholz (1998). Os autores recorrem a informações diacrônicas para justificar a participação da locução *aussi... que*, do francês, nos casos de construções de igualdade. A primeira semelhança com *assim... como* está na própria formação, já que, em francês, *aussi* deriva do demonstrativo latino de modo *sic* (*thus, so*) reforçado por *au-*, exatamente como *assim*, em português. No francês antigo, construções de igualdade apresentavam-se com o STM *comme* (*aussi grande comme noi*), mas este foi perdendo lugar para *que*. Assim, pelo menos diacronicamente, há uma forte relação com a construção comparativa correlativa do português (padrão (B)), que se mantém com *como*. Dessa forma, apesar da relação mais transparente com construções de similaridade, a partir de usos marcados pela noção de modo, é possível identificar relações mais opacas com construções de igualdade, por meio da grande similaridade formal evidenciada em percursos de desenvolvimento como o do francês.

Nessa mesma direção, Haspelmath e Buchholz (1998) fazem a seguinte afirmação, em nota de rodapé:

O *standard marker* relaciona-se também a “modo” na Georgia (*rogorc < ra gvar(a)-c(a)* “*what kind*”). Também nas línguas eslavas o sentido original de *tak/jak* (*kak*) é modo, e no Francês (*aus*)*si* do Latim *sic* (“*in this way*”). Parece haver uma tendência geral para as expressões de modo (“*in the way*”) desenvolverem-se para expressões de grau (“*to what extent*”). (p.331 [tradução minha])⁴³

Sugiro, a partir desse paralelo com outras línguas europeias, que embora os usos de P *assim como* Q estejam explicitamente relacionados à similaridade (igualdade de modo), há indícios relevantes que

43 “The standard marker is also on a work ‘manner’ in Georgian (*rogorc < ra gvar(a)-c(a)* ‘*what kind*’). Also in the Slavic languages the original sense of *tak/jak* (*kak*) is manner, and French (*aus*)*si* is from Latin *sic* (‘*in this way*’). There seems to be a general tendency for manner expressions (‘*in the way*’) to develop into degree expressions (‘*to what extent*’).”

apontam o movimento de mudança que os relaciona à igualdade de extensão, confirmando, portanto, a tendência sugerida pelos autores.

Segue, por fim, a apresentação da acepção conformativa de *assim como*:

(5-132) [...] pelo Excelentíssimo Governo da Provincia ja lhe forão presentes os planos e orçamentos d'aquela obra, **assim como** necessaria para a mesma obra. || [LRXIX-495/99]

A relação de conformidade apresenta-se sobre o formato *P, conforme Q*, no qual há o compartilhamento entre a estrutura “d'aquela obra”, em *P*, e a retomada, em *Q*, pela referência “a mesma obra”. Nessa ocorrência, a relação sintática entre os constituintes também é de dependência, como nas comparativas, mas, diferentemente do que se observa naquelas, constata-se a possibilidade de inversão da ordem sintática.

Na TD editorial esse uso parece comum, como em (5-133), em que há compartilhamento do Suj de *P* e *Q*, (conforme a reescrita a seguir), sendo essa estrutura deslocada para a posição temática de *P* e elíptica em *Q*. Apesar disso, a inversão sintática de *P* e *Q* é possível, sem prejuízo para a acepção conformativa:

(5-133) É esta a conclusão logica do principio que | s. exc. admittiu. || A reforma **assim como** vae ser executada | permite um resultado contrario ao pensa- | mento do s. exc.[...]. [APSPXIX-1878/044]

(5-133') Conforme a reforma vai ser executada, (P)
a reforma permite um resultado contrário ao pensamento de s. exc.
[...] (Q)

Nessa TD, encontra-se também *Assim como Q, P*, em que, sem compartilhamento estrutural entre *P* e *Q*, é possível a inversão sintática:

(5-134) **Assim como** vão as cousas no to-|cante á instrucção publica, dentro de|pouco tempo só haverá uma provi-|dencia a tomar: reduzir a verba|para a despeza com o ensino pri-|mario. [APSPXIX-1889/138]

Na única ocorrência conformativa encontrada nas TDs do Ibo-
runa, em (5-135), transcrita a seguir, em contexto sem compartilha-
mento estrutural, a conformativa, iniciada por *assim como*, ocorre
após o início de P *ela é*, truncado para a inserção de Q, e retomado
na sequência, seguido pela correção “*ela... pra ela só a família presta*
[...]”, configurando, assim, a intercalação de Q em P, em P [*assim*
como Q] P:

(5-135) [...] ela:: assim sente muito ciúmes ela acha que eu sou mui-
to NO::va que eu tenho que aproveitá(r) a vi::da que eu tenho que
estudá::(r) que... que num vale a PE_{na}... que... e ela é **assim como**
eu disse ela... pra ela só a família dela presta [...] [AC-052/NE171]

O traço *modal*, carregado por *assim*, representa o elo entre as
acepções *conformativa*, *comparativa* e *aditiva* da locução. Embora a
dependência sintática tenha sido constatada em relação às compara-
tivas, ela encontra-se intrinsecamente associada ao entrelaçamento
de estruturas entre P e Q, verificado na construção. Em relação à
acepção conformativa, a dependência entre as orações não se cor-
relaciona a esse traço, havendo possibilidade de inversão da ordem.
Essas considerações chamam a atenção para posicionamentos di-
ferenciados da locução, em relação às suas acepções, no *continuum*
PARATAXE vs. HIPOTAXE.

PADRÃO (C) – *Assim que Q, P*

O padrão (C) apresenta, no português atual, um valor temporal,
podendo ser parafraseado por *logo que e*, em alguns casos, por *mal*,
como se observa em (5-136):

(5-136) a K. entrô(u) e foi postar umas cartas:... [Int.: ((risos))] e:...
ói... **assim que** ela entrô(u) eu olhei... foi paixão à prime(i)ra vista [Int.:
((risos))] [...] [AC-085/NE525]

Assim que funciona como conector interproposicional, introduzin-
do a oração dependente em relação a P, conforme (5-137) e (5-138):

(5-137) Quanto |á casa, ainda não há por aqui vaga; **assim** | **que** haja lhe mandarei dizer. [LRXIX-475/95]

(5-138) Mandar-|lhe ei com muito prazer um e-|xemplar **assim que** esteja impresso. [FFXX-52c/131]

Nessas ocorrências, em que não há presença de nenhum advérbio contíguo, a inversão da ordem é possível: *assim que* Q, P, como em (5-137), ou P, *assim que* Q, conforme (5-138), i.e., a oração temporal pode estar posposta ou anteposta à P, sem que ocorra alteração nessa acepção. Sendo assim, embora “haja subsequência entre o estado de coisas de P e Q, a posição relativa das orações independe de tal relação” (Neves, 2000, p.798), o que é descrito em termos de *não iconicidade*.

Em comparação com (5-136), a paráfrase por *logo que* é possível, mas por *mal* não. Essas possibilidades são distintas em relação ao tempo e modo dos verbos que constituem P e Q. Em (5-136), tanto P quanto Q apresentam os respectivos verbos em Pretérito Perf do Ind, ilustrando o perfil prototípico constatado nas TDs do Iboruna. Por sua vez, as ocorrências da TD carta apresentam P no Presente ou no Futuro do Ind e Q no Futuro do Subj. Por sua vez, para além da possibilidade observada no *corpus* de cartas, o da TD *e-mail* apresenta também a variação de P com verbo no Imperativo Afirmativo e, (possivelmente), no Futuro do Presente do Ind, conforme (5-139) e (5-140):

(5-139) Olá, Boa Noite... || Td bem ? || Gostaria de saber se vc comprou o computador do B. e tb||qdo posso ir pra instalar. || **Assim q** puder me mande notícias a respeito [...] [EMAILXXI-29/17C]⁴⁴

(5-140) A., está ótimo. || **Assim que** pudermos no reunimos para que eu possa te mostrar o material e também dividiremos os tópicos. [...] [EMAILXXI-4/28G]

44 O Imperativo, em P, não representa risco à face do interlocutor graças ao formato atenuador de Q. Nos casos em que Q não apresenta esse caráter atenuador, insere-se, no enunciado, um ST responsável pelo desempenho dessa função, conforme “**Assim que** receber, *se possível*, mande um ok. [...]” [EMAILXXI-11/32G].

Nos dados das TDs narrativas, opinativa, injuntiva e descritiva, além da correlação mais frequente de Pretérito Perf do Ind, em P e Q, conforme (5-136), constatam-se ainda as possibilidades de Pretérito Imperf do Ind, em P, em correlação com o Pretérito Perf do Ind, em Q; de Futuro do Pretérito do Ind, em P, com o Pretérito Imperf do Subj, em Q; e, por fim, do Presente do Ind, em P e Q.

Embora essa distinção seja relevante para determinados pontos, que serão especificados na continuidade desta análise, a função da oração introduzida pela locução é, sempre, a de determinar a localização temporal da situação descrita em P, funcionando como adjunto temporal.⁴⁵ Assim, para caracterizar pontualmente a semântica de *assim que*, considero dois pontos que, embora envolvam preocupações distintas, estão interligados: (i) o valor de ordenação temporal veiculado pela locução; e (ii) a categoria aspectual das expressões predicativas com que a locução pode cocorrer.

De acordo com (i), *assim que* expressa uma relação de sucessão em contiguidade de dois eventos (uma relação de posterioridade/sequencialidade imediata), ou seja, o evento representado em P ocorre num intervalo de tempo imediatamente posterior à *culminação do evento* descrito em Q, que funciona como termo-origem ou ponto de referência. A expressão *culminação do evento*, conseqüentemente, aponta para propriedades que revelam a dimensão em (ii). Em relação a (ii), *assim que* só se combina com situações de caráter dinâmico e que envolvam um ponto de culminação.

Para explicar essa afirmação, recupero estudos sobre as diferentes classes de eventos. Talvez o mais antigo deles seja o de Aristóteles (apud Sampaio e França, s.d.). Os pontos principais de seus estudos foram o reconhecimento e a diferenciação de eventos que possuem um ponto final e de eventos que carecem desse ponto final.⁴⁶ O autor utiliza-se do grego para distinguir os eventos que denomina de

45 Chamo a atenção para a possível aceção condicional implicada nos usos de *assim que* com verbo no Futuro do Subj, como em (5-137).

46 Equivalente à definição de *telicidade* de Bertinetto (2001, p.179): “o ponto final inerente e interno de um evento”, definição semelhante à do senso comum: “culminância de uma ação” (Houaiss, 2001).

(i) *kinesis*, exemplificáveis pelos verbos *construir*, *chegar*, *nascer*, e os que denomina de (ii) *energeia*, cujos exemplos são *trabalhar*, *ver*. Os primeiros são verbos télicos, que possuem um ponto final inerente ao evento, enquanto os segundos são atélicos, por não possuírem esse ponto final. Seguem os exemplos de Sampaio e França (p.3-4):

- (i) João chegou. *João continuará chegando (até a noite).*
 (ii) João trabalha. *João continuará trabalhando (até a noite).*

Outra diferenciação deve ser feita entre *estados*, representados por verbos que denotam acontecimento, ação ou movimento, e *eventos*, representados por aqueles que indicam estado atingido, existência ou habilidade do sujeito:

(iii) João sabe cantar.	(iv) João canta bem.	(v) João cantou o hino nacional.
(ESTADO)	(ESTADO)	(EVENTO)

Apesar de diversos filósofos e linguistas terem pensado sobre o assunto desde Aristóteles, o trabalho de maior influência, na literatura linguística, que trata desse tema é o de Vendler (1967), cuja proposta principal é a de que todos os verbos podem ser classificados em quatro categorias:

(a) *Activities* (*activities*): denotam eventos que ocorrem durante um tempo, mas que não precisam ser concluídas num ponto determinado.

Maria cozinhará amanhã à tarde./ João está dirigindo o carro.

(b) *Accomplishments*: denotam eventos nos quais há um ponto final lógico.

Maria cozinhará quatro bolos em um dia./ Maria está desenhando um cachorro.

(c) *Achievements*: denotam eventos que ocorrem num único momento no tempo.

Mariazinha nascerá em alguns minutos./ O vaso quebrou.

(d) Estados (*states*): denotando não ações que não se desenvolvem no tempo.

Maria sabe a resposta./ Maria parece com sua irmã.

O modelo de Vendler (1967)⁴⁷ é definido a partir de três pares de valores aspectuais – estativo/télico/pontual vs. dinâmico/atélico/durativo (estes últimos sinalizados com o sinal negativo no quadro a seguir):

Valores	ESTADO	ATIVIDADE	ACCOMPLISHMENT	ACHIEVEMENT
ESTATIVO	+	-	-	-
PONTUAL	-	-	-	+
TÉLICO	-	-	+	+

Quadro 5.1 O modelo de Vendler (1967).

Levando em conta essas considerações, especifico a afirmação de que a locução *assim que* só pode combinar-se com predicados cujos verbos descrevam situações dinâmicas que envolvam um ponto de culminação. Utilizando a tipologia de Vendler (1967), as expressões predicativas das orações articuladas por *assim que* pertencem à classe dos *achievements*, como em (5-137') e (5-138'):

(5-137') **assim que** haja (vaga), lhe mandarei dizer. (assim que Q, P) = [+ dinâmico; + pontual]

47 Essa tipologia é base para uma série de discussões e implementações. Por exemplo: Smith (1991 apud Sampaio e França, s.d.) inclui uma quinta categoria de evento nessa classificação, o *semelfactivo*, que corresponde a eventos instantâneos que não possuem um resultado (*Pedro bateu à porta* ou *A criança tossiu*); Basso e Ilari (2004), a partir de testes baseados na (in)compatibilidade com o Imperativo, com a perífrase progressiva e com certos tipos de adjuntos temporais, propõem que os verbos *estativos* não representam uma classe homogênea.

(5-138') Mandar-lhe ei com muito prazer um exemplar, **assim que** esteja impresso. (P, *assim que* Q) = [+ dinâmico; + pontual]

Em ocorrências como (5-136), com verbos no Pretérito Perf do Ind, *assim que* pode alterar o modo de ação do evento (*aktionsart*), quando, ao combinar-se com uma oração que inicialmente corresponda a um *accomplishment*, o composto interpreposicional, articulado pela locução, passa a representar um evento *achievement*:

- (a) *Assim que* escreveu o romance, partiu de férias.
- (b) *Assim que* comeu o bolo, sentiu-se mal.

Em (a) e (b), o processo preparatório, representado nos verbos *escrever* e *comer*, que possuem o traço [+durativo], é eliminado, sendo representado apenas o ponto de culminação, ao qual se segue o estado imediatamente seguinte. Assim, o traço [+durativo] é substituído, no composto, pelo [+pontual], caracterizando a mudança de *aktionsart*. Em construções em que P apresenta verbo no Pretérito Imperf do Ind, sugiro esse mesmo tipo de mudança de *aktionsart* promovida pela locução juntiva:

(5-141) [...] **assim que** me formei aqui em São José do Rio Preto num tinha oportunidade de de pegá(r) aula [...] [AC-149/RO1106]

A semântica dessa locução é responsável por uma comutação aspectual que origina a representação de um *achievement*, necessariamente marcado pelo traço [+pontual]. Os traços [+tético] ou [-tético] parecem irrelevantes no que diz respeito à compatibilidade semântica com a locução em questão.⁴⁸

As correlações: Pretérito Perf/Pretérito Perf e Presente do Ind/ Presente do Ind configuram o traço *pontualidade* da construção, sendo os eventos percebidos sem duração e com simultaneidade parcial,

48 Para ilustrar essa afirmação, observe os exemplos inventados: (i) “*Assim que* entrei, senti-me em casa.” [-tético]; (ii) “*Assim que* atingi a meta, desmaiei.” [+tético].

permitindo a paráfrase por *mal*.⁴⁹ A correlação entre o Subj, em Q, principalmente no Futuro, e o Presente/Futuro do Indicativo e o Imperativo Afirmativo, em P, resulta em expressão de *eventualidade*. Além disso, *assim que* será considerado incompatível com predicados *estativos* ou de *atividades*.⁵⁰

(i) *Assim que o João vive em Coimbra, sente-se feliz.*

(ii) *Assim que João correu, descobriu que estava sem forças.*

Estados e atividades apresentam o traço [+durativo], essencialmente alterado pela locução na passagem para um *achievement*. Além disso, por definição, não há um ponto de culminação numa descrição de estado ou de atividade, fator decisivo para a não coocorrência de *assim que*. Ainda em relação ao traço [+durativo], conforme (5-142):

(5-142) [...] Assim, envio em anexo o número inicial de reservas a serem feitas. **Assim que** os convidados forem confirmando eu vou te apssando. [...] [EMAILXXI-57/9A]

Nessa ocorrência de *e-mail*, diferentemente do que foi observado em todas as outras, a construção *assim que Q, P* articula Or cujos verbos, embora marcados pelo traço [+dinâmico] e [+pontual], por se encontrarem em locuções verbais com núcleo na forma gerundiva, assumem um aspecto [+durativo]. No entanto, a construção como um todo preserva, por meio da locução juntiva, a aspectualidade de um *achievement*, marcado por uma pontualidade diluída em vários momentos da ação. Esse contexto pode representar indícios de futuras mudanças nesse uso juntivo de *assim que*.

Se, por um lado, o composto *assim que Q, P* é caracterizado como um evento [+dinâmico, +pontual], por outro, uma generalização parece pertinente especificamente em relação à oração principal: P constitui sempre situações não estativas.

49 Esse complexo pode favorecer a expressão de *causa*, como mostraremos adiante.

50 Ambos os exemplos tornam-se compatíveis com *assim que* se houver algum auxiliar aspectual de natureza inceptiva, como *começou*, ou cessativa, como *terminar de*.

O *corpus* da TD carta revela também contextos importantes para a interpretação da emergência deste padrão, i.e., do seu processo de mudança, via GR, como pode ser observado em (5-143):

(5-143) Manoel Soares deSouza **aSsim que** Seacabou a-|primeira L[icenç]a que VossaExcelencia for Servido darlhe Logo SeRetirou do termo desta villa Sem Cobrar Couza algua pella falta dedinheiro[...]. [AIXVIII13/52]

Em (5-143), *assim que* articula orações cuja ordem pode ser invertida, de modo que Q é dependente de P. Há um deslocamento do Suj de P para a esquerda, deixando a locução em posição medial em Q. O diferencial desse contexto é a coocorrência do advérbio de tempo *logo*. A semântica temporal é marcada, em Q, por *assim que* e, em P, por *logo*, mostrando que, embora *assim* e *que* já tenham sofrido reanálise, formando a locução temporal *assim que*, a contiguidade contextual com outro item de mesma acepção aponta para um uso em que ainda se evidencia contexto propício à transferência metonímica de significado. Possivelmente, esse contexto é motivado pela estrutura sintática da ocorrência, que revela a Or intercalada “*a que Vossa Exc. foi servido dar-lhe*”, e favorece a inserção do reforço (*logo*) da semântica temporal, ou seja, o prejuízo da sequencialidade formal entre Q e P representa um prejuízo à sequencialidade semântico-temporal existente entre essas proposições, justificando a reiteração do traço semântico a partir do uso dos dois recursos de acepção temporal.⁵¹ Dessa forma, *assim que* introduz a Or temporal dependente e *logo* reforça essa acepção em P, em concordância com o teste a seguir:

(5-143') **assim que** se acabou a primeira licença [...] (P), (Manoel) se retirou do termo desta vila (Q)

51 Em estudo sobre o item *logo*, Longhin-Thomazi (2006) constata que esse item, de origem dêitica, assume caráter fórico exatamente nesses contextos em que, ao “olhar para trás”, recupera uma oração de tempo, sinalizando sucessão temporal.

(5-143'') *se acabou a primeira licença [...]* (P), (*Manoel*) *logo se retirou do termo desta vila* (Q)

A função hipotática de *assim que* não pode ser desempenhada por *logo*, uma vez que, em (5-143'), a relação de dependência é maior do que em (5-143''), correspondendo ao que tradicionalmente denomina-se de coordenação: há uma equivalência semântica, mas não sintática entre (5-143') e (5-143''), evidenciando que *assim que* pode ser enfatizado, mas não substituído por *logo* e, por consequência, há a confirmação de seu estatuto já reanalisado em locução temporal. Essa análise comprova a afirmação de que a partir do século XVIII ocorre, no português, a locução *assim que* com valor temporal (Lopes, 2005). Dados pertencentes a textos representativos de sincronias anteriores a esse período são ilustrados pelas ocorrências que seguem:⁵²

- (a) Daquela dona aveo **assi que** houve de mim ua filha, aaquela sazam que a raia desta terra houve outrossi sa filha. A raia, sem falha, fêz a sa filha matar **tanto que** naceu, por uu sonho que sonhou... (13, DSG, p.51)
- (b) Andados treze annos do reynado de Teurigo, que foy na era de quy-nhentos e sete annos e de emperyo de Leo em doze e de Regismundo, [...] rey dos Vuandallos, em trinta e o de Zeliobes, rey dos Unus, em oyto, aveo assy que, Teodorico rey dos Godos, morando enna cidade de Tollosa, começou Remismundo, rey dos Unus (sic), a con-querer as provencias da Espanha. (14CGE, p.152)
- (c) Poloque encarecidamente graças sejaõ dadas a Deus, que elle nos deu sua divina palavra na Escritura sagrada, para lune e regra; **assi que** quem ama a vardade quer salvar a sua alma... (18NA, p.27)

Em (a), *tanto que*, hoje responsável por relações de quantidade/intensidade, desempenhava, no século XIII, relação temporal. Por sua vez, *assim que* permitia paráfrase por *de modo que*, compatível

52 Essas ocorrências foram extraídas de Lopes (2005).

com a acepção modal de seu advérbio constitutivo, permitindo a inferência de uma relação consecutiva/causal, mais abstrata.

A ocorrência (b), extraída de um texto do século XIV, preserva a acepção modal da locução *assim que*, agora inserida em contexto marcado por relações temporais, na estrutura: [aveo] + [**assy que** [...]] + [verbo no GER [...]] + [verbo no Pretérito Perf], favorecendo o surgimento da ambiguidade da construção, por meio da ativação do mecanismo da metonímia, i.e., nesse contexto estrutural, a locução também permite uma leitura temporal, observável a partir da paráfrase a seguir:

(b') [...] *rey dos Vuandallos, em trinta e o de Zeliobes, rey dos Unus, em oyto, aveo logo que/de modo que, Teodorico rey dos Godos, morando enna cidade de Tollosa, começou Remismundo, rey dos Unus (sic), a conquerer as provencias da Espanha.* (14CGE, p.152)

No entanto, até o século XVIII, a ambiguidade emerge apenas desse contexto. Nos demais empregos da locução, a acepção modal, mais concreta, mantém-se, permitindo a inferência da consecutiva/causal, mais abstrata, conforme (c). Diferentemente, uma ocorrência extraída da TD carta exhibe outro contexto de ambiguidade, em que, novamente, coocorrem acepções distintas, mas sustentadas por estrutura diferenciada:

(5-144) [...]eoSubprior da Aldeia de São Joseph atirou a hu' homem, que por lhenaõ apegar fogo aespingarda, o naó matou; Eagora a[p]ar[s] eo com ella *para* Seconhecer averdade detudo.[espaço] **ASSim que** logo Sepos asalvo hindo queixarse aVossa Excellencia antes *que* Eu ofizeSse. [AIXVIII-19/58]

Em (5-144), *assim que*, em início de Q, articula as orações, com acepção modal (parafraaseável por *de modo que*), dentro de uma construção consecutiva, que constitui enunciado independente, o que se constata na própria pontuação do trecho. Esse contexto é relevante para o desenvolvimento da acepção temporal da locução por conta da coocorrência do advérbio *logo*, que imprime a acepção temporal no enunciado.

O que se constata, portanto, é que, embora a acepção consecutiva seja mais abstrata do que a temporal, ela aparece anteriormente àquela, mas associada de forma íntima à leitura modal, mais concreta do que ambas, permitida pelo advérbio constitutivo da locução, ou seja, infere-se a relação consecutiva em contextos do século XVIII e anteriores a esse período a partir da modal. Essa possibilidade revela, nos dados de cartas desse século, coocorrência com o advérbio *logo*, responsável pela acepção temporal que torna acessível o contexto [assim que/de modo que] + [logo], propício para, concomitantemente, a transferência metonímica e metafórica de significado pela contiguidade sintagmática e pela proximidade conceitual existente entre as noções envolvidas. Como destaquei, nos dados de carta, a partir desse século, são encontradas ocorrências do uso prototipicamente temporal dessa locução, tal como é utilizada hoje.

PADRÃO (D) – P, *mesmo assim* Q

O padrão (D) apresenta, no português atual, um valor *contrastivo*, podendo ser parafraseado por *mas* e, com alterações contextuais, por *embora*:

(a) A tarefa é fácil, *mesmo assim* exige esforço.

A tarefa é fácil, *mas* exige esforço.

Embora fácil, a tarefa exige esforço.

Considerando as distinções entre a natureza *concessiva* e *adversativa* das construções e também as flutuações verificadas nesse domínio (Chen, 2000; Guimarães, 1987; Halliday e Hasan, 1976; Koch, I. G. V. 2001; König, 1985; Martelotta, 1998; Neves, 1999), denominarei a relação P, *mesmo assim* Q de *contrastiva* a partir da constatação do traço de contraexpectativa, no âmbito da adversidade e da concessão. Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p.192), a noção de expectativa relaciona-se ao fato de que as línguas, de modo geral, apresentam formas de expressão para codificar a distinção entre *situações que correspondem às normas compartilhadas e situações que se desviam dessas normas*, sendo apenas estas codifica-

das pela gramática. Os elementos marcadores de contraexpectativa ou, simplesmente, *contrastivos* codificam, no âmbito gramatical, esse segundo tipo de situação. Seu uso implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera/pressupõe, em relação à norma.

Em (5-145), *ainda assim* (variável de *mesmo assim*) apresenta-se em posição inicial de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, articulando as orações P e Q, sendo P uma reduzida de gerúndio:

(5-145) É neste tempo que eu chego defora em 6 do | corrente e sendo já nomeado por esta Villa a dita Junta, vime obrigado | a tomar parte nos negocios, temendo, que o excesso de entusiasmo não | degenerasse em males internos, e externos. Estando Membros d' | alguã Villas, **ainda assim** tenho feito, que se não tenha installado | a Junta, a espera de Sorocaba, que ainda não o quiz mandar (apezar | de que está tambem com bons sentimentos) [...]. [BNXIX-11/03]

Entretanto, não existe, nesse contexto, uma relação *contrastiva* veiculada pela locução, i.e., P descreve uma situação factual/verdadeira em relação à qual Q também descreve outra situação factual/verdadeira que não representa uma situação inesperada/incompatível com a informação em P, mas uma consequência do que foi aí enunciado: é exatamente a presença dos membros das vilas que possibilita os feitos do novo político, recém-chegado, sem a instalação da referida *junta*. Assim, há uma relação de causa-consequência, que permite a paráfrase de *ainda assim* por *por isso*, mas não por *apesar disso*, a partir da acepção de *assim* não reanalisada com *ainda*, conforme seguinte reescrita do segmento, que apresenta unicamente uma modificação na localização do sinal de pontuação (vírgula) que, prototipicamente, acompanha essa acepção funcional de *assim* (hoje):

(5-145') Estando membros de algumas vilas *ainda*, **assim**, tenho feito [...]

A ocorrência ilustra as relações entre causa e concessão (Chen, 2000; Neves, 1999; König, 1985), na interface de usos concessivos

sincrônicos refletidos, na diacronia, em contextos que, embora sintagmaticamente favoreçam a leitura contrastiva, cognitivamente revelam a relação causal, significando que uma construção causal pode desenvolver traços contrastivos e favorecer a mudança linguística.

Não há compartilhamento formal entre P e Q nos moldes constatados em contextos de *P assim como Q*, mas a presença da reduzida e da relação semântico-conclusiva impossibilita a inversão da ordem das orações e, por conta disso, estabelece-se certo grau de dependência entre P e Q, no sentido da completude semântico-formal.

Em (5-146), a seguir, novamente não se verifica o *contraste* marcado por *assim mesmo*, mas uma relação, não totalmente gramaticalizada, de coordenação conclusiva veiculada por *e assim*, seguida por uma relação condicional veiculada por *mesmo se*. Não se trata, portanto, de uma leitura reanalisada da locução contrastiva *assim mesmo*.

(5-146) [...] faltas de equi= | *dade* em manobras mais sublimes, vejo eu que me cauzaõ pena, efa= | zem viver por ca com desgosto, eamuito tempo estaria em Lisboa, não obitive sa= | ber muito bem os termos, emque está de caristia de viveres, se me não os pesados | grilhoens damesma familia, e**assim mesmo** se mefoce pocivel, cobrar dehum | golpeoque me devem, hiria acabar os meos dias em Lisboa perto do | meo Principe, epodendo euaqui dizer a V. S^a. muitas couzas, mere= meto ao silencio.
[BNXIX-19/11]

Dessa forma, *mesmo* integra com *se* uma locução condicional, que estabelece a relação *mesmo se P, Q*, em que P apoia-se em uma hipótese, nessa ocorrência, observada em “*me fosse possível*”, representativa de uma *condição de realização* de Q, entendida como o resultado da condição enunciada em P (“*iria acabar os meus dias em Lisboa*”). Ambas as relações, a de conclusão (não prototípica), expressa por *e assim*, e a de condição, expressa por *mesmo se*, compartilham a mesma oração Q:

(5-146') não obtive saber muito bem os termos em que está de carestia de viveres, se não os pesados grilhões da mesma família, (P)

e assim,

[mesmo se me fosse possível cobrar de um golpe o que me devem,]
iria acabar os meus dias em Lisboa [...](Q)

(5-146”) não obtive saber muito bem os termos em que está de carestia de viveres, se não os pesados grilhões da mesma família,
 e assim,

mesmo se

me fosse possível cobrar de um golpe o que me devem, (P)
iria acabar os meus dias em Lisboa [...](Q)

Esse contexto é relevante para o disparo da emergência da reanálise estrutural de [*assim*] [*mesmo*] a [*assim mesmo*], bem como para o da emergência do significado *contrastivo* da locução, já que, segundo Harris (1988, p.75), conforme pontuado anteriormente, um dos padrões⁵³ que explicam o desenvolvimento de várias conjunções das línguas românicas e do inglês relaciona a origem das *contrastivas* a construções condicionais, via cláusulas *contrastivas condicionais*, que representam uma “mistura” das duas noções, conforme (5-146). Assim, sugiro ser essa sequência potencial para a reinterpretação dos limites semântico-formais induzida pelas contingências contextuais, ou seja, por processo metonímico (pela contiguidade formal, em relação à reanálise estrutural, e pela contiguidade dos significados – contrastividade e condicionalidade – em relação à reanálise semântica). Essa também é a interpretação de Neves (1999).

Nas TDs do banco de dados Iboruna, é frequente a coocorrência da conjunção *e*, mas já em contextos em que os itens *assim* e *mesmo* encontram-se reanalisados numa locução conjunta contrastiva.

53 Harris (1988, p.75) apresenta seis padrões que auxiliam na compreensão da natureza dos conectivos e, sobretudo, dos contextos que refletem a relação de contrastividade. São eles: (i) o padrão indefinido, portanto total (*Whatever you may do, nevertheless...*); (ii) o padrão total explícito (*All that you may do, nevertheless...*); (iii) o padrão volitivo (*Let it be as you wish/ let it be so, nevertheless...*); (iv) a marca explícita de posição escalar extrema (*Most X that it may be, nevertheless...*); (v) o padrão temporal, frequentemente reforçado (*While/when...nevertheless...*); e (vi) o padrão condicional, também frequentemente reforçado (*Even if/ though He did it, nevertheless...*). Aqui, interessa especificamente o padrão (vi).

Em (5-147), a realização prosódica do segmento *e assim mesmo*, sem pausas ou contornos entoacionais delimitando [e] e [assim mesmo] em unidades distintas, aponta a possibilidade de paráfrase de todo o conjunto por *mas*:

(5-147) quem que vai dá(r) emprego puma pessoa que acabô(u) de saí(r) da FEBEM?... cê daria? ninguém dá... num tem um ensinamento NAda... até pode tê(r) mas num adianta... po(u)quíssimos lugares tem... **e assim mesmo** as pessoas quando passam por lá já tão rotuladas... [AC-050/RO042]

A ocorrência (5-148) demonstra contexto de ambiguidade semelhante ao verificado em (5-145):

(5-148) O dito quintal seacha imaberto, por que se | lhezem algum concerto, como ja vi praticado peloz Indios, *para* vedar as criaSsoens de diferentes vezinhos, *que* | aly entraô apastar todo anno, vem o fogo Com so | me o mato, ou feital, que antes estava cobrindo as | ruinas, ou fraqueza dos valos, reconhessem as cri | aSsoens as partes por onde podem fazer assua en= | trada, e por estes passaô quando emcontraô segu | ranSsa nas partes retificadas, oque não aconte | se hoje ou há annos, por que todo seacha fran | co e se conserva, como campo comum; esse | alguns Indios tem alguns retalhinhos do mesmo | quintal atacados com cercas são taó lemitados | os terrenos, que nomeo conseito so daô *para* pouco | mais que huma orta de repolhos, ficando **assim** | **mesmo** parte da Aldeâ, eaReja [sic] sem defeza | das criaSsoens, [AIXVIII-24/62]

Em (5-148), *assim mesmo* ocorre após o verbo da reduzida de gerúndio que constitui Q, em posição medial, sem a coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial. A ambiguidade configura-se pela possibilidade de duas interpretações distintas para o mesmo contexto. Na primeira, conforme (5-145), a relação *contrastiva* não é observada, já que P e Q descrevem situações factuais/verdadeiras e que não representam uma situação inesperada/incompatível. Segundo essa interpretação, o fato de os índios terem *retalhinhos* de quintal, atacados com cercas, é insuficiente para modificar o fato de

suas criações continuarem sem defesas. Assim, a locução *assim mesmo* pode ser parafraseada por *do mesmo modo* e permite uma relação em que todo o ST, em P, em especial “*porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*”, funciona como causa que tem Q como consequência: “*ficando assim mesmo parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações*”. Na segunda, a relação *contrastiva* é veiculada pela locução se for considerado um contexto mais específico do tópico, marcado pela oração condicional “*se alguns índios tem alguns retalhinhos do mesmo quintal, atacados com cerca*”, em P. Essa informação funciona como base da inferência de que há “defesa das criações, já que os índios têm seus quintais atacados com cercas”, contrastada pela afirmação contrária em Q. Dessa forma, a locução *assim mesmo* resgataria, em Q, exatamente o conteúdo da condicional, podendo ser parafraseada por *apesar disso*.⁵⁴

(5-148') [...] *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, e se alguns índios têm alguns retalhinhos do mesmo quintal, atacados com cercas, são tão limitados os terrenos que, no meu conceito, só dão para pouco mais do que uma horta de repolhos, *ficando da mesma forma parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações* [...]

(5-148'') [...] *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, e *se alguns índios têm alguns retalhinhos do mesmo quintal, atacados com cercas*, são tão limitados os terrenos que, no meu conceito, só dão para pouco mais do que uma horta de repolhos, *ficando apesar disso parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações* [...]

Toda essa complexidade semântico-formal, principalmente de P, nesse caso, gera a ambiguidade da aceção e constitui um ambiente propício para a mudança, uma vez que mesmo que se queira transmitir A, não se pode evitar, a partir de um tópico como esse, que se interprete B. Novamente, esse contexto apresenta a correla-

54 Na primeira interpretação, a inversão da ordem de Q em relação a P não é possível por conta do estabelecimento da relação lógica entre P e Q. Na segunda, essa impossibilidade é mantida, agora por meio da relação fórica estabelecida entre Q e P.

ção entre causa, condição e concessão (CCC), relacionada ao desenvolvimento da acepção contrastiva.

Em (5-149), *assim mesmo*, no início de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, articula P e Q, sendo P uma oração complexa:

(5-149) Eoutro Ssim por que hay huãs profecias | de Como vossaexelencia não hade hir a Cujaba SenoSso | Senhor ouvir osRogos dospeccadores **aSsim mesmo** | hadeSer por *que* me parece não ha' quem | Sedescuide Com esta deligençia inda que | Seria Com muito dispendio de vossaexelencia Seadita pro | feçia sahir Certo [...] [AIXVIII-11/48]

Nesse contexto, *assim* e *mesmo* já estão reanalisados na locução com valor *contrastivo*. Sintaticamente, a construção pode resultar da elisão da forma verbal *sendo* (*ainda/mesmo [sendo] assim*, de acordo com princípio utilizado no padrão (A)). Nesse contexto, *ainda/mesmo* funciona como operador de subordinação com interpretação concessiva/contrastiva, semelhante àquela que se obtém com *embora*, enquanto *assim* retoma anaforicamente a proposição precedente.

Em P, há uma asseveração com a admissão de “V. Exa. não ir a Cuiabá” e, em Q, a não aceitação da inferência realizada a partir dela, gerando o contraste. Novamente, há a presença, em P, da condicional “*se nosso Senhor ouvir os Rogos dos pecadores*”, antes da inserção de Q. Ou seja, a relação de quebra de expectativas que gera o contraste via negação de inferência existente entre P e Q é perpassada pela condição, revelando, mais uma vez, a importância desse contexto – condicional/contrastivo – para o desenvolvimento desta última acepção, ainda que em condições distintas daquela analisada em (5-146), uma vez que aqui a locução já está reanalisada.

O segmento “*há de ser*” de Q ativa o compartilhamento da informação “*ir a Cuiabá*”, de P, desfazendo a negativa presente nesse segmento e estabelecendo o contraste, marcado pela locução. Segue uma reescrita atualizada desse ST (em negrito, estão os trechos compartilhados entre P e Q; entre parênteses, a paráfrase por *ape-*

sar disso; sublinhada, a Or condicional que compõe o contexto de P e, ainda, mais um trecho desse tópico que favorece a interpretação proposta):

(5-149') *porque há umas profecias de como Vossa Excelência **não há de ir a Cuiabá** se nosso Senhor ouvir os Rogos dos pecadores, **assim mesmo (apesar disso) há de ir a Cuiabá** porque, me parece, que não há quem se descuide com esta diligência, ainda mais que seria com muito dispêndio de Vossa Excelência se a referida profecia for verdadeira.*

Diante dessas constatações, a relação de ordenação entre P e Q é marcada tanto em nível formal, pela relação de foricidade estabelecida por Q em relação a P, quanto em nível semântico, pela observação em P que funciona como base para a inferência que contrasta com a observação em Q, sendo esse *contraste* marcado pela locução *assim mesmo*. Torna-se, portanto, agramatical uma inversão da ordem de P e Q.

Em (5-150), *assim mesmo* coocorre, no final de Q, com *mas*, responsável pela articulação de P e Q, em contexto de inserção paratética em Q:

(5-150) Além disso desde março que|estou lecionando Inglês e Português; o que|mais custa é ser à noite, *mas como|não tinha nada*, aceitei *assim mes-|mo*. [FFXX-54f/136]

Como já destaquei, em P há uma asseveração, com a admissão de um fato e, em Q, a não aceitação da inferência a partir do que foi veiculado em P. Diferentemente de (5-149), a insuficiência da asseveração, em P (cuja forma não é a de uma asseveração propriamente dita), para permitir a inferência contrastiva, é indicada por *assim mesmo*, justificando a ocorrência de *mas*, que marca o contraste, e, no final de Q, a de *assim mesmo*, que indica e, portanto, reforça esse contraste. No segundo membro coordenado, o parêntese insere o argumento não considerado “*como não tinha nada*”, avaliado como mais relevante do que o anterior, no primeiro membro, embora esse

argumento, em P, seja admitido, justificando a relação contrastiva e, assim, o uso de *mas* e de *assim mesmo*.⁵⁵

A inversão da ordem de P e Q torna a construção agramatical graças à articulação realizada por *mas*, indicando o princípio icônico de ordenação desses enunciados coordenados, e à relação fônica estabelecida por *assim mesmo*, ainda que possa haver mobilidade da locução em Q após *mas* (pré ou pós-verbal).

Nas TDs do Iboruna, ocorrem casos como (5-150), em que, tanto em posição final de Q (5-151), como após *mas*, em posição pré-verbal (5-152), a locução indica a não aceitação da inferência realizada a partir da asseveração, em P, e marcada inicialmente por *mas*, enfatizando a acepção contrastiva do complexo:

(5-151) um po(u)quinho só... e:: cada duas horas eu tenho que comê(r) um po(u)quinho de coisa porque meu estômago tá pequeninho né?... mas eu me conformo **MESmo assim** porque eu saí dos cento e trinta quilos... [AC-152/NE1222]

(5-152) chegamo(s) em Noronha pegamo(s) um aviãozinho pequeno – óh eu dentro dos aviões de novo – ... só que aquele eu senti medo... tomei Dramim tudo pra num vomitá(r) mas **mesmo assim** passei muito mal... [AC-051/DE095]

Esse tipo de ocorrência representa um estágio em que a locução, atreladamente ao seu elo anafórico – que, como germen de sua função juntiva, reforça a relação entre Q e P, já marcada por *mas* –, desempenha a função de reforçar o contraste, veiculado por este item, prototipicamente responsável pela junção com acepção contrastiva.⁵⁶ Ressalto, novamente, ambiguidade nesse uso, perpassado pela acepção modal.

55 Além da gramaticalização dessa relação contrastiva, a locução *assim mesmo* permite paráfrase por *do mesmo modo*, revelando a ambiguidade semântica que perpassa seus usos em cartas.

56 Portanto, considero usos como (5-151), em que *mesmo assim* localiza-se no final de Q, representativos de contextos importantes para o desenvolvimento da função juntiva da locução, desempenhada prototipicamente pelo juntor *mas*.

O *corpus* da TD *e-mail* apresenta uma única ocorrência, exposta a seguir, relacionada a este padrão e à situação de ambiguidade semelhante àquela analisada em (5-150), (5-151) e (5-152). No dado de *e-mail*, entretanto, *mesmo assim* encontra-se no final da coordenada Q, sem a presença de outro elemento para o estabelecimento do contraste a partir da não aceitação da inferência baseada na asseveração em P. Apesar disso, também são possíveis ambas as leituras, contrastiva e modal, a partir de paráfrases por *apesar disso* e *do mesmo modo*.⁵⁷

(5-153) Oi, T., olha eu de novo te enchendo!!!! || Em algumas cartas q são e-mail, não aparece o local, || apenas o e-mail da pessoa. Devo utilizá-las **mesmo assim**? [...] [EMAILXXI-13/21D]

A TD editorial também oferece contextos importantes para a descrição do desenvolvimento do funcionamento dessa locução conjuntiva, no que diz respeito à contiguidade sintagmática e às estratégias semântico-pragmáticas realizadas por ela, mas, em todas as ocorrências, já apresenta a locução reanalisada.

Em (5-154),⁵⁸ na sequência, a locução com valor contrastivo localiza-se em início de Q, expressando Q a não aceitação da inferência do que foi argumentado em P e, portanto, a refutação da situação factual e verdadeira aí representada, “*há vergonha em confessar-se a verdade inteira*”. No entanto, em P, a situação factual é apresentada via processo de modalização (“*Quer nos parecer hoje*”) que provoca a diminuição do caráter asseverativo da proposição, preparando, semanticamente, o contexto de inserção de Q. Argumentativamente, não há uma estratégia puramente suspensiva, como nas adversativas prototípicas, mas também não há uma total antecipação, como em contextos com o conector *embora*, por exemplo.

57 Nos dados da TD narrativa de experiência, observa-se o mesmo tipo de funcionamento ambíguo, na mesma localização, constatada em *e-mails*, mas fora de contexto interrogativo.

58 Na TD editorial, com exceção de uma ocorrência, todas se apresentam sob a forma *ainda assim*.

(5-154) Quer nos parecer que hoje há vergonha | em confessar-se a verdade inteira. || **Ainda assim**, estas informações não [levam] | o sr. conselheiro director das terras | e colonização a formular um desmentido á | imprensa paulista, e particularmente a nós. [APSPXIX-1876/026]

Outro contexto recorrente em editoriais e relacionado com essa fluidez argumentativa, como (5-154), pode ser representado pela seguinte ocorrência:

(5-155) *Dado mesmo que* haja reflectido e mudado| de opinião [ininteligível] os srs. ministros da fazenda| e presidente do conselho, **ainda assim** ha| ahi uma questão melíndrosa e gravíssima a| decidir: é licito á corôa *demittir* um ministro| de estado estando o parlamento a funcionar| e sem que este se tenha manifestado? [APSPXIX-1879/058]

Em (5-155), *ainda assim* encontra-se em contexto que articula Q a P, sendo P iniciada por construção parafraseável por *embora*. A concessiva, iniciada por *dado mesmo que*, ao mesmo tempo, expressa refutação a uma possível objeção e assentimento referente a alguma validade dessa objeção, na oração iniciada por *ainda assim*. Dessa forma, o contexto mostra uma grande mescla entre o funcionamento de *embora*, aí representado por outra construção, e *ainda assim*, uma vez que P inicia-se apontando para a antecipação da negação da inferência que será realizada em Q, devendo-se considerar que, em Q, se gramaticaliza novamente a negação dessa inferência por *ainda assim*. Nessa ocorrência, a paráfrase da locução por *mas* não é aconselhável, o que reforça a importância do contexto para a emergência das características mais concessivas no funcionamento de *ainda assim*.

Outros contextos dessa locução, na TD editorial, revelam o mesmo tipo de fluidez, por sua vez, com o item *mas*, conforme (5-156):

(5-156) Tudo isso explica-se; muita cousa descul-|pa-se e tolera-se, até certo ponto: *mas ainda assim* é preciso que a população estranha á| *festa* tenha certeza de que anda resguardada|pela vigilancia policial, [...] [APSPXIX-1876/017]

Nesse contexto, já observado nas TDs do Iboruna, constata-se a estratégia argumentativa de suspense, como nos usos adversativos, em que P conduz a uma inferência conclusiva R e Q leva à negação dessa inferência, acarretando não R. *Ainda assim* surge como reforço argumentativo, mostrando que, apesar de se admitir a proposição em P, é em Q que se verifica a asseveração do fato considerado mais relevante. Assim, as relações contextuais dessa locução mostram o caráter extremamente fluido no que tange às características concessivas e adversativas.

Por fim, (5-157) e (5-158), extraídas da TD editorial, embora tragam a locução reanalisada, trazem-na em contextos que ilustram esse fato definitivamente:

(5-157) Não serve de argumento o acto que o colle-|ga procurou relacionar com esse que aconse-||ha. Além das condições de iniciativa e execução, que são diversas, ha mais a notar que a|oposição em Campinas era quasi geral da|parte d'aquelles que tinham que pagar o impos-|to. Suppômos mesmo, não podemos affirmar de|prompto, que a tabella não fôra approvada re-|gularmente pela Assembleia. ||Mas, dado que a camara municipal de Cam-|pinas se julgasse com direito de suspender a|execução da cobrança de uma tabella de im-|postos, **ainda assim** as razões que lá podiam|ter determinado esse procedimento não são as|mesmas que apresentaram os srs. lavradores de|Pindamonhangaba. [APSPXIX-1884/094]

(5-158) Si, pois, a provincia fosse possivel ap-|plicar maior parte de sua renda a esses|dous poderosos factores do seu progresso, | maior seria também a sua riqueza e pros-|peridade. || Mas a centralisação pêa-lhe os movi-|mentos, abafa as aspirações e impõe uma |distribuição de rendas em grande parte| com destino improdutivo, mesmo com re-|lação ao todo. ||**Ainda assim** devem os paulistas em| cada anno fazer a conta do *Deve e Haver*| com o imperio para ter certeza do quan-|to vale na união, como esta estabelecida| no regimen actual, que parece não com-|prehen-del-a sem as fortes cadêas da cen-|tralização. [APSPXIX-1881/072]

Em (5-157), as características especificadas nas análises anteriores estão presentes no mesmo contexto: P é iniciada pela adversativa *mas*,

seguida por *dado que*, paraseável por *embora*, e Q inicia-se por *ainda assim*, que, no segundo membro coordenado, enuncia um argumento não considerado, em relação ao qual o argumento anterior, embora admitido (= *ainda assim*), é considerado menos relevante do que o que vem acrescentado. Em (5-158), além de o contexto apresentar a coocorrência de *ainda assim* e *mas*, a condicionalidade está também presente. A primeira oração apresenta um argumento (“*maior seria também a sua riqueza e prosperidade*”) sob uma condição, indicada por *Si*. No período iniciado por *mas*, contraria-se a inferência realizada a partir do argumento anterior e, por fim, o último período, articulado por *ainda assim*, enuncia um argumento não considerado que, novamente, admitindo o anterior (indicado por *mas*), apresenta o que é mais relevante. Aqui, como constatado em ocorrências da TD carta, a relação de quebra de expectativas que gera o contraste, via negação de inferência, relaciona-se com a aceção de condição contextualmente próxima.

Além dos contextos de ambiguidade já expostos, nessa análise, nas ocorrências das TDs do Iboruna, observam-se outros, importantes para o processo de desenvolvimento do item, refletido sincronicamente, em que a interpretação dos itens como componentes de uma locução com aceção contrastiva depende, imprescindivelmente, de sua realização prosódica:

(5-159) ... ah salgado eu faço aquelas coisas bá::sicas **mesmo assim**...
 êh:: uma coisa que eu faço todo dia é milho refogado [AC-116/RP910]

(5-160) foram seis meses... saindo::... aí voltei com e::le... meio na escond/ escondida assim... minha avó num sabe **ainda:: assim** alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo [AC-052/NE163]

(5-161) mas é uma organização mui::to bacana... as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada e dá pra passá(r) os carros **assim mesmo**... porque lá a gente num caminha pelas calçadas... [AC-152/DE1239]

Em (5-159), embora contíguos sintaticamente, é inadequada a leitura contrastiva de *mesmo* e *assim*, o que indica um uso não realizado dos itens, em “eu faço aquelas coisas básicas *mesmo*” e *assim*

atuando como MD preenchedor de pausa em contexto hesitativo (marcado também pela expressão *eh::* e por pausas), sinalizando a procura por um assunto para ser desenvolvido no tópico. Nesse caso, as análises sintático-semântica e pragmática são suficientes para que se chegue a essa conclusão.

Entretanto, em (5-160), baseados na sintaxe, na semântica e até na pragmática, poder-se-ia interpretar P como “minha avó não sabe” e Q, introduzida pela locução contrastiva “*ainda assim* alguns parentes sabem...”, baseando a leitura na quebra de expectativas que representa outros parentes saberem do namoro se a avó não sabe. Ter-se-ia um uso prototípico da locução. De fato, apenas a audição do inquérito e uma análise prosódica revelam um uso de *ainda* e *assim* não reanalisado na locução, de forma que *ainda* mantém sua acepção temporal, associando-se ao contorno entoacional descendente de “minha avó não sabe ainda”, com pausa separando esse enunciado prosódico do seguinte, iniciado por *assim*, realizado com contorno entoacional ascendente, sinalizando cataforicamente o enunciado “alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo”. Apesar disso, esse contexto evidencia um ambiente propício para a reanálise formal, na constituição da locução, dado que, semanticamente e pragmaticamente, a acepção contrastiva pode ser inferida a partir dele, como sugere leitura “*minha avó num sabe ainda... ainda assim alguns parentes sabem...*”.

De forma semelhante, em (5-161), apenas a análise prosódica garante, agora, a interpretação contrastiva da locução no complexo, com P, “as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada”, e Q, “e dá pra passá(r) os carros *assim mesmo*”,⁵⁹ em vez da análise de *assim* como Sinalizador de Construção de Quadro Mental (padrão 7(D)), associado à descrição “e dá pra passá(r) os carros *assim*”, e *mesmo* ligado a *porque* em “*mesmo* porque lá a gente num caminha pelas calçadas”. Mesmo a leitura não atestada pela análise prosódica⁶⁰ não

59 A ocorrência segue o modelo de ambiguidade analisado em (5-147).

60 Prosodicamente, constata-se uma frase entoacional (I) em Q, marcada por contorno final descendente e por pausa que a separa da próxima I *porque lá a gente num caminha pelas calçadas*. Portanto, *assim mesmo* realiza-se no interior da mesma I, sem pausa separando os itens que constituem a locução.

deixa de evidenciar o significado contrastivo do complexo, representando, novamente, importante contexto para a constituição e solidificação da locução contrastiva *assim mesmo*.

De modo geral, as análises mostram, na TD carta, vários exemplos em que, embora em contextos relevantes para a emergência da acepção e do funcionamento do juntor contrastivo, depara-se com situações de não reanálise ou de ambiguidade em relação às características dessa construção. Por sua vez, nos editoriais, embora a reanálise de *ainda* e *assim* esteja concluída (a locução seja usada de forma próxima ao seu funcionamento prototípico), os contextos de sua utilização continuam permeados por aspectos concessivos, adversativos e/ou condicionais, por vezes até de forma contígua, o que, além de indicar o próprio desenvolvimento da locução, justifica sua acentuada fluidez entre concessão e adversidade. Por sua vez, o único dado de *e-mail* e os dados das TDs do Iboruna mostram contextos relevantes para a identificação de ambiguidades, principalmente nestas últimas, em que se constata relações de contiguidade sintagmática na possível colocação em prática da mudança refletida sincronicamente, associada, muitas vezes, a fatores que extrapolam a análise sintática, semântica e pragmática.

Relações e interdependências de *assim* e formas correlatas

Entre os padrões de *assim*, nos dados das TDs analisadas, quatro – P *assim como* Q; *assim que* Q, P; P, *assim mesmo* Q e P *assim* Q – são representativos de relações interproposicionais, justificando uma descrição das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, a partir dos pressupostos de Halliday (1985).

À notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e α (dominante) e β (dependente), na hipotaxe, serão acrescentados P e Q, na adaptação do Quadro 3.1:

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	α P (dominante)	β Q (dependente)

Quadro 5.2 Adaptação do Quadro 3.1.

Proponho que os usos interproposicionais de *assim* distribuam-se ao longo de um *continuum*, configurado entre aqueles usos representativos de um e de outro tipo de interdependência. Partirei, portanto, dos considerados exemplares de relações do domínio da parataxe até alcançar os considerados exemplares de relações da hipotaxe, passando pelos que estão entre um e outro polo do *continuum*.

Nos usos de *assim* na locução *assim como*, foram detectados quatro comportamentos semântico-formais, em que a locução exerce função: *aditiva*; *comparativa correlativa*; *comparativa não correlativa* e *conformativa*. Entre esses comportamentos, dois tipos de relações e de interdependência entre as orações articuladas pela locução podem ser observados.

No primeiro, a locução *assim como* aditiva é utilizada em orações de mesmo estatuto, consideradas livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, *assim como* representa uma *extensão* do significado de 1P a partir do acréscimo de algo novo, representativo simplesmente de uma adição, que não implica nenhuma relação causal ou temporal entre as orações. Há, segundo Halliday (1985, p.207), a combinação da *extensão* com a *parataxe*, resultando no que é conhecido como **coordenação** entre orações (1P + 2Q). Como se trata unicamente de uma adição, mesmo dentro da interdependência paratática, há liberdade de sequenciação/ordenação entre 1P e 2Q, possibilitando a inversão da ordem dessas orações, conforme (5-119), já analisada:

(5-119) [...] Desejo sin-| cêramente que sua saude se tenha feito com a volta ao| clima em que o seu corpo foi criado, **assim como** desejo| que sua distinguida família se encontre bem e que o 1952| vos seja verdadeiramente favorável. [FFXX-52b/119]

A mesma locução, agora *comparativa correlativa*, *comparativa não correlativa* e *conformativa*, é utilizada em orações de estatutos diferentes, sendo uma considerada funcionalmente independente, assumindo a característica de modificada, e a outra considerada funcionalmente dependente, assumindo a característica de modificadora. Nessa configuração de interdependência hipotática, a locução representa uma relação de *realce* do significado de αP a partir do acréscimo de um significado de *comparação/conformidade* dentro da categoria de *modo* apresentada por Halliday (1985, p.211),⁶¹ em βQ . A combinação de *realce* com a *hipotaxe* ($\alpha P \times \beta Q$) resulta no que é conhecido na gramática tradicional/formal como *orações adverbiais*.

Entretanto, no caso das *comparativas (não) correlativas*, diferentemente do que se observa nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe* e também na perspectiva gramatical mais tradicional, no que tange às orações adverbiais, é impossível a inversão da ordem das orações envolvidas. Ou seja, os elementos são ordenados em dependência, caracterizando traço da *hipotaxe*, mas são dependentes também da sequência/ordenação, o que constitui traço da *parataxe*. Assim, o uso da locução não pode ser categoricamente classificado como hipotático, uma vez que ainda revela traços do nexo paratático. Além desse aspecto formal, semanticamente, percebe-se uma relação intrínseca entre *adição* e *comparação*, i.e., nos casos de *realce* dentro da *hipotaxe* pode haver persistência da acepção aditiva. As ocorrências (5-118), analisada anteriormente, e (5-162) ilustram casos de *comparação correlativa* e *não correlativa*, respectivamente:

(5-118) eaSSi por mais *que* os queira ReduZir ao gremio deSSua igreja por velos taõ derramados: ConSsigo poCo fruto **aSSim** por alguñs | fugirem deSSua aldea; **Como** outros Sonegados de *quem* ostem. [AI-XVIII-03/41]

(5-162) Eu me acho com saude, | graças a Deus, **assim como** todos os nossos filhinhos [LRXIX-478/98]

61 A categoria de *modo*, segundo Halliday, engloba também o significado de *meio*, possivelmente ilustrado, em sua forma não finita, por *por (meio) de*.

Por outro lado, as *conformativas* enquadram-se nas relações de *realce* dentro da *hipotaxe* e, no que diz respeito ao critério de ordenação de orações, evidenciam o comportamento prototípico das hipotáticas: os elementos são dependentes, mas a ordem das orações não é determinante. Assim, as conformativas representam o uso de *assim como* mais categorizável como plenamente hipotático. Nesses casos, a relação entre essa acepção e as outras, constatadas nos demais usos da mesma locução, pauta-se no traço modal de *assim*. A ocorrência (5-134) ilustra um caso de conformidade já analisado:

(5-134) **Assim como** vão as cousas no to-|cante á instrucção publica, dentro de|pouco tempo só haverá uma provi-|dencia util a tomar: reduzir a verba|para a despeza com o ensino pri-|mario. [APSPXIX-1889/138]

Nos usos de *mesmo assim*, encontram-se casos em que a locução é também empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. Em 2Q, *mesmo assim* representa uma combinação de *realce* com a *parataxe* (1P × 2Q), produzindo o que é também um tipo de coordenação. A oração introduzida por *mesmo assim* integra uma categoria *causal-condicional* apresentada por Halliday (1985, p.213), marcando um significado de concessão-consequência. Denomino a relação aí estabelecida de *contrastiva*, em vez de concessiva, a fim de marcar uma diferença entre esses usos e os concessivos: se a oração em *realce* preceder, tornando-se temática no complexo oracional, a relação é hipotática, e, portanto, concessiva; se a oração em *realce* for procedente, como é o caso de 2Q introduzida por *mesmo assim*, a relação é paratática. Note que aqui, como preconiza o autor, embora haja a independência característica das orações paratáticas, a sequência/ordenação não pode ser alterada. Vale ressaltar também que exatamente a proximidade entre as *contrastivas* e as *concessivas* mostra se tratar de um caso de *parataxe* muito próximo da *hipotaxe*, novamente de uma classificação já a meio caminho do *continuum*, como se observa em (5-154), já analisada:

(5-154) Quer nos parecer que hoje há vergonha| em confessar-se a verdade inteira. || **Ainda assim**, estas informações não [levam] | o sr. con-

selheiro director das terras | e colonização a formular um desmentido á | imprensa paulista, e particularmente a nós. [APSPXIX-1876/026]

Nos usos em que o item, fora de locuções, atua como um junctor, encontra-se também a articulação de orações consideradas independentes, configurando a relação de interdependência paratática. O item, localizado em 2Q, articula uma oração que realça o significado da outra, 1P, por meio da qualificação via estabelecimento de uma relação de causa-consequência, configurada na notação (1P × 2Q). A combinação de *realce* com a *parataxe* resulta em um tipo de coordenação, em que uma característica circunstancial encontra-se intrínseca. Halliday (1985, p.213) engloba casos como esse na categoria *causal-condicional*, codificando uma relação de *causa-efeito* (o que implica causa-consequência, como adoto neste trabalho). Como já foi apontado, por conta das especificidades desse tipo de relação e da interdependência a sequência/ordenação não pode ser invertida, conforme ilustra a repetição da ocorrência (5-108):

(5-108) Tendo de ir á côrte indaguei de alguns | amigos quando haveria vapor para lá e me | foi dito que sahia a 11 do corrente, o que por | mim foi verificado tambem no *Diario de San-* | *tos*, na parte que trata da sahida e entrada | de navios naquelle porto. || **Assim**, disponho a minha viagem | [LRXIX-514/105]

Por fim, os usos de *assim* na locução temporal *assim que* atuam na articulação de orações funcionalmente diferentes, em um caso de interdependência *hipotática* com a combinação de *realce* ($\alpha P \times \beta Q$). Especificamente, nessa relação de realce entre orações dependentes, marca-se uma acepção temporal, em que está presente, segundo Halliday (1985, p.215), o traço *pontual*. Note-se que βQ , introduzida pela locução, portanto, sendo finita, acumula as funções de expressar a dependência (estatuto hipotático), a relação circunstancial (temporal) e a aspectual (pontual). Dentro da estrutura hipotática, αP e βQ são ordenadas em dependência e amplamente independentes da sequência. Sendo assim, identifica-se a oração dependente seguindo ($\alpha P \times \beta Q$) e precedendo a dominante ($\beta Q \times \alpha P$):

(5-138) Quanto ao trabalho sobre o Latim Vulgar, que constitui assunto da minha tese de concurso, estou re-vendo-o para impressão. Mandar-lhe ei com muito prazer um e-xemplar **assim que** esteja impresso. [FFXX-52c/131]

A partir dessas considerações, o referido *continuum* PARATA-XE > HIPOTAXE dos usos de *assim* aqui analisados pode ser caracterizado na figura a seguir. O objetivo dessa figura não é propor uma trajetória de mudança dos usos focalizados, da parataxe para a hipotaxe, mas ilustrar, didaticamente, a fluidez identificada no comportamento dessas locuções no que tange a ambos os domínios. Assim, pretendo mostrar, a partir da análise fundamentada em Halliday (1985), que em determinados usos as características de parataxe e hipotaxe se mesclam (domínio sinalizado com traços pontilhados):⁶²

assim como ADITIVO	assim CONCLUSIVO	mesmo assim CONTRASTIVO	assim como COMPARATIVO	assim como / assim que CONFORMATIVO / TEMPORAL
PARATAXE			HIPOTAXE	

Figura 5.1 *Continuum* PARATAXE > HIPOTAXE.

Em relação a esse *continuum* chamo a atenção para a fluidez, existente entre os padrões juntivos focalizados, especialmente naqueles que se encontram nas fronteiras entre parataxe e hipotaxe: contrastivo e comparativo. Enquanto a fluidez semântico-cognitiva de contraste permite interpretá-lo com uma aceção que revela traços concessivos, tradicionalmente identificados no âmbito da hipotaxe, a fluidez formal de comparação apresenta traços da parataxe, como a impossibilidade de inversão sintática.

62 Por não se tratar de um *continuum* que focalize trajetória de GR, a clássica via unidirecional – em que referências de cunho lógico são pospostas às de cunho mais concreto, como *espaço* e *tempo* – encontra-se praticamente invertida na figura. Ainda em relação a isso, neste trabalho, apresento outra possibilidade, para além de *continua* desse tipo, para ilustrar a relação entre essas referências (Kortmann, 1997).

Os resultados representados nesse *continuum* serão utilizados, no Capítulo 8, em um quadro ilustrativo da descrição das relações lógico-semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, a partir dos pressupostos teóricos de Halliday (1985) conjugados aos de Raible (2001,1992 apud Kabatek, 2005a). Antes disso, o quadro que encerra este capítulo resgata as principais informações levantadas nesta análise, a fim de preparar o caminho para as questões subseqüentes.

“Para onde olhar...”

	Padrão	Função	Características semântico-formais	Ambigüidades semântico-formais
assim	P(1)	Complemento Adverbial	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte obrigatório selecionado pelo verbo. • Sinalização de referências extralingüística, de porções textuais ou de referências pautadas no conhecimento compartilhado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de aceção conclusiva em contexto específico (verbo no GER).
	P(2)	Adjunto a SV	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Sinalização de porções textuais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ao valor de modo sobrepõem-se os valores de causa e meio em contexto específico (verbo no GER). • Desperta a função atenuativa em contextos específicos (oração gerundiva nas TDs do banco de dados Iboruna).
	P(3)	Predicativo do Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte obrigatório que ocupa posição de predicativo com verbo cópula. • Sinalização de porções textuais. • Compõe construções cristalizadas (de sentido condicional – a não ser assim/ si assim é – e volitivo – que assim seja). 	<ul style="list-style-type: none"> • Desperta a função atenuativa em contexto específico (de contigüidade entre assim predicativo e o ST sinalizado por ele, de mesma função).
	P(4)	Modificador de SN	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo de função modificadora. • Sinalização de porções textuais ou de referências extralingüísticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura conclusiva em contexto específico (verbo no PART). • Desperta a função atenuativa em contextos específicos (em que assim sinaliza o próprio SN modificado).

continua

continuação

P(5)	Modificador de SAdj com função intensificadora	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo de função modificadora-intensificadora. • Sinalização de porções textuais. Liberdade de posicionamento (em TD específica). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiguidade semântica entre intensificação e atenuação em contexto específico (assim posposto ao intensificador nas TDs do Iboruna).
P(6)	Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Sinalização de porções textuais. Acepção modal. 	—
P(7(A))	MD assim Indicador de Conteúdo Expressivo	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Sinalização de porções textuais. Indica a expressividade do conteúdo acrescentado (associação do conteúdo ao gosto, à opinião, à experiência ou à interpretação do falante). • Esvaziamento da acepção modal. • MD prototípico. 	—
P(7(B))	MD assim Sinalizador de Metadiscursividade	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Sinalização de porções textuais. • Sinaliza a modalidade explicitadora do metadiscurso, associando-se ao descompromentimento do falante, ao desenvolvimento tópico, à construção da exemplificação ou à síntese do conteúdo tópico. • Esvaziamento da acepção modal (MD prototípico). 	<ul style="list-style-type: none"> • Acepção modal do item em construções (MD não prototípico).
P(7(C))	MD assim Atenuador	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Marcador de atividade cognitiva, voltado para a escolha de meios formais que melhor correspondam aos objetivos comunicativos do falante. • Marcador de incerteza/imprecisão voltado para avaliação episódica (pode ser de natureza quantitativa). • Esvaziamento da acepção modal mesmo quando o item está em construções (MD prototípico). 	—
P(7(D))	MD assim Sinalizador de Construção de Quadro Mental	<ul style="list-style-type: none"> • Constituinte facultativo. • Sinalização de porções textuais. • Atua em contextos descritivos como dêitico inferível, marcando a atualização de um quadro mental, arquivado na memória do falante, no momento da fala. 	<ul style="list-style-type: none"> • Esvaziamento da acepção modal apenas em um contexto (prototipicidade baixa).

continuação

Assim no domínio da junção	P(A)	P assim Q (1P x 2Q)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: ST ou oração; • coocorrência de outras conjunções; • posição inicial/medial de Q; • impossibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção; • possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas; • impossibilidade de inversão da ordem; • relação de independência entre P e Q; • não compartilhamento de estruturas; • relação de sentido: causa-consequência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto de ambiguidade com o padrão (2). • Coocorrência com a conjunções e ou pois. • Presença de SS. • Ambiguidade semântica entre as acepções de modo ou causa-consequência em algumas ocorrências.
	P(B)	P assim como Q Construção comparativa não correlativa $(\alpha P \times \beta Q)$	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • sem coocorrência de outra conjunção; • posição inicial de Q; • possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção; • possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas; • impossibilidade de inversão da ordem; • relação de dependência entre P e Q; • entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; • relação de sentido: valor comparativo de igualdade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Coocorrência com conjunção e, que coordena P e Q. • Incidência do advérbio comparativo igualmente, relacionado à acepção comparativa entre P e Q. • Entrelaçamento de estruturas: associado à colocação pronominal e à contiguidade de assim como e também. • Relações de sentido (redundância entre comparação e adição/ relação entre igualdade de modo e igualdade de extensão).
		P assim como Q Construção comparativa correlativa $(\alpha P \times \beta Q)$	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • sem coocorrência de outra conjunção; • posição inicial/medial de P e posição inicial de Q; • possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção; • possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas; • impossibilidade de inversão da ordem; • relação de dependência entre P e Q; • entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; • relação de sentido: valor comparativo de igualdade + valor aditivo. 	

continuação

P assim como Q Coordenativa aditiva (1P + 2Q)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • sem coocorrência de outra conjunção; • posição inicial de Q; • sem incidência adverbial sobre toda a construção; • sem apresentação de formas verbais reduzidas; • possibilidade de inversão da ordem; • relação de independência entre P e Q; • não compartilhamento de estruturas diversas ou compartilhamento pouco incisivo; • relação de sentido: valor aditivo-inclusivo. 	—
P assim como Q Conformativa (αP x βQ)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • sem coocorrência de outra conjunção; • posição inicial de Q; • possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção; • possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas; • possibilidade de inversão da ordem; • relação de dependência entre P e Q; • entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; • relação de sentido: valor conformativo. 	—

continua

continuação

P(C)	Assim que Q, P ($\alpha P \times \beta Q$)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • sem coocorrência de outra conjunção; • posição inicial de Q; • possibilidade de incidência adverbial sobre toda a construção; • possibilidade de apresentação de formas verbais reduzidas; • possibilidade de inversão da ordem; • relação de dependência entre P e Q; • entrelaçamento: compartilhamento de estruturas diversas; • relação de sentido: valor temporal (expressa uma relação de sucessão em contiguidade de dois eventos, em situações de caráter [+dinâmico] e [+pontual] (achievement)). 	<ul style="list-style-type: none"> • Coocorrência com o advérbio de tempo logo.
P(D)	P, mesmo assim Q (1P x 2Q)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de unidade articulada: oração; • coocorrência de outra conjunção; • posição inicial/medial ou final de Q; • sem incidência adverbial sobre toda a construção; • apresentação de formas verbais reduzidas (em contextos de uso não prototípico); • impossibilidade de inversão da ordem; • relação de independência entre P e Q; • não compartilhamento de estruturas diversas; • relação de sentido: valor contrastivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto de ambiguidade semântica entre as acepções de causa, condição e concessão. ambiguidade entre a acepção contrastiva (apesar disso) e modal (do mesmo modo).

Quadro 5.3 Recapitulando.

6

PERFIL DOS PADRÕES FUNCIONAIS DE *ASSIM* NAS TDs FOCALIZADAS

6.1 Considerações iniciais

O objetivo deste capítulo é focalizar as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas constatadas, a partir da descrição e análise apresentadas anteriormente, nos diferentes padrões de funcionamento de *assim* e formas correlatas, relacionando-as às TDs que compõem os *corpora* do presente trabalho, de modo a observar:

- (i) se há coerência/correspondência entre o comportamento funcional do item e suas formas correlatas sincrônica e diacronicamente em relação às TDs;
- (ii) se as TDs favorecem direcionamentos específicos para a mudança.

Apresentarei, primeiramente, de modo genérico, a frequência de usos dos padrões de *assim* e tal frequência em cada TD investigada. Em seguida, será exposta a forma como cada padrão foi observado em cada TD comparativamente, em relação à prototipicidade e não prototipicidade das ocorrências, e algumas relações entre os diferentes padrões de *assim* nas distintas TDs focalizadas.

6.2 A frequência de uso dos padrões de *assim*

O Gráfico 6.1 apresenta a frequência de uso dos padrões de *assim*, independentemente da TD em que se encontram:¹

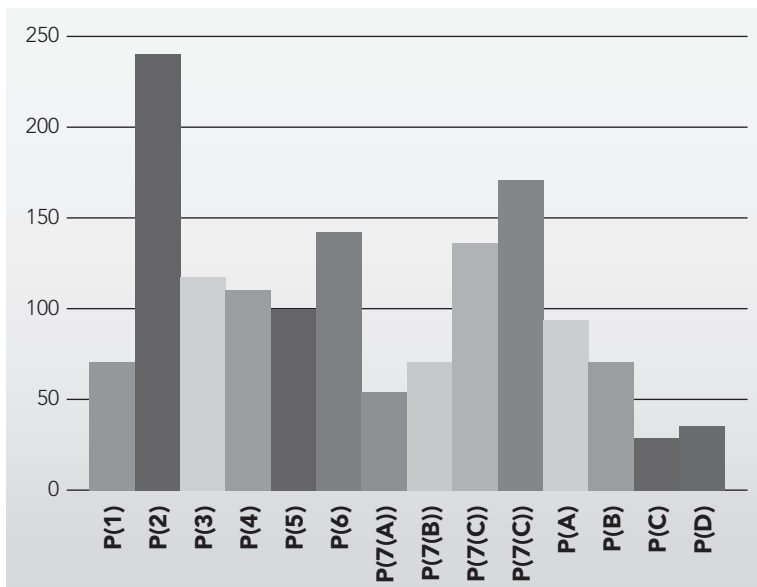


Gráfico 6.1 Frequência geral dos padrões de *assim* de (1) a (7).

No que tange aos padrões de (1) a (7), o Gráfico 6.1 indica que o padrão (2) é o mais recorrente nos dados (237 ocorrências). O padrão menos recorrente é o (7(A)), correspondente a um uso prototípico do item enquanto MD (51). Essa baixa frequência deve-se ao fato de, nesse padrão, não terem sido encontradas ocorrências ambíguas.

Esse gráfico ilustra uma frequência crescente nos usos do item no padrão (7) de (A) a (D): enquanto (7(A)) apresenta apenas usos prototípicos, em (7(B)) somam-se, nessa frequência, também os usos não prototípicos (70). Em (7(C)), apresenta-se baixa recorrên-

1 Todos os valores apresentados nos gráficos desta seção são dados em números absolutos.

cia de usos não prototípicos, apesar da alta frequência de seu emprego (135), figurando entre os usos mais gramaticalizados de *assim*. Por fim, o padrão (7(D)), o mais recorrente nos *corpora* (171), é também o que mais apresenta usos não prototípicos, sendo, portanto, o menos gramaticalizado dos usos do item enquanto MD.

Em relação aos usos de *assim* no domínio da junção, os padrões (A) e (B) são os mais recorrentes, 96 e 66 ocorrências, respectivamente, entre as quais figuram usos prototípicos e não prototípicos. Embora as frequências dos padrões (C) e (D) sejam semelhantes (29 e 32, respectivamente), o estágio de GR desses padrões é bastante distinto, conforme especificarei na continuidade desta seção.

A partir dessas considerações, parto para a comparação da frequência dos padrões em cada TD. Para tanto, segue a Tabela 6.1:²

TDs	Total de ocorrências de <i>assim</i>
TD carta	127
TD editorial	187
TD e-mail	39
TD narrativa de experiência	294
TD narrativa recontada	204
TD opinativa	245
TD injuntiva	113
TD descritiva	226

Tabela 6.1 Frequência de ocorrência de *assim* nas TDs investigadas.

A Tabela 6.1 apresenta dados relativos à quantificação das ocorrências de *assim* em seus padrões em cada TD investigada. As próximas subseções apresentam considerações correlacionadas a esses dados.

² Foram contabilizadas as ocorrências de *assim* em todos os usos analisados neste trabalho, incluindo aqueles em que o item configura locuções conjuntas e desempenha funções textual-interativas (cf. Capítulo 7).

6.3 Padrões de (1) a (7)

A partir dessas informações, chamo a atenção para a sistematização dessa frequência, nos padrões de (1) a (6), em cada TD focalizada, cf. Gráfico 6.2:

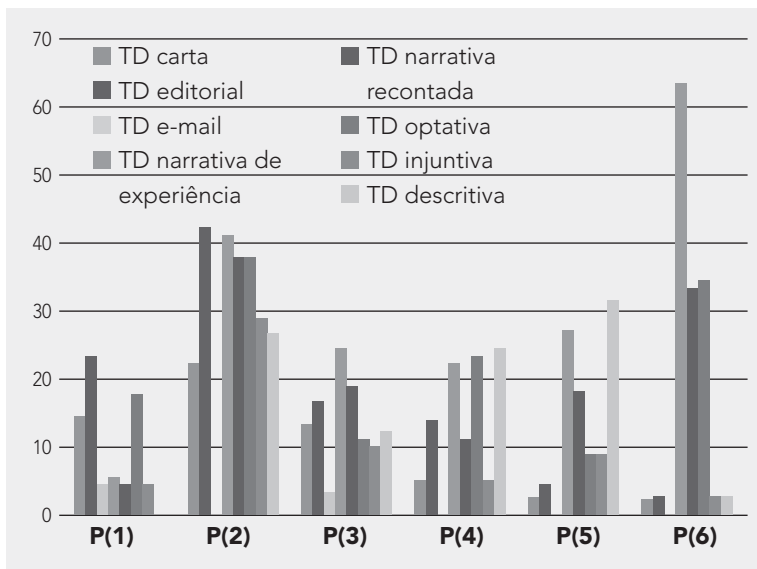


Gráfico 6.2 Frequência de ocorrência dos padrões de (1) a (6) nas TDs investigadas.

Em relação ao padrão (1), diacronicamente, evidencia-se, nos dados da TD editorial, a maior frequência de emprego do item (23 ocorrências: ~ 12,29% em comparação com 14: ~ 11,02% nos dados extraídos da TD carta); sincronicamente, a frequência é mais significativa nos dados da TD opinativa (18: ~ 7,34%). Chamo a atenção, aqui, para o comportamento desse padrão na TD *e-mail*: embora seja baixa a frequência geral de emprego do item nessa TD, por conta da própria dimensão dos textos que a configuram, a maior parte de suas ocorrências, distribuídas entre os padrões de (1) a (6), encontra-se nesse padrão (4: ~ 10,25%).

No que se refere ao padrão (2), diacronicamente, os dados extraídos da TD editorial apresentam, novamente, a maior frequência de seu emprego (43: ~ 22,99% em comparação com 22: ~ 17,32% nos dados extraídos da TD carta); sincronicamente, a frequência mostra-se mais alta nas TDs narrativa de experiência (41: ~ 13,94%), narrativa recontada (38: ~ 18,62%) e opinativa (38: ~ 15,51%). Também nas demais TDs do banco de dados Iboruna essa frequência mostrou-se significativa.

No padrão (3), os dados extraídos das TDs editorial e carta, na perspectiva diacrônica, apresentam frequências próximas (16: ~ 8,66% nos dados da TD editorial, em comparação com 13: ~ 10,23% nos da TD carta); na perspectiva sincrônica, a frequência mostrou-se mais alta na TD narrativa de experiência (25: ~ 8,5%).

O padrão (4), diacronicamente, evidencia, nos dados extraídos da TD editorial, sua maior frequência (16: ~ 7,48% em comparação com 5: ~ 3,93% nos da TD carta); sincronicamente, as TDs descritiva, opinativa e narrativa de experiência apresentam frequências semelhantemente altas (25: ~ 11,06%, 24: ~ 9,79% e 23: ~ 7,82%).

No que diz respeito ao padrão (5), na perspectiva diacrônica, notou-se baixa frequência de uso (5: ~ 2,67% nos dados da TD editorial em comparação com 3: ~ 2,36% nos da TD carta); na perspectiva sincrônica, a frequência mais significativa de seu emprego foi observada na TD descritiva (32: ~ 14,15%), seguida pela TD narrativa de experiência (27: ~ 9,18%).

Em relação ao padrão (6), os dados das TDs carta e editorial, representativos da perspectiva diacrônica, apresentaram sua mais baixa frequência, em comparação com os padrões de (1) a (5) (respectivamente, apenas 3 ocorrências: ~ 2,67% na TD editorial e 2: ~ 2,36% na TD carta); na perspectiva sincrônica, o padrão mostrou-se muito frequente, principalmente na TD narrativa de experiência (63: ~ 21,42%). Destaco uma diferença sensível na frequência de uso desse padrão nas TDs narrativa de experiência, narrativa recontada (34: ~ 17,15%) e opinativa (35: ~ 14,28%) em comparação com as TDs injuntiva e descritiva, que apresentam apenas 3 ocorrências (~ 2,65% e 1,32% respectivamente).

Também a partir da Tabela 6.1, segue a sistematização da frequência de *assim*, no padrão (7) de (A) a (D), em cada TD focalizada, cf. Gráfico 6.3:

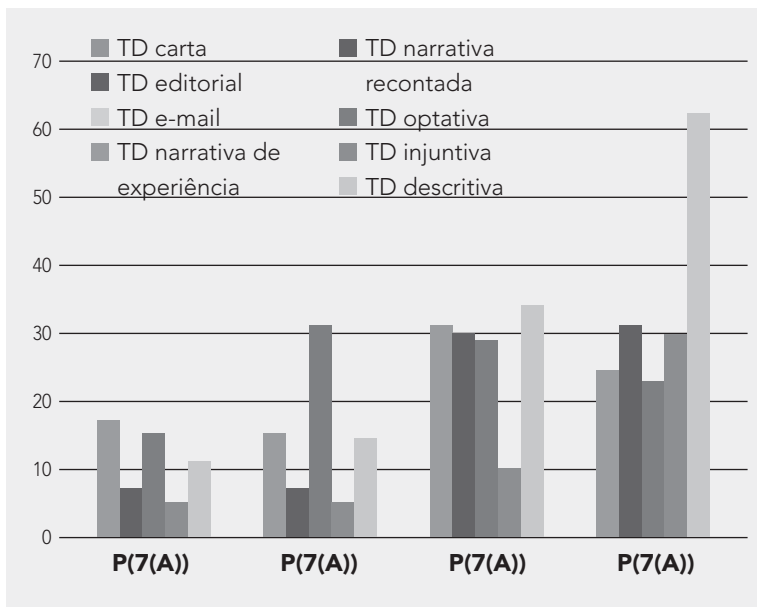


Gráfico 6.3 Frequência de ocorrência do padrão (7) de (A) a (D) nas TDs investigadas.

Os usos de *assim* relacionados ao padrão (7) de (A) a (D) não foram observados na perspectiva diacrônica, nos dados das TDs carta, editorial e *e-mail*. Apesar disso, conforme apontamentos realizados no capítulo anterior, indícios de seu desenvolvimento foram constatados nesses espaços textuais. Diante disso, o Gráfico 6.3 apresenta, especificamente, a frequência de uso desse padrão nas TDs que constituem o banco de dados Iboruna.

A mais alta frequência de uso do padrão (7(A)) foi constatada na TD narrativa de experiência (16: ~ 5,44%), seguida pela TD opinativa (14: ~ 5,71%). O padrão (7(B)) apresentou sua frequência mais alta também na TD opinativa (31: ~ 12,65%). O padrão (7(C)) mostrou-se mais recorrente nos dados extraídos da TD descritiva

(34: ~ 15,04%), seguido pela frequência constatada nas TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e opinativa (31: ~ 10,54%, 30: ~ 14,7% e 29: ~ 11,83%, respectivamente). Por fim, o padrão (7(D)) é mais frequente na TD descritiva (62: ~ 27,43%).

A prototipicidade e não prototipicidade dos padrões de (1) a (7) nas TDs

Com o intuito de especificar as afirmações feitas a partir do Gráfico 6.1, passo a apresentar a quantidade de ocorrências prototípicas (P) e não prototípicas (NP) dos padrões de *assim* de (1) a (7), em cada uma das TDs investigadas.

Em relação ao padrão (1), a Tabela 6.2 ilustra seu perfil de prototipicidade, dada a baixa frequência de seus usos não prototípicos na maior parte das TDs investigadas, assim como ilustra a maior recorrência de seus usos tanto prototípicos como não prototípicos nas TDs editorial e opinativa (cf. Gráfico 6.2). Tais usos não prototípicos apontam para caminhos de mudança distintos, cf. especificado no capítulo anterior:

	P	%	NP	%
TD carta	13	92,85%	1	7,15%
TD editorial	20	86,95%	3	13,05%
TD e-mail	4	100%	0	0%
TD narrativa de experiência	6	100%	0	0%
TD narrativa recontada	4	100%	0	0%
TD opinativa	12	66,66%	6	33,34%
TD injuntiva	4	100%	0	0%
TD descritiva	0	0%	0	0%

Tabela 6.2 P(1) – Complemento Adverbial: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

A TD editorial favorece os contextos de uso desse padrão junto de orações gerundivas, que, por sua vez, favorecem a interpretação metonímica da relação conclusiva, mais abstrata, característica dessa tradição textual. A TD opinativa, enquanto espaço discursivo em que o falante apresenta suas opiniões, expondo-se diante de seu interlocutor, favorece os contextos não prototípicos de uso desse padrão que indiciam relações com seus usos mais abstratos enquanto MD, como o atenuador.

Em relação ao padrão (2), o mais recorrente nos *corpora*, a Tabela 6.3 ilustra seu perfil de não prototipicidade, dada a alta frequência de seus usos não prototípicos na maior parte das TDs investigadas, e sua distribuição equilibrada pelos *corpora* representativos de cada TD, com exceção da TD *e-mail*. Tais usos não prototípicos sinalizam caminhos de mudança distintos, cf. especificado, relacionados aos usos mais interativos do item, apresentados no padrão (7), ou aos usos do item no domínio da junção (padrão (A)), especificamente no que tange à TD editorial:

	P	%	NP	%
TD carta	13	59,09%	9	40,91%
TD editorial	23	53,48%	20	46,52%
TD e-mail	0	0%	0	0%
TD narrativa de experiência	10	24,39%	31	75,61%
TD narrativa recontada	20	52,63%	18	47,37%
TD opinativa	12	31,57%	26	68,43%
TD injuntiva	7	24,13%	22	75,87%
TD descritiva	4	15,38%	22	84,62%

Tabela 6.3 P(2) – Adjunto a Sintagma Verbal: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Também aqui a TD editorial apresenta uma recorrência considerável de contextos que favorecem a interpretação metonímica da relação conclusiva. Por outro lado, a baixa prototipicidade desses usos nos dados das TDs do Iboruna, de modo geral, confirma o aspecto

fluido dos usos do item em sincronia atual. Mais do que isso, em face das demais TDs deste material, a descritiva revela-se como espaço discursivo propício para esse tipo de ambiguidade, provavelmente favorecido pelo caráter descritivo marcante de seus textos e pelas funções mais interativas do item, enquanto MD, seja como atenuador (7(C)) ou sinalizador de construção de quadro mental (7(D)).

Em relação ao padrão (3), a Tabela 6.4 ilustra seu perfil de prototipicidade.

	P	%	NP	%
TD carta	12	92,30%	1	7,7%
TD editorial	16	100%	0	0%
TD e-mail	3	100%	0	0%
TD narrativa de experiência	22	88%	3	12%
TD narrativa recontada	13	68,42%	6	31,58%
TD opinativa	13	100%	0	0%
TD injuntiva	7	70%	3	30%
TD descritiva	9	64,28%	5	35,72%

Tabela 6.4 P(3) – Predicativo do Sujeito: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Os usos não prototípicos desse padrão apontam um caminho de mudança, conforme especificado, relacionado ao seu uso como marcador de atenuação. Indício dessa mudança, constatado na TD carta, confirma-se principalmente nas TDs do Iboruna. Entretanto, enfatizo os seguintes fatos: (i) a TD narrativa de experiência, em que se constata a mais alta frequência de uso do padrão, apresenta baixa recorrência de usos não prototípicos em comparação às TDs narrativa recontada, injuntiva e descritiva; (ii) a TD opinativa não apresenta usos não prototípicos. Esses fatos, no entanto, não serão associados, aqui, a possíveis características dessas TDs, no que tange às suas condições de produção, capazes de prescindir de contextos favorecedores de usos atenuativos. Na verdade, tais contextos, embora não recorrentes em relação a esse padrão nessas TDs, podem

sê-lo em relação a outros padrões que também favorecem o mesmo caminho de mudança.

Nas TDs editorial e *e-mail*, a totalidade de usos prototípicos traz informações distintas: na TD editorial há um bloqueio de contextos em que *assim* realiza a sinalização que permite a ambiguidade; na TD *e-mail*, esse bloqueio não existe. Apenas não foram constatadas ocorrências por causa da baixa frequência de usos.

A Tabela 6.5 ilustra comportamentos distintos do padrão (4):

	P	%	N-P	%
TD carta	4	80%	1	20%
TD editorial	9	64,28%	5	35,72%
TD e-mail	0	0%	0	0%
TD narrativa de experiência	6	26,08%	17	73,92%
TD narrativa recontada	6	54,54%	5	45,46%
TD opinativa	16	66,66%	8	33,34%
TD injuntiva	4	80%	1	20%
TD descritiva	16	64%	9	36%

Tabela 6.5 P(4) – Modificador de Sintagma Nominal: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Com exceção da TD narrativa de experiência, é atestado o perfil de prototipicidade desse padrão. Ainda assim, os usos não prototípicos indicam caminhos de mudança distintos, no que tange às TDs carta e editorial. Enquanto na TD editorial, esses contextos favorecem a interpretação metonímica da relação conclusiva, na TD carta o único contexto dessa natureza indicia um uso atenuativo. Nas TDs do Iboruna, os usos não prototípicos são um pouco mais recorrentes, em especial, nas TDs narrativas. Dado que – tanto aqui como no padrão (3) – a leitura mais abstrata possível, nos contextos de usos não prototípicos, é pautada pela atenuação. A baixa frequência de usos não prototípicos verificada na TD narrativa de experiência em relação àquele padrão é compensada pela alta frequência desses usos no padrão (4), nessa mesma TD.

A Tabela 6.6 apresenta dados do padrão (5), nas TDs investigadas:

	P	%	NP	%
TD carta	3	100%	0	0%
TD editorial	3	60%	2	40%
TD e-mail	0	0%	0	0%
TD narrativa de experiência	5	18,51%	22	81,49%
TD narrativa recontada	4	22,22%	14	77,78%
TD opinativa	2	22,22%	7	77,78%
TD injuntiva	0	0%	9	100%
TD descritiva	7	21,87%	25	78,13%

Tabela 6.6 P(5) – Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificador: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

A alta ocorrência de usos não prototípicos desse padrão nas TDs narrativas, opinativa, injuntiva e descritiva revela um comportamento semelhante do item, em todas essas TDs, intimamente associado à liberdade de posicionamento, à impossibilidade de paráfrase por outros intensificadores e, principalmente, ao valor de intensificação depreendido apenas em seu contexto de frequência. A recorrência desse ambiente nos dados sincrônicos revela que esse padrão favorece sensivelmente a fluidez entre intensificação e atenuação (padrão 7(C)). Ainda assim, o caminho de mudança liga-se aos usos mais concretos, constatados diacronicamente nas TDs carta e editorial, e nesta última os contextos de não prototipicidade permitem leituras conclusivas.

Por sua vez, a Tabela 6.7 refere-se aos usos do padrão (6):

	P	%	NP	%
TD carta	2	100%	0	0%
TD editorial	3	100%	0	0%
TD e-mail	0	0%	0	0%
TD narrativa de experiência	63	100%	0	0%
TD narrativa recontada	34	97,14%	1	2,86%
TD opinativa	33	94,28%	2	5,72%
TD injuntiva	3	100%	0	0%
TD descritiva	3	100%	0	0%

Tabela 6.7 P(6) – Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Essa tabela ilustra o perfil de prototipicidade desse padrão, dada a baixa frequência de seus usos não prototípicos na maior parte das TDs investigadas, além de confirmar sua maior recorrência em contexto de *relato de discurso*, identificado nas TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e opinativa, permitindo associá-las diretamente a espaços textuais favorecedores dos usos desse padrão.

Passo, agora, para o padrão (7), especificamente nos usos do tipo (A):

	P	%	NP	%
TD narrativa de experiência	16	100%	0	0%
TD narrativa recontada	6	100%	0	0%
TD opinativa	14	100%	0	0%
TD injuntiva	4	100%	0	0%
TD descritiva	11	100%	0	0%

Tabela 6.8 P(7(A)) – MD *assim* Indicador de Conteúdo Expressivo: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Esse uso de *assim* como MD, que não apresenta ocorrências não prototípicas nos *corpora*, conforme apontado no início deste capítulo, é mais frequente nos textos que constituem as TDs narrativa de experiência e opinativa, ambas fortemente marcadas pelo traço de expressividade característico das temáticas assumidas no desenvolvimento dos textos, seja no relato de experiências pessoais do falante, seja no relato de suas opiniões.

No padrão (7(B)), somam-se usos prototípicos e não prototípicos, conforme Tabela 6.9:

	P	%	NP	%
TD narrativa de experiência	6	42,85%	8	57,15%
TD narrativa recontada	7	100%	0	0%
TD opinativa	16	51,61%	15	48,39%
TD injuntiva	3	75%	1	25%
TD descritiva	12	85,71%	2	14,29%

Tabela 6.9 P(7(B))– MD *assim* Metadiscursivo: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Nesse padrão, a TD opinativa apresenta os maiores índices de frequência desse uso, distribuídos por ocorrências prototípicas e não prototípicas de forma equilibrada. Em face das demais TDs, seu espaço textual revela-se propício para o emprego do item nessa função, já que o falante preocupa-se com a forma como emite sua opinião, com a preservação da face de seu interlocutor, com a clareza de seus enunciados, alcançada por meio de exemplificações, entre outros aspectos, característicos desse uso.³

A Tabela 6.10 ilustra o perfil de prototipicidade do padrão (7(C)), conforme apontado no início deste capítulo, e indica sua distribuição equilibrada pelas TDs investigadas, com exceção da TD injuntiva, que apresenta a mais baixa frequência de seu emprego:

3 Apesar disso, nenhuma das funções do item nesse padrão é específica de qualquer uma das TDs.

	P	%	NP	%
TD narrativa de experiência	26	83,87%	5	16,13%
TD narrativa recontada	25	83,33%	5	16,67%
TD opinativa	23	79,31%	6	20,69%
TD injuntiva	10	90,90%	1	9,1%
TD descritiva	26	76,47%	8	23,53%

Tabela 6.10 P(7(C)) – MD *assim* Atenuador: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Embora os contextos de não prototipicidade não tenham revelado frequências altas de ocorrência, vários outros padrões de uso de *assim* apresentaram caminhos de mudança possíveis em direção a esse uso atenuador.

Por fim, a Tabela 6.11 apresenta os dados referentes ao padrão (7(D)):

	P	%	NP	%
TD narrativa de experiência	15	60%	10	40%
TD narrativa recontada	17	54,83%	14	45,17%
TD opinativa	12	52,17%	11	47,83%
TD injuntiva	19	63,33%	11	36,67%
TD descritiva	39	62,9%	23	37,1%

Tabela 6.11 P(7(D)) – MD *assim* Sinalizador de Construção de Quadro Mental: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Como já sinalizado, a frequência de emprego de *assim* nesse padrão é alta, mas a prototipicidade de seus usos é baixa em comparação com a dos anteriores, o que se deve ao fato de, em apenas uma localização sintática, seu emprego apresentar o esvaziamento da semântica modal, somado aos ganhos pragmáticos que caracterizam seu funcionamento como dêitico inferível. Além disso, confirma-se a alta ocorrência do item em contextos descritivos, relacionados à descrição de local, conforme Martelotta, constatados principalmente na TD descritiva, mas também à descrição de eventos e fatos – que

o falante narra detalhadamente – e à descrição de seus pensamentos e opiniões e de procedimentos, desejando promover a interação e prender a atenção do ouvinte, como se constata nas demais TDs.

Relações dos padrões de (1) a (7) com as TDs

Essa comparação entre os padrões de *assim* nas diferentes TDs mostra que:

(a) se, de um lado, alguns padrões das TDs carta e *e-mail* aproximam-se, sensivelmente, dos comportamentos funcionais de padrões nas TDs do Iboruna, de outro, a TD editorial distancia-se desses comportamentos, apresentando desempenhos funcionais mais categóricos e concretos de cada um dos padrões, conforme é esperado de acordo com o *continuum* de gêneros textuais, denominável a partir de uma utilização metodológica da dicotomia fala/escrita, de acordo com Koch e Oesterreicher (1997), entre outros.

Entretanto, a análise aqui desenvolvida mostra também que mesmo os contextos dos padrões na TD editorial representam importantes ambientes de ambiguidade/não prototipicidade, tornando-se básicos para determinados caminhos de mudança, além de mostrar que, igualmente, os padrões podem ser observados nas TDs independentemente do meio semiótico em que são configuradas. A exceção, caracterizada no padrão (7), observado exclusivamente nas TDs do banco de dados Iboruna, não deve esconder, no entanto, que seu processo de desenvolvimento gramatical foi verificado em quase todas as TDs.

Esse tipo de constatação extrapola os limites de qualquer *continuum* de gêneros, já que aproxima contextos favorecedores da mudança linguística sem respeitar os domínios de gêneros próximos nesse *continuum*, indicando, portanto, a heterogeneidade constitutiva da língua.

Como consequência de (a), a comparação entre os padrões de *assim* nas TDs investigadas mostra também que:

(b) alguns padrões apresentam características especialmente depreendidas em TDs específicas;

(c) outros apresentam, ao contrário de (b), características gerais, independentemente das TDs.

Em relação à (a), o P(1) – *Complemento Adverbial* aponta essa divisão das TDs focalizadas em dois grupos – a TD editorial, de um lado, e as TDs do Iboruna, a TD carta e a TD *e-mail*, de outro – no que diz respeito à caracterização do paradigma verbal constatado no desempenho da função. De modo geral, nos dados extraídos da TD editorial, esse paradigma, composto dos verbos *pensar*, *proceder* e *falar*, mostrou-se bastante restrito, em comparação àquele observado nos dados extraídos das demais TDs. A especialização de *assim*, nesse padrão, dentro da TD editorial, aponta diretamente para um contexto menos aberto a mudanças, em que as relações estão mais estabilizadas (Hopper, 1996). Apesar disso, tal estabilidade não é total, uma vez que a TD editorial também favorece a mudança de *assim* a juntor conclusivo, representando até mesmo a maior frequência de contextos favorecedores de mudança, diacronicamente, em comparação com a TD carta.

O P(3) – *Predicativo do Sujeito* também apresentou uma relação funcional entre as TDs do Iboruna e as TDs carta e *e-mail*, especialmente nos contextos encapsuladores, nas possibilidades de sinalização realizadas pelo item e nos tipos formais de seus referentes. Em distinção, os dados da TD editorial apresentaram restrições quanto ao tipo de referente formal sinalizado pelo item nesse padrão, a saber, equivalente apenas a porções tópicas maiores. Além disso, a TD editorial também revelou uma recorrente presença do item em construções cristalizadas, de semântica volitiva ou condicional. Embora nos dados da TD carta também tenham sido encontradas construções cristalizadas de valor condicional, como nos da TD editorial, o comportamento semântico-funcional dessas construções mostrou-se distinto em cada uma das TDs, o que é insuficiente, portanto, para relacioná-las.

Também o P(5) – *Modificador de Sintagma Adjetival com função intensificadora* relaciona-se com (a). Nos dados da TD editorial, foi possível constatar predominância de seus usos mais concretos, em comparação com os usos observados nas demais TDs, i.e., em

contextos de advérbio no núcleo do sintagma intensificado, sem coocorrência com o intensificador *tão*, embora admitindo paráfrase ou coocorrência com esse item. Comparativamente, as ocorrências das TDs do Iboruna foram as que evidenciaram maior predominância de seus usos mais abstratizados, em que primeiro se verificou a possibilidade de comutação por intensificadores diferentes de *tão* e, em seguida, a impossibilidade de comutação por *tão* ou outro item da mesma categoria, a partir da apreensão da acepção/função intensificadora no próprio contexto, marcado pela presença de intensificadores. Embora os dados da TD carta não obedeçam ao mesmo grau de abstração, ainda mantêm relações semântico-funcionais mais estreitas com os usos dessas TDs que daquelas.

Em relação à (b), o aspecto mais relevante do P(4) – *Modificador de Sintagma Nominal* pode ser apreendido nas ocorrências das TDs do Iboruna e refere-se à importante abertura contextual que estende seu uso para uma localização também entre N e Compl/Mod. Essa abertura representa, nos dados analisados, indício da emergência de novas funções gramaticais do item, por isso acessíveis em novos contextos.

Também relacionados à (b), os funcionamentos de (A) a (D) do P(7) – MD *assim* estão associados às TDs do Iboruna, de acordo com a própria funcionalidade da categoria a que pertencem. Entretanto, a partir da escala de prototipicidade de cada um dos respectivos funcionamentos do item como MD, podem-se observar diferentes relações com os demais padrões e com os processos constitutivos do texto colocados em prática em contexto do item *assim*.⁴

Por fim, o funcionamento do P(6) – *Sinalizador de Mudança da Instância Discursiva* ilustra (c), já que se mostra muito semelhante em todas as TDs, com diferencial apenas relativo à natureza dos segmentos sinalizados preferencialmente.⁵

4 Essa relação será focalizada em seções subsequentes conforme cada tipo de funcionamento do MD *assim*.

5 Nos dados das TDs editorial e carta, *assim* sinaliza preferencialmente OD e Adj. Modal, enquanto em suas ocorrências nas TDs do Iboruna sinaliza preferencialmente discurso direto. No entanto, nessas TDs também se apresentam ocorrências com a mesma natureza daquelas das TDs editorial e carta.

No domínio sincrônico, no âmbito das TDs do Iboruna e da TD *e-mail*, também foram constatadas algumas relações que se coadunam a limites fluidos entre os padrões (1) e (2); (1) e (6);⁶ e (2) e (6) (para rever exemplos desses contextos fluidos, cf. (5-09), (5-04) e (5-54), respectivamente). Nessa direção, é possível constatar que esses padrões, claramente distintos, nos dados diacrônicos, apresentam contextos sincrônicos em que os limites tornam-se menos discretos.

6.4 Padrões de (A) a (D)

A partir do Gráfico 6.1 e da Tabela 6.1, segue a sistematização da frequência aí apresentada, nos padrões de (A) a (D), em cada TD focalizada, conforme Gráfico 6.4:

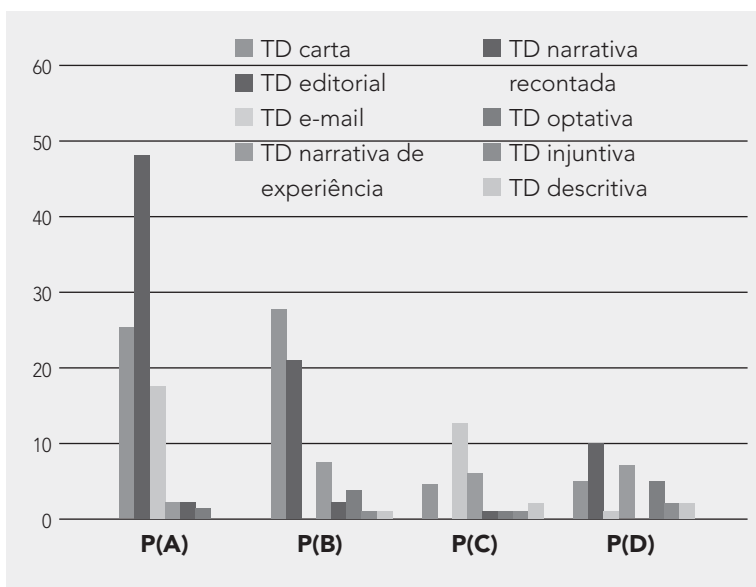


Gráfico 6.4 Frequência de ocorrência dos padrões (A), (B), (C) e (D) nas TDs investigadas.

6 Os usos de (1) próximos aos de (6) na TD *e-mail* podem restringir a ocorrência do padrão (6) nessa TD.

A partir do Gráfico 6.4, em relação ao P(A) – P *assim* Q, diacronicamente, evidencia-se, nos dados da TD editorial, a maior frequência de emprego do item (48 ocorrências: ~ 25,66% em comparação com 26: ~ 20,47% na TD carta); sincronicamente, destaco a frequência significativa constatada na TD *e-mail* (17: ~ 43,58%) em face da baixa recorrência observada em relação aos demais padrões já analisados, com exceção apenas do padrão (1) (~ 10,25%). Foi constatada uma baixa frequência nas TDs narrativa de experiência (2: ~ 0,68%), narrativa recontada (2: ~ 0,98%) e opinativa (1: ~ 0,4%). Embora pareça insignificante, essa baixa frequência dos usos do item nessa função, nas TDs do Iboruna, representa um estágio avançado de sua GR, já que o demonstra como um item que desempenha uma função não recorrente nessa TD, em que a relação conclusiva, na maior parte das vezes, é inferida a partir do contexto.

O P(B) – P *assim como* Q apresenta maior frequência de uso, na perspectiva diacrônica, na TD carta (28: ~ 22,04% em comparação com 22: ~ 11,76 na TD editorial). Na TD carta, são mais recorrentes os usos desse padrão referentes às funções *comparativa não correlativa*, *comparativa correlativa* e *coordenativa aditiva*, enquanto, na TD editorial, são mais recorrentes seus usos referentes à função *conformativa*. Sincronicamente, a TD narrativa de experiência destaca-se em relação às demais (8: ~ 2,72%). A função *conformativa* é a menos recorrente nesses dados.

O P(C) – *Assim que* Q, P apresenta usos diacrônicos apenas na TD carta (5 ocorrências: ~ 3,93%) e revela-se recorrente, sincronicamente, na TD *e-mail* (13: ~ 33,33%). Entre as TDs do Iboruna, a narrativa de experiência é a que revela maior recorrência de seus usos (6: ~ 2,04%).

Por fim, o P(D) – P *mesmo assim* Q é mais recorrente, diacronicamente, na TD editorial (10: ~ 5,34% contra 5: ~ 3,93% na TD carta); na perspectiva sincrônica, o maior número de casos é constatado na TD narrativa de experiência (7: ~ 2,38%).

A prototipicidade e não prototipicidade dos padrões de (A) a (D) nas TDs

Com o intuito de especificar as afirmações feitas a partir dos gráficos 6.1 e 6.4, apresento a quantidade de ocorrências prototípicas (P) e não prototípicas (NP) dos padrões de *assim* de (A) a (D), em cada uma das TD investigadas.

Nessa direção, em relação ao padrão (A) – P *assim* Q, segue a Tabela 6.12:

	P	%	NP	%
TD carta	5	19,23%	21	80,77%
TD editorial	20	41,66%	28	58,34%
TD e-mail	7	41,17%	10	58,83%
TD narrativa de experiência	1	50%	1	50%
TD narrativa recontada	0	0%	2	100%
TD opinativa	0	0%	1	100%
TD injuntiva	0	0%	0	0%
TD descritiva	0	0%	0	0%

Tabela 6.12 P(A) – P *assim* Q: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Apesar da alta recorrência do padrão na TD editorial, coerentemente de acordo com as características dessa tradição, os usos não prototípicos distribuem-se por todas as TDs, inclusive nesses textos,⁷ apresentando sua maior recorrência na TD carta.⁸ Em relação às TDs *e-mail* e às do banco de dados Iboruna, a predominância

7 Na TD editorial, os usos não prototípicos relacionam-se à coocorrência de [e] + [assim] (40%), ao contexto de oração gerundiva com verbo *ser* (*sendo assim*) (25%), à coocorrência de [e] + [*sendo assim*] (15%), não observada na TD carta, à posição não inicial de Q (15%) e à coocorrência com *pois* (5%).

8 Relacionados à coocorrência de [e] + [assim] (45,45%), à presença de SS (Segmento Sintetizador) (18,18%), à ambiguidade semântica, à coocorrência com *pois*, à integração em construção gerundiva com verbo *ser* [*sendo assim*] + [posição não inicial em Q] (9,09% cada); a contexto de *assim sendo* (4,54%) e de coocorrência de *assim* com [*pois*] + [SS] (4,54%).

dos usos não prototípicos indica que o processo, observado diacronicamente, reflete-se nos dados da sincronia.⁹

Restam algumas considerações importantes. A primeira é que, especificamente em relação à TD editorial, chama a atenção o fato de que a grande recorrência do item nesse padrão, distribuída por usos prototípicos e não prototípicos, é marcada por 100% de seus usos prototípicos no funcionamento mais abstrato do item, no domínio epistêmico. Além disso, os usos identificados como não prototípicos, na TD editorial, representam: alta recorrência do contexto mais relevante para a emergência do padrão (40% de [e] + [assim]); alta recorrência de contextos de oração gerundiva com verbo *ser* (25% de *sendo assim*), o qual, conforme análise, indica estágio avançado de seu desenvolvimento. A partir dessas considerações, é possível afirmar que a TD editorial favorece não só contextos prototípicos de ocorrências mais abstratas do padrão como também, ao não bloquear os contextos não prototípicos, aqueles especialmente voltados ao processo de mudança e à reanálise em seus estágios mais avançados, em que a ambiguidade semântico-formal é reduzida. Isto é, ao apresentar usos mais gramaticalizados, de acordo com as características da própria TD, que se constitui em contextos mais abstratizados, não deixa de apontar, da mesma forma, para contextos que favorecem a ambiguidade e, assim, a mudança linguística.

Uma segunda consideração importante é a aproximação, novamente, das TDs carta e *e-mail* das TDs do Iboruna (TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e opinativa, nesse caso), a partir da predominância de contextos não prototípicos, favorecedores, principalmente, de estágios iniciais da mudança que leva ao padrão, em que a ambiguidade semântica está fortemente presente.

9 Em relação às TDs do banco de dados Iboruna, os contextos de usos não prototípicos associam-se, em 100% dos casos, à coocorrência de [e] + [assim] e à ambiguidade semântica, devendo-se observar que, em 25%, essa coocorrência verifica-se em posição não inicial de Qe, em 25%, em contexto de SS. Em relação à TD *e-mail*, associam-se, em 41,66%, à coocorrência com *pois* (frequência mais alta desse tipo de contexto em todas as TDs; entretanto, vale lembrar que, em textos de *e-mail*, a sequência constatada é [pois] + [assim]); em 41,66%, a contextos de ambiguidade semântica e, em 8,3%, à presença de SS.

A partir dessas considerações, observo que o mesmo padrão apresenta estágios de desenvolvimento distintos, ou na mesma direção que, determinadas TDs, como a editorial que, por conta do tipo de ambiente discursivo-textual que predomina em sua própria caracterização, favorecem usos prototípicos e, ao mesmo tempo, privilegiam determinados contextos capazes de favorecer também o processo de mudança que leva a esses usos; as TDs *e-mail*, narrativas e opinativa, entretanto, indicam um processo de desenvolvimento diferenciado e marcado, necessariamente, por contextos mais concretos, que, embora não deixem de favorecer a mudança linguística em direção ao padrão, o fazem a partir de contextos de ambiguidade indicativos de estágios mais iniciais do processo.

Por sua vez, a TD carta também se apresenta como espaço que permite flutuação e mudança, mas necessariamente relacionado às suas condições de produção, isso porque, no *corpus*, as cartas pessoais (CP, BN, FF) favoreceram as relações com as TDs que representam nosso recorte sincrônico, enquanto cartas em mídia (LR), especialmente as de redatores, relacionaram-se com o comportamento da TD editorial, em que as ocorrências do padrão são mais gramaticalizadas.

A Tabela 6.13 apresenta dados relativos ao padrão (B) – *P assim como B*:

	P	%	NP	%
TD carta	20	71,42%	8	28,58%
TD editorial	19	86,36%	3	13,64%
TD e-mail	0	0%	0	0%
TD narrativa de experiência	6	75%	2	25%
TD narrativa recontada	1	50%	1	50%
TD opinativa	2	50%	2	50%
TD injuntiva	1	100%	0	0%
TD descritiva	0	0%	1	100%

Tabela 6.13 P(B) – *P assim como B*: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Embora a TD carta apresente a maior frequência de usos prototípicos e não prototípicos¹⁰ desse padrão, na TD editorial, apesar de suas características tradicionais, foram também depreendidos contextos de não prototipicidade¹¹ nos usos dessa locução. Nas TDs do Iboruna, em que o padrão não se mostrou muito recorrente, a TD narrativa de experiência apresentou a frequência mais alta e diversificada de seus usos. Além disso, sua distribuição por usos prototípicos e não prototípicos, nesse domínio, indica um processo de mudança em curso, conforme análise anterior.¹²

Os dados mostram que a TD carta é a que mais favorece os usos das funções *comparativa correlativa*, *comparativa não correlativa* e *coordenativa aditiva* do padrão e, conseqüentemente, a maior recorrência de contextos não prototípicos favoráveis à mudança. Destaco, em especial, o fato de que, apesar de as TDs do Iboruna não favorecerem a ocorrência desse padrão, de modo geral, ainda assim apresentam uma exclusiva abertura contextual, em que *assim* coocorre com *que nem* em processo que parece representar uma nova estrutura para a construção. Portanto, essas TDs podem ser caracterizadas como ambientes propícios para a mudança, assim como aquelas. Por sua vez, a função *conformativa* do padrão, constatada apenas em ocorrências prototípicas, é recorrente nos dados extraídos da TD editorial.

Essas considerações levam à confirmação, já esperada, de que a TD carta e as TDs do Iboruna apresentam-se como espaços discursivo-pragmáticos favorecedores da colocação em prática dos processos de mudança, que se indiciam nos contextos de ambigüidade ou

10 A ambigüidade contextual relaciona-se: à presença de advérbios, favorecendo o surgimento do traço *comparativo*; à coocorrência de outra conjunção, favorecendo a emergência do traço *aditivo*; e a determinadas colocações pronominais, associadas ao entrelaçamento de estruturas, evidenciado na construção em suas funções *comparativa correlativa*, *comparativa não correlativa* e *coordenativa aditiva*.

11 Relacionados ao entrelaçamento de estruturas e à contigüidade de *assim como* e *também*.

12 Contextos de coocorrência de [*assim como*] + [*também*], ilustrando fluidez entre as funções *comparativa correlativa* e *coordenativa aditiva*, e contextos em que, apesar de contíguos sintagmaticamente, *assim* e *como* não configuram exemplos da construção reanalisada. Além disso, os dados extraídos dessas TDs apresentam uma abertura contextual em que coocorrem *assim* e *que nem* para a constituição da construção, favorecendo possível reanálise futura.

não prototipicidade, e a TD editorial, como ambiente em que florescem, evidentemente, as funções mais prototípicas, estabilizadas e abstratizadas. Apesar disso, os dados mostram também que os contextos de ambiguidade, de modo geral, são observados, ainda que em menor frequência, na TD editorial, com as mesmas características constatadas nas demais TDs, o que configura a heterogeneidade da língua e a relação dessa TD com o processo de mudança.

No que diz respeito ao padrão (C) – *Assim que* Q, P, foram constatadas apenas duas ocorrências de usos não prototípicos, em dados diacrônicos da TD carta,¹³ o que aponta para um processo de GR avançado. Apesar disso, usos específicos, destacados na análise, sugerem novas mudanças, principalmente no que tange às relações aspectuais envolvidas no complexo articulado pela locução:

	P	%	NP	%
TD carta	3	60%	2	40%
TD editorial	0	0%	0	0%
TD e-mail	13	100%	0	0%
TD narrativa de experiência	6	100%	0	0%
TD narrativa recontada	1	100%	0	0%
TD opinativa	1	100%	0	0%
TD injuntiva	1	100%	0	0%
TD descritiva	2	100%	0	0%

Tabela 6.14 P(C) – *Assim que* Q, P: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Observam-se, na TD carta, contextos em que a construção opera prototipicamente, como nos dados sincrônicos, e, também, importantes contextos que permitem a apreensão de aspectos relevantes para o processo de mudança que leva ao seu funcionamento prototípico, i.e., essa TD, diferentemente da TD editorial, reflete aspectos importantes da emergência da função temporal da constru-

13 Caracterizados (conforme análise) pela coocorrência com o advérbio temporal *logo*.

ção. Na TD *e-mail*, o padrão configura um dos usos mais recorrentes de todos os padrões de *assim* e de suas formas correlatas, permitindo afirmar que essa TD favorece empregos prototípicos da construção. Nas TDs do Iboruna, evidenciam-se os usos mais abstratos/gramaticais do padrão, em que é possível tanto sua paráfrase por *logo que*, como nos demais casos de seus usos prototípicos nas TDs carta e *e-mail*, como por *mal*. Nessa direção, 66,66% (~ 4) das ocorrências do padrão, na TD narrativa de experiência, e 100% de suas ocorrências na TD descritiva permitem paráfrase por *mal*, o que não se constata nas ocorrências das demais TDs. Esse fato indicia um prosseguimento do caminho de mudança do item, nesse padrão, em direção a maior abstração de sua aceção temporal.

Mais uma vez, a relação entre as TDs carta, *e-mail* e TDs do Iboruna pode ser estabelecida, tanto porque o processo de mudança, observado diacronicamente na TD carta, encontra resultados nas demais TDs, como porque já nessa TD, em perspectiva diacrônica, seus usos prototípicos puderam ser observados, semelhantemente aos constatados nas demais TDs. Além disso, destaco a alta recorrência dos usos desse padrão na TD *e-mail*, o que a caracteriza como um espaço que lhe é favorecedor.

Por fim, a Tabela 6.15 ilustra o perfil de não prototipicidade e de mudança em curso do padrão (D) – P *mesmo assim* Q:

	P	%	NP	%
TD carta	1	20%	4	80%
TD editorial	6	60%	4	40%
TD e-mail	0	0%	1	100%
TD narrativa de experiência	2	28,57%	5	71,43%
TD narrativa recontada	0	0%	0	0%
TD opinativa	2	40%	3	60%
TD injuntiva	1	50%	1	50%
TD descritiva	1	50%	1	50%

Tabela 6.15 P(D) – P *mesmo assim* Q: frequência de usos prototípicos e não prototípicos.

Diacronicamente, a TD carta apresenta 80% das ocorrências em contextos não prototípicos favorecedores da mudança que leva ao padrão¹⁴ (contra 40% de suas ocorrências nos dados da TD editorial)¹⁵. Sincronicamente é também elevada a frequência de seus usos não prototípicos.¹⁶

A TD carta apresenta-se, na maior parte de suas ocorrências, em contextos ainda não reanalisados, mas favorecedores da emergência da acepção e do funcionamento juntivo contrastivo de *mesmo/ainda assim*. De forma semelhante, embora em menor recorrência, a TD *e-mail* e as TDs do Iboruna também se apresentam fortemente marcadas pela não prototipicidade. As TDs que caracterizam o recorte sincrônico não se revelam como ambientes favorecedores do emprego do padrão, constatado em frequência muito baixa. Por sua vez, a TD editorial favorece tais usos e apresenta-os, na totalidade de suas ocorrências, em contextos reanalisados. Entretanto, esses contextos continuam permeados por traços concessivos, adversativos e/ou condicionais, por vezes até de forma contígua, indicando, além do próprio desenvolvimento dessa construção, também a justificativa de sua acentuada fluidez entre concessão e adversidade. Ainda assim, em comparação com as ocorrências das demais TDs, especialmente com a TD carta, as verificadas na TD editorial encontram-se em estágio mais avançado de gramaticalidade.

Desse modo, para além das relações entre as TDs carta, *e-mail* e TDs do Iboruna e a partir dos contextos não prototípicos, é possível apontar também um processo de mudança que ainda se revela em trânsito, mesmo na TD que favorece os usos prototípicos do padrão, já que na TD editorial 40% de suas ocorrências equivalem a usos não prototípicos, e mesmo os prototípicos encontram-se em ambientes

14 Observam-se contextos em que não há reanálise de *ainda/mesmo* e *assim*, contextos de ambiguidade, que viabilizam paráfrases tanto por *apesar disso* como por *do mesmo modo*, e de coocorrência com *mas*.

15 Coocorrência com *mas*, liberdade posicional ou possibilidade de paráfrase por *do mesmo modo*.

16 Casos de ambiguidade semântica e relações de contiguidade sintagmática, associadas a fatores prosódicos ou à coocorrência com *mas*.

marcados por traços semântico-formais característicos de contextos que favoreçam a emergência da construção. Ou seja, em comparação com os demais padrões, esse apresenta fortes indícios de um processo de mudança em curso.

Relações dos padrões de (A) a (D) com as TDs

De acordo com o Gráfico 6.4, as diferentes TDs parecem favorecer determinados tipos de ocorrência dos padrões juntivos de *assim*. Enquanto na TD editorial são mais recorrentes os padrões (A) – P *assim* Q (conclusivo), (B) – P *assim como* Q (conformativo), e (D) – P *mesmo assim* Q (contrastivo), na TD *e-mail* são mais recorrentes os padrões (A) – P *assim* Q (conclusivo) e (C) – *Assim que* Q, P (temporal). Por sua vez, os dados da TD carta distribuem-se por todos os padrões.

Com esses resultados, não estou sugerindo que todos os padrões não possam ocorrer em todas as TDs, o que seria impossível do ponto de vista sistêmico da língua, mas estou sugerindo, sim, uma relação intrínseca entre as respectivas TDs, suas condições de produção e a complexidade das relações semânticas estabelecidas.

Na TD carta, a distribuição dos usos por todos os padrões, e consequentemente por diferentes graus de complexidade semântica, se deve às características generalizantes das condições de produção dessa TD, já que, nela, encontram-se textos marcados por condições de intimidade (cartas pessoais), de publicidade (cartas em mídia, em especial as de redatores), de submissão (cartas de aldeamento de índios), entre outras, especificamente delimitáveis em suas *seqüências*.

A TD editorial marca-se por usos não só mais prototípicos dos diferentes padrões, como principalmente por padrões cujo grau de complexidade semântica das relações estabelecidas é mais alto. O padrão (A), por exemplo, embora recorrente nas demais TDs, nessa apresenta-se sempre no domínio epistêmico. De fato, as condições de produção da TD editorial favorecem esse tipo de constatação, uma vez que privilegiam dimensões da ação comunicativa voltadas para o protesto, a refutação, a negação, a objeção, o repúdio, a recusa, a

oposição, entre outras marcadas de maneira intrínseca pela atividade fortemente argumentativa, pública e planejada.

A TD *e-mail* favorece os usos do padrão (A), ainda que não prototípicos, em detrimento de todos os demais processos conjuntivos capazes de estabelecer coordenação conclusiva. No *corpus* dessa TD, não foi encontrada sequer uma ocorrência de quaisquer outras conjunções capazes de desempenhar tal papel. Isso indica a adoção – em *e-mails*, estreitamente relacionados à concepção oral de texto – do mecanismo mais simples possível para o desempenho de tal função. Chamo a atenção para a ocorrência zero de usos desse padrão no domínio epistêmico e, ainda, para a alta frequência de usos não prototípicos, fortemente associados às ocorrências mais concretas do item enquanto advérbio modal. Na mesma direção, a adoção do padrão (C), altamente recorrente nessa TD, em comparação com os demais, também se faz mediante o mesmo aspecto: a imediaticidade do *e-mail*, como forma de comunicação quase *on-line*, privilegia o uso desse jutor, intrinsecamente associado à questão da marcação aspectual do tempo.

Este trabalho preconizou o tratamento da TD a partir de unidades textuais, mantendo, assim, a coerência entre as quantidades de textos analisados, independentemente de suas dimensões – em relação ao número de palavras, por exemplo. Além disso, revelou que a TD *e-mail* favorece o emprego específico desses padrões e mostrou, ao mesmo tempo, que os dados dessa TD relacionam-se com os das TDs do Iboruna. Por outro lado, este trabalho também revelou, na TD *e-mail*, um perfil marcado pela frequência mais alta de usos conjuntivos do item em comparação com as TDs do Iboruna, o que indicia, mais uma vez, o caráter heterogêneo da língua.

A análise específica da relação quantitativa de usos prototípicos e não prototípicos de cada padrão indica que, diacronicamente, a TD carta, em comparação com a editorial, é a que mais favorece os contextos de emergência das construções focalizadas, apresentando maior recorrência de usos ambíguos ou não prototípicos em cada padrão. No entanto, a TD editorial volta-se diretamente para os contextos relacionados ao padrão (A), tanto no que tange aos seus

empregos prototípicos como no que diz respeito a contextos de ambiguidade, importantes para o desenvolvimento do funcionamento desse padrão. Além disso, embora com menor frequência, a TD editorial apenas no padrão (C) deixou de apresentar ocorrências não prototípicas, o que comprova que, apesar das condições de produção e das características genericamente atribuídas a essa TD, ela não se restringe unicamente ao que é esperado na língua.

Na perspectiva sincrônica, essa tendência é acompanhada pelas TDs do Iboruna, com exceção do padrão (C) – *Assim que* Q, P, que apresenta exclusivamente usos prototípicos.

Essas considerações tendem a apontar para duas generalizações relacionadas ao processo de GR: (i) determinados aspectos gramaticais podem se desenvolver, via GR, a partir de pressões contextuais favorecidas pelas características de determinadas TDs; e (ii) determinados aspectos gramaticais podem se desenvolver, via GR, independentemente das características de determinadas TDs, de modo a indicar aspectos da heterogeneidade constitutiva da língua.

“Para onde olhar...”

A análise realizada neste capítulo, permeada por considerações de natureza mais quantitativa, permitiu que algumas constatações importantes pudessem ser realizadas a partir da observação da frequência de emprego dos padrões em cada TD analisada. Essas constatações dizem respeito ao comportamento do item e de formas correlatas sincrônica e diacronicamente nas TDs e à determinação do papel de tais TDs em direcionamentos específicos da mudança de um padrão a outro. Assim, foi possível mostrar a forma como as TDs privilegiam ou não determinados caminhos de mudança, a partir da correlação entre as características dessas TDs e a frequência de contextos prototípicos ou não prototípicos constatados nelas.

Tais constatações direcionam o olhar, pretendido aqui de modo especial, para a apreensão do indício de que TDs mediadas pela escrita são transpassadas por traços de oralidade, a depender da TD, em maior ou menor grau. Nessa direção, encontra-se a aproximação do funcionamento de determinados padrões nas TDs carta, *e-mail* e TDs do banco de dados Iboruna. Como um aspecto da heterogeneidade da língua, alguns padrões apresentam traços especialmente voltados para TDs específicas, no caso caracterizadas medialmente pela oralidade. Entretanto, não se pode esquecer que o processo de desenvolvimento desses traços inicia-se, diacronicamente, também nos domínios das demais TDs, com especial destaque para a TD carta (tanto em relação à abertura contextual referente ao padrão (4), quanto aos usos específicos do item que desempenham papel importante no desenvolvimento de MDs com funções específicas, conforme análise prévia). Como a forma mais direta de observação da heterogeneidade, um mesmo padrão de uso apresentou-se também sem distinções consideráveis relacionadas às TDs, independentemente das suas bases semióticas.

Nessa direção, TDs assentadas sobre bases semióticas distintas apresentam concepções textuais marcadas pela heterogeneidade entre o oral e o escrito, ou seja, a concepção do texto é independente do meio em que se realiza. Ainda na perspectiva apresentada, o com-

portamento detalhado da TD editorial, distinto em vários aspectos relativos às demais TDs, também é indicativo dessa heterogeneidade, dado que, mesmo nesse espaço textual caracterizado como mais formal e mais estabilizado de acordo com a norma linguística, os contextos de usos não prototípicos são altamente recorrentes, garantindo as condições necessárias para a reanálise e mudança, ainda que essa mudança apresente rumos bastante específicos.

7

PARA UMA ANÁLISE DA FUNCIONALIDADE DE *ASSIM* EM CONTEXTOS DE PROCESSOS TEXTUAL-INTERATIVOS

7.1 Considerações iniciais

Este capítulo tem como objetivo central analisar o funcionamento do item *assim* em contextos das estratégias de construção textual *parentetização*, *paráfrase*, *correção*, *repetição* e em contexto do fenômeno intrínseco da oralidade *hesitação*, de acordo com a perspectiva textual-interativa, nas TDs investigadas, com o intuito de estabelecer uma relação entre o funcionamento desse item, no contexto desses processos de constituição e de processamento do texto, e o de seus usos fora desses domínios funcionais, detalhados no Capítulo 5. O objetivo desta investigação é confirmar ou não a hipótese inicial de existência de uma relação entre o funcionamento do item, no que tange a essas estratégias, e seu processo de GR. A comprovação dessa relação pode sustentar uma nova possibilidade de abordagem dos contextos favorecedores desse tipo de mudança.

Nessa direção, abordo uma análise específica: das classes de *parênteses*, a partir da definição de seu foco, suas subclasses e das suas funções textual-interativas, na Seção 7.2; do tipo de *paráfrase*, a partir de aspectos formais e semânticos, e das suas funções na interatividade textual, na Seção 7.3; da operacionalização e dos aspectos linguísticos e interativos das correções em contextos de *assim*, na Seção 7.4; da produção, da cadeia linguística do segmento repetido e

sua funcionalidade, na Seção 7.5; e das formas de materialização da hesitação, dos seus tipos e funções, na Seção 7.6. São os resultados dessa análise que viabilizarão o estabelecimento de relações entre a funcionalidade de *assim* em contextos dos processos focalizados e as TDs, na Seção 7.7, e, por fim, o estabelecimento das relações funcionais de *assim*, na Seção 7.8.

7.2. A funcionalidade de *assim* em contexto de parêntese

A análise das ocorrências de *assim* em contexto de parêntese¹ será iniciada com a exposição dos dados extraídos da TD carta:

(7-01) A Facção ainda alardea manobra as eleições da ma- | neira a mais escandalosa, e em todas as partes: chama soldados | para diligencias de S.A.: (*assim ao menos se diz*) trama por tudo a | intriga: ameaça só assassínios aos que pensa nas Villas A=Agentes da reacção: mil outras coizas faz, entretanto que os cha- | mados bons da Capital nem mais falhão, eté por isso já se fazem | suspeitos. [BNXIX-11/04]

Em (7-01), a inserção parentética vem indicada pelo sinal gráfico característico dessa estratégia em textos escritos, nem sempre presente, no entanto, em todas as suas manifestações, como se pode-

1 Na perspectiva textual-interativa, o parêntese é definido como inserção no segmento tópico (ST), capaz de interferir em sua centração, e, por isso, é identificado como *desvio tópico*, que juntamente com as *marcas de natureza formal* torna-se básico para a identificação e delimitação do segmento parentético. Segundo Jubran (1996a, 1996b, 2006b, p.39), a operacionalização do primeiro critério identificador do parêntese, o *desvio tópico*, depende do reconhecimento da sua natureza relacional, uma vez que o fato parentético só pode ser reconhecido em relação à unidade de análise tópico discursivo, dentro da qual ele ocorre. A definição do segmento parentético apoia-se analiticamente no princípio da centração tópica (Jubran, 2006b), para que se possa verificar a suspensão tópica efetuada por ele. Por sua vez, o segundo critério, relativo às *marcas formais* de inserção parentética, pode ser observado no segmento parentético e no segmento-contexto. Essas marcas, de natureza textual e prosódica, englobam aspectos como a ausência de conectores, pausas nos limites do parêntese e/ou aceleração de velocidade e rebaixamento de tessitura.

rá verificar. O parêntese, inaugurado por *assim*, localiza-se especificamente em meio a um contexto de listagem:

chama soldados | para diligencias de S.A.:

(*assim ao menos se diz*)

trama por tudo a | intriga:

ameaça só assassínios aos que pensa nas Villas Agentes da reacção:

mil outras coizas faz

Evidencia-se que *assim*, em E2,² é responsável pela instauração de um movimento: (i) *anafórico*, que sinaliza toda a porção textual que configura o contexto tópico no qual ocorre a inserção – E1 como um todo; e também (ii) *catafórico*, já que a continuidade da listagem, em E3, não permite afirmar uma limitação da abrangência do alcance desse parêntese apenas à porção tópica que lhe é anterior.

Em todas as ocorrências em contextos parentéticos, *assim* é responsável pelo caráter remissivo do parêntese no qual se insere. Dessa forma, isoladamente, sua função restringe-se a esse aspecto fórico. No entanto, o item é sempre parte integrante de E2. A partir dessa constatação, as análises que seguem focalizam, primeiramente, as características fóricas do item, tal como no parágrafo anterior, e, em seguida, a funcionalidade do segmento parentético como um todo, incluindo aí o item *assim*.

Em (7-01), E2 integra a classe dos parênteses com *foco no locutor*, apontando para o seu descomprometimento com a veracidade do conteúdo comunicado. A função textual-interativa desse parêntese é *atribuir pontos de vista sobre o assunto a fontes não identificadas* textualmente, i.e., o escrevente explicita, no texto, por meio da inserção parentética, a sua avaliação quanto ao significado de seus enunciados, já que procura se eximir da responsabilidade do que é dito, a partir da fundamentação desse conteúdo no “ouvir di-

2 Conforme Delomier e Morel (1986 apud Jubran, 2006b, p.317), o trecho tópico em que o parêntese é observado pode ser segmentado em: E1, correspondente ao segmento anterior ao parêntese; E2, correspondente ao parêntese em si; e E3, correspondente ao segmento posterior ao parêntese.

zer”, em um processo de modalização epistêmica via estratégia de parentetização.

Dessa forma, a função interativa desse parêntese, dada pela própria modalização epistêmica, soma-se à sua função textual, já que incide diretamente na significação proposicional que será estabelecida a partir do momento da sua inserção no tópico. Em outras palavras, as informações transmitidas pelo escrevente adquirem nova perspectiva proposicional com o parêntese agindo na construção do segmento textual.

No tópico (7-02), o item encerra o segmento parentético. Como em (7-01), também aqui há um sinal gráfico, ainda que não convencional, indicando o estatuto textual-interativo diferenciado de E2, inserido, em relação a E1 e E3:

(7-02) Depois sera preciso aproporssão do Povo|do Povo, e danecessidade Criar mais Capitaens, e mesmo Criar Companhias de Meleciannos, tão neceSsarios para Civilizar o Povo egradualmente Sugeritar a|Subordinacão aquelles homens creados / posso dizer assim / sem Ley nem | Religião. [AIXVIII-28/64]

Assim realiza uma sinalização prospectiva, estabelecendo como escopo E3 como um todo. Esse segmento parentético apresenta *foco na elaboração tópica*, relacionado à *formulação linguística do tópico*, uma vez que, ao se desviar da centração tópica, focaliza a própria construção do texto, apontando para a caracterização da forma como “*aquelles homens*” eram “*creados*”. O escrevente, por meio da parentetização, imprime, no texto, a necessidade interativa de apontar para seu destinatário que a caracterização realizada em E3 é resultado de uma construção figurativa intrínseca ao contexto. O parêntese mostra, na materialidade do texto, essa avaliação em curso.

Na inserção parentética em (7-03), em que há o seu sinal prototípico, *assim*, encerrando o parêntese, incide sobre o verbo *sinto*, conforme sua função de advérbio modal, e realiza uma sinalização catafórica, focando E3 como um todo:

(7-03) Não sei qual é a sua concepção da Vida. Eu te- | nho a minha, que aliás não é minha, que bebi na literatura ori- | ental, e que (sinto assim) foi a única felicidade que tive nes- | ta minha atribulada existência. É o resultado do estudo da mi- | nha vida inteira. [FFXX-56b/121]

Esse segmento parentético também integra a classe de parênteses com *foco no locutor*, mas, nesse caso, sinaliza informações proposicionais que estão diretamente associadas à manifestação de *sentimentos* do escrevente. Portanto, não se associa à modalização das colocações tópicas de forma a relativizar seu teor de verdade e, assim, garantir o descomprometimento do escrevente e a preservação de sua face em relação ao seu destinatário. A função desse parêntese é evidenciar, para o destinatário, o caráter extremamente *subjetivo* das observações posteriores, ou seja, do conteúdo tópico.

A dificuldade em separar a atitude do escrevente da avaliação que ele faz do conteúdo do tópico que constrói fundamenta a sugestão de que esse tipo de parêntese represente uma classe não discreta, em que, concomitantemente, se dá a focalização da *manifestação atitudinal do locutor* e do *conteúdo tópico*, com a primeira ocorrendo em consequência da natureza da segunda. Assim, a função interativa do parêntese (sinalização do alto grau de subjetividade do conteúdo tópico) está associada à sua função textual, já que é a natureza desse conteúdo que torna necessária tal sinalização.

Seguem as ocorrências (7-04) e (7-05), extraídas das TDs carta e editorial:

(7-04) A extensão d' este artigo seria razão para que com elle não entretivessemos nossos Leitores, se sua importancia, se seu objecto, se o enxame de verdades, e de vistas novas que encerra, nós não forçassem, por assim dizêl-o, a isso. [LRXIX-430/77]

(7-05) As reações, a principio epi-|sódicas e desarticuladas,|contra a insidiosa campa-|nha de propaganda que vem sendo abertamente levada a efei- | to pelo sr. Luís Carlos Prestes, assumem proporções de mo- | vimento nacional. Durante mais de um mês, o antigo secre-|tario do PCB foi, por assim dizer, o “homem do dia”. [...] [OESPXX-1958/176]

Em ambas, *assim* integra o segmento parentético, sinalizado graficamente por vírgulas. Esse parêntese poderia ser parafraseado pela construção “*digamos assim*”, ou pela forma manifestada no parêntese anterior “*posso/podemos dizer assim*”. Em relação à sinalização realizada por *assim*, em (7-04), verifica-se um escopo anafórico. Entretanto, não se trata de uma sinalização que aponta para E1 como um todo, mas, especificamente, para um item utilizado nesse enunciado, “*forçassem*”, anterior à inserção parentética. Por sua vez, em (7-05), o item também sinaliza especificamente o SN “*o homem do dia*”, mas, agora, realizando uma sinalização catafórica.

Ao empregar o verbo e o SN referidos, o escrevente sente necessidade de apresentar, via inserção parentética, uma avaliação voltada para essa formulação. Essa avaliação, que pode realizar-se antes ou após o segmento sinalizado, denota a preocupação do escrevente em expressar a pertinência desses empregos. Dessa forma, esses segmentos integram a classe dos parênteses com *foco na elaboração tópica*, relacionados à *formulação linguística do tópico*, já que se trata de fragmentos textuais que, ao se desviarem da centração tópica, focalizam determinadas denominações, apontando para a própria construção do texto. A função textual-interativa desse tipo de parêntese é mostrar que o escrevente sente necessidade de mostrar para seu destinatário que determinado emprego lexical é expressivo, naquele contexto específico.

O tópico (7-06) traz novo parêntese voltado para a elaboração tópica:

(7-06) És um felisardo; sem solictares cou- | sa alguma, vaes te deixando levar | - **assim** com [s]eus ares de Napo- | leão no *Egypto* - para o ponto | almejado e p[corroído] [c]aminhos da ma- | xima conven[iencia]. Seguir a oppor- | tunidade é u[ma] [g]rande cousa [CPXIX-16/24]

Assim inaugura o parêntese, sinalizando anafórico-cataforicamente. A sinalização anafórica indica o trecho “*vaes te deixando levar*” de E1, focalizando uma informação de natureza modal, conforme sua funcionalidade de advérbio. A sinalização catafórica aponta

para o interior do parêntese, em E2, explicitando a informação modal relevante para E1.³ Esse segmento integra a classe dos parênteses com *foco na elaboração tópica*, voltada para o *conteúdo tópico*, cuja função é *esclarecer* informação apresentada em E1, ou seja, o modo como determinada pessoa “*se deixava levar*” para um ponto privilegiado. Além de atender à regra da “clareza”, esse detalhamento chama a atenção do destinatário para uma informação ilustrativa e de caráter informal.

Esse tipo de parêntese representa um caso considerado limite, cujo reconhecimento do segmento como parentético depende das suas marcas formais, dado que sua outra propriedade identificadora, a do desvio tópico, encontra-se atenuada.⁴ Assim, o aspecto decisivo para a análise desse segmento como parentético são os sinais formais que delimitam E2. Nesses casos, a função textual está em evidência, já que o conteúdo da inserção parentética encontra-se no limiar da centração tópica, o que não quer dizer que a interacional seja suprimida. Nessa ocorrência, ela pode ser constatada na criação de uma maneira informal de promover o esclarecimento, a partir da introdução de dados ilustrativos no tópico, o que garante a eficácia do ato comunicativo. Essa análise explica também o fato de uma das nossas duas ocorrências de *assim* em contexto de parêntese na TD editorial estar sob essa classificação, voltada para o texto.

No tópico (7-07), há o sinal gráfico prototípico de parêntese e o item *assim* integra uma oração condicional, realizando sinalização retrospectiva e focando E1 como um todo. Nesse contexto, E1 desempenha função metadiscursiva voltada para a sinalização da estrutura textual:

(7-07) Aqui fico por ora (se assim qui- | zerem) dando no em tanto os para- | bem ao Senhor Doutor Getulio, pelos elo- | gios, (se os aceitar)

3 Ocorrências desse tipo foram constatadas também na TD editorial.

4 Nas TDs do banco de dados Iboruna, esses casos só podem ser decididos a partir da observação de marcas de natureza prosódica. Inclusive o escopo de sinalização de *assim*, em contextos de parênteses com foco no conteúdo tópico, só pode ser definido a partir de uma análise prosódica e entoacional, de acordo com os pressupostos de Nespor e Vogel (1986) e de Tenani (2002) e Fernandes (2007). A esse respeito, ver Lopes-Damasio (2009).

que lhe tece | aquelle homem, declarando porém, | que muito me glorio, em têl-o por | meu inimigo, [...] [LRXIX-451/80]

Ao sinalizar E1 de caráter metadiscursivo, o parêntese materializa a presença do(s) destinatário(s) no texto, justificando sua classificação como *parêntese com foco no interlocutor*. Sua função é *instaurar a convivência com o interlocutor*, já que o escrevente deposita no(s) seu(s) destinatário(s) a exigência de ter de finalizar sua carta, comprovada pela configuração condicional do parêntese. Mais do que simples convivência, o parêntese responsabiliza o(s) destinatário(s) pela condução dada ao texto.

Embora acentuadamente interacional, esse parêntese tem sua implicação textual, uma vez que, ao desviar o conteúdo tópico “para, nesse intervalo, colocar em proeminência informações sobre o papel discursivo do interlocutor” (Jubran, 2006b, p.345), indica o seu processo de construção, já que *assim* sinaliza um enunciado cuja função é exatamente expressar esse processo.

Nas ocorrências extraídas das TDs do banco de dados Iboruna, em relação ao que já foi constatado nos demais *corpora*, quase todas as ocorrências de parêntese apresentam *assim* em posição *pré-parêntese*, sinalizando segmento de E1 e o próprio enunciado parentético.⁵ A maior parte das ocorrências (89,47%) apresenta *foco na elaboração tópica*, voltada para o *conteúdo tópico*, com as funções de *esclarecer* e *exemplificar*.

Na função de *esclarecer*, observam-se dois parâmetros de comportamento:

(i) correspondente àquele constatado em dados diacrônicos, conforme (7-06), em que *assim* sinaliza, anaforicamente, um segmento de E1, focalizando informação de natureza modal, e, cataforicamente, o próprio E2, sinalizando o esclarecimento da informação modal relevante para o bom entendimento de E1:

5 Apenas duas ocorrências, excepcionalmente, fogem dessa sinalização, tal como será exemplificado por (7-11).

(7-08) é:: ele chegô(u) já logo foi brincan(d)o né? quando viu que eu era de:... Rio Preto... ele já foi brincan(d)o dizen(d)o que ia... que ia me/ me:: me ferrá(r) *assim em tema de brincade(i)ra*... um tipo cablocão né?... um cara bacana pra chuchu... né?... [AC-147/NE1078]

A sinalização anafórica de *assim* indica o trecho “*ia me/ me:: me ferrá(r)*” de E1, e focaliza informação de natureza modal, de acordo com sua função adverbial; a catafórica aponta para o parêntese, em E2, de forma a explicitar a informação modal relevante para E1, ou seja, “*ia me ferra*” (de que modo?) “*apenas de brincadeira*”.

Antes de passar à apresentação dos outros casos de funcionamento do parêntese em questão, vale aproveitar esse primeiro exemplo, em (7-08), para mostrar, a partir dos pressupostos da fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986) e entoacional (Tenani, 2002; Frota, 2000; Fernandes, 2007), que as ocorrências nas quais *assim* está relacionado ao parêntese apresentam uma realização prosódica bastante característica, delimitada pelo domínio de I (frase entoacional). Nesses casos, o item associa-se à porção textual à direita e constitui sozinho um I, o que motiva a interpretação de que, embora esteja associado a E2, nesses dados, o item não integra E2, mas apenas o sinaliza. O contorno entoacional revela uma curva descendente no final da oração que antecede *assim*, seguido por uma pausa que pode ser percebida em todos os casos, evidenciando a existência de uma fronteira prosódica, e por um contorno ascendente no item, que é seguido, novamente, por breve pausa ou simplesmente pela percepção de um novo I (quando essa pausa não é percebida acusticamente). Na sequência, parece haver um tom ascendente, seguido por um contorno descendente no final de E2 (Lopes-Damasio, 2009). Essa interpretação está exemplificada a seguir:

(7-08') [ele já foi brincan(d)o]I [dizen(d)o que ia... que ia me/me:: ferrá(r)]I [*assim*]I

H*L L*H

H*L Lp L*H

[em tema de brincade(i)ra]I]U

(L*H)

H*L

Apresento, na sequência, a única ocorrência de parêntese em contexto de *assim* na TD *e-mail*, que, apesar do registro escrito, apresenta as mesmas características das ocorrências extraídas das TDs do Iboruna: a classificação de parêntese com *foco na elaboração tópica*, voltado para o *conteúdo tópico*. No entanto, essa ocorrência exige uma análise diferenciada, já que o aspecto avaliado como decisivo para a análise do segmento como parentético nos dados de escrita – i.e., os sinais gráficos que delimitam E2 – não é tão próximo dos prototípicos, como os observados nas ocorrências anteriores nesse tipo de material (E2 entre sinais de parêntese, barras, traços ou mesmo entre vírgulas). Esta proposta de análise está baseada, essencialmente, em uma leitura do ST que reproduz sua realização prosódica, de acordo com a análise de (7-09):

(7-09) [...] Para organizar, em uma tabela, a oposição, a refutação/retificação e contra-argumentação, usei as definições de Sweetser dos 3 domínios: o do conteúdo (oposição), o epistêmico (refutação/retificação e contra-argumentação), de modo que eu tenha um crescente, assim: oposição > refutação/retificação > contra-argumentação, no eixo horizontal, entrecruzado, no eixo vertical com III. Junção por coordenação. || o que vc acha? [EMAILXXI-84/39G]

Localizado em contexto imediatamente anterior à inserção parentética, *assim* realiza sinalização anafórico-catafórica, apontando anaforicamente para o trecho “*eu tenha um crescente*” de E1, com foco na funcionalidade modal do advérbio, e, cataforicamente, para a explicitação modal relevante para esse esclarecimento em E2. Sugiro que, a partir da realização prosódica do ST, o item não se associa à oração que o antecede, também nessa ocorrência, constituindo, sozinho, um I. Por sua vez, o contorno entoacional revelaria uma curva descendente, no final da oração que antecede *assim*, seguida por uma pausa, materializada na escrita pelo uso da vírgula, evidenciando a existência de uma fronteira prosódica nesse ponto (o que indica o fato de *assim* não pertencer a E1), e por um contorno ascendente no item, que é seguido, mais uma vez, por breve pausa. Nova-

mente, nesse ponto, ocorre o emprego dos dois-pontos, sugerindo tal realização prosódica. A partir dessa interpretação, pautada nos moldes da análise prosódica dos dados de fala, sugiro a associação do item a uma espécie de sinalização do enunciado parentético, como se ele próprio, na escrita, funcionasse como marca formal desse parêntese. Assim, identifico, nessa ocorrência de *e-mail*, um uso que transfere para a escrita uma realização constatada na oralidade.⁶

(ii) além desse comportamento, constataram-se ocorrências em que, embora o esquema fórico do item tenha continuado o mesmo, deixou de ser observada uma informação modal sendo necessariamente esclarecida. De fato, apenas focaliza-se à esquerda do parêntese, em E1, uma informação que precisa, de acordo com o falante, de um esclarecimento para a boa compreensão do tópico, como em (7-10):

(7-10) era assim... era dos MEUS pesadelos... sabe?... a impressão é que se você che/ caísse ali... você ia... SUMÍ(r) e... e nunca mais ia... ia... então isso na cabeça da gen::te **assim** criança... era uma fantasia vivê(r) naquele espaço... [AC-150/DE1187]

Em (7-10), anaforicamente *assim* sinaliza o trecho “na cabeça da gen::te” de E1, e cataforicamente, o interior do parêntese, em E2, esclarecendo que “a gente” era “criança”, e, conseqüentemente, esclarecendo E3, na continuidade tópica. Nessa ocorrência, não há, portanto, um esclarecimento de qualquer aspecto modal de E1.

O parêntese esclarecedor pode, ainda, conforme (7-11), ser introduzido antes do segmento que precisa de esclarecimento, nesse caso (E3), marcado por um início/falso início com truncamento da informação que requer esclarecimento:

6 Embora a ocorrência (7-06), extraída de texto diacrônico, apresente o mesmo tipo de contexto, sinalização e possível realização prosódica, considero que, nesses casos, o item integra e não apenas sinaliza E2 a partir da presença dos sinais gráficos (traços e vírgulas) que delimitam formalmente E2. Apesar disso, pode-se sugerir que esse contexto específico, a partir de todas as suas semelhanças formais e funcionais com os contextos sincrônicos, indicia, diacronicamente, o surgimento do uso de *assim* como marcador parentético, se se considera a possibilidade de interpretação do item e dos sinais gráficos desempenhando o mesmo papel de marcação do enunciado parentético.

(7-11) porque minha mãe tá fican(d)o meio doen::te tem algumas... atenções assim... especiais... mas eu tive **assim** *que eu morei fora...* e tive uma certa liberdade [Doc.: relativa] [mais] ah é uma liberdade relativa... e eu não gostei... sabe?... [AC-114/RO835]

Em (7-11), *assim* inicia um parêntese que antecipa um esclarecimento para a informação inicialmente acrescentada ao tópico (“*eu tive*”) e imediatamente interrompida pelo parêntese para ser reiniciada após o esclarecimento, a partir da repetição da estrutura do falso início (“*e tive uma certa liberdade*”). Nesse caso, excepcionalmente, a sinalização volta-se para E3, segmento esclarecido pelo parêntese.

A função de *exemplificar*, constatada apenas nas TDs do Iboruna, na ocorrência (7-12), transcrita a seguir, não está relacionada à informação de caráter modal, como em (7-10). Nessa ocorrência, em relação ao trecho de E1 “*ela*” (que se refere à “*pedra*”), a sinalização catafórica aponta para o parêntese em E2, onde há a exemplificação, a partir da comparação “*como se fosse os/ um tobogã...*”:

(7-12) é como se fosse um prédio de quatro andares... só assim a pedra... e você pode í(r) subin(d)o escalan(d)o ela **assim** *é como se fosse os/ um tobogã...* e a onda é TÃO forte... que ela bate e ela sobe aqui... e vem quase (todo mundo) assim sabe? é como se fosse um tsunami [...]. [AC-087/DE668]

Pequena parte das ocorrências de parêntese em contexto de *assim* (10,52%) apresenta *foco no locutor*, voltado para a *manifestação atitudinal do locutor em relação ao tópico* ou ST. Diferentemente das demais TDs,⁷ os dados extraídos das TDs do Iboruna associam-se com a asseveração do que foi dito, i.e., por meio do parêntese, o falante assevera o que diz e compromete-se com sua palavra. Em (7-13), há uma avaliação epistêmica do falante em relação à veracidade de E1, apontando para a asseveração, a partir do caráter

7 Em que esse tipo de parêntese estava associado à modalização epistêmica – conforme (7-01) – ou a sentimentos do escrevente em relação ambígua com o conteúdo tópico – como em (7-03).

evidente do que é aí afirmado, e, em seguida, em E3, uma contra-argumentação a E1, inaugurada por *só que*. Assim, o contraste é estabelecido entre aquilo em que o falante acredita, asseverado em E2, e aquilo em que já não pode mais acreditar.

(7-13) tinha uma cobra l/ lá::... que comeu um boi... só que assim a gente SAbe? que cobra come boi [normal]beleza... **assim já ouvi mesmo já vi:: fatos jornalísticos...** só que ela num/ só que aí a cobra come boi mas a cobra::... maceta o boi [né?] quebra tudo os ossos e maceta ele dentro dela... só que meu avô fala que boi ficô(u) inte::(i) ro e o boi até mugia dentro da cobra [...] [AC-054/NR303]

A partir dessa descrição analítica, tem-se o Quadro 7.1:

ocorrência	localização				sinalização				
	início	integr.	fim	pré-par	E1	seg. E1	E3	seg. E3	E2
(7-01)	*				*		*		
(7-02)			*				*		
(7-03)			*				*		*
(7-04)		*					*		
(7-05)		*						*	
(7-06), (7-07)	*						*		*
(7-08)		*			*				
(7-15), (7-16)				*			*		*
(7-09), (7-11)									
(7-14), (7-10)				*			*		*
(7-12), (7-13)				*			*		*

Quadro 7.1 Descrição formal e funcional de *assim* em contextos de parêntese.

Esse quadro sistematiza os aspectos descritivos da localização de *assim* no contexto de parêntese e as sinalizações realizadas por esse item permitindo algumas observações, como resultados dessa análise qualitativa.

(i) *Em relação à localização*: assim apresentou distribuição equilibrada em todas as possibilidades de localização (antes do parêntese [pré-par], no início do parêntese, encerrando-o e em outras posições, denominadas de posição de integração).

(ii) *Em relação à sinalização*: assim pode realizar sinalização de natureza:

- (a) anafórica, focando E1 como um todo;
- (b) anafórica, focando segmento de E1;
- (c) catafórica, focando E3 como um todo;
- (d) catafórica, focando segmento de E3;
- (e) catafórica, focando o enunciado parentético E2 e E3 como um todo;
- (f) anafórico-catafórica, focando E1 como um todo e E3 como um todo;
- (g) anafórico-catafórica, focando o enunciado parentético E2 e E3 como um todo;
- (h) anafórico-catafórica, focando segmento de E1 e o enunciado parentético E2.

(iii) *Em relação à correlação localização e sinalização*: não é possível a correlação direta da localização do item com o tipo de sinalização realizada por ele, de acordo com o Quadro 7.1. Entretanto, em todos os casos analisados na perspectiva diacrônica, seu funcionamento não equivale à função de *sinalizar o segmento parentético*, ainda que em contextos de início de parêntese. Em todas as ocorrências, ele faz parte de E2, auxiliando seu funcionamento a partir de sua sinalização e de sua significação modal. Diferentemente do que se observa nas ocorrências extraídas das TDs que representam a sincronia atual, nas quais se constata a função exclusiva do item de sinalizar o segmento parentético, sem integrá-lo e sem compartilhar de sua funcionalidade dentro do tópico discursivo. Nesses casos, o item, enquanto MD, funciona como marca formal de parêntese voltado prototipicamente para o conteúdo tópico.

7.3. A funcionalidade de *assim* em contexto de paráfrase

Nos tópicos que manifestam ocorrências de *assim* em contexto de paráfrase (P),⁸ o item *assim* apresenta função fórica, especificamente retropropulsora, em que, ao mesmo tempo, retoma o segmento matriz (M) e aponta o desenvolvimento da P. A sinalização retrospectiva realizada pelo item tem a função de servir como um “gancho” que atua na manutenção do assunto dentro do tópico em questão, ao mesmo tempo em que sua sinalização prospectiva tem a função de direcionar para a introjeção de novas predicções em relação a esse assunto. Portanto, ocorre, na M, o desenvolvimento de um tópico específico e, na P, o mesmo assunto como foco da reformulação, o que constitui forte indício da centração tópica. Levando em conta essa consideração, a análise focalizará, além desse aspecto específico do item, também a funcionalidade geral da relação parafrástica observada em seu contexto:

(7-14) epor tanto es= | crevi ao Capitam Francisco Hygino para esta Co-
 brança, o qual, me avizou em Carta | de 22 de Janeiro de 1790, o
 que consta dehum parrafo, que diz o seguinte | = Mandei falar
 a Mathias Joze Ferreira de Abreo, sobre aquantia de | 128\$000
 reis, edice estavaõ prompts; mas que mos não intregava por || eu
 não ter Procuraçam, eaparecendo o Senhor Seo Conhado, o Dou-

M

8 A paráfrase corresponde a um enunciado linguístico que reformula, na sequência textual, um enunciado anterior (matriz), mantendo com ele uma *relação de equivalência semântica* determinada em graus. Segundo Fuchs (1994, p.129 apud Hilgert, 2006), essa relação deve ser entendida como *parentesco semântico*, não manifestável como equivalência absoluta, mas como equivalências maiores ou menores. Güllich e Kotschi (1983 apud Hilgert, 2006) estabelecem ainda o critério da *predicação de identidade*, observada quando a construção de dois enunciados permite que sejam compreendidos como semanticamente semelhantes. Assim, a relação parafrástica é dinamicamente concebida e determinada pelas relações semânticas locais, i.e., construídas *no e pelo* jogo da interpretação (Hilgert, 2006), podendo ser focalizada nos níveis: (a) *semântico*, abordando os deslocamentos de sentido que ocorrem na passagem da matriz à paráfrase; (b) *formal*, abordando as reformulações lexicais e sintáticas, que podem ocorrer nessa passagem; e (c) *funcional*, apontando para as funções gerais e específicas da paráfrase.

tor Joze Bonifacio | de Andrade, lhe preguntei pela Procuraçam, eme dice que atinha, eque logo hiria | ter como dito Mathiaz, aver sedelle recebia a dita quantia, que lhe faria muita conta | receber esse dinheiro, eque detudo la avizaria aVm.ce; o dito Senhor Seo Conhado, he | hum excelente sugeito, e está despaxado, epoderá fazer fortuna, e Deos a | sim o permita.= Recebida que foi aCarta do dito, ou enxerido parra= | grapho, eu igoalmente dei respos- ta ambigua ao Policarpo, enaõ cessan= | do este dequerer saber aCerteza, instou=me aprocurace, efoi entaõ que | depois eu recebi a Segunda Carta de Francisco Hygino datada de 26 de Janeiro de 1791, | emque me dizia tinha mandado para a Franca aminha Carta a V. S.^a, eigoalmente, | que Como V. S.^a, Canaõ estava, isto he nessaCorte, naõ podia averigo= | ar nada enem com o Pedro;

P *enestes termos assim ficou tudo indicizo [BNXIX-19/12]*

Em (7-14), a P *adjacente*, imediatamente seguindo a M (Hilgert, 2006), se estende durante a maior parte do tópico numa configuração textual em que o escrevente informa seu destinatário a respeito de uma cobrança que envolve a escrita de várias cartas, assim como várias pessoas, de modo que, na conclusão, afirma que a ausência do destinatário na corte impossibilitou a averiguação dos fatos. A complexidade semântico-formal do tópico leva à introdução da P, mais simples no que tange a ambos os aspectos, no encerramento do tópico em questão.

A P materializa no texto a *proposta de compreensão* de seu escrevente, i.e., de toda a explanação feita por ele, o que imprescindivelmente seu destinatário precisa compreender é que a questão permanece em suspenso. Visando garantir essa compreensão, a P reformula a M a partir de uma relação de *parentesco semântico* que depende da *predicação de identidade*, ou seja, essa equivalência semântica existe, mas, assim como foi construída pelo escrevente na produção do texto, deve ser reconstruída pelo destinatário na leitura e interpretação desse conteúdo, no âmbito de suas contingências.

Destaco três aspectos inter-relacionados no acionamento da P (Hilgert, 1993): (i) a retomada da M interrompe a continuidade do

desenvolvimento textual, i.e., a inserção de um novo tópico fica suspensa até o término do anterior via P; (ii) a formulação realizada na M aponta para possíveis falhas na compreensão do destinatário – são elas que determinam a sua reformulação; (iii) como consequência do caráter retrospectivo de (ii), a P constitui uma atividade *metaformativa*.

A passagem da M para a P revela o movimento semântico de *generalização*, o qual evidencia que a M comporta informações específicas, detalhadas por uma série de colocações pontuais, enquanto a P atua como uma generalização de um determinado traço semântico inerente à M, exatamente o aspecto de que toda aquela complexidade de informações objetiva indicar que a situação não está resolvida. Ocorre, portanto, a passagem de uma abrangência semântica menor para uma maior.

Em relação às reformulações lexicais e sintáticas observadas na passagem da M para a P, verifica-se nítida *redução*, ou seja, formalmente, a P é menos analítica do que sua M (*P redutora*). A função específica dessa P é *resumir* as informações apresentadas na M. O mesmo padrão semântico-formal e funcional pode ser observado em (7-15):

(7-15) Queira o Prof. Fidelino de Figueiredo desculpar este seu amigo e admirador que é o Cruz Costa, por não haver elle passado novamente, em tempo opportuno, pela Tudor House, afim de pedir-lhe a carta de apresentação para a directoria do Gabinete Portuguez. É que a minha viagem foi resolvida á ultima hora e executada com grave rapidez. Em todo caso, servi-me, verbalmente, de sua apresentação.

P Assim, apresento-lhe as minhas desculpas e muito agradeço a gentileza que Teve, escrevendo ao Snr. Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura [FFXX-41b/117]

Nesse contexto, o escrevente enfatiza, via *P adjacente*, seu pedido de desculpas ao destinatário, em proposta de compreensão voltada à recuperação, por parte daquele, dessa sua intenção comunicativa.

Assim, a P não interrompe o fluxo da comunicação em andamento para apontar qualquer falha no conteúdo do que foi dito, mas para enfatizar determinado traço desse conteúdo, especificamente o pedido de desculpa, e para acrescentar novo conteúdo proposicional, relativo ao agradecimento. Portanto, à função *metaformativa* da P, soma-se um exemplo de segmento parafrástico que faz o texto progredir. A relação de equivalência semântica entre M e P é mediada pela predicação de identidade entre os segmentos. No que tange ao deslocamento de sentido, o movimento de *generalização* evidencia *redução* sintático-lexical, configurando, novamente, P *reduzora*, com função de *resumir*.⁹

Na P *adjacente*, em (7-16), há uma equivalência semântica predicada a partir de movimento especificativo: a P detalha a afirmação “Ouro Preto e Recife são completamente opostos”, realizada na M, i.e., a abrangência semântica da M é mais geral do que a da P, que atualiza traços semânticos implícitos naquela:

(7-16)

M

Comparando Ouro Preto com o Recife vemos que são completamente opostos.

P

Assim o que lá é pedra e tijolo aqui é taboa e muitas vezes de caixão; lá existem casas muito altas, aqui ao contrario são casas que mal cabem um homem de pé, e assim por diante. [CPXIX-27/31-32]

A *especificação* semântica traduz-se, formalmente, em uma *expansão* da dimensão formal mais analítica da P em relação à M, ca-

9 Assim, localizado no início da P, resgata o enunciado M e aponta para P. Sua localização é aquela de ocorrências em que funciona como juntor conclusivo, até mesmo com a presença da marca “vírgula” recorrente nesses casos. Entretanto, não se evidencia aí a relação conclusiva convencionalizada.

racterizando, portanto, uma *P expansiva* em contexto de *assim*, que, conforme (7-15), ocorre encabeçando o segmento P,¹⁰ cuja função é precisar a informação contida na M (*P explicitadora*). Assim, a relação parafrástica não está pautada em uma reformulação voltada à correção de uma falha na formulação da M, mas em uma explicitação do que foi afirmado, a fim de garantir a compreensão desejada via atividade *metaformativa*.

A M da *P adjacente*, em (7-17), a seguir, estende-se por uma porção tópica em que o escrevente informa seu destinatário a respeito das condições de elaboração de uma *lista*. A P encerra o tópico, enfatizando uma informação da M avaliada como importante pelo escrevente, ou seja, praticamente repete, de forma sintetizada, o conteúdo da M, configurando a proposta de compreensão desse escrevente, que procura enfatizar esse conteúdo repetido de modo a assegurar sua compreensão:

(7-17) Vai aLista que pude faZer dosIndios desta
aldea que estaõ pelas aldeas dos padres daCompanhia
naõ vay ameu gosto Como deZejava por quanto nesta
Aldea naõ tenho quem ConheSsa atodos quantos por elas estaõ.

M **eaSsim** Sso vaõ em aLista osque tem pa –
rentes nesta aldea, epor parentes osConheÇem.
einda Si pela poCa ComuniCaÇaõ que tem huns.
Com outros; naõ tem verdadeiro ConheÇimento
dos filhos que vaõ havendo.

P **eaSi** So vaõ aÇen
tados osque tive deles notiÇia certa desenden
tes por parte materna. [AIXVIII-04/44-45]

10 Também nesse caso, *assim* realiza uma sinalização retropropulsora, conforme seu uso como juntor conclusivo. Apesar disso, novamente, não são observadas as relações semânticas desse padrão.

Dessa forma, a P demonstra alto grau de *equivalência semântica*, a partir de uma configuração sintático-lexical mais objetiva. Seu acionamento retoma a M, a fim de reformular suas colocações posicionais de modo a torná-las mais objetivas e não só enfatizá-las, pelo processo de repetição, garantido pelo alto grau de parentesco semântico da P. Consta-se, dessa forma, o movimento semântico de *generalização*, que parte do *específico* em direção ao *geral* (nesse caso, do *menos* em direção ao *mais objetivo*). Como nas demais ocorrências de *generalização*, a P também apresenta *redução* formal e função de *resumir* as informações apresentadas na M.¹¹

Em (7-18), transcrevo a única ocorrência de *assim* em contexto de P observada no *corpus* da TD editorial:

(7-18)

M [...] E respondendo assim, calmamente, | com documentos valiosíssimos, que não | podem ser contestados, a uma parte do | virulentíssimo artigo que contra nós | hontem publicaram os collegas do *Correio* | para provar que houve violencias no | pleito do dia 30.

[...] Só aqui temos mil e seiscentos votos, | *muito mais* de mil, portanto. || E o *Correio* espere pelo resto, que ha | de apparecer em breve, porque a apura- | ção official se fará no sabbado. || Verá, então, que, apezar do transtorno | que houve, não foi tão grande a absten- | ção do eleitorado de S. Paulo. || Mas, supponhâmos, como quer o *Correio*, que em toda a parte a abstenção | foi enorme, espantosa. || Contra quem prova ella? Contra nós | que tranquillamente esperavamos a sen- | tença do elleitorado, ou contra a opposi- | ção, que, para vencer, chegou a pôr em | jogo o brio e a honestidade de todo o es | tado de S. Paulo? || Se o *Correio* quer servir-se do argu- | mento da obstenção, vá, com a logica, | até a sua ultima consequencia e diga cla- | ramente que a maioria do eleitorado de | S. Paulo não foi á urna, para conde- | mnar o governo do dr. Americo Brasiliense, porque S. Paulo *não tem brio*

11 Em relação à manifestação formal, nessa ocorrência, *assim* não só inaugura o segmento parafrástico, imediatamente posterior a *e*, como em outras ocorrências, como também inaugura o segmento M.

| *nem dignidade*. || E assim respondemos à segunda parte | do artigo. || Resta-nos a terceira. || O collega pergunta-nos porque não pro- | testámos em tempo contra o modo pelo | qual se fez a *eleição* de deputados e se- | nadores ao Congresso Nacional. || A resposta é facilima. Não protestamos | porque, naquella epocha, todos os pro- | testos eram inuteis e, ate certo ponto, inconvenientes. || Nós –que, antes de tudo, somos re- | publicanos – não queriamos perturbar o trabalho dos chefes que se tinham encar- | regado de organizar a republica. || A resignação e o silencio pareceram- | Nos mais patrioticos do que a luta e o | espalhafato.... ||

P E **assim**, *calmamente, com documen- | tos e argumentos que não têm resposta, | destruimos todas as acusações do viru- | lentissimo artigo que contra nós hon- | tem publicaram os amigos do Correio Paulistano [OESPXIX-1891/155]*

O ST inserido entre a M e a P não adjacente está intimamente relacionado à explanação pormenorizada da forma como, logicamente, por meio da exposição de argumentos, o jornal *A Província de S. Paulo* destrói as acusações realizadas contra ele pelo *Correio Paulistano*. Alto grau de equivalência semântica pode ser observado entre M e P, além da configuração formal simétrica da P, o que a aproxima de um caso de repetição. Apesar disso, há aí um sensível movimento semântico de *generalização* com função de *resumir*, principalmente se considerado todo o contexto tópico, incluindo nele o ST inserido, que permite a interpretação do segmento parafrástico como responsável pela função de fechar a argumentação realizada no editorial a partir da recomposição do conteúdo destrinchado no tópico.¹²

Em relação aos *corpora* sincrônicos, embora na TD *e-mail* não tenham sido constatadas ocorrências de *assim* em contextos para-

12 Embora no *corpus* da TD editorial haja, conforme apontado na seção anterior, uma alta frequência do item no Padrão (A) – Juntor coordenativo conclusivo –, a baixa frequência dos casos em que o item *assim* encontra-se em contexto de P aponta para um processo mais adiantado de mudança, nessa direção, em comparação aos casos observados na TD carta.

frásticos, nas TDs do Iboruna esse contexto mostrou-se bastante recorrente. No que tange ao seu posicionamento, o item ocorre, nesse material, em 95,55% dos casos, em posição inicial de P, constatando-se que em apenas duas ocorrências foi observado no final da M e da P, como em (7-19):

(7-19) aí cê vai mexen(d)o mexen(d)o... aí cê vai vê(r) que ela vai ficando/ e vai fican(d)o:... consistente vai encorpan(d)o... aí você vê a hora que vira

M aquele creme gostosinho **assim**

P *aquela coisa:: melequenta meladinha* **assim**
você pega e... e pára... [...] [AC-087/RP689]

No que tange ao tipo de P, a maior parte das ocorrências revela P *expansivas* (64,44%); seguidas de P *simétricas* (26,66%); e, por fim, de P *reductoras* (apenas 8,88%). Relativamente aos deslocamentos de sentido, a totalidade dos casos de P *expansivas* e *simétricas* relaciona-se ao movimento semântico de *especificação* – conforme (7-20) e (7-21) –, e a totalidade dos casos de P *reductoras*, à *generalização*, conforme (7-22):

(7-20) ele fazia tarefa e

M ele se tornô(u) um aluno maravilhoso... ele éh:...

P **assim** *ele é bem agita::do ele é bem participati::vo... é um aluno que às vezes ele dá um po(u)co de trabalho porque ele fica todo agitado ele qué(r) andá(r) ele qué(r) passeá(r) ele qué(r) saí(r) ele qué(r) í(r) no banhe(i)ro ele vai ele volta ele é bem... bem ativo mesmo...* [AC-088/NE717]

(7-21) porque foi um exame de rotina MESmo ele não está sentindo nada ele não tinha nada... ((o telefone toca novamente)) e ele... ((filha da informante atende o telefone e a gravação é interrompida)) então aí ele entrô(u)... tava bem... e::

M de repente

P *assim do nada*
ele começô(u) a passá(r) mal a passá(r) mal aí tentaram tudo mas
ele teve uma parada... cardiorespiratória... [AC-120/NR1030]

(7-22) Inf.: [não] ...

M a maioria do serviço era MANUAL... a maioria do serviço de
alfaiate naquele tempo... só à máquina na hora de costurá(r)...
fazê::(r)... a:: a ca::lça... calça

P *assim usava muito a máquina... mas a maior parte era manual...*
[AC-151/RP1211]

Em (7-20) e (7-22), apresentam-se traços diretamente associáveis aos usos de *assim* no padrão (7(D)), equivalente à sinalização de construção de quadro mental, intrínseco a contextos descritivos.

Em relação a seus funcionamentos específicos:

(a) as P *expansivas* revelaram, em 96,55%, a função de *explicitar* (7-23) e, em apenas um caso (3,45%), a de *definir* (7-24). Essa funcionalidade prototípica já havia sido apontada na análise das ocorrências de P em contexto de *assim* na TD carta:

(7-23) – ... aí deu certo tudo que eu entrei né? fiquei em quarto...
ma::s... aí foi legal num sei eu acho assim num sei se foi cedo
d'eu entrá(r) na faculdade porque eu tava sain(d)o do colegia::l...

M então é um/ uma coisa

P *assim... é um... trunca/ um truncamento assim na vi/ na vida né?*
no nos tipos de coisas... nas vida que você leva...
mas... ah éh até que dan(d)o pra acompanhá(r) tudo então deve
tê(r) sido a hora certa [AC-054/NE297a]

(7-24) o pessoal num/ geralmente num gosta muito dessa posição...
e:: acabam ficando tam(b)ém na seleção feminina que agora... a
hora... éh:: na hora que a levantadora... titular

M aposentá(r)

P **assim** *né?... pará(r) de jogá(r)...*
num vai tê(r) muito quem escolhê::(r) dentre os times aqui do Brasil [...] [AC-054/RO374]

(b) as P *redutoras* revelaram, em 75%, a função de *resumir* (7-25) e, em 25%, a função de *denominar* (7-26). Também essa funcionalidade prototípica já havia sido apontada pela análise das ocorrências de P em contexto de *assim* na TD carta:

(7-25) meus colegas disseram que eu dei traba::lho que eu comecei::
êh:: a mexê(r) c'ô po::vo que eu num sabia o que eu fazi::a falô(u)
que eu abraçava pos::te... que eu caía no chã::o que eu zuava
todo mundo mas isso eu já num lem::bro direito creio eu que é
verDAde porque eu tava bem ruim...

M eu LEMbro de alguns FATos que aconteceu sabe? alguns
relâm::pagos

P **assim** *eu num lembro de tudo...*
eu sei que a gente fo::i andô::(u)... continuô(u) andan(d)o na
avenida do:: do Teixeirã::o o estádio... até que eu parei numa
praça e sentei num banco... foi aí que eu comecei vomitá(r) [...] [AC-055/NE379]

(7-26) Inf.: é êh eles se sente assim que::... é por exemplo em São José
do Rio Preto... a:: alguns cursos que eles gostariam de fazê(r)...

M escola pública universidade

P **assim** *faculdade pública*
num tem... pra fazê(r) uma escola particular... [AC-149/
RO1132]

Novamente, nas ocorrências (7-23) e (7-25), respectivamente representativas das funções de *explicitar* e *resumir*, há a possibilidade de associar seus funcionamentos ao padrão (7(D)). Em (7-25),

a constituição desse funcionamento, sugerido pela composição interativa de um quadro mental descritivo, depende do ST que dá continuidade ao tópico, imediatamente após o segmento P (transcrito anteriormente).

(c) as P *simétricas* revelaram, em 50% das ocorrências, a função de *adequar o vocabulário* (7-27); em 33,33%, a função de *explicitar*¹³ (7-28) e, em 16,66%, a de *definir* (7-29). Não foram observadas as funções de *resumir* e *denominar*:

(7-27) Inf.: não... o/ o:: mestrado ele:: funciona assim óh... você entra... [Doc.: hum] pelo menos é AQUI

M em alguns campus

P **assim** em algumas instituições muda né?... aqui você en::tra... você... no primeiro ano cê vai cumprí(r) os créditos... [AC-053/NE241]

(7-28) atrás as/ aí na p/ na porta tem um um um desenho assim de um carinha... meio... meio chapado assim [Doc.: aham ((concordando))] é:: desenhado (no) giz de ce::ra e mais

M uns uns símbolos da paz

P **assim** vários símbolos da paz do lado... [AC-054/DE339]

(7-29) Inf.: éh... minha cama... não é bem de casal ((ruído))

M é de viúva...

P **assim...** quase de casal... [AC-052/DE209]

De modo geral, a função de *explicitar*, em relação à P *expansiva* ou *simétrica*, é a mais significativa (71,11% do perfil funcional das P em contexto do item *assim*).

13 Apenas esse tipo de funcionamento parece associável ao padrão (7(D)).

A partir dessa descrição analítica, segue o Quadro 7.2:

ocorrências	Localização			Sinalização	
	<i>inicial</i>	<i>medial</i>	<i>final</i>	<i>anafórica</i>	<i>catafórica</i>
(7-17)		*		*	*
(7-18), (7-19), (7-20), (7-21), (7-22)	*			*	*
(7-25), (7-26), (7-27), (7-28), (7-29), (7-30), (7-31), (7-32), (7-33), (7-34)	*			*	*
(7-24)			*	*	*
(7-23)	*			*	*

Quadro 7.2 Descrição formal e funcional de *assim* em contextos de paráfrase.

Esse quadro, que apresenta dados descritivos da localização formal e da sinalização de *assim* em contextos de P, permite novas observações, como resultados dessa análise qualitativa.

(i) *Em relação à localização*: o item ocorre, na maioria dos casos, inaugurando a P (podendo seguir imediatamente *e*, iniciando o segmento P, sendo até mesmo grafado sem “espaço”, em um caso); e apenas em uma ocorrência em posição medial e final.

(ii) *Em relação à sinalização*: o item realiza sinalizações anafórico-catafóricas, ao mesmo tempo, retomando o segmento M e apontando o desenvolvimento da P.

(iii) *Em relação à correlação localização e sinalização*: como apenas em (7-17) e (7-24) o item não se encontra em posição inicial, é possível correlacionar a sua localização, em início de P, e o tipo de sinalização que realiza, retropropulsora.

7.4. A funcionalidade de *assim* em contexto de correção

De modo geral, *assim* desempenha função fórica retropropulsora de *marcador de correção*¹⁴ (MC), indicando a inserção do *enunciado reformulador* (ER), cataforicamente, em relação ao *enunciado-fonte* (EF), retomado sempre nessa sequência (EF – MC – ER) em distribuição adjacente (no mesmo turno/frase). Em relação à operacionalização das correções, a totalidade das ocorrências corresponde a autocorreções autoiniciadas, processadas, dessa forma, pelo próprio falante, conforme (7-30):

(7-30) Inf.: [é::] ficô(u) em pé lá dentro tipo o boi anDAva dentro da [cobra] [Doc.: aham ((concordando))] ela acredita nisso (até)... ah mas num é possível... senão a cobra ia ficá(r) com três metro *de altura* [**assim**] [Doc.: aham ((concordando))] *de:: de comprimen::to né?...* [AC-054/NR304]

O falante realiza o enunciado “*com três metro de altura*” e sente a necessidade de corrigir o Mod “*de altura*”, que, portanto, assume o papel de EF da reformulação, inserindo o ER “*de:: de comprimen::to né?*”, marcado por *assim*. Embora o falante estabeleça uma autocorreção iniciada por ele mesmo, constata-se o acompanhamento interacional de seu interlocutor, transcrito em “[Doc.: aham ((concordando))]”, no estabelecimento dessa estratégia de construção textual, logo após a inserção de *assim*, que sinaliza o ER, assim como a checagem, dessa interação de cumplicidade, estabelecida pelo lo-

14 Definida por Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.258) como “um enunciado linguístico que reformula um anterior, considerado ‘errado’ aos olhos de um dos interlocutores”, a correção constitui um processo de formulação retrospectiva. Como destaquei, também a P tem a função de assegurar a intercompreensão, porém a diferença entre esses processos está no tipo de relação semântica que liga os enunciados reformulador e fonte: enquanto na P há uma relação de equivalência semântica, na correção, essa relação é de contraste; na correção os interlocutores pretendem apagar o enunciado-fonte, por considerá-lo inadequado, substituindo-o pelo enunciado reformulador, na P, aquele será M da realização de movimentos semânticos, que determinam novos sentidos e progressão textual.

cutor por meio do MD “né?”. A procura do locutor por esse item correto, no ER, é marcada pela repetição hesitativa de “de:: de”.

No que tange aos aspectos linguísticos e interativos, observam-se:

(i) correções lexicais – em que ocorre a substituição de uma seleção léxica não pretendida por outra, avaliada como mais pertinente pelo falante, como em (7-31) e (7-32):

(7-31) e ele tinha:: *comprado éh:: comprado assim ganho né?...* do:: do filho que mora em São Paulo... um Passat... [AC-115/NE854]

(7-32) *um dia é/ um dia pra arrumá(r)... é assim uma semana né? pra arrumá(r) e um dia pra desarrumá(r)...* [AC-056/DE402]

Em (7-31), o item “comprado” configura o EF da correção implementada no ER contíguo “ganho”, marcado por *assim*. Observam-se marcas hesitativas, como as pausas preenchidas por “eh::”, a repetição hesitativa do EF e a confirmação interacional no MD “né?”. Em (7-32), o item “dia” alavanca a repetição de um segmento tópico para sua correção. Assim, essa ocorrência se distingue da anterior em complexidade porque, embora o EF seja um item lexical, todo o segmento tópico que ele integra é repetido no processamento de sua correção, por “semana”. Essa afirmação é corroborada pelo MD “né”, inserido após o ER. *Assim* mantém sua função de marcar essa estratégia.

(ii) correções morfossintáticas – em que se constata a malformação da frase em relação específica a problemas de regência, concordância etc., como em (7-33), em que *assim* marca o ER que estabelece a correção da concordância verbal:

(7-33) tinham lançado trinta pessoas na lista de espera e eu fiquei em dezesseis praticamente no meio da lista de espera... aí veio::... *assim eu vim* de manhã:: [AC-087/NE633]

(iii) correções sintático-semânticas – em que é corrigida a malformação da frase do ponto de vista sintático e/ou semântico, conforme (7-34), (7-35) e (7-36):

(7-34) Doc.: tem muitos cursos?

Inf.: *HÁ* muitos cursos há **assim**/ *na verdade tem seis ou sete* eu acho [...] [AC-081/DE430]

(7-35) agora aquele que num tem o apoio da família... num adianta você... *sê(r)* um professor brilhante: *te tê(r)*... um/ sabe? *a escola assim/ a melhor escola...* se ele num::... num tem certos valores... [AC-116/RO929]

(7-36) *com mo::/ assim bastante molho...* assim sabe *ficá(r)* bastante::... aquele creme né? [AC-087/RP691]

Em (7-34), a correção do EF “*HÁ* muitos cursos” é acarretada por seu conteúdo, reavaliado e reformulado na construção sintático-semântica do enunciado “*na verdade tem seis ou sete*”. Já em (7-35), a motivação da correção do EF “*a escola*” é a inserção do modificador no ER, que garante a infirmação da formulação sintática do EF “*ter a escola*”, insuficiente para estabelecer o paralelismo sintático-semântico pretendido pela falante, em “*num adianta você... ser um professor brilhante, ter a melhor escola...*”. Em ambas, embora haja distinções relacionadas às motivações, ora mais sintáticas ora mais semânticas, *assim* marca a inserção do ER sem interromper, sintagmaticamente, o processamento do EF, que é, portanto, concluído nos dois casos. Por outro lado, em (7-36), como em muitas ocorrências presentes nas TDs do Iboruna, há uma interrupção sintática ou um falso início, para usar a terminologia de Marcuschi (2006b), causado pela inserção do marcador que sinaliza o ER. Mesmo assim, não se trata de um caso de hesitação, mas de correção, em que, durante o processamento *on-line*, o falante insere o ER, antes de concluir sintagmaticamente o EF. O segmento realizado do EF, ainda que não completo linguisticamente, é suficiente para garantir a relação retrospectiva da correção, mesmo que de modo diferente do pressuposto tradicionalmente.

Foi encontrada apenas uma ocorrência de contexto corretivo fora das TDs do Iboruna, a saber, na TD carta. Antes de analisar

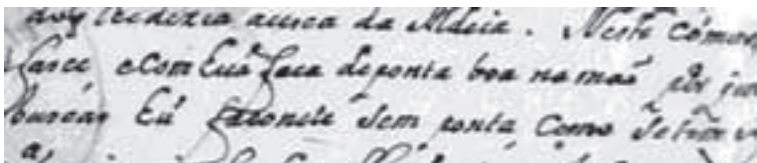
essa ocorrência, apresento, resumidamente, os resultados da pesquisa que aborda esse processo, nos dados de carta, mas fora de contextos de coocorrência com o item *assim*.¹⁵

Em relação às marcas de correção, observa-se que pode haver ou não o aproveitamento de segmentos do EF no ER, podendo a correção ser acompanhada de *rasuras* ou de sinais (traços) que anulam letras, sílabas, palavras ou segmentos, representando graficamente a *infirmiação*.

Segundo Cintra (2009), as correções se materializam nas cartas por meio de:

(a) reaproveitamento do EF ou parte dele: nesse caso, EF e ER coincidem no mesmo espaço do texto. O reaproveitamento pode ser feito por:

(i) inclusão de sílabas, letras ou palavras ao enunciado:



Carta 19 – AI – Imagem de CD-ROM 0059.

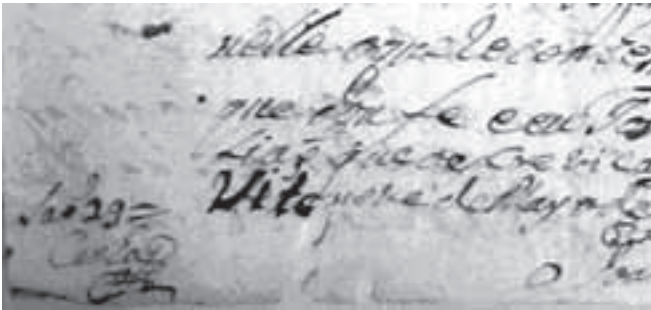
Neste cómenos

appareceo elle dito Capitam comdous paos delenha por d[es]farce, ecom huá faca deponta boa na mão pi<o>s¹⁶ junto do Padre oque vendo Eu griteilhe eo Padre entrou a Sella [a] buscar hu' faconete sem ponta, [...] [AIXVIII – Carta 19]

15 Realizada por Cintra (2009), no grupo de pesquisa do Projeto para a História do Português Paulista (PHPP), em que também se insere este trabalho.

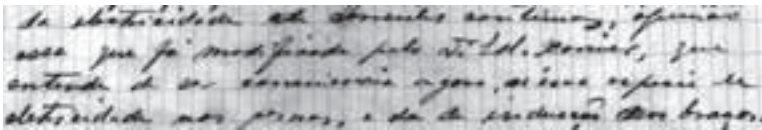
16 O escrevente fez a correção de [pis] para [pos].

(ii) escrita sobreposta ao EF ou parte dele:



Carta 13 – AI – Imagem de CD-ROM 0056.

Reconheço os Signaes e Letrado[spos ?] abayxoasig | nados Serem dapropriã maõ dos Contheudos | nelle oque Reconhello por ter visto fazellos de | que dou fe eeu Joã Alvres daCunha Taba | liaõ que oescrevi easigney em publico eRazo Vilboa | Vitenove deMayode mil sete centos equarentaanos | [...] [AIXVIII – Carta 13]

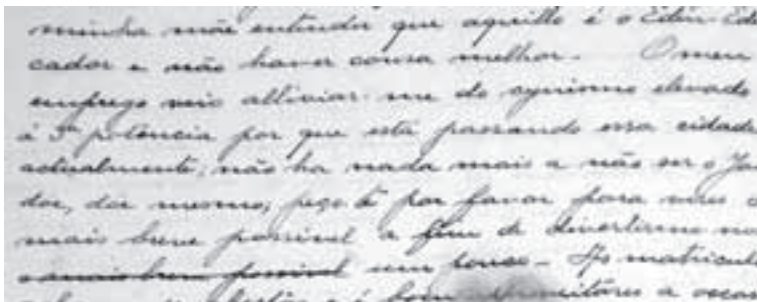


Carta 69 – CP – Imagem de CD-ROM 0059.

O Chico continúa com pequenas melhoras. | Hontem foi ouvido de novo. Doutor Ascendino | Reis, que julgou de alguma conveniencia applicação | da electricidade ade correntes continuas, opinião | essa que foi modificada pelo Doutor Coronel Xavier, que | entende de ser conveniencia agora, d'essa especie de | electricidade nas pernas, e da de inducção dnos braços. [CPXIX – Carta 69]

(b) não reaproveitamento do EF: as correções deste tipo são sinalizadas por:

(i) traços que anulam o EF:



Carta 13 – CP – Imagem de CD-ROM 1519.

O meu | emprego veio alliviar-me do cynismo elevado | á 3ª potencia por que está passando essa cidade | actualmente; não ha nada mais a não ser o Java, | dóe, dóe mesmo; peço-te por favor para vires o | mais breve possível a fim de divertirmo-nos | ~~o mais breve possível~~ um pouco – [CPXIX – Carta 13]

(ii) marcadores discursivos:

Aminha | ida para ahi é | [p.2] actualmente inconveniente | sendo que um pouo mais tarde, | quer dizer, mais ou menos resta= | belecido eu aproveitarei o te | offerecimento. [CPXIX – Carta 43]

Em relação a essa descrição, *assim* segue uma correção em que não há aproveitamento do EF, sinalizada por um traço que anula esse segmento no texto. No entanto, como na ocorrência de “*quer dizer*”, que exemplifica (ii), e como nas demais ocorrências analisadas aqui, *assim* não funciona como um marcador de correção:

(7-37) Aconselhei ao Chico estudar pharma- | cia aqui, ~~pois que e assim fazendo~~ | baseava- me na facilidade d’este | estudo aqui – [CPXIX-28/34]

Em (7-37), o uso de *assim* como marcador de correção não é prototípico porque o item ocorre em uma construção maior constituída por “*e assim fazendo*” e porque a correção é marcada, nesse caso, pelo sinal gráfico que anula o segmento fonte (traço). Entretanto, percebe-se que o escrevente inicia, mas não termina, sintagmaticamente, um segmento “*pois que*”, que atua, no texto, como justificativa para o aconselhamento realizado por ele ao Chico, e o anula para que seja inserido o ER “[*e assim fazendo*] *baseava-me na facilidade d’este estudo aqui*”, que estabelece a relação de causa-consequência, avaliada como mais pertinente. Embora em uma estrutura de reformulação diferenciada, graças à inserção de *assim* na construção, sugiro uma aproximação dessa ocorrência com aquelas, constatadas sincronicamente nas TDs do Iboruna, em que há o abandono de uma construção iniciada, para a inserção da correção, em uma construção que sintático-semanticamente é avaliada como mais apropriada aos objetivos comunicativos do escrevente. Dessa forma, depreende-se, diacronicamente, um contexto de coocorrência de *assim* com a correção que pode ser indiciário do desenvolvimento de seus usos mais atuais nessa estratégia.

7.5. A funcionalidade de *assim* em contextos de repetição

Apesar de a repetição (R)¹⁷ ter sido constatada nesse contexto específico, em baixa frequência e apenas nos dados das TDs do Iboruna, ainda se mostrou reveladora de aspectos importantes do uso de *assim*. Além disso, considera-se a relevante frequência do item em

17 Marcuschi (2006b, p.221) define a repetição como “a reprodução de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. A primeira entrada do segmento tópico, que opera como base para a produção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, é designada como *matriz* e condiciona a repetição nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico ou pragmático, de modo que essa repetição não é caracterizada pelo autor como um espelhamento automático, já que expressa algo novo, em relação a um ou mais desses níveis.

contexto de repetição hesitativa, analisada juntamente com o processo de hesitação, conforme seção seguinte.¹⁸ Dessa forma, seguem as ocorrências:

(7-38) Inf.: tem um po(u)co de tudo lá TEM a tranquilida::de... (porque depois) ((fala baixinho)) de cidade TÍpica do interior pe-QUEna... e à noite tem as FEStas né? que toca *forró:: assim... forró::* todo tipo de música... [AC-051/DE118]

(7-39) aí fui chegá(r) aqui em Rio Preto:: dez:: e: meia... assim::... no::/na:: sexta-fe(i)ra... assim... c'a flor da pele esperan(d)o até terça-feira pra fazê::(r) a inscrição da UNESP assim vai passa o domin::go... e vô(u)/*ia chegá(r) assim* óh::/ *ia chegá(r)* a outra semana mas nunca *ia chegá(r)* terça-fe(i)ra [Doc.: ((risos))]. ai vai... acordei de manhã:: vim::... vim terça-fe(i)ra aqui pra UNESP... [AC-087/NE632]

(7-40) Doc.: a senhora ficô(u) saben(d)o assim de algum *assalto assim no nosso bairro*

Inf.: *assalto assim no nosso bairro* não na o(u)tra semana teve [Doc.: ahm]... faz quinze dias mas é aqui o começo no fim da Potirendaba né? [Doc.: hum:::] no dia da do daquele homem o casal que ia saindo com os dois filhos pra viajá(r) no feriado né?... e:: chegaram dois ladrão né?... pra ele dá o carro e ele num queria dá ele reagiu... aí os ladrões atiraram... no pescoço dele [AC-152/NR1230]

Quanto à distribuição na cadeia textual, em (7-38) e (7-40), as R são produzidas em posição adjacente à matriz (M); já em (7-39), embora a característica da adjacência esteja presente, no contexto contíguo a *assim*, relacionado à primeira R da M “*ia chegá(r)*”, a segunda R dessa mesma M aparece após a inserção do complemento de sua primeira R, o que revela uma R não adjacente em relação à M, conforme transcrição:

18 Caracterizando uma especialização de *assim* em contextos que evidenciam esse tipo específico de R.

M		ia chegá(r)	
R1	assim óh::/	ia chegá(r) a outra semana	R adjacente
R2	mas nunca	ia chegá(r) terça-fe(i)ra	R não adjacente

Quanto à produção, (7-38) e (7-39) correspondem a autorrepetições, enquanto (7-40) evidencia uma heterorrepetição em contexto de *assim*, em que a M é produzida pela documentadora, e a R, pela falante, que desenvolve o tópico.

As ocorrências representam casos de segmentos repetidos integralmente, com identidade total de forma e do padrão de realização prosódica, o que é apontado por Marcuschi (2006b, p.223) como um caso mais difícil de ser constatado, uma vez que a possibilidade de constatação de R com variações aumenta, consideravelmente, quando se leva em conta o aspecto prosódico, já que é mais difícil, segundo o autor, “manter a entoação constante em todos os segmentos repetidos”. Não apenas a entoação, como também a intensidade, o tempo, a continuidade, o ritmo e a tessitura continuam os mesmos na realização das ocorrências em questão.

Sob o ponto de vista da categoria linguística do segmento repetido, há R de item lexical (“*forró::*”), em (7-38); de construções subordinacionais (SV “*ia chegá(r)*”), em (7-39); e de estrutura completiva, “*assalto assim no nosso ba::irro*”, em (7-40)). Específico, no esquema a seguir, uma diferença importante entre a construção subordinacional repetida em (7-39) e a repetida em (7-40), no que diz respeito às suas relações com *assim*:

(7-39)	M		<i>ia chegá(r)</i>
	R1	assim óh::/	<i>ia chegá(r) a outra semana</i>
	R2	mas nunca	<i>ia chegá(r) terça-fe(i)ra</i>
(7-40)	M		Doc.: <i>assalto assim no nosso bairro</i>
	R		Inf.: <i>assalto assim no nosso bairro</i>

Em (7-39), *assim* funciona como MD, cuja sinalização retropropulsora estabelece um “gancho” entre o segmento M e sua R, como aviso de que o segmento que será inserido consiste de uma R (mas não de que se vai dizer a mesma coisa simplesmente). A coocorrência de “*oh:.*” corrobora a sinalização realizada por *assim*, já que atua como um reforço dela. Em (7-40), o item não desempenha esse tipo de função associada intrinsecamente à sinalização da R, numa relação de marcação M – MR – R (conforme contextos de ocorrência do item em correção), mas, simplesmente, integra a M, desempenhando função de modificador nominal (padrão (4)).

No que tange à funcionalidade das R, constatam-se três aspectos distintos: em (7-38), a R apresenta foco funcional na *coesividade*; em (7-39), na *argumentatividade*; e, em (7-40), na *coesão tópica*. Especificamente, em (7-38), a R do item lexical “*forró*” estabelece um elo coesivo, a partir da retomada do complemento do verbo *toca*, para acrescentar a ele mais um item: “*todo tipo de música*”.

Diferentemente, o foco funcional da R da construção subordinacional (SV “*ia chegá(r)*”), em (7-39), volta-se para a *reafirmação de um argumento*, a partir de uma construção desse argumento em uma estrutura de paralelismo sintático, ilustrando o fato de que a R, marcada/sinalizada por *assim*, não equivale apenas a “dizer a mesma coisa”. Aqui, a forma como esse dizer se faz, na estrutura sintática repetida, é muito mais eficiente, comunicativa e argumentativamente, do que se dissesse apenas: “[...] *ia chegá(r) a outra semana mas nunca a terça-fe(i)ra [...]*”.

Por fim, a R de construção subordinacional, em (7-40), focaliza a organização tópica, especificamente a introdução de um novo tópico. Antes de desenvolver o novo tópico proposto pela documentadora, a falante lança mão dessa estratégia de construção textual, para marcar o referencial do tópico que será construído, garantindo, com isso, um ganho de tempo para as próximas formulações na constituição de seu texto.

A análise de *assim* em contexto de R revela um perfil funcional do item mais *abstrato*, relacionado à marcação/sinalização da R; e mais *concreto*, relacionado a aspectos proposicionais do segmento M

repetido. Esse resultado evidencia estágios distintos de gramaticalidade do item em relação a esse processo de construção textual.

7.6. A funcionalidade de *assim* em contexto de hesitação

Apondo, de início, duas especificidades do funcionamento de *assim* em contextos de hesitação,¹⁹ nas TDs do Iboruna: (i) o item desempenha genericamente a função de preenchimento de pausa hesitativa, em contexto de coocorrência com outros tipos de fenômenos indicativos de hesitação, sendo observado, mais raramente, desempenhando sozinho essa função; e (ii) os traços do funcionamento fórico modal de *assim* são esvaziados, i.e., não é possível especificar o direcionamento da sinalização fórica realizada pelo item, o que, conseqüentemente, inviabiliza a comprovação dessa sua função. Nessa direção, todas as ocorrências, transcritas e analisadas, exemplificam (ii), com exceção da ocorrência (7-41), que ilustra (i):

(7-41) éh... esse grupo... ele::... a M.S.I. eles têm::... sei lá... negócios né?... na::... na Rú::ssia na Inglate::rra... tem em várias partes ali e:: lá é coisa da grana né? então... se eles... TIVEREM assim uma... uma coisa bem... éh:: programada um... projeto bem feito... [AC-053/RO270]

Em (7-41), ocorre repetição hesitativa do item funcional “*uma*”, intermediada por pausa não preenchida, seguida pela expressão hesitativa “*éh*”, realizada com prolongamento vocálico. O núcleo

19 A hesitação, estudada por Marcuschi (2006a) como fenômeno específico da oralidade, caracteriza uma atividade de processamento, cuja função é ganhar tempo para o planejamento/verbalização do texto, e é condicionada por pressões situacionais de diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores. Constitui rupturas evidentes na linearidade material da fala, como a manifestação de atividades discursivas, que introduzem no próprio discurso o processo de formulação prospectiva. Materializam-se por meio de fenômenos prosódicos, expressões hesitativas, itens funcionais e lexicais, MDs e fragmentos lexicais.

do SN “uma coisa bem” com determinante repetido, em função da hesitação, constitui o primeiro alvo de busca de adequação da seleção lexical pretendida, seguido pelo segundo alvo, o modificador “programada” desse SN, também marcado pela expressão hesitativa “éh”. Constata-se, na sequência, uma P simétrica que, de fato, materializa no texto a “resolução” do problema de formulação sinalizado pelas hesitações, via função de adequação vocabular. Todo o segmento M, da P em questão, é marcado como hesitativo pelo MD *assim*, de acordo com o esquema:

M	assim uma... uma coisa bem...	éh:: programada
P	um... projeto bem	feito...

Em (7-42), a seguir, o MD *assim*, sem nenhuma outra forma contígua, marca a hesitação em contexto que, de modo geral, é permeado por outros tipos de marcação desse fenômeno:

(7-42) e ela faz um trabalho até muito interessante na Cruz Vermelha que ela... aceita:... que ela ela:: acolhe... mulheres... éh::... perseguidas pelos governos... [Doc: hum] principalmente do lado **assim**... dos árabes... [AC-150/NE1167b]

Além da função textual-interativa genérica de preenchimento de pausa, os usos de *assim* relacionam-se, especificamente, a funções metadiscursivas que concretizam aspectos da textualização desdobrados em mecanismos variados de focalização da atividade discursiva, como em (7-43):

(7-43) e a minha mãe sempre foi uma pessoa bem:: severa nunca deixô(u) a gente **assim**... é é... saí(r) pra é brincá(r) brincá(r) fora [...] [AC-120/DE1040]

Essa ocorrência, seguindo o funcionamento mais frequente entre os usos do MD *assim* em hesitação, sinaliza o processamento de

seleções lexicais. Por sua vez, (7-44) e (7-45) depreendem o uso do MD relacionado a unidades mais amplas:

(7-44) Doc.: e seus pais apoia::vam? não::?

Inf.: *ah minha/ minha* mãe **assim**... apoiava muito gostava muito dele... o meu pai adorava ele porque ele mexia com computado::r... meu pai gosta de computado::r então às vezes eles ficavam o dia inte(i)ro montan(d)o e desmontan(d)o computador... e ele até falava que minha mãe gostava mais dele do que de mim porque –“M. você tá errada, mas M. você tem que melhorá(r) isso”– ela sempre ficava do lado dele e::la gostava muito dele [...] [AC-056/NE389]

(7-45) ultimamente eu tenho tenho::... êh::... percebido mais como está o nível do ensino... público... por conta da... da... das minhas duas funcionárias... uma faz prótese... é a que faz técnico êh::... em prótese... e a o(u)tra tem quatro... fi/ quatro filhos que estudam no ensino público... então no ensino público o que acontece?... êh... a criança tem BOLsa escola... municipal... BOLsa escola federal... êh... tem... o êh... uniforme... tem merenda tem isso tem aquilo... só que não tem AULA... HOje ela num teve aula... os filhos dela nu/ num tiveram aula... a semana que vem não vão tê(r) aula [Doc.: (nenhuma)] nem um dia Doc.: nem um dia?

Inf.: nem um dia... *então... êh::...* **assim**... eles tem uma série de atividades... mas não são atividades... que... que conFEREM um conteúdo... eu fico realmente penalizada com quem... tem interesse... tem vontade de aprendê(r)..... [AC-082/RO478]

Em (7-44), o item, juntamente com os demais recursos que indicam hesitação, relaciona-se à introdução de um subtópico, ou seja, à determinação do foco desse novo subtópico sugerido pela documentadora, a partir da pergunta “e seus pais apoia::vam?”. Observa-se, assim, um acúmulo de hesitações no início do desenvolvimento de um novo tópico ou subtópico, estejam elas relacionadas ao “plano formal das estruturas sintáticas ou ao plano discursivo-textual da formulação enunciativa” (Marcuschi, 2006a, p.69), como parece ser o caso de (7-44). Em (7-45), o MD *assim* é usado com função asso-

ciada ao jogo interacional de manutenção do tópico, uma vez que a falante permanece desenvolvendo o tópico anterior, em que descreve o funcionamento do sistema público de ensino, mesmo após uma pergunta da documentadora (“*nem um dia?*”), que sugere a inserção de um novo subtópico ou, ao menos, um direcionamento específico do tópico em questão.

Em (7-46), ocorre um uso de *assim* menos prototípico, em que o item sinaliza a inserção de um segmento tópico que relativiza/modaliza as observações anteriores, apresentando traços do MD *assim* atenuador:

(7-46) mas aí depois a ca/ as famílias acabaram tendo uma certa relação de amizade... e e/ eles frequentavam minha casa **assim** *éh*:: algumas vezes... e:: até um/ até uma certa idade quando ela tinha uns dez anos e depois... eu nunca mais a vi assim a/ sumiu... [AC-083/NE481]

Por fim, (7-47) ilustra o caso menos recorrente no *corpus* analisado, em que o procedimento focaliza a natureza do ato de fala, pela rotulação de seu teor declarativo:

(7-47) :: então é isso assim é u/ uma história triste que aconteceu com a gente é o que tem assim... né? por/ eu falo **assim** *é* a gente é espírita tudo mas é difícil... ((risos)) [AC-120/NR1038]

7.7. Relações entre a funcionalidade de *assim* em contextos de processos textual-interativos e as TDs

O Gráfico 7.1 apresenta a frequência de emprego de *assim* em contexto dos processos textual-interativos em relação às TDs investigadas:

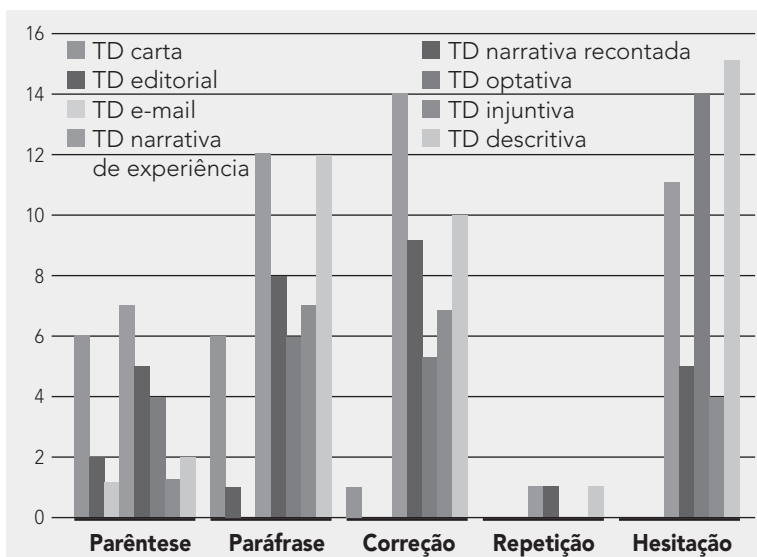


Gráfico 7.1 Frequência de ocorrência de *assim* em contexto de processos textual-interativos nas TDs investigadas.

Diacronicamente, na TD carta foi constatada a maior frequência de ocorrência de *assim* em contexto do processo de parentetização (6 casos: ~4,72%, em comparação com 2: ~1,06% nos dados da TD editorial); sincronicamente, a maior frequência foi constatada na TD narrativa de experiência (7: ~2,38%).

Conforme análise, a maior recorrência, nos dados da TD carta, é de parêntese com *foco na elaboração tópica*, a saber, equivalente a 50% dos casos investigados. Os parênteses com *foco no locutor*, *foco no interlocutor* e *foco na elaboração tópica/no locutor* (casos ambí-

guos) representam, cada um, 16,66%. Essa predominância reflete-se também nos dados das TDs editorial e *e-mail*, em que todas as ocorrências apresentam *foco na elaboração tópica*. Por sua vez, as TDs do banco de dados Iboruna não revelam resultados divergentes, já que 89,47% das ocorrências ilustram esse tipo de foco paratético, seguidas por 10,52% de ocorrências cujos parênteses focam o locutor.²⁰

Em contexto de parafraseamento, o item também se mostrou mais recorrente nos dados da TD carta (6 ocorrências: ~4,72%, em comparação com apenas 1: ~0,53% da TD editorial); sincronicamente, a frequência é mais significativa nos dados das TDs narrativa de experiência (12: ~4,08%) e descritiva (12: ~5,3%). Na TD carta, a distribuição dos tipos de movimento semântico e de configuração formal e funcional das P mostrou-se equilibrada – 50% de ocorrências de P redutoras com movimento semântico de generalização e 50% de P expansivas com movimento semântico de especificação. Diretamente relacionadas aos aspectos semântico-formais, 50% desempenham a função de resumir, e 50%, a de explicitar.

Sincronicamente, os contextos parafrásticos com *assim* foram constatados apenas nas TDs do Iboruna: 64,44% representam ocorrências de P expansivas com movimento semântico de especificação; 26,66%, de P simétricas também com movimento semântico de especificação; e 8,88%, de P redutoras com movimento semântico de generalização. Destaca-se a recorrência, sincronicamente, de P simétricas, pouco significativas nos dados diacrônicos. Por outro lado, a funcionalidade prototípica observada nessas TDs corresponde àquela apontada a partir dos dados diacrônicos, no que diz respeito às P expansivas e redutoras: 96,55% de ocorrências de P expansivas com função de explicitar, contra apenas 3,45% associadas à função de definir; e 75% de P redutoras ligadas à função de resumir, contra 25% responsáveis pela de denominar. As P simétricas apresentam funções mais distribuídas: 50% associadas à adequação vocabular; 33,33%, à função de explicitar; e 16,66%, à de definir.

20 Depreendidas nas TDs narrativa recontada e opinativa.

Os processos de correção, repetição e hesitação não apresentaram frequências significativas nos dados das TDs que representam o recorte diacrônico, mas, com exceção da repetição, mostraram-se bastante recorrentes, no contexto analisado, sincronicamente. A frequência mais significativa fica por conta da TD narrativa de experiência, em relação à correção (14 ocorrências: ~4,76%), e das TDs descritiva (15: ~6,63%) e opinativa (14: ~5,71%), em relação à hesitação.

De modo geral, das TDs que representam nosso recorte diacrônico, a TD carta se destaca nos processos de parentetização e parafraseamento. Ainda assim, a constatação das ocorrências de *assim* nesses contextos na TD editorial destaca também a possibilidade, mesmo nessa tradição, de observação desses processos textual-interativos, indicando seu caráter heterogêneo.

Em relação às TDs que representam nosso recorte sincrônico, a *e-mail* apresenta-se como espaço textual que não favorece os processos investigados. Em contrapartida, dentre as TDs do Iboruna, destaca-se a TD narrativa de experiência, em cujos contextos demonstram-se ocorrências de *assim* contíguas a todos os processos observados, relativas até mesmo às frequências mais altas (nos casos de parêntese, paráfrase e correção). Embora apresentando frequência mais baixa, também a TD narrativa recontada mostra-se como espaço que permite a constatação de *assim* em todos os processos. Por sua vez, a TD opinativa favorece principalmente os contextos de *assim* marcados pela hesitação, enquanto a TD descritiva favorece tanto os marcados pela paráfrase como aqueles marcados pela hesitação. Esse tipo de constatação apresenta uma coerência entre os contextos que favorecem tais processos e as características dessas tradições.

Apesar de não representarem altas taxas de frequência, as ocorrências de *assim* nesses contextos, além de apontar para a relação entre as TDs e os processos, e de permitir a observação de indícios da heterogeneidade constitutiva dos textos, são também importantes para a interpretação da mudança sofrida pelo item, bem como para a sustentação de uma nova abordagem dos contextos favorecedores de sua reanálise.

7.8. Relações funcionais

A partir da multifuncionalidade de *assim* e da descrição e análise do item em contextos de parêntese, paráfrase, correção, repetição e hesitação, diferentes relações funcionais relevantes podem ser identificadas. A primeira é que o item mantém o desempenho, nos contextos de parêntese, paráfrase, correção e repetição, de sua função fórica, responsável pela sinalização dos segmentos tópicos que estão sob o escopo funcional desses processos de construção textual. Nos casos de parêntese, conforme as possibilidades de sinalização apresentadas no Quadro 7.1, esse escopo incide sobre o tópico como um todo, ou apenas termos e segmentos tópicos. Portanto, esses resultados concorrem para particularizar o desvio tópico do processo de parentetização configurado em contexto de *assim*, uma vez que é exatamente essa ligação entre E2 e E1 e/ou E3, instanciada por meio da foricidade do item, que caracteriza um desvio em pequenas proporções, i.e., em que se observa E2 no limiar da centração tópica. Esse aspecto reflete-se nas funções dos parênteses constatados no contexto do item.

Nos casos de paráfrase, de acordo com o Quadro 7.2, a sinalização representa traço importante para o processo, já que atua na correlação entre os enunciados constitutivos da M e da P, via elo anafórico-catafórico. Da mesma forma, nos casos de correção e repetição, a sinalização retropropulsora realizada por *assim* também constitui um importante papel na marcação dos enunciados reformuladores (ER) ou das repetições (R) em relação a enunciados-fonte (EF) ou a matrizes (M). Portanto, nesses processos constitutivos do texto, o funcionamento fórico de *assim* concorre para a instauração da propriedade de centração tópica. Diferentemente, em contextos de hesitação, *assim* perde seus traços fóricos, deixando de estabelecer sinalizações de porções tópicas.

A segunda relação relevante é a que diz respeito à integração ou à sinalização/marcação de *assim* nos segmentos tópicos que constituem os processos textuais focalizados. Nos casos de parentetização,

o item, atuando foricamente: (i) integra, ao mesmo tempo, os ST que constituem o parêntese, ou seja, sua foricidade desempenha papel importante para as funções parentéticas, mostrando que o item faz parte dos contextos tópicos que constituem esse processo textual;²¹ ou (ii) sinaliza o segmento parentético, sem integrá-lo e sem compartilhar de sua funcionalidade dentro do tópico discursivo. Nesses casos, como MD, assume a função de marcar formalmente parênteses prototipicamente voltados para o conteúdo tópico.²²

Nos casos de parafraseamento, para além da foricidade, a função de *assim* está integrada à do segmento que configura essa estratégia textual, ou seja, o item sempre faz parte do segmento P, funcionando como elo explícito entre ele e o segmento M.

No que tange ao processo de correção, observou-se que, diacronicamente, o item integra R, enquanto, sincronicamente, funciona como um marcador de correção (MC), sinalizando/marcando R, sem integrá-lo, em construções adjacentes do tipo EF – MC – R. Bastante semelhantes são os casos de repetição, em que *assim* também funciona como um marcador de repetição (M – MR – R).²³

Diferentemente, a hesitação, como fenômeno distinto dos demais, já que se constitui como marca do processamento textual, revela *assim* não apenas integrando, mas constituindo, em si mesmo, um tipo de marca hesitativa, i.e., o item, sozinho, preenche pausas hesitativas, geralmente em contexto de coocorrência com outras marcas de mesma funcionalidade, podendo desempenhar funções específicas.

Entretanto, o resultado mais importante deste capítulo é notar que as funções dos processos textual-interativos, com os quais o item *assim* relaciona-se, seja a partir da integração ou da sinalização/

21 A integração de *assim* a E2 foi constatada exclusivamente nos dados extraídos dos corpora diacrônicos.

22 Apesar de a sinalização de E2 por *assim* ter sido constatada em dados dos corpora sincrônicos, foi confirmado um contexto de ambiguidade entre (i) e (ii), exemplificado na ocorrência diacrônica (7-06).

23 Em repetições, se *assim* integrar a M, conseqüentemente, integrará a R, mas, nesses casos, seu uso estará associado a outros de seus padrões funcionais e não especificamente ao processo de repetição.

marcação, apresentam fortes associações com as funções desempenhadas exclusivamente por esse item na sincronia atual, fora desses contextos específicos. Quanto a isso, apresento as seguintes constatações:

(a) em relação aos contextos de parentetização:

Apesar de terem sido constatadas três dentre as quatro classes de parênteses existentes, apenas funções específicas foram observadas. São elas:

- (i) atribuição de pontos de vista sobre o assunto a fontes não identificadas;
- (ii) manifestação de atitudes do escrevente em relação ao tópico;
- (iii) sinalização da elaboração tópica; e
- (iv) instauração de convivência com o destinatário.

Os parênteses voltados para o desempenho da função (i) estão relacionados com o descomprometimento do locutor/escrevente em relação àquilo que está sendo dito/escrito. Esse tipo de função é desempenhado pelo P(7(C)) – MD *assim* Atenuador, conforme Seção 5.1.1, do Capítulo 5.

Os parênteses voltados para (ii) e (iii) relacionam-se a diferentes papéis metadiscursivos, como apresentar *foco na elaboração tópica*, voltando-se para a *formulação linguística do tópico*, ou *no conteúdo tópico*, evidenciando, no segmento inserido, a construção textual. Esse tipo de função é desempenhado sincronicamente pelo P(7(B)) – MD *assim* Sinalizador de Metadiscursividade.

Aqueles parênteses que focalizam a *manifestação atitudinal do locutor* em relação a um determinado *conteúdo tópico* – representando, dessa forma, um caso de ambiguidade entre as funções (ii) e (iii) – são responsáveis pela sinalização de informações proposicionais diretamente associadas à manifestação de *sentimentos* do escrevente em relação ao *conteúdo tópico*. Trata-se da função exercida pelo P(7(A)) – MD *assim* Indicador de Conteúdo Expressivo.

Por fim, os parênteses que realizam a função (iv) representam traços de outras diferentes funções, já que, ao instaurar convivência com o destinatário, o escrevente, ao mesmo tempo, divide com ele

a responsabilidade pela maneira como está construindo seu tópico. Nesse caso, há tanto a função do P(7(C)) – MD *assim* Atenuador, como a do P(7(B)) – MD *assim* Sinalizador de Metadiscursividade.

(b) em relação aos contextos de *parafraseamento*:

Constata-se a ocorrência de:

- (i) P *expansivas*, voltadas para o deslocamento semântico de *especificação*, desempenhando função de *precisar/explicitar*;
- (ii) P *reductoras*, voltadas para o deslocamento semântico de *generalização*, desempenhando função de *resumir* e *denominar* (menos recorrente);
- (iii) P *simétricas*, voltadas para o deslocamento semântico de *generalização* ou *especificação*, desempenhando funções de *resumir*, *adequar vocabulário*, *explicitar* e *definir*.

Nos dados diacrônicos das TDs carta e editorial, a natureza retropropulsora da *sinalização*, realizada por *assim*, e a *localização* prototípica do item, na porção inicial da P, favorecem a emergência de relações semântico-cognitivas verificadas em seus usos com valor *conclusivo* (P(A)).²⁴ Embora tais relações não estejam convencionalizadas nesses contextos diacrônicos de P, elas podem surgir daí, via convenção de implicaturas, i.e., a partir de inferências conclusivas pertinentes e recorrentes nos contextos de P com funções de *precisar/explicitar* ou *resumir*.

Dois aspectos parecem interessantes: (i) um processo produtivo em análises de implicaturas “conversacionais” torna-se verificável nos dados de cartas e editoriais; e (ii) nos dados sincrônicos, embora as possibilidades de localização, sinalização e função se mantenham, em relação ao que se verificou nos dados do *corpus* diacrônico, não se constata mais quaisquer relações entre M e P, em contexto de *assim*, e a coordenação de orações com valor conclusivo, realizada por esse item. Entretanto, na perspectiva sincrônica, os contextos em que

24 O contexto [e] + [assim], recorrente nos dados de P, representa importante papel, baseado na reinterpretação induzida pelo contexto, no desenvolvimento do P(A) – junção coordenativa conclusivo (conforme Capítulo 5).

as P relacionam-se com as funções observadas diacronicamente (*explicitar e resumir*) caracterizam o uso de *assim* voltado para a construção de um quadro mental, relativo a contextos descritivos (P(7(D)) – MD *assim* Sinalizador de Construção de Quadro Mental).

(c) em relação aos contextos de correção:

De modo geral, contextos de correção não configuram ambientes propícios para a preservação da face do falante. Dessa forma, subjacente à função de marcar o ER frente ao EF, realizado anteriormente e avaliado como problemático/inadequado pelo falante, mediante seus objetivos interacionais, há uma função atenuativa de *assim*, voltada para a intenção de abrandar o risco que o processo de construção textual implantado representa à face do falante em relação ao seu ouvinte.

Nessa direção, o uso do MD *assim* sinalizador de correção revelaria características dos usos do P(7(C)) – MD *assim* Atenuador, representativo de seu comportamento como *hedge* de imprecisão/incerteza que sinaliza a atividade cognitiva de planejamento verbal *on-line*, atenuando os riscos que uma correção representaria à face do falante. Contextualmente, a coocorrência extremamente frequente do MD *né?*, nesses contextos de correção marcados por *assim*, funcionando como marca do pedido de aprovação do interlocutor, corrobora esta leitura, que associa o contexto de correção com a atenuação a partir da presença material de *assim*.

Diacronicamente, além de *assim* não desempenhar a função de marcar o ER, como exposto anteriormente, também não assume nenhuma relação funcional com o processo de atenuação. A partir daí, afirma-se que, embora o desenvolvimento desse uso não seja recente, já que foi constatado na TD carta, na perspectiva diacrônica, sua complexidade encontra-se ainda em desenvolvimento intrinsecamente relacionado às situações pragmáticas de uso da língua.

(d) em relação aos contextos de repetição:

Constatam-se, nas TDs narrativa de experiência, narrativa recontada e descritiva:

- (i) a alta frequência de coocorrência de *assim* com repetições do tipo hesitativa;
- (ii) a sinalização, pelo item *assim*, de repetições de itens lexicais e construções suboracionais, com funções relacionadas à *coesividade*, à *argumentatividade* e à *coesão tópica*.

Nos casos representativos de (i) e (ii), o processo de repetição, como estratégia de formulação textual, contribui para a organização discursiva, realizando sequências textuais mais compreensíveis e resultando em textualidade menos densa e maior envolvimento interativo, se todo o processo de construção textual é acompanhado pelo interlocutor. Nesse sentido, a repetição caracteriza um planejamento *on-line* que acarreta a produção e reprodução, uma ou mais vezes, de segmentos inteiros, ou quase inteiros, motivadas por vários fatores, entre eles o cognitivo. Dessa forma, nos casos em que *assim* coocorre com esse processo, identifica-se a possibilidade de associá-lo funcionalmente aos procedimentos metadiscursivos que concretizam aspectos de textualização que se desdobram, juntamente com os mecanismos da repetição, focalizando a própria atividade discursiva.

Estou associando, dessa forma, a funcionalidade do item nos contextos de repetição ao P(7(B)) – MD *assim* Sinalizador de Metadiscursividade, a partir da influência que esse contexto representa para o item, ou seja, a indicação do *fazer* textual inerente a essa estratégia de formulação é que “contamina” os usos de *assim*, permitindo que sejam relacionados, nesses contextos, à metadiscursividade.

(e) em relação aos contextos de *hesitação*:

As ocorrências de *assim* relacionadas à hesitação, constatadas nas TDs do banco de dados Iboruna, revelam o item desempenhando:

- (i) genericamente a função de preencher pausa hesitativa, frequentemente em contexto de coocorrência com outros fenômenos indicativos de hesitação;
- (ii) mais especificamente, funções: (1) metadiscursivas, que concretizam aspectos da textualização desdobrados em mecanismos varia-

dos de focalização da atividade discursiva, como a hesitação em contexto de seleção lexical, de introdução de um novo tópico/subtópico ou manutenção tópica; e (2) atenuativas, que, embora menos prototípicas e frequentes, são identificadas em usos do item, em contextos marcados pela hesitação, antes da inserção de segmento tópico que relativiza/modaliza observações/afirmações anteriores.

Em (ii), depreendem-se relações desse uso de *assim*, ligado a contextos de hesitação, com outros usos do item, associados ao P(7(B)) – MD *assim* Sinalizador de Metadiscursividade, no que tange à função em (1), e ao P(7(C)) – MD *assim* Atenuador, em relação à função em (2). Assim, os contextos de hesitação, ligados às atividades específicas descritas em (ii), propiciam o desenvolvimento das funções verificadas em usos de *assim* nos P(7(B)) e P(7(C)), na condição de MD que se especializa nessas funções, mesmo fora de contextos hesitativos e independentemente da coocorrência de outros tipos de marcação desse fenômeno.

Constata-se, portanto, relação *funcional* entre os processos de:

- (a) *parentetização*, verificado em presença do item *assim*, e o item *assim* em seus padrões de MD: (7(A)) – Indicador de Conteúdo Expressivo; (7(B)) – Sinalizador de Metadiscursividade; e (7(C)) – Atenuador;
- (b) *parafraseamento*, quando verificado em presença do item *assim*, e o item *assim* em seus padrões (A), com valor de conjutor coordenativo conclusivo, e (7(D)) – Sinalizador de Construção de Quadro Mental.
- (c) *correção*, também em contexto de *assim*, e os usos do item em seu padrão (7(C)) – Atenuador;
- (d) *repetição*, em contexto de *assim*, e os usos do item em seu padrão (7(B)) – Sinalizador de Metadiscursividade;
- (e) *hesitação*, constatado em contexto de *assim*, e o item *assim* em seus padrões de MD: (7(B)) – Sinalizador de Metadiscursividade, e (7(C)) – Atenuador”.

“Para onde olhar...”

A partir de uma análise pormenorizada dos processos constitutivos do texto, *parêntese*, *paráfrase*, *correção* e *repetição*, e da atividade de processamento textual, a *hesitação*, este capítulo revelou não apenas o comportamento do item *assim* adiante da realização de tais mecanismos textual-interativos, mas, por meio desse comportamento, revelou também as relações funcionais existentes entre os contextos em que o item atua nos mecanismos, as TDs investigadas e seus padrões, especificados no Capítulo 5. O Quadro 7.3 sintetiza essas relações de acordo com as perspectivas de análise adotadas:

Processos	Perspectiva diacrônica	Relações funcionais	Perspectiva sincrônica	Relações funcionais
	(i) Atribuição de pontos de vista sobre o assunto a fontes não identificadas	Padrão (7(C)) – MD assim Atenuador		
	(ii) Manifestação de atitudes do escrevente em relação ao tópico	Padrão (7(B)) – MD assim Sinalizador de Metadiscursividade		
	(iii) Sinalização da elaboração tópica	Padrão (7(B)) – MD assim Sinalizador de Metadiscursividade	Sinalização do segmento parentético, sem integrá-lo e sem	Como MD, assim marca formalmente
Parêntese	(iv) Sinalização da manifestação atitudinal do locutor em relação a um determinado conteúdo tópico (caso de ambiguidade entre as funções (ii) e (iii))	Padrão (7(A)) – MD assim Indicador de Conteúdo Expressivo	compartilhar de sua funcionalidade dentro do tópico discursivo	parênteses prototipicamente voltados para o conteúdo tópico
	(v) Instauração de convivência com o destinatário	Padrão (7(C)) – MD assim Atenuador Padrão (7(B)) – MD assim Sinalizador de Metadiscursividade		
Paráfrase	P voltadas para as funções de explicitar ou resumir	Padrão (A) – Juntor coordenativo conclusivo	P voltadas para as funções de explicitar ou resumir	Padrão (7(D)) – MD assim Sinalizador de Construção de Quadro Mental

continua

continuação

Correção	MD assim sinalizador de correção	Padrão (7(C)) – MD assim Atenuador
Repetição	Repetições hesitativas, repetições de itens lexicais ou de construções suboracionais	Padrão (7(B)) – MD assim Sinalizador de Metadiscursi- vidade
Hesitação	Hesitação de função metadiscursiva	Padrão (7(B)) – MD assim Sinalizador de Metadiscursi- vidade
	Hesitação de função atenuativa	Padrão (7(C)) – MD assim Atenuador

Quadro 7.3 Relações funcionais entre os papéis de *assim* nos mecanismos textual-interativos e seus padrões.

A partir desses resultados, sistematizo dois tipos de afirmação: (i) o item *assim* revela papel funcional significativo em contextos de processos interativos de construção do texto, estabelecendo-se até mesmo como marca da heterogeneidade constitutiva da escrita, em relação à parentetização e ao parafraseamento; e (ii) o funcionamento do item nesses contextos tem muito a dizer sobre seu processo de mudança, tanto na indicação de caminhos propriamente ditos dessa mudança, no caso de relações de derivação verificadas ao longo do tempo, como na indicação de estratificações e especializações de usos na perspectiva sincrônica. Nessa direção, associada ao aparato teórico das TDs, esse tipo de análise orienta o olhar para uma forma específica de tratamento contextual, que será retomada no Capítulo 8, como base para algumas generalizações e implicações referentes ao processo de GR de *assim*.

PARTE IV

GENERALIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

8

A GR DE ASSIM E FORMAS CORRELATAS

8.1 Considerações iniciais

O objetivo deste capítulo é apresentar generalizações e implicações teóricas a partir do estabelecimento de relações entre os padrões funcionais de *assim* e formas correlatas e seu processo de GR. Para tanto, primeiramente, serão apresentados aspectos relacionados à mudança de *assim* em direção aos padrões (A) – Juntor coordenativo conclusivo, na Seção 8.2.1, e (7(C)) – MD *assim* Atenuador, na Seção 8.2.2. Em seguida, no que tange à mudança de *assim* em direção aos seus demais padrões, serão estabelecidas relações com os processos textual-interativos, em contexto do item, na Seção 8.3.

Essa abordagem permitirá apontamentos acerca do modo específico como cada padrão colabora para o processo de GR do item *assim*, destacando, para isso, algumas de suas funções. Os resultados dessa etapa também permitirão generalizações a respeito do papel desempenhado pelas TDs nesse processo de mudança, assim como a sistematização dos mecanismos de GR ao longo do tempo.

Por fim, serão propostas considerações acerca das relações semântico-cognitivas subjacentes ao processo de GR de *assim*, principalmente associadas à emergência de usos juntivos do item e formas correlatas na Seção 8.4.

8.2 As relações dos padrões funcionais com o processo de GR de *assim*

De modo geral, os padrões funcionais de (1) a (6) estão intimamente associados à aceção modal e à foricidade de *assim*, aspectos que os ligam aos usos mais concretos desse item, seja no domínio proposicional, seja no textual. Entretanto, esses padrões correlacionam-se, de formas distintas, em relação às TDs focalizadas, com o desenvolvimento gramatical desse item nos domínios menos concretos.

Em direção ao Padrão (A) – Juntor coordenativo conclusivo

A análise anterior mostrou a relevância de contextos marcados por formas nominais do verbo, especificamente GER e PART (principalmente o primeiro) para a emergência da aceção conclusiva e da função de juntor coordenativo (Padrão (A)). Relacionado a essas formas verbais, o item *assim* apresenta-se, em contextos relevantes, para esse processo de mudança, nos padrões (1), (2) e (4), conforme Quadro 8.1, a seguir, que ainda apresenta o padrão (5), também relacionado à emergência do uso juntivo-conclusivo do item, embora fora de contextos com verbos em formas nominais:

Padrão	Contexto	TD	Observações
Padrão (2)	[Or reduzida de GER]+[<i>assim</i>]+[SN]	editorial carta	Estágio primário em relação ao uso juntivo.
Padrão (2)	[Or reduzida de GER + <i>assim</i> + [Or compl]]	editorial	Estágio secundário em relação ao uso juntivo.
Padrão (1)	[Or reduzida de GER + <i>assim</i>]+[Or]	editorial	Estágio terciário, em que <i>assim</i> realiza sinalização retropropulsora, caracterizando a função juntiva com sentido de causa-efeito/consequência.

continua

continuação

Padrão (1)	[Or reduzida de GER [v. ser] + [assim]]+[Or]	editorial carta	Contexto especializado com o verbo ser, na construção “sendo assim” → especialização no paradigma inicial (apenas essa especialização aparece nos dados da TD carta).
Padrão (4)	Complexo modificador assim + PART	editorial	Contexto em que atua como Mod do SN à esquerda, separado por vírgula (em comparação com os demais padrões listados, apresenta um grau maior de mobilidade posicional).
Padrão (5)	Complexo intensificador assim + SAdj/SAdv	editorial	Contexto em que atua como Mod de SAdj, com função intensificadora, permitindo paráfrase por ou coocorrência com tão.

Quadro 8.1 Contextos de padrões relevantes para a emergência do Padrão (A).

Todos os contextos de padrões relevantes para a emergência do Padrão (A) especificados no quadro são observados no recorte temporal do século XIX. Entretanto, o Padrão (1) foi constatado também no século XX, e seu uso pode ser atestado em sincronia atual, por falantes nativos, apesar de não ter sido constatado nos *corpora* das TDs nessa perspectiva. Esse dado indica a maior abstratização do item, em direção ao desenvolvimento da função, com o passar do tempo.

Ao lado das relações dos contextos de padrões de *assim* com o desenvolvimento de seu funcionamento como juntor coordenativo conclusivo, especificam-se contextos mais gerais, muito importantes para esse processo de mudança gramatical. O primeiro deles é o de coocorrência de *assim* com a conjunção *e*, em que o item se encontra em posição fixa (imediatamente seguindo *e*), em início de Q, sendo Q uma oração. Esse contexto foi observado nos dados de todas as TDs a partir do século XVIII até o XXI, o que comprova sua relevância e generalidade em relação a esse processo de mudança. Outro contexto é o de coocorrência de *assim* com *pois*, constatado no

século XIX, na TD carta; no século XX, na TD editorial; e no século XXI, na TD *e-mail*. Como destacado anteriormente, enquanto nas TDs carta e editorial, em perspectiva diacrônica, a sequência observada é “*assim* + *pois*”, na TD *e-mail* é “*pois* + *assim*”. Nessa TD, os usos de *assim*, nesse contexto de coocorrência, indicam um estágio mais concreto de seu emprego se comparado a seus usos, no mesmo contexto, em dados extraídos das TDs carta e editorial. A partir daí, duas considerações podem ser elaboradas: a influência da TD no desenvolvimento do item em direção ao padrão focalizado, o que leva à caracterização da TD *e-mail* como um espaço que privilegia usos não prototípicos; e, ao mesmo tempo, a importância da localização do item (pré ou pós-*pois*), na constituição de contextos mais ou menos abstratizados.

Um terceiro tipo de contexto é aquele que apresenta SS (Segmentos Sintetizadores) e comprova o elo textual representado na forma do item, na condição de juntor. Esse contexto foi observado nos dados da TD carta, nos séculos XIX e XX, e das TDs *e-mail* e narrativa recontada, sincronicamente, refletindo o perfil de não prototipicidade dos usos do item nesse padrão, nessas TDs. Entretanto, não foi constatado na TD editorial, caracterizando contextos em que o juntor encontra-se mais gramaticalizado.

Dadas essas constatações, é possível afirmar que todos esses contextos convergem para a constituição do juntor, podendo levar à reanálise. Embora esses contextos tenham sido constatados na maior parte dos *corpora* analisados, aqueles extraídos da TD editorial apresentam uma relevante contribuição para esse processo de GR. De fato, além de contextos gerais que propiciam tal desenvolvimento, os dados dessa TD permitem a constatação de importantes associações de padrões mais concretos de funcionamento do item (padrões (1), (2), (4) e (5)) com o desenvolvimento de seu uso juntivo, a partir de contextos específicos e relevantes para o processo de reinterpretação via metonímia, suplantando até mesmo os dados da TD carta.

Em suma, a TD editorial favorece o desenvolvimento de *assim* juntor conclusivo a partir de contextos mais específicos dos padrões

(1), (2), (4) e (5). É, portanto, desse modo que se liga à emergência desse padrão, enquanto espaço textual que, mediante suas condições de produção, favorece não só tais contextos de realização da mudança, como os de emprego prototípico desse juntor (em domínio proposicional/epistêmico).

Em direção ao Padrão (7(C)) – MD *assim* Atenuador

Nas TDs do banco de dados Iboruna, o contexto [Or reduzida de GER + *assim*] + [Or] infirma a semântica conclusiva a partir da função juntiva do item, em prol de uma acepção atenuativa, por meio da qual, ao associar-se adjuntamente ao verbo, *assim* marca uma busca pelo descomprometimento do falante em relação ao que está sendo dito, caracterizando o processo de atenuação. Como mencionado, há uma correlação entre a distinção funcional-discursiva, constatada aí, e a realização prosódica do contexto, que difere, notadamente nas TDs do Iboruna, da possível realização depreendida da leitura desses contextos extraídos da TD editorial. A partir dessa primeira constatação, observa-se que o mesmo contexto realiza pressões diferentes em TDs diferentes.

O Padrão (3) realiza-se em construção condicional cristalizada, presente nos dados das TDs carta¹ e editorial. Nos contextos em que a foricidade é prospectiva, apontando ST contíguo ao item, observa-se a possibilidade de sua supressão sem prejuízo formal para o enunciado, exclusivamente nos dados da TD carta, referentes ao século XIX. Essa característica é exclusiva – nos dados do Padrão (3), no *corpus* da TD carta – a esse contexto específico, e aponta para um uso que, embora compartilhe características sintáticas do predicativo dentro de uma construção cristalizada, já apresenta traços de usos atenuativos, como sua possível supressão contextual.

1 Embora não tenha sido constatado nos dados da TD *e-mail*, sugiro que tal contexto também seja possível nesse universo, uma vez que essa TD apresenta as mesmas possibilidades de sinalização e de referentes constatadas na TD carta em todos os outros usos desse padrão.

Nesse mesmo século, os dados da TD editorial também evidenciam esse tipo de construção referente ao padrão em questão. No entanto, a sinalização prospectiva de *assim*, essencial para a constituição do contexto semântico-formal necessário para o seu funcionamento mais abstrato – como nas cartas – é bloqueada, i.e., essa TD, conforme suas características, restringe os usos de *assim* em construções condicionais cristalizadas àqueles em que o item sinaliza anaforicamente e que, portanto, não configuram contextos que dispararam sua abstratização em direção a usos atenuativos.

As TDs do Iboruna apresentam contextos relacionados com o destacado da TD carta, já que também revelam configurações em que *assim*, realizando sinalização prospectiva, pode ser extraído sem prejuízos formais para o ST, associando-se à atenuação. Nesses dados, o item aparece fora de contextos configurados por construções condicionais, o que indica uma abrangência contextual desse funcionamento específico, relevante para a colocação em prática de seu processo de mudança.

Também o Padrão (4) apresenta traços voltados para a emergência de *assim* atenuador. Seu funcionamento prevê, diacronicamente, duas possibilidades de realização, no que tange ao tipo de sinalização/referente sinalizado: (i) o item pode sinalizar um ST que apresentará/representará o conteúdo modificador do SN modificado; ou (ii) pode sinalizar cataforicamente o próprio SN modificado, sem apontar para nenhum ST que o preencherá referencialmente como modificador, configurando um uso mais abstrato, voltado para a função atenuativa.

Essas duas possibilidades de sinalização/referente sinalizado podem ser observadas apenas na TD carta, em dados do século XX. Novamente, a TD editorial bloqueia as condições que proporcionam o disparo de funções mais abstratizadas do item, restringindo-se à função de modificador sempre associada à sinalização de porções tópicas que contenham o conteúdo acrescido ao SN modificado, conforme (i). Por outro lado, a possibilidade de sinalização (ii), observada inicialmente nos dados diacrônicos da TD carta, é bastante comum também nas TDs do Iboruna, em perspectiva sin-

crônica, configurando contextos de usos de *assim* voltados para a atenuação e as relações entre essas TDs no processo de mudança do item.

Aos contextos que apresentam, diacronicamente, indícios do desenvolvimento do padrão de uso atenuativo de *assim*, soma-se o Padrão (5), que, especificamente nas TDs do Iboruna, revela uma expansão contextual em que se observam casos de coocorrência de *assim* com o intensificador *tão*, variavelmente em posição posposta ou anteposta ao Adj intensificado. A partir dessa variação contextual, constata-se também uma variação semântico-pragmática no seu funcionamento que indica a emergência da função atenuativa. Nesse padrão, a abertura nas possibilidades de localização de *assim* condiciona uma mudança semântico-pragmática que sugere a ambiguidade indicativa da função atenuativa do item em contextos de intensificação.²

Evidenciam-se, também no que tange à emergência da função atenuativa de *assim*, relações entre as TDs do Iboruna e a TD carta.³ Foi possível observar o modo como, especialmente nos contextos dos padrões (3) e (4), relações funcionais inicialmente observadas na TD carta, nos séculos XIX e XX, respectivamente, estenderam-se e desenvolveram-se nos dados sincrônicos. Além disso, foi possível observar o modo como os mesmos contextos, em TDs distintas, realizam pressões também distintas no desenvolvimento de funções

2 Diacronicamente, na maior parte das ocorrências tanto da TD carta quanto da editorial, *assim* pode ser comutado por *tão*, não estando presentes, portanto, os dois itens contiguamente. Essa coocorrência é possível, nos dados diacrônicos, quando o núcleo intensificado constitui-se por outro advérbio, e é considerada indicativa do funcionamento mais concreto desse padrão. Diante disso, a TD editorial apresenta a maior recorrência desse contexto funcional mais concreto, enquanto a TD carta apresenta maior recorrência de contextos em que o item pode ser comutável por *tão* em função modificadora de núcleo adjetivo. Dessa forma, as ocorrências de carta aproximam-se mais das ocorrências das TDs do banco de dados Iboruna, cujo núcleo é também adjetival nos exemplos mais prototípicos de funcionamento do padrão.

3 Apesar de terem sido pouco frequentes os tipos de ocorrência destacados aqui na TD *e-mail*, sugiro uma ligação dessa TD com os comportamentos observados em cartas e nas TDs do Iboruna, graças às semelhanças ora entre essa TD e a TD carta, ora entre essa TD e as TDs do Iboruna.

mais abstratas do item. Esse aspecto fica claro, principalmente, quando são comparados os comportamentos do Padrão (2) nas TDs do Iboruna e na TD editorial, e os dos padrões (3) e (4) nas TDs carta e editorial. Constata-se uma forte tendência, em que os comportamentos do item, nesses padrões, voltam-se para suas funções concretas, em dados da TD editorial, bloqueando contextos que viabilizam as mudanças semântico-funcionais e pragmáticas na direção da emergência de suas funções mais abstratas, especificamente relacionadas ao seu uso como MD.

Chama a atenção especialmente o caso do Padrão (2), que na TD editorial assume usos do item voltados para a mudança em direção à sua função juntivo-conclusiva, enquanto nas TDs do Iboruna assume usos voltados para a mudança que leva à função atenuativa. Essa constatação revela uma importante associação entre o parâmetro “divergência” de Hopper (1996), segundo o qual o contexto/unidade que dá origem ao processo de GR pode preservar-se autonomamente e sujeitar-se, assim, a um novo processo de mudança e às especificidades características de cada TD, i.e., estou sugerindo que esse parâmetro, assim como outros, potencialmente toma espaço em decorrência de aspectos imprescindíveis para a mudança, relacionados ao tipo de TD que caracteriza o contexto linguístico-pragmático em que o item/construção se encontra.

Em resumo: (i) a TD carta favorece os contextos de desenvolvimento de *assim* atenuador, a partir dos padrões (3) e (4) e dos séculos XIX e XX; (ii) as TDs do Iboruna favorecem os contextos de desenvolvimento de *assim* atenuador, a partir dos padrões (2), (3), (4) e (5); e (iii) a TD editorial bloqueia os contextos de emprego dos padrões que favorecem o desenvolvimento dessa acepção do item, diacronicamente. O Quadro 8.2 sistematiza essa discussão, apresentando as relações entre os padrões, em suas respectivas TDs, o recorte temporal de ocorrência, com a emergência das funções mais abstratas, em ordem crescente de prototipicidade:

Função	Padrão	Tradição Discursiva	Século
Juntor coordenativo conclusivo	Padrão 2	Editorial/Carta	XIX
	Padrão 5	Editorial	XIX
Padrão (A)	Padrão 4	Editorial	XIX
	Padrão 1	Editorial	XIX/XX
MD atenuador	Padrão 3	Cartas/Iboruna	XIX/XXI
	Padrão 4	Cartas/Iboruna	XX/XXI
Padrão (7(C))	Padrão 5	Iboruna	XXI
	Padrão 2	Iboruna	XXI

Quadro 8.2 As relações dos padrões funcionais com o processo de GR de *assim*.

Essa sistematização indicia a *mudança categorial* nos padrões gramaticais especificados no quadro, em direção às funções mais gramaticais ainda, representativas dos usos de *assim* como juntor e atenuador. A mudança semântica segue a direção concreto > abstrato e envolve motivações inicialmente comunicativas, na dimensão discursiva/textual do processo, uma vez que um significado mais abstrato é especificado a partir de outros, mais concretos no contexto (padrões), induzindo, assim, uma reinterpretação mediante implicaturas conversacionais. Tais implicaturas podem ser convencionalizadas, a partir da pressão de informatividade que regula a interação falante/escrevente e ouvinte/leitor, envolvendo um processo inferencial sintagmático, denominado metonímia, que acarreta a reanálise (Traugott; König, 1991, p.212; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991, p.102; Hopper; Traugott, 1993, p.77). Usos que resultam desse processo são mais comuns em dados da TD editorial, quando se trata do Padrão (A), e em dados das TDs do Iboruna e da TD carta, quando se trata do Padrão (7(C)).⁴

4 Lanço mão de uma noção estendida de metonímia, conforme Traugott e König (1991), que abarca contextos concretos e pragmáticos de inferência conversacional e convencional. Nos contextos pragmáticos, a contiguidade baseia-se no mundo do discurso, caracterizada pela pressão da informatividade.

Apesar de o recorte temporal não ser muito extenso, confirma-se neste trabalho que a mudança categorial semântico-pragmática sistematizada nesse quadro se desenvolve ao longo do tempo, uma vez que os contextos de padrões mais concretos, menos prototípicos, são observados em dados de períodos anteriores em relação ao desenvolvimento de padrões mais abstratos e prototípicos, sempre relacionados às suas respectivas TDs de ocorrência. Chamo a atenção, de modo especial, para a continuidade do processamento de mudança, que se estende nos dados da sincronia atual, revelando a estratificação de usos do item mais ou menos gramaticalizados.

Nesses termos, a análise ilustra o caráter contínuo da transferência gradual de domínios conceituais, como os representados pelos diferentes padrões de *assim*, elencados no Quadro 8.2, apresentando etapas de sobreposição na transição desses padrões, em um domínio A, para as funções de juntor e atenuador, em um domínio B, caracterizando estágios de ambiguidade (A/B) em que o item pode ser entendido tanto no seu sentido +concreto/-gramatical, como em seu sentido -concreto/+gramatical, tais como os vários exemplos de não prototipicidade levantados na análise realizada. Portanto, partindo de um olhar mais aproximado do processo, capta-se o movimento contínuo que opera no interior de um mesmo domínio e entre domínios distintos.

O contexto assume grande importância aqui, por motivar inferências que condicionam as mudanças (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994, p.283-284). Considero que, no caso do desenvolvimento de *assim*, as pressões contextuais que favorecem as mudanças por inferências podem ocorrer desde o início do processo, a partir de seus usos menos abstratos até seus usos mais abstratos. Hopper e Traugott (1993) também destacam a importância da inferência pragmática para o processo de convencionalização do que inicialmente surge como uma implicatura do falante/escrivente, regulada por princípios de economia. Segundo os autores, quando uma condição passa a ser preenchida toda vez que certa categoria é usada, potencialmente é possível que tome espaço o desenvolvimento de uma forte associação entre a condição e a categoria, de modo que a condição passa a

ser entendida como parte integral do significado da categoria. Esse tipo de relação expressiva atuante no processo de convencionalização foi constatado nos diferentes padrões que levam à convencionalização de *assim* como juntor e atenuador.

A esse aspecto soma-se, necessariamente, o fator *frequência*, dado que implicaturas conversacionais se convencionalizam mediante o uso frequente em um tipo de contexto. Além de os contextos linguísticos imediatos serem fundamentais nesse processo, o tipo de TD exerce também papel determinante, já que, em algumas TDs, certos contextos são mais frequentes, levando à convencionalização de determinadas implicaturas na constituição das funções gramaticais.

Deve ter ficado claro que, até o presente momento, as mudanças focalizadas são bastante sutis e ocorrem de forma gradual, tendo reflexos ainda presentes em contextos de ambiguidades nos usos cotidianos. Segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.24), não é um único mecanismo de mudança que produz determinado significado gramatical, mas, sim, diversos mecanismos, atuantes na história de um item linguístico, o que permite a focalização desses mecanismos em diferentes pontos de seu percurso de GR. Aqui, constatou-se também que o mesmo mecanismo pode atuar em contextos formais diferentes, como os representados pelos padrões, levando à emergência gradual de características semântico-funcionais de outra categoria gramatical. Dessa forma, não existe um único contexto que faça emergirem, via pressão contextual, as funções dos padrões (A) e (7(C)) de *assim* (cf. Quadro 8.2), mas um feixe de contextos específicos, sempre mais concretos.

8.3 As relações dos processos textual-interativos em contexto de *assim* com sua mudança via GR

A partir da Seção 7.8, no Capítulo 7, constatou-se uma ligação intrínseca entre os processos de *parentetização*, *parafraseamento*, *correção*, *repetição* e *hesitação*, que ocorrem em contexto do item *assim*, e os funcionamentos de seus usos em determinados padrões. Essas relações são retomadas brevemente aqui, no Quadro 8.3, no qual (D) e (S) significam diacronia e sincronia, respectivamente:

Processos textuais-interativos	Padrões relacionados
(1D) Parentetização	Padrão (7(A)) – MD <i>assim</i> Indicador de Conteúdo Expressivo Padrão (7(B)) – MD <i>assim</i> Sinalizador de Metadiscursividade Padrão (7(C)) – MD <i>assim</i> Atenuador
(2D) Parafraseamento (1S)	Padrão (A) – Juntor coordenativo conclusivo Padrão (7(D)) – MD Sinalizador de Construção de Quadro Mental
(2S) Correção	Padrão (7(C)) – MD <i>assim</i> Atenuador
(3S) Repetição	Padrão (7(B)) – MD Sinalizador de Metadiscursividade
(4S) Hesitação	Padrão (7(B)) – MD Sinalizador de Metadiscursividade Padrão (7(C)) – MD <i>assim</i> Atenuador

Quadro 8.3 Relações entre os processos textual-interativos e padrões de *assim*.

Em relação a (1D) e (2D), os contextos integrados pelo item *assim*, observados em dados dos séculos XVIII a XX, somam-se àqueles, já apresentados, que favorecem a reinterpretação metonímica em direção à mudança categorial e semântico-cognitiva do item (de *advérbio modal*, constituinte de E2 > MD; e de *advérbio modal*, constituinte de P > juntor conclusivo). Dessa forma, os contextos de parêntese e paráfrase colaboram para a emergência das funções dos padrões relacionados, a partir dos funcionamentos explicitados anteriormente. A perspectiva diacrônica observada aí, além da relação

de gramaticalidade, sugere também a relação de origem dos respectivos padrões apontados a partir dos usos nos quais o item integra as construções que desenvolvem os processos de parentetização e parafraseamento.

Por outro lado, (1S), (2S), (3S) e (4S) apresentam processos textual-interativos, em coocorrência com o item sincronicamente. Aqui, observam-se contextos que colaboram para o processo de mudança que leva à emergência de aspectos específicos do funcionamento de *assim* nos padrões apontados, e que colaboram, ao mesmo tempo, para a colocação em prática de seus respectivos funcionamentos. Esses padrões correspondem, na grande maioria, àqueles relacionados aos processos de parentetização observados diacronicamente, o que leva à afirmação de que a mudança encontra-se em curso, i.e., que os usos dos diferentes padrões do MD *assim* não estão estabilizados.

Somando essas constatações às anteriores, nas quais em alguns padrões mais concretos encontram-se indícios da mudança que leva a padrões mais abstratos, chega-se à conclusão de que o processo de mudança pelo qual emergem os usos mais gramaticais e abstratos de *assim* lança mão de contextos diferenciados para sua realização, caracterizados ora por aspectos sintáticos específicos, ora por aspectos semântico-pragmáticos específicos, em que todos, de formas diferentes, colaboram para a incorporação dos novos funcionamentos do item, mediante o desbotamento de alguns aspectos semântico-formais e a persistência de outros, em usos que, com o passar do tempo, se especializam em determinados contextos.

Feitas essas associações, resta, neste momento, relacionar esses processos textual-interativos, relevantes para a mudança experimentada por *assim*, e as TDs em que eles são constatados.

Partindo dos casos de parentetização, conforme seção de análise exclusivamente dedicada a esse processo, a primeira questão relevante é que o perfil semântico-funcional desses parênteses está diretamente associado ao dos MD expostos no quadro apresentado. Dessa forma, a relação proposta aqui influencia diacronicamente a emergência do funcionamento de *assim* nos seus seguintes padrões de MD:

<i>Foco na elaboração tópica</i>	Padrão (7(B)) – MD <i>assim</i> Sinalizador de Metadiscursividade
<i>Foco no locutor</i>	Padrão (7(C)) – MD <i>assim</i> Atenuador
<i>Foco na elaboração tópica/ foco no locutor</i>	Padrão (7(A)) – MD <i>assim</i> Indicador de Conteúdo Expressivo

O segundo aspecto diz respeito diretamente às TDs. Coerentemente, a predominância de parênteses com *foco na elaboração tópica* foi observada em todas as TDs. Embora, diacronicamente, os dados da TD carta ilustrem outros tipos de foco, a coerência não se perde, uma vez que as ocorrências das TDs do Iboruna os mantêm de modo quase integral. Sincronicamente, a frequência de parênteses em contexto de *assim* focados no locutor volta-se para a manifestação atitudinal desse locutor em relação ao tópico/ST com valor de asseveração epistêmica, diferentemente de outros usos de *assim* – conforme Padrão (7(C)), por exemplo – que, nessa TD, voltam-se para a atenuação (correspondente à modalização epistêmica). Isso mostra que, diante da concorrência sincrônica com outros padrões, o uso parentético especializa-se em outra característica semântico-funcional.

A terceira questão relaciona-se ao fato de que, sincronicamente, o item mantém um funcionamento associado ao processo de parentetização, em que deixa de integrar E2 e passa a sinalizá-lo, assumindo a função de marca formal de segmentos parentéticos, exclusivamente associados ao foco na elaboração tópica e voltados para o conteúdo tópico. O processo que leva a essa exteriorização formal de *assim* em relação a E2 apresentou indícios nas TDs, em perspectiva diacrônica, comprovando tratar-se de um longo percurso de mudança.

Em relação ao parafraseamento, são necessárias duas observações: (a) apesar de as possibilidades prototípicas de localização, sinalização e configuração semântico-formal e funcional manterem-se, em grande parte, em relação ao que se constatou nos dados de P extraídos dos *corpora* diacrônicos, nos sincrônicos, não se constatam quaisquer relações entre M e P, em contexto de *assim*, e a coordenação de orações com valor conclusivo, realizada por esse item;

(b) diante disso, os mesmos contextos, nos quais o item desempenha as funções parafrásticas de *explicitar* e *resumir*, que, diacronicamente, se ligavam à emergência das características semântico-formais dos usos juntivo-conclusivos de *assim*, sincronicamente revelam características, dessa ordem, associáveis aos seus usos no Padrão (7(D)) – MD Sinalizador de Construção de Quadro Mental. Assim, revela-se um redirecionamento das funções, em relação ao novo contexto temporal e textual (no que tange ao tipo de TD), ao lado de uma ampliação do quadro funcional, que passa a englobar: P expansivas com função de *definir*; P redutoras, com função de *denominar*; e P simétricas, com funções de *adequar vocabulário*, *explicitar* e *definir*.

A constatação em (b), significativa para a apreensão do processo de mudança do item, indica que, diacronicamente, usos, em contextos de P, que colaboravam para a emergência de uma função mais gramatical de *assim* (Padrão (A)), sincronicamente colaboram com a emergência de outra função desse item, o Padrão (7(D)). Entretanto, é importante lembrar que os usos diacrônicos encontram-se em determinadas TDs (carta e editorial), enquanto os sincrônicos encontram-se em outras (TDs do Iboruna).

Diante disso, o fato de os usos diacrônicos de *assim* associarem-se à emergência da função mais gramatical do Padrão (A), tanto na TD carta quanto na editorial, leva a uma concorrência, em relação à TD editorial, em que, como foi constatado, vários outros contextos sintático-semânticos desempenham papel primordial para o desenvolvimento do padrão, apresentando até mesmo graus avançados desse processo de mudança. Assim, associo a baixa frequência de ocorrências dos contextos de P, relativos a *assim* e à sua função de juntor conclusivo nessa TD, ao estágio de desenvolvimento gramatical do padrão que eles representam (estágios iniciais), mais característicos da TD carta do que da TD editorial.

A TD *e-mail*, representativa dos dados sincrônicos, apresenta o mesmo tipo de concorrência, i.e., não favorece os contextos parafrásticos porque se especializa em outros contextos de ambiguidade que propiciam o processo de desenvolvimento do Padrão (A). Soma-se a isso o fato de que, sincronicamente, a relação de *assim*, nos

contextos de P, deixa de apontar para os usos do Padrão (A) e passa a relacionar-se com seu Padrão (7(D)). Diante disso, devo lembrar que o Padrão (7), de modo geral, ocorre apenas nas TDs do Iboruna. Há, portanto, na explicação do quadro visualizado nessa TD, argumentos associados à concorrência de contextos que levam de $A > B$ necessariamente também associados ao tipo de TD e aos usos que ela favorece.

Em relação ao funcionamento de *assim* em processos textual-interativos observados (quase) exclusivamente em ocorrências das TDs do Iboruna – correção, repetição e hesitação –, o item mostra um funcionamento mais abstrato, respectivamente, como *marcador de correção* (MC) e *marcador de repetição* (MR) e como marca intrínseca de hesitação. Comparativamente, seu esvaziamento semântico é mais incisivo nos contextos de hesitação, em que perde sua foricidade e aceção modal, caracterizando-se, de forma genérica, como preenchedor de pausa hesitativa. Mais especificamente, nos contextos em que o item desempenha tais funções, depreendem-se aspectos que colaboram para a identificação de outros funcionamentos desempenhados pelo item, fora desses contextos específicos.

Os apontamentos realizados na sequência só são relevantes porque estou considerando que os usos do padrão MD de *assim* são dependentes das características contextuais, do que decorrem as dependências relativas ao processo de desenvolvimento desses funcionamentos e ao seu próprio funcionamento, uma vez que são as características semântico-pragmáticas e, até mesmo, formais dos contextos de inserção que caracterizaram cada uso dos padrões de *assim* como MD.

Diante disso, os contextos em que *assim* funciona como marcador de correção apresentam aspectos relacionados com o processo de atenuação, o que leva ao reconhecimento desse contexto, entre os outros já destacados em vários pontos deste trabalho, como favorecedor da emergência e do funcionamento da função de MD atenuador – Padrão (7(C)). De forma semelhante, os contextos em que o item funciona como marcador de repetição também apresentam aspectos que apontam diretamente para a sua colaboração no desenvolvimen-

to e funcionamento de seus usos como MD sinalizador de metadiscursividade – Padrão (7(B)). Por sua vez, em contextos de hesitação, já bastantes abstratizados, cujo esvaziamento semântico parece evidente, os usos do item, como MD, indicam traços tanto de um quanto de outro padrão.

Somados esses contextos favorecedores das funções do item enquanto MD àqueles já apresentados, em que *assim*, em contexto de P, sincronicamente, relaciona-se ao funcionamento de seu Padrão (7(D)) – Sinalizador de Construção de Quadro Mental, chega-se a um quadro que permite observar que, nas TDs do Iboruna, apenas o Padrão (7(A)) não encontra contextos, relacionados aos processos textual-interativos, intrinsecamente ligados ao desempenho de suas funções e ao processo de mudança que leva a elas. Entretanto, esse padrão, relacionado à indicação de conteúdo expressivo, está ligado diacronicamente ao processo de parentetização, e, sincronicamente, equivale ao uso mais estabilizado do item enquanto MD.

A Figura 8.1 sistematiza as relações estabelecidas aqui, no âmbito do Padrão (7) de *assim* com os processos textual-interativos, nas TDs focalizadas, a escala de prototipicidade crescente de cada um dos usos que compõem esse padrão e também as influências mútuas entre os padrões (7(B)) e (7(C)):

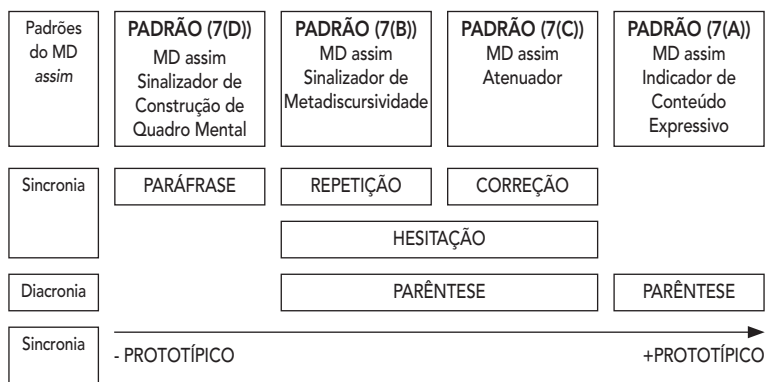


Figura 8.1 Escala de GR do Padrão (7) de *assim*.

8.4 As relações semântico-cognitivas no processo de GR de *assim*

Também central para o estudo do processo de GR de *assim*, especialmente em relação aos padrões juntivos, é a descrição da polissemia, observável na mudança semântica, e da ambiguidade, em termos de processos cognitivos fundamentais para trabalhar questões relacionadas à comunicação e à percepção humana do mundo (Sweetser, 1990, p.1-5).⁵ Para tais considerações baseio-me em Kortmann (1997), para quem a análise da mudança de significado, em um número considerável de línguas (nem genética, nem especialmente relacionadas umas às outras), capaz de identificar um estudo tipológico, mostrou que alguns sentidos dão origem a outros, posteriores no tempo. O que sustenta essa hipótese é, segundo o autor, o método da *reconstrução semântica interna* (Traugott, 1982). É importante lembrar, argumenta Kortmann, que muitas dessas mudanças semânticas podem e até mesmo devem ser vistas como consequências de inferências pragmáticas que, em alguns casos, se tornam convencionalizadas, mas que também, em muitos outros, permanecem em estágios nos quais não são mais do que um rico *context-bound*, proporcionador de uma leitura opcional no interior de um determinado recorte sincrônico.

No presente trabalho, admito a polissemia em teoria semântica e, seguindo Kortmann (1997), assumo que os significados sem ou com mínimas pressões contextuais poderiam qualificar-se como *primários*, e aqueles com fortes restrições contextuais, como *secundários*, de acordo com a Figura 8.2, emprestada do autor (p.18):

5 De acordo com Kortmann (1997), as inferências pragmáticas e as mudanças semânticas que nos interessam são sempre do menos para o mais específico, reinterpretadas como desenvolvimentos do menos para o mais complexo cognitivamente.

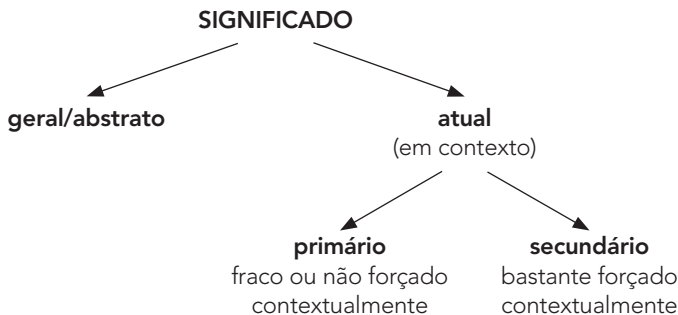


Figura 8.2 Significado geral/ abstrato e significado atual.

Os significados de interesse aqui, assim como para os semantistas cognitivistas e para os tipologistas funcionais, serão os *atuais*. Considerarei, seguindo indicações de Haegeman (1985 apud Kortmann, 1997, p.30) e, acima de tudo, dos resultados alcançados, que diferentes leituras do mesmo item *podem* acarretar efeitos na sintaxe da oração em que se insere (padrões (1) a (7)) ou que introduz (padrões (A) a (D)). Então, as restrições sintáticas são um diagnóstico proveitoso na identificação de diferentes significados do mesmo item, conforme apontado nas seções prévias de análise.⁶

Além disso, considerarei, segundo o mesmo autor – e outros, como Sweetser, 1990; Schiffrin, 1987; Hengeveld, 1993 –, que certas relações interoracionais operam no nível do conteúdo, no epistêmico, ou, ainda, apresentam potenciais distintos para serem usadas ora em um, ora em outro desses dois planos discursivos, o que aqui foi tratado como um indício do processo de GR. Nessa direção, apresento o Quadro 8.4:

6 Não estou afirmando, entretanto, que leituras distintas de um item *sempre* terão repercussão sintática.

Planos discursivos	Padrões		
Nível do conteúdo	Padrão (A) causa-consequência	Padrão (B) comparação/adição	Padrão (C) tempo
Nível epistêmico	Padrão (A) causa-consequência	Padrão (B) conformativo	Padrão (D) contraste/concessão

Quadro 8.4 Relação entre planos discursivos e padrões de *assim*.

Existem evidências interlinguísticas que, sincrônica e diacronicamente, fortalecem as associações anteriormente propostas. Kortmann (1997, p.30) fornece evidências sincrônicas a partir de seus dados: dos 470 subordinadores adverbiais para os quais os informantes estavam certos de que poderiam dar um uso metalinguístico, quase 60% sinalizam uma relação causal, condicional, concessiva. Por contraste, apenas 18% desses subordinadores servem como marcadores de uma relação temporal. Como evidências históricas, reclamam-se hipóteses recentes em GR, como as mudanças semânticas observáveis em verbos modais (Bybee; Pagliuca, 1985) ou conectivos adverbiais (por exemplo, *since* de Anterioridade para Razão; *while* de Simultaneidade para Contraste), que tendem a exibir um aumento de *subjetivização* (Traugott, 1989).

À luz dessas observações iniciais, o parâmetro a ser explorado nesta seção diz respeito ao grau de não discretude conceitual que as relações interoracionais, focalizadas aqui, exibem em relação direta com um aumento do grau de polifuncionalidade semântica. No que tange a esse parâmetro, Kortmann (1997, p.168) propõe a seguinte questão: “Qual é a noção que subjaz esse parâmetro?” O autor afirma que quanto mais frequentemente uma dada relação interoracional é expressa como um de vários significados de um juntor, mais alto é seu grau de não discretude conceitual (caso dos padrões (A) e (B)); por conseguinte, quanto menos frequentemente uma dada relação interoracional é expressa, mais baixo é seu grau de não discretude conceitual (caso dos padrões (B-conformativo), (C) e (D)).

Além disso, o grau de não discretude tende a aumentar para relações interacionais conceitualmente primitivas, mas a diminuir para aquelas conceitualmente complexas.

Diante disso, apresento o Quadro 8.5, a partir dos resultados do trabalho de Kortmann, em que se listam as relações interacionais de interesse, destacando a não discretude semântica das relações estabelecidas e a complexidade cognitiva. Nesse quadro, seguem destacadas as relações equivalentes aos padrões de (A) a (D):

NÃO DISCRETUDE SEMÂNTICA E COMPLEXIDADE COGNITIVA DE RELAÇÕES INTERACIONAIS									
Relações - GRAU DE DISCRETUDE >>> >>> >>> >>> + GRAU DE DISCRETUDE									
- GRAU DE COMPLEXIDADE >>> >>> >>> >>> + GRAU DE COMPLEXIDADE									
TEMPO-RAIS	Sobreposição de Simultaneidade	Duração de Simultaneidade	Contingência	Anterioridade	Anterioridade Imediata	Terminus ad quem	Posterioridade	Terminus a quo	
	<i>when</i>	<i>while</i>	<i>whenever</i>	<i>after</i>	<i>as soon as</i>	<i>until</i>	<i>before</i>	<i>since</i>	
					PADRÃO (C)				
CCC	Causa	Condição	Resultado	Propósito	Condição Concessiva	Contraste	Concessão		
	<i>Because</i>	<i>if</i>	<i>so that</i>	<i>in order that</i>	<i>even if</i>	<i>whereas</i>	<i>although</i>		
	PADRÃO (A)					PADRÃO (D)			
MODAIS/LUGAR	Similaridade	Comentário/acordo	Comparação						
	<i>as, like</i>	<i>as</i>	<i>as if</i>						
	PADRÃO (B)	PADRÃO (B)-conformidade							

Quadro 8.5 Não discretude semântica e complexidade cognitiva de relações interacionais.

Esse quadro ilustra a organização interna do espaço semântico de relações interacionais em termos de seus graus relativos de *discretude* e de *simplicidade/complexidade cognitiva*. No que tange à organização da complexidade cognitiva crescente, a relação tem-

poral de Anterioridade Imediata, caracterizadora do Padrão (C), é mais complexa do que qualquer outra à sua esquerda e menos do que qualquer outra à sua direita. Por sua vez, a relação CCC de Contraste, caracterizadora do Padrão (D), é mais complexa do que a de Causa/consequência, caracterizadora do Padrão (A), ou qualquer outra à sua esquerda e menos complexa do que a relação de Concessão à sua direita. Por fim, a relação modal de Similaridade, caracterizadora do Padrão (B), é menos complexa do que a de Comentário/acordo, caracterizadora do Padrão (B)-conformidade, ou qualquer outra à sua direita. Assim, o cruzamento da proposta de Kortmann com nossa análise dos padrões juntivos de *assim* resulta no seguinte *continuum* de complexidade cognitiva crescente:

*	*	*	*	*
PADRÃO (B) comp. /aditivo	PADRÃO (C) temporal	PADRÃO (B) conformativo	PADRÃO (A) conclusivo	PADRÃO (D) contrastivo
P <i>assim</i> como Q	Assim que Q, P	P <i>assim</i> como Q	P <i>assim</i> Q	P mesmo <i>assim</i> Q

Figura 8.3 *Continuum* de complexidade cognitiva crescente dos padrões juntivos de *assim*.

Segundo Kortmann (1997) existem evidências morfológicas e semânticas, suportando a intuição de que relações interacionais diferem quanto à *basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano. Seus parâmetros permitem postular uma estrutura em camadas no espaço semântico de relações interacionais, consistindo em um núcleo de relações circunstanciais básicas e diversas camadas de relações cada vez mais periféricas. Entre as relações que constituem o núcleo, localizam-se, similarmente, vários dos padrões identificados e analisados neste trabalho, conforme a adaptação da figura a seguir:

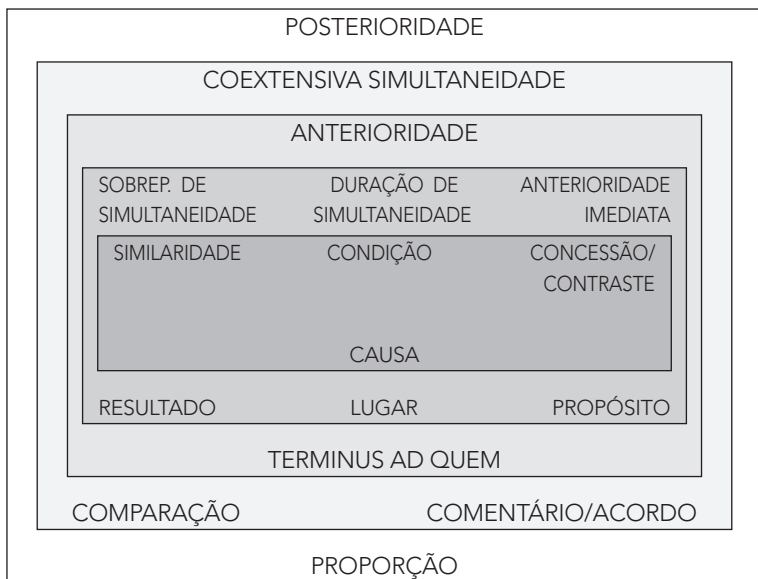


Figura 8.4 *Basicness* cognitiva ou centralidade para o raciocínio humano.

Kortmann afirma, segundo sua pesquisa, que as doze relações que constituem o núcleo (representação em cores) exibem o mais alto grau de lexicalização em juntores, ou seja, em um número considerável de línguas foram encontrados juntores codificando, lexicalmente, tais relações. A afirmação, portanto, é de que essa disponibilidade reflete a *basicness* cognitiva ou, em outras palavras, que “os princípios lexicais auxiliam na codificação dos cognitivos” (Kortmann, 1997, p.341 [grifos do autor]). Entre os padrões de usos juntivos de *assim*, apenas o (B)-conformativo e a possível acepção comparativa, considerando-se sua relação com similaridade, não se encontram nesse núcleo.

É crucial, para Kortmann (1997, p.342), defender que esse conjunto central recebe suporte da análise da frequência em várias línguas, do que se conclui que *basicness* cognitiva de relações interoracionais pode, enfim, ter reflexos na língua, de modo a se caracterizar por itens altamente gramaticalizados ou, acrescento, em vias de GR, mediante frequência de uso. Segundo o autor, tal reflexo

linguístico encontra identificação também com a estabilidade temporal, indicativa de que na codificação das relações interacionais mais básicas estarão os juntores mais “velhos” em uma língua, que já passaram pelo menos por mudanças morfossemânticas ao longo do tempo. Diante dessa observação e das análises conduzidas até aqui, estendo a afirmação de Kortmann, assumindo que não apenas juntores já em uso podem ser identificados nesse núcleo, mas também juntores que, com o tempo, sofrem GR, o que equivale a dizer que os sistemas de relações semântico-cognitivas nucleares também favorecem a emergência de mecanismos que, a partir do material linguístico disponível na língua, atuarão na constituição de formas novas de codificar velhas relações.

Kortmann (1997, p.342) destaca que *complexidade cognitiva* e “*basicness*” *cognitiva* precisam ficar separadas, porque a segunda não necessariamente envolve a primeira, sendo o inverso também verdadeiro. Concessão/contraste é um exemplo de relação interacional que exibe alto grau de complexidade cognitiva e que, claramente, pertence ao conjunto central de relações cognitivamente básicas.

Ainda é possível sugerir uma organização macroestrutural em sistemas maiores de relações interacionais, tais como os sistemas *temporais*, *modais*, e, num sentido mais amplo, *causais*, *condicionais* e *concessivos* (CCC) (Kortmann, 1997, p.175-176). Nessa direção, a indicação de relações interacionais individuais de um desses sistemas maiores, por sua vez, é motivada por um grau suficiente de similaridade semântica entre as relações e, ao mesmo tempo, por um grau suficiente de diferenças semânticas a partir da comparação com outras relações circunstanciais. À luz dessa afirmação, focalizarei a similaridade semântica, já explicitada na descrição dos padrões e indicativa do processo gradual de mudança por GR, não somente com um olhar sobre a similaridade interna do sistema, mas também sobre os diferentes graus de relações semânticas existentes entre algum par ou conjunto de relações interacionais em geral, independentemente de pertencerem ou não ao mesmo sistema semântico. Essa generalização é mais ambiciosa do que aquela de esclarecer apenas a estrutura interna de sistemas individuais. Representa uma tentativa

de revelar as mais importantes entre as múltiplas relações envolvidas no processo de mudança semântica subjacente à GR.

A evidência apresentada aqui permite a afirmação de que há modelos de espaços semânticos de relações interacionais capazes de refletir as afinidades e suas forças relativas, dentro dos maiores sistemas e entre eles. Esses modelos são apresentados por Kortmann (1997, p.177), na forma de mapas cognitivos, adequadamente chamados de canais de polissemia, tridimensionais e similares aos modelos de moléculas em química.

Do ponto de vista de um macronível, desprezando-se a intrincada estrutura interna de cada um dos sistemas (principalmente dos sistemas temporal e CCC), o espaço semântico das relações interacionais identifica-se com quatro conjuntos de relações: *locativas*, *temporais*, *modais* e *CCC*, de acordo com a Figura 3.2, apresentada na Seção 3.3, Capítulo 3, e exposta novamente aqui a título de maior clareza:

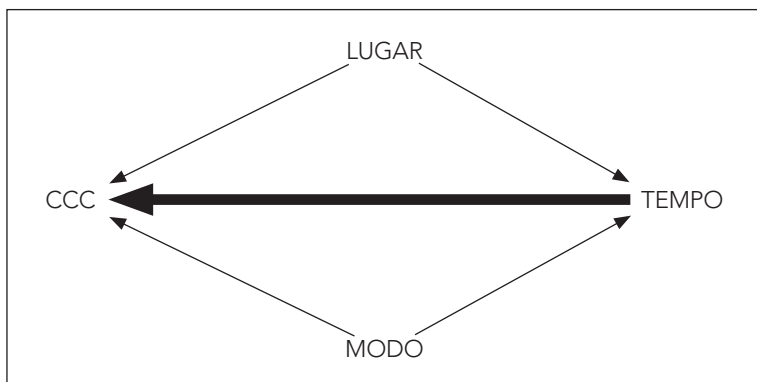


Figura 3.2 Mapa cognitivo (Kortmann, 1997).

De acordo com esse mapa, de modo geral, existem somente afinidades fracas entre os sistemas de relações locativas e temporais, temporais e modais, modais e CCC, bem como CCC e locativas. Entretanto, partindo dos resultados desta pesquisa, as relações que apresentam grau mais alto de afinidade semântica são depreendidas entre os sistemas que partem das relações modais, por conta da natureza do item *assim*. Afinidades semânticas são ausentes entre as rela-

ções locativas e modais, também nesses resultados. Dessa forma, no Padrão (A), observa-se que, em sua acepção conclusiva, está implícita uma relação de *causa-consequência* ou ainda de *causa-efeito* que proporciona a apreensão de contextos de ambiguidade semântica entre *modo*, característico do sistema a que pertence originalmente seu item fonte, e a relação mais abstrata, característica do sistema CCC (*causa-consequência*).

O Padrão (B) não passa de um sistema de relação a outro, mas apresenta mudanças semânticas internas ao mesmo sistema, ao nível da microestrutura, em que se observa, de acordo com a análise semântico-formal apresentada, um desenvolvimento possível da Similaridade, relativa à *igualdade de modo*, à Similaridade, relativa à *igualdade de extensão*, equivalente à comparação. Além disso, esse padrão apresenta usos mais abstratos, indicativos de conformidade. Entretanto, de modo geral, todos os seus usos (mais/menos abstratos) encontram-se no domínio das relações de modo.

A análise dos dados do Padrão (C) mostra uma relação entre o sistema modal e o temporal. Entretanto, diacronicamente, foram constatados usos, anteriores aos temporais, em que estava implicada uma relação consecutiva, característica do sistema CCC. De fato, associam-se as duas leituras, a temporal e a consecutiva, aos traços semânticos do item fonte a partir do sistema modal. Portanto, o item central para o padrão, de natureza modal, favorece leituras consecutivas e temporais, sendo posteriormente especializado, na acepção temporal, por meio de usos mais frequentes. Dessa forma, do ponto de vista diacrônico, os usos que permitem leitura consecutiva não correspondem a uma etapa do desenvolvimento da leitura temporal do padrão.⁷ O mapa cognitivo das afinidades mais importantes que superam o sistema das relações temporais proposto por Kortmann (1997, p.191), ilustra como essa relação, refletida nos dados analisados do Padrão (C), é comum, de modo geral, ao sistema temporal.

7 Caracteriza-se um caso de: (i) estratificação (a mesma construção permite leituras *consecutivas* e *temporais*); e (ii) especialização (apresenta, com o tempo, maior frequência de usos temporais).

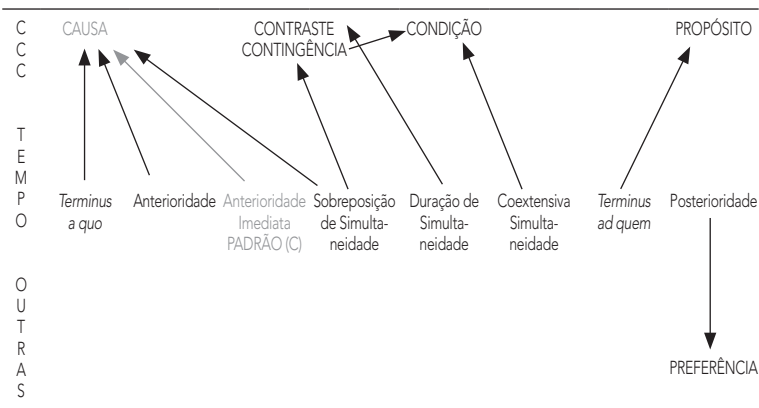


Figura 8.6

Por fim, o Padrão (D) sugere uma relação que parte, também por conta do item *assim*, do sistema modal, em direção ao sistema CCC.⁸ Diferentemente dos demais padrões destacados, esse revela usos bastante ambíguos, por aspectos distintos, expostos na análise semântico-formal, em que a partir de uma leitura basicamente adversativa, pode-se inferir, graças à fluidez semântico-pragmática, uma relação concessiva, mais abstrata. Dessa forma, em contextos marcados por relações indicativas do sistema CCC, o padrão caracterizado como *contrastivo*, marcado por essa fluidez, apresenta também casos de polissemia interna a um mesmo sistema, em micronível. Há, nesse micronível, as relações de causa e condição, como características dos contextos que propiciam a emergência da acepção contrastiva do padrão.

A adaptação do mapa sugerido por Kortmann ilustra os movimentos, em macronível, a partir desses resultados:

8 Embora essa direção seja justificada a partir das leituras com acepção mais concreta do padrão, uma investigação mais pormenorizada, especificamente dos itens *mesmo* e *ainda*, constitutivos, com *assim*, desse padrão, pode apontar ainda para outro caminho de desenvolvimento semântico-cognitivo.

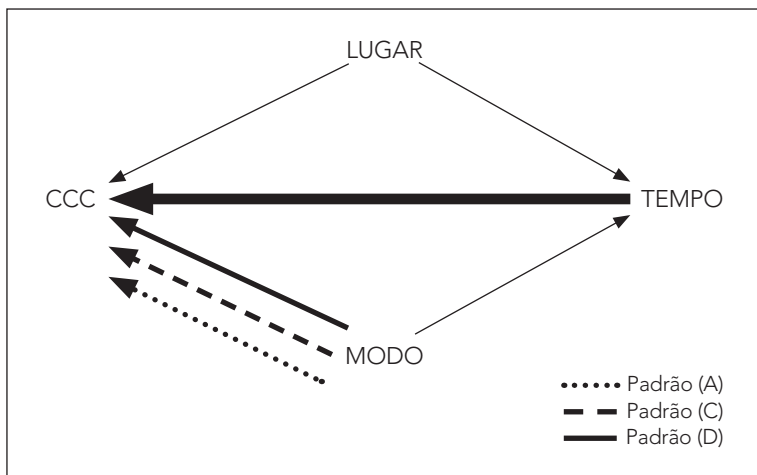


Figura 8.7 O mapa cognitivo das relações juntivas de *assim* e formas correlatas.

Esses resultados corroboram a unidirecionalidade das afinidades, refletidas nas direções observáveis mais frequentemente em mudanças semânticas que geram juntores. As relações modais dão origem às relações causal e contrastiva, no sistema CCC, no que tange aos padrões (A) e (D), respectivamente, e abastecem o sistema de tempo, conforme o padrão (C), mas não vice-versa. De acordo com esses resultados, destaco, corroborando afirmação de Kortmann (1997, p.188), que o sistema *tempo* é geralmente a meta do processo de extensão do significado de itens originalmente modais (e também locativos); e que, embora o eixo *modo* > CCC seja considerado fraco, tipologicamente, segundo o autor, os dados desta pesquisa comprovam que a natureza semântica dos itens envolvidos no processo é que determina o sistema *fonte* da mudança. Dessa forma, no caso deste trabalho, o sistema *modo* assume características de sistema fonte forte.

Em micronível, a relação de comparação acrescenta-se às de modo, similaridade e comentário/acordo, a partir de sua frequente sinalização com uma leitura primária ou secundária de juntores de similaridade. Ênfase, portanto, com base em Kortmann (1997, p.195), que essa afinidade semântica dificilmente causa algum tipo

de espanto, dado que, de acordo com a Seção 5.1.2.2, Capítulo 5, comparação envolve similaridade. De modo geral, as relações modais apresentam todas as suas importantes afinidades com outras relações interoracionais internas ao sistema. De fato, as únicas ligações que superam o sistema, mencionadas e ilustradas aqui a partir dos padrões (A), (C) e (D), são aquelas com Anterioridade Imediata, tendo como meta o sistema temporal, de um lado, e com Causa e Contraste, tendo como meta o sistema CCC, de outro.

Diante disso, o mapa cognitivo que segue, adaptado de Kortmann (1997, p.196), ilustra essas importantes relações de afinidades, que superam o sistema de relações modais, e as relações internas ao sistema, em micronível, relativas aos padrões (B):

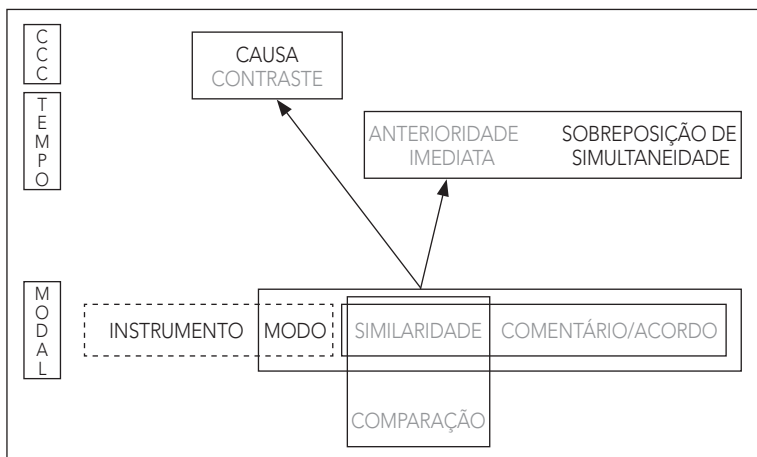


Figura 8.8

A partir dos resultados dessa análise, estabeleço uma conjugação entre a proposta de abordagem das orações complexas de Halliday (1985), cuja avaliação foi realizada na Seção 5.1.3, Capítulo 5, com a teoria proposta por Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a). De acordo com a adaptação do esquema de junção de Raible (Seção 3.3, Capítulo 3), fundamentada na organização da complexidade cognitiva crescente e discretude semântica das relações interoracio-

nais, com base na proposta de Kortmann (1997), essa articulação torna possível uma classificação dos juntores em estudo, a partir da localização de cada um deles ditada pelas coordenadas referentes aos eixos vertical (*graus de interdependência*) e horizontal (*relações lógico-semânticas*):

		EIXO HORIZONTAL																					
Padrões		1			2			3								4							
Sistemas		ADIÇÃO			MODAL			TEMPO								CCC							
			A	B	C	A	B	C	D	E	F	G	H	A	B	C	D	E	F	G			
EIXO VERTICAL	I																						
	II																						
	III	(a)													(e)				(f)				
	IV		(b)	(c)						(d)													
	V																						
	VI																						
	VII																						

(A) *assim como* (aditivo)

(B) *assim como* (similaridade/comparação)

(C) *assim como* (conformidade)

(D) *assim que*

(E) *assim*

(F) *mesmo assim*

Quadro 8.6 Classificação segundo adaptação do esquema de Raible (2001).

O quadro permite afirmar que as locuções juntivas *assim como* (conformativa) e *assim que* que se localizam mais à direita do *continuum* PARATAXE > HIPOTAXE (conforme Seção 5.1.3, Capítulo 5), especificamente no padrão sintático (IV), o mais elevado para os casos sob observação, não se encontram nos padrões lógico-semânticos mais complexos, mas nos padrões (2) modo e (3) tempo. Diferentemente, a locução *mesmo assim* e o juntor *assim*, que se localizam mais à esquerda desse *continuum*, no padrão sintático (III), encontram-se em padrões lógico-semânticos bem mais complexos, como é o caso das relações de causa-consequência (A) e contrastivas (F) no padrão (4) CCC.

Embora em relações lógico-semânticas que revelam graus de complexidade cognitiva distintos, as locuções e o juntor observados encontram-se em padrões sintáticos contíguos, (III) e (IV). Esse dado mostra que a relação marcada na classificação fornecida a partir do cruzamento proposto por Raible confirma a constatação realizada a partir da análise sobre os pressupostos de Halliday, de que há uma forte fluidez dos padrões dessas construções, i.e., a contiguidade dos padrões sintáticos reflete a contiguidade entre PARATAXE e HIPOTAXE observada no *continuum*. Além disso, os usos que se enquadram nos padrões lógico-semânticos mais complexos, como *contrastividade*, revelam influências de padrões menos complexos, como *causa* (4-A) e *condição* (4-B), por exemplo.

“Para onde olhar...”

Este capítulo direciona o olhar para a relação de desenvolvimento gramatical do item *assim* e formas correlatas por meio de seu comportamento, nas perspectivas sincrônica e diacrônica, em relação às TDs, a partir da influência delas nos direcionamentos da mudança, por meio da especificação da forma como determinadas características de cada TD são relevantes para o processo, seja para a aceleração de certos percursos de desenvolvimento, seja para o bloqueio deles.

Da mesma forma, permite enxergar, de fato, o papel dos processos textual-interativos para a GR de *assim*, por meio da promoção de contextos favorecedores da mudança, numa perspectiva diacrônica, e de contextos que favorecem, em perspectiva sincrônica, a caracterização de funções de padrões específicos. A análise mostrou também que, diacronicamente, usos em contextos de determinados processos textual-interativos que colaboravam com a emergência de uma determinada função mais gramatical do item, sincronicamente passam a colaborar com a emergência de outra função desse item, de forma sensível não só ao recorte temporal, relativo à estratificação da mudança, como à TD, relativa à recorrência de contextos que levam de $A > B$ necessariamente também associados aos tipos de usos que a TD favorece.

A análise das relações semântico-cognitivas no processo de GR de *assim*, no que tange aos seus padrões juntivos, forneceu também neste capítulo uma escala crescente de complexidade cognitiva associada à discretude semântica e uma especificação das relações interoracionais desempenhadas por esses padrões. Seus resultados permitiram um olhar especial direcionado para a proposta de uma relação tridimensional de derivação entre os domínios cognitivos, apontando Modo como a macrofunção mais produtiva nos dados, e direcionado para a concretização da conjugação entre as propostas de Halliday (1985) e Raible (2001, 1992 apud Kabatek, 2005a), possibilitando a visualização de relações que revelam graus de

complexidade cognitiva distintos em padrões sintáticos também distintos, embora de forma fluida: padrões sintáticos mais básicos (paratáticos) associados à maior complexidade cognitiva e padrões sintáticos mais complexos (hipotáticos) associados à menor complexidade cognitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste livro foi defender a ideia de que as tradições discursivas devem ser consideradas na investigação da mudança por GR, de modo a suplantarem a concepção de diacronia linear, século a século, e de acrescentar aos aspectos internos, já tradicionalmente relevantes para os estudos desse tipo de mudança, aspectos relativos às tradições e às condições de produção dos textos, como igual ou potencialmente determinantes para esse processo de inovação linguística. Com isso, hipotetizei a existência de uma relação entre TD e o caminho de mudança de *assim*, de modo que tal relação fosse capaz de apontar especificidades desse processo de mudança no que tange à realização de seus mecanismos fundamentais, não capturáveis, em sua dimensão linguística, de forma consistente, senão a partir da consideração das TDs.

Ao imprimir aos estudos da GR essa nova abordagem dos fenômenos de mudança linguística, trabalhei com a hipótese da existência de uma relação entre processos de constituição textual e os contextos que favorecem a mudança gramatical, propondo, portanto, uma nova forma de abordar os contextos de funcionamento do item focalizado, a partir de uma fundamentação teórica que prioriza a dimensão textual como atividade e não como produto.

Os resultados obtidos, a partir da análise de textos representativos das TDs carta e editorial, no recorte diacrônico, e da TD *e-mail* e

TDs do banco de dados Iboruna (narrativa de experiência, narrativa recontada, optativa, injuntiva e descritiva), no sincrônico, positivamente, demonstraram como diferentes TDs privilegiam ou não determinados caminhos de mudança, a partir da correlação entre as características dessas TDs e a frequência de contextos prototípicos ou não prototípicos constatados nelas.

De modo geral, a análise dos dados empíricos de *assim* e suas formas correlatas no que tange ao processo de GR em correlação às TDs investigadas levou à conclusão de que: (a) enquanto determinados aspectos gramaticais se desenvolvem mediante pressões contextuais favorecidas pelas características de determinadas TDs; (b) outros se desenvolvem independentemente das características de algumas TDs. Essa conclusão permite a associação desses resultados à heterogeneidade constitutiva da escrita (Corrêa, 1997).

Ainda nessa direção, a fim de ilustrar a generalização em (a), as relações dos padrões funcionais de *assim* com seu processo de GR detalharam, primeiramente, dois percursos de mudança: em direção ao Padrão (A), com destaque para a TD editorial, que favorece o desenvolvimento desse padrão de *assim* a partir de contextos específicos dos padrões (1), (2), (4) e (5); e, em direção ao Padrão (7(C)), com destaque para a TD carta e as TDs do Iboruna, que favorecem o desenvolvimento de contextos propícios para esse caminho de mudança, ao contrário da TD editorial, que os bloqueia.

A fim de ilustrar a generalização em (b), foram constatados usos não prototípicos do item investigado em TDs, cujas características e condições de produção não os preconizavam, i.e., mesmo a TD editorial, apesar de direcionar os caminhos de mudança, não se mostrou imune ao processo, revelando aspectos linguísticos indicadores da heterogeneidade da escrita. O mesmo pode ser afirmado acerca das TDs do Iboruna, em que usos não esperados, em textos mediados pela fala, também foram constatados (por exemplo, usos do Padrão (A)).

A avaliação é positiva, da mesma forma, no que tange à abordagem da relação entre os processos constitutivos do texto relativos a *assim*, e os contextos que propiciam a mudança, já que se confirmou que o funcionamento do item nesses contextos diz muito sobre seu

processo de mudança, tanto na indicação de seus caminhos propriamente ditos, no que diz respeito às relações de derivação, verificadas ao longo do tempo (como nos casos de parentetização e parafraseamento, associados funcionalmente aos usos do item enquanto MD e juntor coordenativo-conclusivo, respectivamente), como na indicação de estratificações e especializações de usos na perspectiva sincrônica – como nos casos de correção, repetição e hesitação associados aos usos do item nos padrões (7(C)) e 7(B)).

Esse tipo de análise revela uma forma diferenciada de tratamento de contextos associados ao processo de GR de *assim* a partir de um aparato teórico específico que valoriza os aspectos textuais, enquanto tradição e atividade. Além disso, essa nova abordagem dos contextos envolvidos na mudança mostrou que o item *assim* constitui-se como marca da heterogeneidade constitutiva da língua, em relação à parentetização e ao parafraseamento.

Esses resultados, arraigados no uso, em evidência empírica rigorosamente levantada, ao comprovar a relação entre TD e GR, não deixam de comprovar também o alto grau de fluidez entre os diferentes padrões de uso nas distintas TDs investigadas. Entretanto, a comprovação dessa relação impossibilita a ilustração dos caminhos de mudança por meio de um *continuum*, ainda que didático ou metodológico, em que se distribuam os usos mais concretos, em um extremo, e os usos mais abstratos, em outro, em uma variação escalar entre eles. Isso porque, embora a dimensão temporal seja relevante e significativa para a análise, ela deixa de ser a base numa concepção de diacronia não linear. Além do mais, as indicações de aspectos da heterogeneidade constitutiva não são constatadas entre textos que possam ser dispostos em pontos vizinhos em um *continuum*, tal como o adotado por Marcuschi (1994b, 1995) a partir de Koch e Oesterreicher (1985).

Assim, em vez de *continua*, este livro apresenta quadros ilustrativos de diferentes aspectos do comportamento do item investigado, referentes às várias TDs. Esse resultado imprime uma condição mais realista ao universo de usos e textos imersos em suas condições de produção, tão específicas quanto os aspectos que indiciam a mu-

dança, sempre caracterizada pela sutileza, em uma dimensão verdadeiramente histórica (Coseriu, 1979), não só diacrônica.

A análise das relações semântico-cognitivas envolvidas no processo, especialmente nos padrões interacionais ((A) a (D)), também não foi ilustrada a partir dos tradicionais *continua*, mas de uma estrutura molecular tridimensional (conforme Kortmann, 1997) que apontou Modo como a macrofunção mais produtiva nos dados, de forma a ilustrar didática e dinamicamente as relações desempenhadas em sua direcionalidade e em sua força.

Este livro sinaliza vários caminhos abertos a partir dessa nova perspectiva de abordagem da GR e, por isso mesmo, abre novas possibilidades de discussões teóricas e analíticas, no que tange às consequências dessa relação entre TD e GR. Uma delas, talvez a mais relevante, é a que diz respeito ao tratamento da heterogeneidade constitutiva da língua no âmbito da forma como são considerados os textos, como representativos de modos de enunciação falado e escrito, em estreita relação com suas condições de produção, tomadas como fatores também determinantes para a apreensão da mudança.

A complexidade dos resultados alcançados, mediante esse aspecto marcante da “nova” abordagem que aqui se fez da GR, é indicativa de um grau satisfatório de adequação entre teoria e dados, mas é, da mesma forma, indicativa desse novo percurso de pesquisa e investigação...

... *E assim*, essa tarefa não se esgota, apenas se encerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. Língua oral, língua escrita: interessam, à Linguística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL. *Anais...* [s.l.], 1990, p.1-16.
- ANDRADE, M. L. C. V. de O. Marcas de interação na correspondência publicada em jornais do séc. XIX. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (eds.). *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Vervuet: Iberoamericana, 2006, p.117-133.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1986[1929].
- BARBOSA, A.; LOPES, C. *Cartas de leitores e de redatores*. Cópia digital, 2002.
- _____. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.
- BARROSO, P. H. O.; BATISTA, A. S. *Correspondência passiva de Fidelino de Figueiredo*. Cópia digital, 2007.
- BASSO, R. M.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, 16, v.4, n.1, p.16-26, 2004.
- BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECHETTO, C.

- et al. Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect.* Stanford: CSLI Publications, 2001.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing.* Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? *DRLAV*, 32, 1985.
- BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARRATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.206-212.
- BRANDÃO, H. H. N., ANDRADE, M. L. C. O. e AQUINO, Z. G. O. *Cartas da administração privada e cartas particulares: estudo da organização discursiva.* Mimeo, 2007.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.* São Paulo: EDUC, 1999.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language use.* 2.ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics.* Blackwell Publishing, 2003.
- _____. *Morfology: A study of the relation between meaning and form.* Philadelphia: Benjamins, 1985.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. Crosslinguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIÁK, J. (ed.). *Historical semantics and historical word-formation.* The Hague: Mouton de Gruyter, 1985, p.59-83.
- BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar.* Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem.* Campinas. SP. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1996.
- CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. *et al.* (orgs.) *Literacy, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p.105-123.

- CHEN, G. The grammaticalization of concessive markers in Early Modern English. In: FISCHER, O. (org) *Pathways of change, grammaticalization in English*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2000, p.85-108.
- CINTRA, M. R. Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S. *Diacronia dos processos constitutivos do texto* – Relatório FAPESP, mimeo, 2009.
- CORRÊA, M. L. G. Arranjos referenciais de tempo em textos de pré-universitários: letramento e oralidade. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, n.25, p.75-93, 2º semestre de 2008.
- _____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas. SP. 435f. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CRUZ, G. D. da. O e-mail e sua produção no meio eletrônico: o suporte afeta o gênero? *Revista Letra Magna*, 03, n.5, p.1-22, 2º semestre de 2006.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DEMONTE, V.; BOSQUE, I. *Gramática descriptiva de la lengua Espanola*. Madrid, Espasa-Calpe, 1999.
- ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. n.2. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p.29-62.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. A.; AQUINO, Z. G. O. A. Correção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.255-276.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. SP. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.
- FRASER, B. Conversational Mitigation. *Journal of Pragmatics* 4: 341-350, 1980.

- _____. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, p.931-952, 1999.
- FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1998. Publicado por Garland Publishing (series Outstanding Dissertations on Linguistics). New York/London, 2000.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Construction: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. CARVALHO, C, S. (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). *Gragoatá*, Niterói, n. 25, p.165-183, 2ª semestre de 2008.
- GORSKI, E.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. (orgs.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise e ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004, p.29-64.
- GUIMARÃES, E. R. J. *Texto e Argumentação*. Campinas, Pontes, 1987.
- HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In: ____ *An introduction to Funcional Grammar*. New York: Arnold, 1985.
- _____. Relevant models of language. In: *Exploration in the functions of language*. London: Edward Arnould, 1973, p.9-21.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.
- HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p.71-99.

- HASPELMATH, M.; BUCHHOLZ, O. Equative and similitive constructions in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA; DÓNALL P. Ó. BAOILL (eds.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998, p.277-334.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEF, B. D.; JANDA, R. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HENGEVELD, K. *Semantic type, factivity, and the expression of adverbial clauses*. In: ____ (ed.). EURO TYP, 1993, p.119-132.
- HILGERT, J. G. As paráfrases na construção do texto falado. In: I. G. V. Koch (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP. Vol. VI – Desenvolvimentos, 1996, p.131-147.
- _____. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp. Vol. I – Construção do texto falado, 2006, p.275-299.
- _____. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: D. Preti (org.), *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH-USP, 1993, p.103-127.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.
- _____. Some Recent Trends in Grammaticalization. *Annual Review Preprints*. n.25, p.217-36, 1996.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUMBOLDT, W. von. *On language: the diversity of human language-structure and its influence on the mental development of mankind*. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 (Título original, 1836).
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Gramática do Português Falado*, I: A ordem. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1990, p.63-142.

- JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, p.27-36.
- _____. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. (Org.), *Gramática do Português Falado*. Vol. VII – Novos estudos, São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p.131-158.
- _____. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In: KATO, M. A (Org.), *Gramática do Português Falado*. Vol. V – Convergências, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996a, p.339-354.
- _____. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. Basílio (Orgs.), *Gramática do Português Falado*. Vol. IV – Estudos descritivos, Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1996b, p.411-422.
- _____. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b, p.301-357.
- _____. *Uma gramática textual de orientação interacional*, 2004 (mimeo).
- KABATEK, J. Introduccion. In: ____ (ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008.
- _____. Las tradiciones discursivas del español medieval: historia de textos e historia de la lengua: *Iberoamericana*, 62, p.28-43, 2005c.
- _____. Oralidad, proceso y estructura. *Pandora* 2, p.37-54, 2002.
- _____. *Os falantes como lingüistas: tradición, innovación e interferências no galego actual*. Edicions xerais de Galicia, 1996.
- _____. Tradiciones discursivas jurídicas y elaboración lingüística en la España medieval. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 27, p.249-261, 2004.
- _____. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis* XXIX. 2, p.151-177, 2005a.

- _____. Sobre a historicidade dos textos. *Linha d'água* 17, p.157-170, 2005b.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, 2001.
- KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el exemplo del tratamiento vuestra merced em español. In: KABATEK, J. (ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008.
- KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in english. Diachronic ans synchronic evidence. *Lingua*, 66, p.1-19, 1985.
- KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter, 1997.
- LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincon Europa, 1995.
- _____. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J e THOMPSON, S. (eds). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam, Benjamins, 1988, p.181-225.
- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: _____.(org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana Editora, 2010, p.87-104.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá* (UFF), Rio de Janeiro, v.21, n.21, p.59-72, 2006.
- LOPES-DAMASIO, L. R. *A emergência do marcador discursivo “assim” sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.
- _____. “ASSIM OU ASSADO?”: análise a partir da fonologia prosódica e entoacional. *Revista ProLingua*, v.2, n.2, p.66-77, 2009.
- LOPES, L. *Gramaticalização da Perífrase Conjuncional “assim que” na História do Português*. São José do Rio Preto. 97f. Relatório de Iniciação Cientí-

- fica - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2005.
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem*: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. s.d. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=MARCUSCHI&btnG=Pesquisar&lr=&as_ylo=&as_vis=0>. Acesso em 09 jun. 2010.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Reunião do GEL, 50, 2002, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2002.
- _____. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, p.48-70.
- _____. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p.281-321.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I – Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b, p.219-254.
- MARTELOTTA, M. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana Editora, 2010, p.51-64.
- _____. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v.2, n.3, p.37-56, 1998.
- _____. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.

- MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. Gramaticali-
zação e discursivização de assim. In: VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M.;
MARTELOTTA, M. E. *Gramaticalização no português do Brasil: uma*
abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “su-
bordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds). *Clause combining*
in grammar and discourse. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1988, p.275-329.
- MEILLET, A. [1912] L’ évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12,
n.26, 6. Reimpresso em A. MEILLET *Linguistique historique et linguisti-*
que générale. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965.
- MEYER-HERMANN, R. Formas de “atenuação” no ensino do português
como língua estrangeira. In: CARVALHO, J. G. H e SCHIMIDT-
REDEFERLDT, J. (orgs.) *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra,
1984, p.173-194.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publica-
tions, 1986.
- NEVES, M. H. M. N. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- _____. As construções concessivas. In: _____. (org.) *Gramática do Português Fa-*
lado. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. Vol. II: Novos estudos,
p.545-591.
- OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In:
HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Ed.). *Gattungen mittelalterlicher schriftli-*
chkeit. Tübingen: Narr, 1997. p.19-41.
- PAIVA, V. L. M de O. e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI,
L. A; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. e.ed. Rio de
Janeiro: Lucerna, 2005, p.68-90.
- RAIBLE, W. Linking clause. In. HASPELMATH *et al. Language Typol-*
ogy and Language Universals. Berlin e New York: Walter de Gruyter, v.1,
2001, p.590-617.
- RISSO, M. S. *et. al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH,
I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Uni-
camp/FAPESP, v.1, 1996, p.21-94.
- ROSA, M. M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

- SAMPAIO, T. O. M; FRANÇA, A. I. Interface Aspectual em Verbos de Movimento do Português Brasileiro, Laboratório ACESIN – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mimeo, s.d.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 7.ed. Trad. Antonio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1975 (Título original, 1916).
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. Teoria e método. In: _____. História do falar e história da linguística. Trad.: Fernando Tarallo *et al.*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p.17-33.
- SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SILVA, G. M. de O *et al.* Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não prototípicos. In. NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.297-347.
- SIMÕES, J. S. Sintaticização, Discursivização e Semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro. São Paulo, 377f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SIMÕES, J. S; KEWITZ, V. *Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.
- STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. In *Filologia e Linguística Portuguesa*, v.8. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p.465-488, 2006.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- _____. “Grammaticalization and semantic bleaching”. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, eds. Axmaker, S., Jaisser, A., Singmaster, H., 1988.
- TABOADA, M. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics* 38(4). p.567-592, 2006.
- TANNEN, D. The myth of orality and literacy. In: FRAWLEY, W. (org.). *Linguistics and literacy*. New York: Plenum Press, 1982, p.34-50.

- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- TRAUGOTT, E. Constructions in Grammatization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (orgs). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.
- _____. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982, p.245-271.
- _____. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott.html>>. Acesso em: 20 fev. 2004.
- _____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65,1989. p.31-55.
- _____. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>>. Acesso em: 20 fev. 2004.
- TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. v.1. John Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. v.1. John Benjamins Publishing Company, 1991.
- TRAVAGLIA, L. C. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, N. B. (org.) *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p.201-204.
- VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.
- VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Revue Langues et Linguistique*. Québec: Université Laval, n.19, 1993.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10,0 x 17,1 cm

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

1ª edição: 2011

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação geral

Arlete Zebber

CULTURA
ACADÊMICA 
Editoxa